"Os personagens de Stephanie Perkins se apaixonam do jeito que a gente sempre quis: no tempo certo e sem pressa."

RAINBOW ROWELL

ISLA e o FINAL FELIZ



STEPHANIE PERKINS

intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ISLA e o FINAL FELIZ

STEPHANIE PERKINS

TRADUÇÃO DE AMANDA MOURA

intrínseca

Copyright © 2014 by Stephanie Perkins

Leitura Facil

TÍTULO ORIGINAL
Isla and the Happily Ever After

PREPARAÇÃO
André Marinho

REVISÃO
Viviane Maurey

GERAÇÃO DE EPUB
Antonio Hermida

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

FOTOGRAFIA DE CAPA
© Toshi Sasaki/Getty Images

ARTE DE CAPA
© Lindsey Andrews

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Aline Ribeiro

E-ISBN
978-85-8057-740-2

Edição digital: 2015

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3o andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube

» » »


intrínseca

»

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

capítulo um

capítulo dois

capítulo três

capítulo quatro

capítulo cinco

capítulo seis

capítulo sete

capítulo oito

capítulo nove

capítulo dez

capítulo onze

capítulo doze

capítulo treze

capítulo catorze

capítulo quinze

capítulo dezesseis

capítulo dezessete

capítulo dezoito

capítulo dezenove

capítulo vinte

capítulo vinte e um

capítulo vinte e dois

capítulo vinte e três

capítulo vinte e quatro

capítulo vinte e cinco

capítulo vinte e seis

capítulo vinte e sete

capítulo vinte e oito

capítulo vinte e nove

capítulo trinta

capítulo trinta e um

capítulo trinta e dois

capítulo trinta e três

capítulo trinta e quatro

agradecimentos

Sobre a autora

Conheça o outro livro da autora

Leia também

Para Jarrod, meu melhor amigo e verdadeiro amor.



capítulo um

É meia-noite, está abafado, e eu devo estar muito dopada por causa dos analgésicos, mas aquele cara — aquele cara *bem ali* — é ele.

O cara.

A postura dele é tão familiar quanto um sonho recorrente. Ombros prostrados para a frente, cabeça inclinada para a direita e nariz a dois centímetros da ponta da caneta. Está concentrado. Meu coração dispara, e fico tão eufórica que chega a doer. Ele está bem perto, a apenas duas mesas de distância, olhando em minha direção. A cafeteria está fervendo. No ar, o aroma agridoce do café se espalha. Três anos de desejo irrompem do meu corpo e saem pela minha boca para formar uma palavra:

— Josh!

Ele levanta a cabeça imediatamente. Por muito, muito tempo, apenas me encara. Depois… pisca.

— Isla?

— Você se lembra do meu nome… e sabe *pronunciá-lo*.

A maioria das pessoas me chama de "Isla", mas me chamo "Ai-la", exatamente assim, "ai" de "aipo" e "la" de "lapiseira". Abro um sorriso, mas no segundo seguinte me arrependo. *Ai!*

Josh olha ao redor como se estivesse procurando alguém e depois, devagar, pousa a caneta na mesa.

— Hum, é. Fizemos várias aulas juntos.

— Cinco aulas um ao lado do outro, doze aulas juntos no total.

Uma pausa.

— Certo — diz ele, apreensivo.

Outra pausa.

— Está tudo bem?

Um cara que parece uma versão jovem e cheia de piercings de Abraham Lincoln joga um cardápio plastificado em cima da minha mesa.

Não chego nem a olhar as opções e já peço:

— Alguma coisa pastosa, por favor.

Abe coça a barba, intrigado.

— Mas nada de sopa de tomate, mousse de chocolate nem gelatina. Só comi isso hoje.

— Ah. — A expressão de Abe se atenua. — Você está doente.

— Não — respondo.

Ele fecha a cara novamente.

— Ah, deixa pra lá.

E pega o cardápio de volta.

— É alérgica a alguma coisa? Só come alimentos *kosher*? É vegetariana?

— Hein?

— Vou ver o que tem na cozinha.

E, com isso, ele vai embora.

Volto a me concentrar em Josh, que continua me encarando. Ele olha para seu caderno de desenho, ergue a cabeça, olha para mim, depois volta a olhar para o caderno. É como se estivesse em dúvida se ainda estamos conversando. Abaixo a cabeça também. Começo a ter aquela sensação de que, se eu continuar falando, é provável que amanhã eu me arrependa amargamente.

Mas… é como se eu não conseguisse me conter — e *não consigo mesmo*, não quando estou perto dele —, então volto a erguer a cabeça. Sinto o sangue pulsando em minhas veias enquanto meus olhos o devoram. O nariz grande e bonito. Braços fortes, imponentes. A pele clara está ligeiramente bronzeada por conta do verão, e uma pequena parte da tatuagem preta fica à mostra logo abaixo da manga da camisa.

Joshua Wasserstein. Minha paixão por ele ultrapassa todos os limites.

Ele ergue a cabeça de novo, e sinto minhas bochechas corarem. É o problema de todos os ruivos, em qualquer lugar. Fico aliviada quando ele pigarreia e fala:

— Não é estranho que a gente nunca tenha se encontrado antes?

Eu aproveito a deixa:

— Você vem sempre aqui?

— Hum… — Ele tamborila a caneta na mesa. — Não, eu quis dizer aqui, em Nova York. Eu sabia que você morava aqui pelo Upper West Side, mas nunca nos cruzamos.

Sinto um aperto no peito. É claro que eu sabia várias coisas sobre ele, mas nunca imaginaria que *ele* soubesse coisas sobre *mim*. Estudamos juntos no mesmo colégio interno em Paris, mas passamos as férias em Manhattan. Todo mundo sabe que Josh mora aqui porque o pai dele é senador pelo estado de Nova York, mas não há nenhuma razão especial para alguém se lembrar de que eu moro aqui também.

— Não saio com muita frequência — admito. — Mas hoje estou morrendo de fome e não tem nada para comer em casa.

Então, sabe-se lá como, me jogo no banco vazio em frente a ele. Meu colar, que tem um pingente em forma de bússola, bate na mesa.

— Arranquei os sisos hoje de manhã e estou tomando um monte de remédios, mas continuo com dor, aí só posso comer coisas moles.

Josh esboça o primeiro sorriso.

Um sentimento de satisfação me invade. Tento sorrir o máximo que consigo, embora a dor dificulte bastante.

— Do que você está rindo? — pergunto.

— Analgésicos. Faz sentido agora.

— Ah, merda! — Bato o joelho na mesa. — Estou tão chapada assim?

Surpreso com a pergunta, ele ri. As pessoas sempre riem quando me ouvem dizer "merda", porque não esperam que uma palavra dessas saia da boca de uma garota tão pequena, delicada e com uma voz tão baixinha, tão meiga.

— Achei mesmo que tinha alguma coisa diferente, só isso.

— Os efeitos colaterais incluem a terrível combinação de exaustão e insônia. E é por isso que estou aqui agora.

Josh ri de novo.

— Extraí os sisos no verão passado. Amanhã você já vai se sentir melhor.

— Ai, jura?

— Bom, não exatamente amanhã. Mas nos próximos dias.

Nossos sorrisos dão lugar a um silêncio reflexivo. Conversamos pouquíssimas vezes na escola e nunca fora dela. Sou tímida demais, e ele, reservado demais. Além disso, Josh namorava a mesma garota desde… desde sempre, ao que parecia.

Namorava.

Os dois terminaram no mês passado, logo depois de ela ter se formado. Josh e eu ainda temos o último ano pela frente. Ah, como eu queria que por algum motivo ele se interessasse por mim, mas… não há motivo algum. A ex dele era determinada e extrovertida. Exatamente o oposto de mim. Talvez tenha sido por isso que fiquei surpresa quando, de repente, me vi apontando para o caderno de desenho dele, tentando avidamente prolongar este momento, o milagre que é esta conversa.

— O que você está desenhando aí? — pergunto.

Ele estende os braços para cobrir o desenho, uma espécie de caricatura de Abe Lincoln jovem.

— Ah, eu só estava… rabiscando.

— É o cara que acabou de atender a gente.

Sorrio. *Ai!*

Josh parece um pouco encabulado ao recolher os braços e desistir de esconder o desenho. Ele dá de ombros.

— E o casal ali no canto — diz ele.

Não estamos sozinhos, então?

Eu me viro e vejo um casal de meia-idade nos fundos do restaurante, lendo a *Village Voice*. Não há mais nenhum cliente, então não estou viajando tanto assim. Pelo menos acho que não. Viro-me para Josh de novo, me sentindo mais corajosa agora.

— Posso ver?

Eu pedi. *Não acredito* que pedi isso. Sempre quis bisbilhotar os cadernos dele, sempre quis *segurar* um deles. Josh é o artista mais talentoso da escola. Ele consegue fazer vários tipos de desenho, mas prefere os quadrinhos. Uma vez, escutei quando ele contou a alguém que estava trabalhando em uma história em quadrinhos sobre a própria vida.

Uma autobiografia. Um diário. Quais segredos essa história revelaria?

Na escola, eu sempre me contentei em dar uma espiada por cima do ombro dele quando o via desenhando, em observar os desenhos que ficam pendurados no estúdio esperando a tinta secar e os esboços grudados na porta dos amigos dele. Josh tem um estilo quase extravagante. Seus desenhos são melancólicos e belos, bem pessoais. Os traços são meticulosos, revelando o desenhista dedicado que ele é. As pessoas pensam o contrário, porque ele parece estar sempre sonhando acordado, mata aula e nunca faz o dever de casa, mas, quando vejo seus desenhos, sei que as pessoas estão enganadas.

Queria que Josh olhasse para mim do mesmo jeito que olha para os próprios desenhos, porque então ele veria que há algo a mais em mim além da *timidez*, assim como vejo que há muito mais nele além de *preguiça*.

Sinto minhas bochechas queimando de novo — como se ele pudesse ouvir meus

pensamentos —, mas então percebo… que ele está me observando. Será que fui longe demais? Seu rosto agora exibe uma expressão preocupada, e eu franzo o cenho. Josh assente em direção à mesa. O caderno dele continua ali, bem na minha frente.

Dou risada. Ele ri também, embora um pouco confuso.

O caderno continua aberto na página do desenho inacabado. Uma onda de emoção percorre meu corpo. Em uma página, Abe está olhando, entediado, para a divisória do caderno. Até mesmo os piercings do nariz, das sobrancelhas e das orelhas parecem enfastiados, aborrecidos. Na página ao lado, Josh reproduziu com perfeição as sobrancelhas franzidas e a expressão concentrada do casal sentado nos fundos do restaurante.

Bem de leve, toco a ponta de uma das folhas do caderno, uma área ainda sem tinta. Faço isso para provar a mim mesma que este momento é real.

— São incríveis. O caderno inteiro tem desenhos como estes, de pessoas? — pergunto, com uma entonação que deixa transparecer minha admiração por ele.

Josh fecha o caderno e o puxa para perto. As folhas estão amassadas por causa do uso. Na capa, há um adesivo azul imitando a bandeira dos Estados Unidos. À mão, uma palavra foi escrita na transversal: BEM-VINDO. Não sei o que significa, mas, seja lá o que for, gostei.

— Obrigado. — Ele sorri de novo. — Tem um monte de coisas aqui, mas, sim, a maioria são desenhos de pessoas.

— E você tem permissão para fazer isso?

Ele franze o cenho.

— Fazer o quê?

— Tipo, você não precisa da permissão delas?

— Para desenhá-las? — pergunta ele.

Confirmo com a cabeça.

— Não… Não vou usar os desenhos para nada em especial. Este caderno aqui é vagabundo. Não dá nem para arrancar as folhas.

— Você faz isso sempre? Desenha pessoas desconhecidas?

— Claro.

Com o dedo indicador, ele puxa sua xícara de café. Observo uma mancha preta de tinta perto de sua unha.

— Para ser bom, seja no que for, é preciso treinar — diz ele.

— Quer treinar comigo? — pergunto.

As bochechas de Josh ficam coradas no momento em que Abe chega com nossos pedidos e coloca dois pratos na mesa.

— Canja de galinha e cheesecake — anuncia Abe, olhando para mim. — É o que temos.

— *Merci* — agradeço.

— De nada — responde ele em espanhol, revira os olhos e se retira.

— Qual é a desse cara? — digo, devorando a torta. — Caracamuitobom! — murmuro de boca cheia. — Querumpedaço?

— Hum… não, obrigado. — Josh parece espantado. — Você deve estar com muita fome, hein?

Devoro o resto com mais prazer ainda.

— E então, você mora por aqui? — pergunta ele, depois de certo tempo.

Engulo e respondo:

— A dois minutos daqui.

— Eu também moro perto. Dez minutos.

Devo ter feito cara de surpresa, porque ele acrescenta:

— Eu sei. Estranho, não é?

— É legal.

Engulo a canja de galinha.

— Aimeudeus, que delícia… isso está muito bom.

Josh fica me observando por um momento, em silêncio.

— Mas então… Está falando sério? Não tem problema mesmo eu desenhar você?

— Sim, é sério. Eu adoraria. — *Eu adoro você!* — O que eu tenho que fazer?

— Não esquenta. Relaxa e continua aí fazendo o que você estava fazendo.

— Há! Você vai me desenhar comendo que nem um cavalo. Não, melhor: um porco. É. Um porco. Estou parecendo um cavalo ou um porco?

Josh balança a cabeça, achando graça. Ele abre o caderno em uma folha em branco e olha para mim. Nossos olhares se cruzam. Fico embasbacada.

Avelã.

Acrescento a palavra a minha lista mental de "Coisas sobre o Josh". Às vezes os olhos dele parecem verdes, às vezes castanhos. Agora sei por quê.

Avelã. Os olhos dele são cor de avelã.

Mergulho em uma névoa marrom-esverdeada. O rangido da caneta dele se mistura ao som agudo do folk antigo que emana dos alto-falantes, uma melodia cheia de desejo, perturbação, angústia e amor. Lá fora, uma tempestade começa. A chuva e o vento se unem à trilha sonora, e eu cantarolo junto. Minha cabeça acaba batendo no vidro da janela.

Eu desperto, perplexa. Minha tigela de sopa e meu prato estão vazios.

— Faz quanto tempo que estou aqui?

— Um pouquinho.

Josh sorri.

— Esse remédio aí que você tomou… é coisa boa, hein? — brinca ele.

Solto um gemido.

— Eu não estava babando, estava?

— Não. Você parece feliz.

— Eu *estou* feliz — digo. Porque… estou. Sinto a vista escurecer.

— Isla. *Está na hora de irmos embora* — sussurra ele.

Levanto a cabeça. Quando foi que eu a deixei cair na mesa?

— A Kismet vai fechar — continua ele.

— Que Kismet? O que é isso?

— Destino, em inglês.

— O quê?

— O nome desta cafeteria.

— Ah, entendi.

Josh e eu saímos para a noite escura. E continua chovendo. As gotas de água são espessas e quentes. Cubro a cabeça com as mãos e Josh enfia o caderno debaixo da camisa. Olho de relance para o abdômen dele. *Delícia*.

— *Gostoso*.

Ele se assusta.

— O quê?

— Hã?

Josh arqueia os cantinhos dos lábios, sorrindo. Quero beijá-los. Um beijo em cada cantinho.

— Tá legal, doidinha. — Ele balança a cabeça. — Para que lado?

— Para que lado o quê?

— Sua casa. Para que lado fica a sua casa?

— Você vai para a minha casa?

Fico extasiada.

— Vou levar você até lá. Está muito tarde e chovendo muito.

— Ah, legal. Você é legal.

As luzes amarelas dos faróis se refletem no asfalto molhado. Indico a direção para Josh, e atravessamos a avenida Amsterdã. A chuva engrossa.

— É para lá — digo, e caminhamos um quarteirão inteiro curvados, passando debaixo de uma sequência de andaimes.

Os pingos de chuva batem no metal, fazendo um barulho que lembra uma máquina de pinball.

— Isla, espera!

Mas é tarde demais.

Normalmente, os andaimes são perfeitos para nos protegermos da chuva, mas às vezes o encaixe das barras de alumínio acaba formando um funil que acumula água, e aí, em vez de se proteger, você fica ensopado. É o que acontece comigo. Estou ensopada. Da cabeça aos pés. Meu cabelo gruda no meu rosto, meu vestido cola no corpo e a água entra nas minhas sandálias, encharcando a sola dos pés.

— Ha-ha!

Não tenho certeza se isso foi uma risada ou não.

— Você está bem?

Josh se curva ainda mais sob o andaime, desvia da cachoeira e para bem ao meu lado.

Caio na gargalhada. Rio tanto que minha barriga começa a doer.

— Dói… a boca… para rir. Minha boca. A boca e o estômago. E a boca.

Ele ri também, mas está distraído. De repente seus olhos encontram os meus, e me dou conta de que Josh estava olhando para outro lugar. Paro de gargalhar, mas continuo sorrindo. *Obrigada, funil safadinho*.

Ele se afasta, o corpo todo torto e desconfortável.

— Estamos quase lá, né?

Aponto para uma fileira de prédios do outro lado da rua.

— É o segundo. Aquele com os vidros verdes e meio acobreados e com telhas.

— Já os desenhei uma vez. — Ele arregala os olhos, embasbacado. — São lindos.

O prédio dos meus pais fica em uma rua com casas inspiradas na arquitetura flamenga do final do século XIX. Nosso bairro é um dos únicos na cidade em que os moradores podem enfeitar os degraus da entrada com flores sem correr o risco de que os pedestres as destruam.

— *Maman* gosta deles também. Ela gosta de coisas bonitas. É francesa. Foi por isso que fui estudar naquele colégio.

Minha voz ecoa enquanto Josh me conduz até a entrada cheia de flores cor-de-rosa que pendem do alto da porta. Estou em casa. Josh retira a mão das minhas costas, e só então me dou conta de que ele estava me tocando o tempo todo.

— Merci — agradeço.

— De nada.

— Obrigada.

— *De rien*.

O ar está tomado pelo perfume das rosas úmidas. Entro no prédio meio que cambaleando, tateando as paredes, e Josh fica na calçada, esperando, imóvel. Seu cabelo escuro está tão molhado quanto o meu agora. Um fio de água escorre pela ponta de seu nariz. Com um dos braços ele aperta o caderno contra o peito, protegendo-o debaixo da camisa.

— Obrigada — agradeço de novo.

Ele fala mais alto para que eu o ouça do outro lado da porta de vidro:

— Vê se descansa, doidinha. Tenha bons sonhos.

— Sonho… — repito.



capítulo dois

AimeuDeus! O que foi que eu fiz ontem?????????



capítulo três

Tudo é um grande borrão na minha cabeça! E não me lembro de nada que eu tenha dito ou que Josh tenha falado. Ele deve ter me trazido até em casa porque sabia que eu estava tão grogue que poderia ser atropelada por um táxi, ou algo do tipo.

Kurt Donald Cobain Bacon mantém os olhos grudados no teto.

— Então quer dizer que o Josh pagou a sua conta.

Demoro um tempo para registrar a afirmação. Meu melhor amigo e eu estamos deitados na minha cama, lado a lado. Em um movimento espontâneo, estico o braço e agarro a camiseta dele, torcendo-a até se transformar em um nó.

— Não faça isso — adverte ele com rispidez (como sempre), embora não tenha sido grosso.

Largo a camiseta dele e levo a mão à gengiva, que está inchada, latejante e doendo ainda mais do que ontem. Em seguida, solto um gemido um tanto quanto assustador.

— Você disse que ele acordou você e que depois vocês saíram da cafeteria — continua Kurt. — Isso significa que ele pagou a conta para você.

— Eu sei, *eu sei*.

Me arrastando, eu me levanto e pego minha bolsa, virando-a de cabeça para baixo e chacoalhando-a para despejar todo o conteúdo no chão.

— Você não vai encontrar nada aí — diz Kurt.

Um livro que amo, sobre uma tragédia no monte Everest, cai no tapete. Canetas, batons e moedas de vinte e cinco centavos também saem rolando pelo chão. Minha carteira. Um pacote de lenços vazio, óculos de sol e um panfleto todo amassado de uma loja de bagels que acabou de inaugurar. Nada. Chacoalho a bolsa mais ainda. Nem sinal. Abro a carteira e procuro o recibo da cafeteria, embora já saiba que não vou encontrar.

— Eu avisei.

— Preciso falar com ele para pedir desculpas por ter agido feito uma louca. E preciso devolver o dinheiro da conta.

— Devolver para quem? — pergunta Hattie.

Quando me viro, me deparo com minha irmã mais nova me observando. Ela está recostada no batente da porta, mas ainda assim continua muito alta. E ela é mesmo. No ano passado, Hattie não só chegou a minha altura, como cresceu ainda mais.

— Eu sei o que você fez ontem à noite. Sei que você fugiu — diz ela.

— Eu não *fugi*. Só fiquei algumas horas fora de casa.

— Mas maman e papai não sabem.

Não respondo; Hattie sorri. Ela é tão presunçosa que parece um gato. Não vai contar nada para meus pais. Com uma informação tão valiosa quanto esta em mãos, ela vai guardá-la para usar quando for mais conveniente. Hattie pega minha carteira do chão e fica me encarando com seu ar superior de garotinha crescida, depois a joga dentro da minha bolsa e

vai embora.

Jogo a bolsa na direção em que Hattie estava e rastejo pela cama. Enrosco os dois braços no de Kurt.

— Você precisa ir comigo. Até a cafeteria. Hoje à noite — proponho.

Ele franze o cenho, e suas sobrancelhas formam o "V" que conheço tão bem.

— Acha que o Josh vai sempre lá?

— Talvez.

Nada me garante que ele vai estar lá. É só um desejo.

— Por favor, preciso explicar o que aconteceu — digo.

Kurt dá de ombros.

— Tudo bem. Vou encontrar o Melhor Caminho, então.

Kurt é supermetódico e sempre gosta de saber com antecedência para onde vai. É obcecado por traçar o melhor caminho para se chegar a um lugar, a qualquer lugar… mesmo sendo uma cafeteria que fica a alguns minutos daqui. Ele chama isso de encontrar o "Melhor Caminho". O chamado "Melhor Caminho" nunca envolve trânsito nem cruzamentos congestionados, tampouco ruas com lojas de roupas cafonas que ficam tocando músicas ridículas e/ou borrifando perfume no ar.

Kurt é fascinado por cartografia desde os seis anos, quando viu o *Atlas Mundial The Times* em cima de um dos trabalhos de artesanato da minha irmã mais velha. Ficou completamente obcecado pelo livro, e até hoje se debruça sobre suas páginas, memorizando nomes, formatos e distâncias. Quando crianças, ficávamos deitados no chão fazendo nossos próprios mapas. Os de Kurt eram perfeitos, cheios de detalhes e com a escala certinha, seguindo exatamente a proporção de cada canto do nosso bairro. Já eu criava ilhas que tinham o formato da Inglaterra com nomes semelhantes aos do inglês antigo. Nos meus desenhos havia vegetação densa, rios por todos os lados, montanhas com picos cobertos de neve, tubarões em formato de triângulo e monstros marinhos em formato de arcos. Kurt ficava indignado, porque nada que eu desenhava era real.

Eu o conheço desde sempre. Nossas mães também são melhores amigas — ambas são francesas que moram em Nova York —, então, simplesmente… ele está sempre por perto. Frequentamos a mesma escola em Manhattan e agora, no ensino médio, estudamos no mesmo colégio em Paris. Kurt é um ano e um mês mais novo do que eu, então, na escola, apenas uma série nos separa — quando ele cursava o nono ano, eu já estava no primeiro ano do ensino médio. Nem ele nem eu gostamos de nos lembrar daquele ano.

Sopro uma mecha do cabelo loiro e desgrenhado dele, afastando-o do meu rosto.

— Você não acha…

— Agora você vai ter que terminar a frase…

— É que… Josh e eu *conversamos*. Eu me lembro de ter ficado feliz. Você não acha que ontem à noite pode ter sido… em vez de um mico completo, finalmente a minha chance?

Ele faz uma careta.

— Sua chance de quê?

Kurt demora um pouco a entender as coisas. Ele sempre soube o que sinto por Josh, mas ainda fico com vergonha de falar sobre o assunto, sobre esse fio de esperança reluzente que se recusa a se apagar por completo.

— De rolar alguma coisa. Kismet, *destino,* entendeu?

— Não existe destino — desdenha ele, bufando. — A noite de ontem foi só mais um acaso constrangedor da sua lista. Faz tempo que você não passa por um desses — acrescenta.

— Quase um ano. — Suspiro. — Já estava na hora mesmo.

Josh e eu interagimos de verdade poucas vezes; pelas minhas contas, exatamente uma vez em cada ano que estudamos juntos, e em nenhuma dessas ocasiões eu falei algo minimamente interessante. Uma vez, no primeiro ano, eu estava no refeitório lendo Joann Sfar e Josh ficou surpreso ao ver que havia mais alguém na escola que gostasse de quadrinhos europeus. Ele começou a me metralhar de perguntas, mas fiquei embasbacada demais para responder alguma coisa. Só abri a boca e fiquei ali parada diante dele, sem dizer nada. Josh me olhou de um jeito estranho e foi embora.

No segundo ano, o professor de inglês dividiu os alunos em duplas para fazermos um trabalho, um artigo de jornal. Eu e Josh ficamos juntos, e, de tão nervosa, não consegui parar de bater a caneta na mesa. Do nada, ela simplesmente escorregou da minha mão. E voou *direto* na testa dele.

No terceiro ano, eu o flagrei dando uns amassos na namorada no elevador. E nem foi no elevador da escola. Foi na BHV, uma loja de departamentos enorme. Murmurei um "oi" desajeitado, esperei as portas se fecharem e desci pelas escadas.

— Mas agora — insisto — eu tenho um *motivo* racional para falar com ele. Não acha que isso pode abrir uma brecha para alguma coisa?

— E desde quando o ser humano age de maneira racional?

— Ah, fala sério. — Arregalo os olhos feito um filhotinho inocente. — Não dá para fantasiar comigo só um pouquinho? Por um mísero segundo?

— Não vejo por que ficar fantasiando.

— Eu estava brincando — explico, porque às vezes Kurt precisa de explicações.

Ainda não convencido, ele me lança um olhar zangado.

— Aham.

— Não sei por quê… — Eu me aninho no peito dele. — Eu sei que não faz sentido, não tem como explicar, mas… acho que Josh vai estar lá hoje à noite. Acho que vamos encontrá-lo.

— Antes que você me pergunte… — Kurt invade meu novo quarto em Paris, três meses depois, lutando bravamente contra a própria mala vazia e, ao que parece, perdendo — … não, eu não o vi.

— Mas eu não ia perguntar nada — retruco, embora não seja verdade.

Minha última chama de esperança se apaga. No decorrer do verão, ela foi se apagando, se apagando, até se extinguir por completo. O fantasma da esperança. Kurt estava certo. O comportamento humano não é racional. Nem previsível. Nem mesmo satisfatório. Josh não estava lá à meia-noite, nem na noite *seguinte*. E nem no dia seguinte. Durante duas semanas, fui à cafeteria em vários momentos do dia, e minhas lembranças felizes se desmancharam quando encarei a realidade: não ouvi música folk alguma. Nem caminhei debaixo da chuva. Tampouco vi algum Abe.

Foi como se aquela noite nunca tivesse existido.

Procurei por Josh na internet. Encontrei o e-mail dele na lista de contatos da escola, mas quando tentei enviar um e-mail com uma explicação/pedido de desculpas

fortuito/amigável — um e-mail que levei *quatro horas* para redigir —, o servidor informou que a conta estava inativa por falta de uso.

Então, tentei achá-lo nas redes sociais. Não cheguei muito longe. Para ser sincera, eu nem uso essas coisas, porque, para mim, são uma espécie de concurso de popularidade. Um registro público de minhas bizarrices. A única coisa que encontrei, várias e várias vezes, foi uma foto dele em preto e branco. Ele de pé, ao lado do rio Sena, olhando para algum ponto fixo e distante com um ar meio sombrio. Confesso que já tinha visto aquela foto. Havia meses que ele usava aquela foto no perfil, mas era ridículo demais fazer uma conta só para adicioná-lo.

Foi então que fiz o que jurei a mim mesma que jamais faria: procurei o endereço dele no Google. Minha vergonha era tamanho que possivelmente atravessou as fronteiras entre os estados e foi sentida a quilômetros e quilômetros do meu quarto. Mas foi só no meu último momento *stalker* que encontrei a informação que vinha buscando havia tanto tempo. No site do pai dele havia uma foto da família deixando o aeroporto de Washington, DC. Fora tirada dois dias depois de nosso encontro na Kismet, e a legenda dizia que eles ficariam na capital até o fim do verão. O senador tinha um ar imponente e realizado. Rebecca Wasserstein estava dando tchauzinho para a câmera, o sorriso cheio de dentes estampado no rosto, um clássico de esposas de político.

E onde estava o filho deles?

Josh andava atrás dos pais, de cabeça baixa e com o caderno de desenho no braço. Cliquei na foto para dar zoom, e meus olhos imediatamente foram atraídos pelo adesivo azul no formato da bandeira dos Estados Unidos.

Eu estou aí. Estou nesse caderno.

Não cheguei a ver o desenho que ele fez. O que será que revelava sobre mim? E sobre ele? Fico me perguntando se o próprio Josh chegou a olhá-lo alguma vez. Essas perguntas ficaram na minha cabeça durante todo o verão.

Kurt sacode a maçaneta da porta, me trazendo de volta para a França.

— Está com problema. Você precisa mandar consertar.

— Quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem as mesmas — digo.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Isso não faz sentido. A porta do seu quarto no ano passado funcionava direitinho.

— Ah, deixa pra lá.

Suspiro. Três meses é tempo demais. Qualquer coragem que eu tenha reunido para falar com Josh se transformou em timidez e medo. Mesmo que Kurt *tivesse* acabado de vê-lo no corredor, eu jamais sairia do quarto para cumprimentá-lo.

Kurt empurra a porta para trás com o corpo e se joga ao meu lado na cama.

— Todas as portas deveriam fechar automaticamente. Não era para eu ter conseguido entrar aqui com tanta facilidade…

— E mesmo assim…

— Continuo entrando.

Ele sorri.

— Mas é estranho, não é? — pergunto, com o mesmo tom impressionado que tenho usado desde nossa chegada, há dois dias. — E *de quem* era essa porta?

— Estatisticamente improvável. Mas não impossível.

Tenho aprimorado, durante todos esses anos de convivência, minha habilidade de não me deixar abalar pelo senso crítico de Kurt, então não ligo para a resposta dele. Ainda mais depois de um verão tão repleto de decepções e lembranças amargas…

Eu, Isla Martin, estou, neste exato momento, morando no quarto que foi a última residência de Joshua Wasserstein.

Essas eram as paredes dele. Esse era o teto dele. E aquela marca de graxa no rodapé, bem acima da tomada? Provavelmente foi ele quem fez. Pelo resto do ano, vou ter a mesma vista, da mesma rua, da mesma janela. Vou me sentar na cadeira que foi dele, tomar banho no mesmo chuveiro que ele usou e dormir na mesma cama que ele dormiu.

A cama dele.

Com o indicador, percorro a costura da colcha bordada com o mapa de Manhattan. Quando estou em Manhattan, durmo com uma colcha com o mapa de Paris. Mas aqui, debaixo *deste* cobertor e *destes* lençóis, há um espaço sagrado que já pertenceu a Josh. Aqui, ele sonhou. Espero que isso seja algum sinal.

De repente, alguém escancara a porta do quarto.

— Meu quarto é maior do que o seu. Isto aqui parece uma cela de prisão — afirma Hattie.

É. Vou ter que consertar a porta.

— Concordo — diz Kurt, porque os quartos aqui na Résidence Lambert são do tamanho de um armário, daqueles bem pequenos. — Mas com quantas pessoas você está dividindo o quarto? Duas? Três?

Minha irmã acabou de começar na SOAP, School of America in Paris. Quando eu estava no primeiro ano, nossa irmã mais velha, Gen, estava no último. Agora, eu sou a veterana, e Hattie, a caloura. O dormitório dela, Grivois, fica na mesma rua que o meu, só que um pouco mais à frente. Lá, os alunos têm que dividir o quarto com outros estudantes, são supervisionados o tempo todo e precisam respeitar o toque de recolher. Aqui em Lambert, cada um tem o próprio quarto, um único inspetor e muito mais liberdade.

Hattie lança um olhar enfurecido para Kurt.

— Pelo menos eu não preciso me esconder dos meus colegas de quarto.

— Idiota — retruca ele.

No ano passado, quando eu já estava neste dormitório e Kurt ainda em Grivois, ele ficava mais no meu quarto do que no dele, porque não se dava bem com os colegas. Mas eu não ligava. Kurt e eu já dividíamos o quarto antes mesmo de aprendermos a falar. Somos amigos, e *só*. Nada desse papinho de "ele é meu melhor amigo, mas no fundo somos apaixonados". Um relacionamento com ele seria como cometer incesto.

Hattie o fuzila com os olhos.

— Todo mundo está no saguão esperando o jantar — avisa ela, se referindo tanto aos pais dele como aos nossos. — Andem logo.

Ela sai e bate a porta, que volta a se abrir logo depois.

Eu me arrasto para fora da cama.

— Bem que meus pais podiam ter mandado a Hattie para um colégio na Bélgica. Falam francês lá também.

Kurt endireita o corpo.

— Está brincando, né?

Sim, estou brincando. Para meus pais, é importante que minha irmã e eu sejamos parcialmente educadas na França. Temos dupla cidadania. Fizemos o ensino fundamental nos Estados Unidos e viemos cursar o ensino médio aqui. Para onde vamos depois, fica a nosso critério. Gen escolheu a Smith College, em Massachusetts. Eu ainda não sei para onde quero ir, mas logo, logo vou fazer provas para a Sorbonne, aqui em Paris, e para a Columbia, em Nova York.

Kurt levanta o capuz do moletom cinza, embora lá fora esteja quente. Pego a chave do quarto e em seguida saímos. Ele precisa usar as duas mãos para puxar e fechar a porta.

— Você realmente vai ter que falar com o Nate sobre isso.

Ele indica com a cabeça o quarto do supervisor da residência, que fica a duas portas do meu.

Então é isso. O antigo quarto de Josh tem lá suas desvantagens. E para completar, fica no térreo, então é muito barulhento. Barulhento demais, para dizer a verdade, porque, além de tudo, ainda fica ao lado das escadas.

— Lá está ele — anuncia Kurt.

Deduzo que ele está se referindo a Nate, mas sigo seu olhar e, aos poucos, fico paralisada.

Ele.

Josh está esperando o elevador no saguão. Em menos de um segundo, um verão inteiro sonhando acordada, planejando e ensaiando o que fazer, se transforma em nada. Fecho os olhos para me acalmar. Estou tonta. Olhar para ele me causa uma dor física.

— Não consigo respirar.

— Claro que consegue. Está respirando agora.

Aparentemente, Josh está sozinho.

Quer dizer, ele está sozinho, mas… parece solitário. Está carregando uma ecobag de pano e encarando o elevador, totalmente desligado da multidão ao redor. Kurt me arrasta para o saguão. O elevador antigo faz um estrondo, as portas se abrem, e Josh empurra a grade de correr. Alunos e pais se amontoam atrás dele — gente demais para um espaço muito pequeno —, e, quando passamos, ele se encolhe ao ser arrastado para o canto, e logo depois volta para o seu mundo.

Dentro do elevador, as pessoas amontoadas empurram umas às outras, esbarram em diferentes botões, e o pai de alguém fecha a grade corrediça. É então que algo estranho acontece. Em meio ao emaranhado de gente, através da grade de metal, Josh olha em minha direção. Seu olhar, antes perdido, agora está fixo em mim. Ele me vê.

As portas do elevador se fecham.



capítulo quatro

A diretora da escola está terminando seu habitual discurso de boas-vindas, que ocorre sempre no primeiro dia de aula, após o café da manhã. Kurt e eu estamos nos fundos do pátio, aninhados entre duas árvores enormes que, depois de podadas, ficaram parecendo dois pirulitos gigantes. No ar, há um cheiro sutil de metal. A escola se estende a nossa frente com todas as suas pedras cinzentas, trepadeiras nos muros e portas pesadas. Nossos colegas estão diante de nós.

Aqui na SOAP há vinte e cinco alunos por série — cem, no total —, e é bem difícil ser aceito. É preciso tirar notas excelentes, conseguir uma pontuação alta no processo de seleção e apresentar inúmeras cartas de recomendação. Ter contatos importantes sempre ajuda. Gen entrou porque maman conhece alguém da administração; eu entrei por causa de Gen, e Hattie entrou por minha causa. É um círculo bem fechado.

E a mensalidade também é cara. É preciso ter dinheiro para estudar aqui.

Com apenas dezenove anos, meu pai criou um pedal overdrive para guitarristas chamado Cherry Bomb. O acessório vermelho revolucionou o mundo da música e transformou o filho de um fazendeiro de Nebraska em um homem muito rico. O pedal que ele desenvolveu é um dos mais copiados de todos os tempos, mas os músicos ainda pagam uma nota alta para adquirir o original. A empresa de meu pai se chama Martintone, e, embora ainda mexa com pedais, agora ele trabalha como engenheiro de áudio.

— Tenho um último comunicado a fazer.

A voz da diretora é tão empolada quanto seu coque de cabelo, branco como a neve. Ela é americana, mas poderia facilmente se passar por francesa.

Kurt analisa um mapa no celular.

— Encontrei um caminho melhor para a Casa da Árvore.

— Ah, é? Depois desse tempo todo?

Corro os olhos pelo pátio à procura de Josh. Ou ele foi dormir ou deu um jeito de pular fora. Escolhi o que vestir com todo o cuidado, porque é a primeira vez em meses que *sei* que vou vê-lo. Meu estilo é bem feminino, e hoje estou usando um vestido de algodão leve com decote canoa e acima do joelho, o que me ajuda a parecer mais alta, mas escolhi um salto fino, bem parisiense, para não ficar com um visual sem graça ou parecer santinha demais. Não consigo imaginar Josh a fim de uma santinha.

Não que ele vá ficar a fim de mim.

Mas não quero estragar nenhuma chance.

Mesmo sem ter chance nenhuma.

Mas vai que eu tenho…

Mas não, não tenho.

— Vou deixar que ele mesmo fale — anuncia a diretora, continuando uma frase cujo começo não escutei.

Ela dá um passo para o lado, e uma figura baixa e careca se aproxima do microfone. É Nate, nosso diretor de unidade. É o terceiro ano dele aqui. Nate é americano e, apesar de ser bem jovem, já está fazendo doutorado. Ele é conhecido por ser maleável em relação às regras da escola, sem, no entanto, deixar de ser firme o suficiente para nos manter sob controle. É o tipo de pessoa de quem todos gostam.

— Oi, pessoal.

Os movimentos de Nate são sempre tão desajeitados que parece que ele não se sente confortável na própria pele.

— Chegou ao conhecimento do corpo docente… — Ele olha de relance para a diretora e se corrige: — Chegou ao meu conhecimento que no ano passado a situação saiu um pouco do controle. Estou me referindo, é claro, ao fato de os alunos frequentarem o quarto de colegas do sexo oposto. Como vocês bem sabem, temos uma política rigorosa aqui na SOAP…

Os alunos tentam conter os risos.

— Temos uma *política rigorosa* na qual meninas e meninos só têm permissão para frequentar o quarto um do outro se a porta for mantida aberta.

— Isla — chama Kurt, aborrecido —, você não está olhando para o meu celular.

Balanço a cabeça e dou uma cotovelada de leve nele para que preste atenção. O que vem por aí não é nada bom. Nate continua:

— As coisas serão diferentes neste ano, senhoras e senhores. Gostaria de lembrar a vocês quais são as regras.

Nate coça a cabeça e espera o burburinho terminar.

— Regra número um: se um aluno do sexo oposto estiver em seu quarto, a porta deverá ser mantida aberta. Dois: o membro do sexo oposto deverá se retirar do seu quarto ao anoitecer, de acordo com o dia da semana e o horário indicados na cartilha escolar oficial. Isso significa que três: é proibido *pernoitar* no quarto do colega do sexo oposto. Ficou claro? Vocês sabem que as consequências por quebrar essas regras são pesadas. Detenção. Suspensão. Expulsão.

— Você vai fazer rondas nos quartos, é isso? — pergunta Mike, um aluno do último ano.

— Vou — responde Nate.

— Isso é inconstitucional! — retruca Dave, um amigo de Mike.

— Que bom que estamos na França, né? — rebate Nate, recuando alguns passos e voltando a se unir ao corpo docente, as mãos enfiadas nos bolsos. É evidente que está irritado com esse novo problema em sua vida.

A multidão de alunos se dispersa tão rápido quanto o pronunciamento dele, e todos resmungam enquanto se encaminham para a primeira aula do ano.

— Talvez essa regra não se aplique a nós dois — digo, tentando convencer a mim mesma. — Nate sabe que somos apenas amigos. Deveria haver exceções para amigos que não estão nem um pouco interessados no corpo um do outro, não?

Kurt abre um sorrisinho irônico.

— Ele não falou de exceção nenhuma.

Como estamos em anos diferentes, o único momento que eu e Kurt passamos juntos é o almoço. Sozinha, sigo para a aula de inglês. Como de costume, sento ao lado do vitral. A sala de aula parece a mesma de sempre — móveis escuros, quadro branco limpo, carteiras —, embora ainda carregue aquela sensação de vazio das férias.

Onde está Josh?

Professeur Cole chega no horário de costume, no exato momento em que o sinal toca. Temos os mesmos *professeurs* todos os anos para cada disciplina. Cole é bem espalhafatosa para uma professora. É muito amigável e acessível também.

— *Bonjour à tous.*

Professeur Cole coloca sua xícara de café no púlpito e olha ao redor.

— Ótimo. Nenhum aluno novo, então não precisamos nos apresentar. Ah, *pardon.*

Ela faz uma pausa.

— Uma carteira vazia. Quem está faltando?

A porta range e se abre com a resposta para a pergunta dela.

— *Monsieur* Wasserstein. É claro que a carteira vazia é a sua.

Ela dá uma piscadela para Josh enquanto ele se senta na carteira ao lado da porta.

Josh parece cansado, mas… mesmo cansado ele fica ótimo. Está usando uma camisa azul-escura estampada com uma obra de arte que não reconheço, mas que muito provavelmente é de algum quadrinho indie. A camisa cai muito bem nele — ficou justa na medida certa —, e, quando ele estica o braço para pegar uma cópia da ementa das mãos da professeur Cole, a manga sobe e deixa à mostra a tatuagem no braço direito.

Amo essa tatuagem.

É uma caveira com dois ossos cruzados embaixo, mas é fantástica, simples, perfeita. Óbvio que foi ele quem a desenhou. Josh fez essa tatuagem no segundo ano, embora na França menores de dezoito anos precisem da autorização de um responsável. Duvido muito que ele tenha pedido o consentimento dos pais e admito, ainda que um pouco constrangida, que isso torna a tatuagem dele ainda mais sexy. Meu coração bate tão forte que chego a sentir a pulsação nos meus ouvidos. Olho ao redor, mas as outras garotas não parecem nem um pouco eufóricas. Por que ele não provoca nelas o mesmo que provoca em mim? Será que elas não estão *olhando* para ele?

Professeur Cole pede que sentemos em círculo. Ela é a única professora no colégio que nos obriga a olhar um na cara do outro durante a aula. Com a nova arrumação, a carteira de Josh fica bem de frente para a minha.

Abaixo a cabeça. Meu cabelo cobre meu rosto. Nunca vou conseguir conversar com ele sobre aquela noite em Nova York.

No meio da aula, o cara sentado ao lado dele faz uma pergunta. A tentação é grande, então aproveito a oportunidade para olhar para ele de relance de novo. No mesmo instante, Josh ergue a cabeça. Nossos olhares se cruzam, e minhas bochechas começam a queimar. Desvio o olhar e tento não encará-lo de novo até o fim da aula, mas a presença dele se torna cada vez mais esmagadora. Eu me sinto como se estivesse pressionada contra a parede.

Apesar de nossa grade ser, até agora, idêntica — inglês, matemática, ciências políticas —, consigo evitar Josh pelo resto da manhã. A habilidade que ele tem de desaparecer do nada e chegar atrasado à aula seguinte facilita as coisas. Mesmo quando a próxima aula é na sala bem em frente. Quando toca o sinal do intervalo, fico aliviada por encontrar Kurt de novo. Vamos para o refeitório pela escada dos fundos, a menos usada. É o Melhor Caminho.

— Falou com ele? — pergunta Kurt.

Solto um suspiro longo e melancólico.

— Não.

— É… Já era de se esperar.

Kurt começa a falar sobre uma menina que faz informática com ele; diz que ela é alta, quieta e entende muito de linguagem de programação — bem o tipo dele. Mal presto atenção ao que ele está dizendo. Sei que é ridículo da minha parte. Sei que há coisas mais importantes para se pensar no primeiro dia de aula depois das férias, incluindo seja lá o que meu melhor amigo esteja dizendo. Mas gosto tanto de Josh que realmente me sinto *infeliz*.

Ele ainda não apareceu no refeitório, e duvido que venha agora, porque eu o vi se metendo no meio da multidão na direção oposta. Os amigos de Josh se formaram no ano passado. Todos. Se ao menos eu tivesse coragem de convidá-lo para vir se sentar conosco… mas os amigos dele eram muito mais legais do que a gente.

Além disso, Josh é blasé. Intocável. Nós, não.

Na fila para pegar comida, Mike Reynard — o cara do último ano que ficou todo irritadinho durante o discurso de Nate — mostra que tenho razão quando bate a bandeja nas costas de Kurt. A sopa de cebola que estava na tigela dele vai parar toda no capuz do moletom de Kurt.

Mike finge que está aborrecido.

— Olha por onde anda, retardado.

Kurt fica olhando para a frente, em estado de choque. Uma fatia de pão coberta com queijo Gruyère derretido cai das costas dele direto no chão, fazendo um barulho. *Ploft*. Um pedaço encharcado de cebola cai logo em seguida, mas em silêncio.

Minhas bochechas queimam.

— Idiota.

— Desculpa, não entendi o que você disse — retruca ele, embora tenha entendido, sim. Está tirando sarro da minha voz baixinha.

Então repito, agora mais alto, para que ele possa me ouvir:

— Você é um imbecil.

Ele sorri, uma fileira de dentes estranhamente afiados.

— É mesmo? E o que você vai fazer, queridinha?

Aperto meu pingente em forma de bússola. Nada. Não vou fazer nada, e ele sabe disso. Kurt enfia as mãos nos bolsos do moletom, e o tecido começa a se mexer. Sei que suas mãos estão tremendo. Ele murmura alguma coisa; encaixo meu braço no dele e o tiro dali, deixando para trás nossos rastros de comida, fingindo que não vejo nem ouço as piadas e risadinhas cretinas de Mike e Dave.

No silêncio do corredor, Kurt corre para o banheiro masculino. Fico sentada em um banco e ouço o tique-taque de um relógio dourado. Conto quantas gotas de cristal há nos lustres. Bato o salto dos sapatos no chão de mármore. Nossa escola é grandiosa e opulenta, como tudo em Paris, mas queria que não houvesse tantos desses babacas malditos por aqui. Sei que sou privilegiada por poder estudar na SOAP, mas… é diferente quando se vive no degrau mais baixo da escada social.

Kurt reaparece com o casaco enrolado nas mãos, encharcado.

— Está tudo bem? — pergunto.

Ele está calmo, mas seu rosto ainda deixa transparecer o nervosismo.

— Agora só vou poder usar quando estiver limpo.

— Tudo bem, sem problemas.

Eu o ajudo a guardar o moletom na mochila.

— É a primeira coisa que vamos fazer quando as aulas terminarem.

A fila para pegar comida está pequena.

— Imaginei que vocês voltar — diz, com sotaque francês, o chef de cozinha barrigudo e sorridente, que pega nossas bandejas de trás do balcão e as empurra em nossa direção.

— Quiche de alho-porró parra a mademoiselle e um *croque-monsieur* parra o monsieur.

Fico grata pela gentileza.

— Merci, Monsieur Boutin.

— Aquele garroto não ser bom. — Ele se refere a Mike. — Não ligar parra ele.

A preocupação do chef é ao mesmo tempo constrangedora e reconfortante. Entregamos nossa ficha de refeição e nos sentamos à mesa de sempre, no canto. Olho ao redor. Como era de se esperar, Josh não está aqui, o que provavelmente é uma coisa boa. Mas Hattie também não está, o que provavelmente não é uma coisa boa.

Hoje de manhã eu a flagrei comendo um *mille-feuille* e, embora eu não a culpe por querer começar o dia comendo sobremesa, tentei impedi-la. Pensei que o doce fosse polvilhado com farinha de amêndoas, e ela é alérgica a grãos e sementes oleaginosos. Minha irmã sempre faz o contrário do que os outros querem, mesmo que seja algo idiota e potencialmente fatal. Não podemos usar o celular na escola, então, às escondidas, envio uma mensagem de texto para ela: *VOCÊ ESTÁ VIVA?*

Ela não responde.

O dia consegue ficar ainda pior. Na aula de física, professeur Wakefield forma duplas em ordem alfabética, e devemos permanecer nessa divisão até o fim do ano. Vou ficar com Emily Middlestone, que resmunga ao ouvir o anúncio do professor, porque ela é uma garota popular, e eu, não. Sophie Vernet é a dupla de Josh.

Odeio Sophie Vernet.

Para ser sincera, nunca parei para pensar sobre ela, que até parece ser uma pessoa legal. Esse é o problema.

Minhas duas últimas disciplinas são eletivas. Eu adoraria dizer que vou cursar história da arte para me tornar uma pessoa mais culta — e não para aumentar minhas chances de conversar com Josh —, mas não posso mentir. Vou cursar também ciências da computação, o que vai ser bem melhor para o meu histórico acadêmico do que La Vie, a matéria que eu gostaria de fazer. La Vie significa "vida", e o objetivo é nos ensinar habilidades básicas para a vida, mas a disciplina é conhecida na escola como a mais inútil da grade. Não tenho a menor dúvida de que é lá que Josh está agora.

Professeur Fontaine, de ciências da computação, para em frente a minha carteira enquanto entrega nosso primeiro dever de casa. Ela tem o queixo proeminente, uma testa enorme e o rosto em formato de triângulo.

— Encontrei sua irmã hoje de manhã.

Eu não fazia a menor ideia de que professeur Fontaine sabia quem eu era. Essa escola é do tamanho de um ovo mesmo. Tento soar indiferente:

— Ah, é?

Quando a irmã em questão é Hattie, o que quer que venha depois de uma afirmação como essa geralmente é algo desagradável.

— Ela estava na enfermaria. Muito mal.

Hattie! Bem que eu avisei!

Professeur Fontaine me garante que Hattie não está correndo risco de vida nem nada e não me permite ir até a enfermaria. Quando o sinal toca, finalmente, envio um "Vejo você mais tarde" para Kurt, corro até a ala da administração da escola, empurro a porta de madeira entalhada e…

Meu coração dispara.

Josh está esparramado no sofá da sala de espera. Suas pernas estão tão esticadas que ficam *debaixo* da mesa de café. Ele está de braços cruzados, mas, ao me ver, suas sobrancelhas se arqueiam — um gesto talvez involuntário para alguém que está sentado com um desconforto tão evidente.

Minha reação é ficar vermelha de novo, como se minhas bochechas estivessem em chamas. Por que não posso ter um rosto normal? Como a genética é injusta! Corro até o balcão da recepção e, em francês, pergunto à recepcionista sobre Hattie. Sem levantar a cabeça, ela aponta para o sofá. Um penduricalho com um monograma gravado retine suavemente na pulseira dela.

Não consigo me mexer. Sinto um frio na barriga.

— Espere lá — diz ela, como se eu não tivesse entendido seu gesto. Ela aponta de novo para o sofá, e o penduricalho retine mais uma vez.

Mexam-se, pés. Vamos! Mexam-se!

Por fim, ela levanta a cabeça e olha para mim, muito mais irritada do que preocupada. Meus pés finalmente desgrudam do chão, e, como se fosse uma marionete, finco um atrás do outro até chegar ao sofá. Sofá bem pequeno, aliás.

Josh já não está mais jogado ali. Ele ajeitou o corpo enquanto eu estava de costas, e agora está com o corpo inclinado para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos. Está concentrado em uma pintura a óleo de Joana D'Arc com uma auréola.

Agora é oficialmente mais constrangedor ignorá-lo do que admitir sua presença. Procuro por uma brecha — alguma coisa boba —, mas continuo com a garganta apertada e seca. O silêncio dele é a confirmação dos meus medos. Que aquele dia na cafeteria foi um desastre, que ele me ajudou por sentir pena de mim, que não começou a conversar comigo espontaneamente e que nunca mais vai fazer isso de novo…

Josh pigarreia.

Parece um bom sinal. *Bom*.

— E aí? O primeiro dia de aula foi legal? — pergunto.

Ele faz uma cara de quem está achando graça. Será que foi uma pergunta idiota? Banquei muito a mãe preocupada? Hattie sempre fala que pareço maman falando.

— Já tive dias melhores.

Ele aponta para a sala da diretoria com o queixo.

— Ah. — Mas só *então* eu entendo. — Ah! Desculpa. Estou esperando para entrar na enfermaria, então… achei…

— Tudo bem — diz ele, e parece sincero.

Começo a me perguntar por que ele foi chamado à sala da diretora. Por que fugiu do discurso de boas-vindas? Por que chegou atrasado às aulas? Acho exagero puni-lo por essas coisas no primeiro dia. E, ah, que ótimo, estamos em silêncio há pelo menos uns vinte

segundos agora.

Conta a ele. Conta. Conta agora!

Então, disparo:

— Olha. Estou envergonhada pelo que aconteceu nas férias. Eu estava dopada por causa dos analgésicos e não me lembro muito bem do que aconteceu naquela noite, mas tenho certeza de que você pagou meu jantar, então quero devolver o dinheiro. E pedir desculpas. Por ter agido daquele jeito… estranho. E agradecer por ter me levado até em casa. E também por ter pagado a conta.

Ele espera até eu terminar de falar.

— Tudo bem — repete.

E eu me sinto uma idiota.

Josh franze o cenho, como se tivesse se sentindo um idiota também. Ele coça a cabeça e consegue, de algum modo, bagunçar o cabelo curto.

— É sério… sem problemas. Não tem por que sentir vergonha. E não precisa me devolver nada… Foi bem barato.

É agora. O momento é esse. É minha chance de apoiar a mão no braço dele, me aproximar e dizer que *o mínimo* que posso fazer é retribuir a gentileza e convidá-lo para comer alguma coisa comigo. Mas a ideia fica só no pensamento.

— Você está bem? — pergunta Josh.

Ele franze o cenho de novo.

Demoro alguns segundos para me tocar, mas percebo que é a terceira vez que ele usa a palavra "bem". De repente, a timidez dele me enche de confiança.

— Como assim?

— Não está aqui esperando o pessoal da enfermaria?

— Ah! Não. Estou esperando minha irmã. Ela passou mal.

Ele parece confuso.

— Geneviève?

Fico impressionada. Ele se lembra de Gen, lembra que ela é minha irmã. Josh sabe algo sobre mim. Faço que não com a cabeça.

— Minha irmã mais nova, Hattie. É o primeiro dia de aula dela.

Ele dá de ombros.

— Faz mais sentido.

Noto o nervosismo de Josh. Essa inversão de papéis é fascinante. De alguma forma, *ele* fica tenso por *minha* causa.

— E aí… como estão os dentes? Melhores? — pergunta ele.

Abro um sorriso, mais para aliviar o desconforto dele do que o meu.

— Sim, ficou tudo bem.

— Ótimo. Que bom ouvir isso.

Fico de cabeça baixa, olhando para o tapete, sem conseguir olhar para ele. *O caderno de desenho*. Está bem ali, deslizando para fora da bolsa dele. É preto, tem um adesivo azul e com certeza é o mesmo daquele dia. Eu deveria perguntar sobre o desenho. Eu simplesmente deveria… abrir a boca e perguntar. É uma perguntinha. Uma maldita pergunta!

— Já pode entrar para ver sua irmã — avisa a recepcionista.

Levo um susto.

— Merci.

Eu me levanto rápido e pego a mochila.

— Boa sorte — desejo, mas fico atordoada de novo. Só porque é ele.

Saio correndo pelo corredor antes que dê tempo de ele responder. A porta da enfermaria se abre, e, deitada em um colchão, Hattie me vê entrar. Passa o cabelo chanel repicado para trás das orelhas, como se estivesse se preparando para brigar.

Faço o mesmo com meu cabelo comprido e ondulado.

— Como está se sentindo?

— O que está fazendo aqui? — pergunta ela, em tom de acusação.

— Só queria saber se você está bem. Está conseguindo respirar direito?

— Não. Estou morrendo, só tenho quinze minutos de vida e quero um pônei.

A enfermeira, que estava em uma sala ao lado, vai até nós. Ela é baixinha como eu, embora mais forte e mais corpulenta.

— Isla! Que bom ver você, querida. Sua irmã nos deu um susto e tanto, mas aplicamos uma injeção de epinefrina, e ela vai passar o dia descansando. A garganta já não está mais inchada e a respiração voltou ao normal.

— Viu? Eu falei que estava bem — afirma Hattie.

Minha vontade é gritar com ela. Com calma, pergunto:

— A maman e o papai sabem disso?

— Eles estão no avião agora, voltando para Nova York, dãää!

Cerro os dentes.

— Vai ligar para eles mais tarde? — pergunto.

— Por que eu faria isso, se sei que você vai fazer?

A enfermeira intervém:

— A escola vai ligar para os pais de vocês hoje à noite.

Desconcertada, ela nos observa por um tempo, provavelmente se perguntando como três irmãs tão parecidas fisicamente podem ser tão diferentes. Nós três temos a mesma pele branca, pálida e o cabelo ruivo acobreado, mas Gen é pretensiosa, Hattie é teimosa e eu, a mais tímida das três — a que nunca se mete em encrencas.

— Ela já pode voltar para o quarto? — pergunto.

Hattie bufa.

— Pelo amor de Deus, Isla!

— O que foi?

— Para de bancar a *mãe* superprotetora!

A ofensa predileta de minha irmã me atinge com uma força inesperada. O grito ecoa no cômodo. Luto contra as lágrimas enquanto me volto para a enfermeira.

— Des… desculpe.

— Tudo bem — diz a enfermeira, mas seu olhar se mantém atento. — Hattie, estou quase terminando sua papelada aqui. Só mais um minuto e já libero você.

Isso significa que estou liberada. Corro em direção à saída, de cabeça baixa, e passo direto por Josh, que ainda está na sala de espera. Com certeza ele ouviu tudo. Atravesso a porta em disparada quando ele diz em alto e bom som:

— Sua irmã é chatinha, hein?

Fico paralisada.

Meu amor por ele quadriplica.

Quando me viro, ele faz uma careta.

— Desculpa, eu não deveria ter dito isso.

— Não! — digo rapidamente. — Ela é mesmo chata. Obrigada — acrescento.

Josh sorri. Um sorriso largo, de alívio, que revela um par de covinhas raramente vistas. Eu poderia viver dentro dessas covinhas o resto da vida.

— Você… hum… — começa ele, mas na verdade acho que ele não tem nada para me dizer.

Inclino a cabeça.

A porta da diretora se abre, e nós dois damos um pulo. Ela põe a cabeça para fora.

— Monsieur Wasserstein. Já se passaram três meses? Parece que você nunca foi embora. — Mas a voz dela soa engraçada, quase alegre. — Entre.

Josh volta a ficar com aquele ar indiferente que conheço tão bem. Devagar, ele se levanta e coloca a mochila no ombro. Ao entrar na sala dela, ele me olha novamente. A expressão em seu rosto é indecifrável. A diretora acompanha o olhar dele e repara que estou de saída.

Surpresa, ela pergunta:

— Isla, sua irmã está melhor?

Faço que sim com a cabeça.

— Ótimo, ótimo — repete ela.

Em vez de voltar para sua sala, ela fica parada na porta me observando, como se estivesse procurando algo, mas não sei o que é. Espero que Josh fique bem. Desvio o olhar, e, ao encará-la novamente, percebo que ela está com o cenho franzido, como se tivesse se dado conta de um problema dos grandes.



capítulo cinco

Os dias seguintes são agoniantes.

Josh *sabe* que eu existo.

Sempre que entra na sala, uma energia turbulenta e inconfundível entra junto com ele. É algo que perturba o ar que respiramos. Parece o zunido de um inseto. E, toda vez que nos rendemos a ela — toda vez que, em um lampejo de coragem, nossos olhares se encontram —, uma onda de eletricidade irrompe por todo o meu corpo. Fico exausta. Empolgada. Exposta.

E aí… perco o contato. O sinal esfria.

Não entendo o que está acontecendo.

Nas aulas de matemática e física, somos separados por ordem alfabética. Nas de inglês, ficamos na mesma carteira em que nos sentamos no primeiro dia, em lados opostos do círculo. Mas nosso professor de ciências políticas esperou até hoje, quinta-feira, para definir os lugares dos alunos. Josh chegou atrasado, viu a folha circulando pela sala e se sentou ao meu lado. Simples assim. Só um corredor nos separa.

Ele ainda não abriu a boca para nada.

Professeur Hansen anda de um lado para o outro diante da turma, explicando — e gesticulando muito — a Declaração de Independência dos Estados Unidos e a *Déclaration des Droits de L'homme et du Citoyen* francesa. Josh e eu estamos nos fundos da sala. Quando ele abre a mochila, dou uma olhada de canto de olho e vejo seu caderno de desenho. Mas é um caderno simples que Josh pega. Até certo tempo atrás, eu o observava criando ilustrações elaboradas relacionadas a nossas aulas, mas hoje em dia seus desenhos são abstratos. Formas densas e agrupadas, traços em espiral e…

Deixo escapar um suspiro silencioso — e involuntário.

Ele ergue a cabeça.

Minha reação imediata é fingir que aquilo não teve nada a ver com ele. Tento passar um ar indiferente.

— Achou que fosse por sua causa, hã? — sussurro, e fico eufórica por ter conseguido fazer um comentário.

Josh arregala um pouco os olhos, mas sorri enquanto escreve meticulosamente *ME PEGOU!* debaixo do esboço de uma de suas árvores retorcidas e espinhosas. Solto uma risadinha, mas logo ela se transforma em uma tosse. Professeur Hansen olha de relance para mim, mas não fala nada. Ufa!

Josh vira a página e começa a desenhá-lo, uma versão pequenininha com cabelo esvoaçante e um notável traço de loucura. Nossos colegas de classe ao redor dele começam a esticar a cabeça para ver o que está fazendo. Mike e seu amigo idiota, Dave; minha parceira de laboratório esnobe, Emily; e… Sanjita Devi. Que já foi *minha* amiga. E que agora é amiga de Emily.

Josh começa a desenhar Sanjita em outra página. Ela usa uma armadura sem luvas que está tão polida quanto suas unhas bem-feitas. Mas Sanjita está olhando para baixo, distante, como se estivesse com medo de que vejam o que há por baixo da armadura.

Fico arrepiada. Josh vira o caderno para mim, para saber se aprovo o desenho.

— Uau! — digo. — Demais.

Professeur Hansen não ouve nem percebe nada, mas Sanjita se vira para olhar para mim. Ela está claramente surpresa, os lábios formando um círculo perfeito. Poucas pessoas sabem que gosto de Josh, mas Sanjita é uma delas. De canto de olho, vejo que ele vira a página discretamente. Encaro Sanjita. Ela se vira de novo; essa batalha ela perdeu. Aperto o pingente do meu colar em busca de consolo.

Segundos depois, Josh estende o braço fino e dobra o dedo, pedindo que eu me aproxime. Estico a corrente longa e antiga do colar e ele se curva para a frente para pegar o pingente em forma de bússola. Sua mão esbarra sem querer na minha. Ou… será que não foi sem querer? Ele examina a bússola detalhadamente, a cabeça a poucos centímetros da minha e… *cítrico*. O shampoo que ele usa. Laranja. Talvez tangerina.

— Arrá!

Levamos um susto, e Josh solta o colar, que bate em meu peito e faz um barulho. *Plaft!* Professeur Hansen nos surpreendeu por trás. Os outros alunos estão rindo, já sabiam o que ia acontecer. É sempre engraçado quando o professeur Hansen pega no flagra alguém que não está prestando atenção. Exceto quando esse alguém é você. Ele dá uma batidinha de leve no encosto da carteira de Josh.

— Por mais fascinante que seja o colar da mademoiselle Martin, posso lhe garantir que é mais provável que as ideias de Rosseau caiam na prova da semana que vem.

— Sim, senhor.

Josh parece envergonhado. Mas não intimidado.

— Você aí.

O professeur Hansen bate na minha carteira com o punho cerrado, provocando mais risos ainda.

— Pode conseguir coisa muito melhor do que esse aí.

Ele aponta para Josh.

Eu me aninho o máximo que consigo na minha carteira. Estão esperando minha reação. A classe inteira está esperando.

— Bom, eu sei que *eu* posso — diz Josh, impassível. — Ela é uma péssima influência.

Até o professor ri da piada. Satisfeito, ele ajeita os óculos no nariz e volta a explicar a matéria. Não tiro os olhos de Josh até o final da aula. Quando toca o sinal, ele me entrega uma folha de seu caderno. Um desenho perfeito e detalhado de meu pingente de bússola, até a filigrana do ponteiro está lá. Embaixo, está escrito: *POR QUE ELA USA ESSA BÚSSOLA TODO DIA?*

Fico estremecida até o último fio de cabelo.

Guardo o desenho dentro do livro da disciplina e tento agir de forma descontraída, como se não estivesse completamente maravilhada por possuir algo que ele fez. E, para meu espanto absoluto, ele percebe o que estou tentando fazer. Sigo em direção à porta, olhando para trás com um sorriso. Espero que isso deixe claro que estou a fim dele.

— Uso a bússola todos os dias para não me perder, óbvio.

— E isso acontece com muita frequência? — pergunta ele.

Na saída, a porta fica congestionada. Josh está bem atrás de mim e, quando viro a cabeça para responder, ele sorri (está flertando comigo, *sem dúvida*) e agora não sei mais qual é meu nome, em que país moro, e muito menos em qual lugar do universo estou neste exato momento.

— Aqui! — diz Kurt.

Eu não só continuo fitando Josh, como virei para o lado errado no corredor. Minhas bochechas ficam ridiculamente vermelhas na mesma hora. Abaixo a cabeça e dou meia-volta.

Para minha surpresa, Josh me segue.

— Estamos indo para o refeitório. Você nunca aparece por lá… onde você come? — pergunta Kurt, o que soa mais como um interrogatório.

O sorriso de Josh desvanece.

— Ah. No meu quarto. Geralmente. Não sempre.

— Vai ganhar uma advertência. É proibido sair da escola durante o horário de aula.

Agora o sorriso de Josh desaparece de vez.

— Você podia ficar com a gente qualquer dia desses — sugiro, com urgência, porque fico muito envergonhada pela postura de Kurt. Ele é tão inflexível. Tão estranho. Imediatamente me sinto mal por pensar essas coisas, como se o estivesse traindo. — Ou hoje. Ou, sei lá, você escolhe. Quando quiser.

Como se eu estivesse agindo com *menos* estranheza.

Meu melhor amigo levanta as sobrancelhas, não porque ele não goste de Josh, mas porque o convite significaria uma mudança em nossa rotina, e Kurt é uma criatura que gosta de rotina.

Infelizmente, Josh percebe a expressão dele. Então cruza os braços — todas as partes do corpo desconfortáveis — e se vira para mim.

— Sim, talvez. Um dia.

Sinto meu sangue congelar.

Sébastien.

Ele foi meu primeiro, último e único namorado e estuda em um colégio perto do nosso. Namoramos no ano passado, e eu achei que ele fosse um cara legal. Até apresentá-lo a Kurt. Sébastien ficava sem graça perto de Kurt, agressivo, o que deixava Kurt extremamente nervoso e reativo e fazia com que Sébastien fosse ainda mais cruel. O que, por sua vez, me fez dar um pé na bunda dele.

Josh sabe que Kurt é autista com alto nível funcional. Todos no colégio sabem. Quando algum desconhecido reage mal ao comportamento ríspido de Kurt, normalmente não o culpo. Mas quando alguém que o conhece nem sequer *tenta* compreendê-lo…

Não. Não posso perdoar.

Sinto como se meu coração tivesse se partido em mil pedacinhos.

— Bom… obrigada pelo desenho.

Kurt tira o capuz — agora limpo, depois do incidente com a sopa, e sem manchas —, e seu cabelo loiro se espalha para todos os lados.

— Finalmente viu seu desenho? O do verão passado?

Dou uma olhadinha para Josh, que dá um passo para trás.

— Não — respondo. — Este é um que ele acabou de fazer. Na sala.

Josh esfrega a nuca.

— Acho que é melhor eu ir agora…

— Mas eu quero ver o desenho que ele fez de você.

Kurt se vira para Josh. Os dois têm a mesma estatura, são altos, porém Kurt é mais forte e tem o olhar mais contundente.

— Está com ele aí?

— N…Não — responde Josh. — Desculpa, não estou com ele aqui.

— Tudo bem. Talvez uma outra hora.

Aperto os lábios. Josh volta a cruzar os braços, os músculos enrijecidos.

— É que não estou com o caderno aqui. Na França. Só isso. Se estivesse aqui, eu mostraria.

E ele sai em disparada. Ficamos observando-o até perdê-lo de vista.

— Pegou mal? — indaga Kurt. — Acho que pegou mal.

— Sim. Pegou mal.

Mas não pegou, não. Foi um momento revelador escondido atrás de uma mentira. Eu vi o caderno de desenho de Josh uma hora atrás. Ele queria se livrar da gente. Ou, o que é mais provável, queria se livrar de Kurt. Sinto o coração apertado. É uma sensação dolorosa e repentina, mas contenho as lágrimas. Não quero ter que justificá-las.

Depois do almoço, retomo o hábito de não olhar para Josh. Agora é mais fácil.

Ao mesmo tempo que não é.

Acho que ele gosta de mim. Nem sei como isso é possível, mas sei que agora isso não tem a menor importância. Não pode ter. Na aula de física, sinto seu olhar em minha direção — uma linha tão delicada e discreta quanto uma teia de aranha, que puxa minha nuca. Imagino que posso cortá-la com uma tesoura afiada. Não sei se ele vai tentar conversar comigo depois da aula e não faço a menor ideia sobre o que devo dizer caso isso aconteça. Quando o sinal toca, eu fujo.

No dia seguinte, ele não está na escola. Não sei por quê.

Não vejo Josh pelo resto da semana. Retiro do livro de ciências políticas o desenho que ele fez para mim e o coloco com cuidado na primeira gaveta de minha escrivaninha. Abro a gaveta. Fecho. Abro. Fecho. Abro de novo, toco e admiro o desenho.

Depois, fecho a gaveta com força e sinto como se estivesse traindo Kurt.

Abro mais uma vez.

Josh reaparece na escola na segunda-feira. Na aula de inglês, sei que ele está olhando para mim, várias vezes. Quando finalmente ergo a cabeça, ele abre um sorriso terno.

Ai, aí eu me derreto.

O resto do dia é cheio desses pequenos momentos. Um sorrisinho simpático aqui, um aceno amigável dali. Alguma coisa mudou… mas o quê? Na terça-feira, ele me pergunta se li a nova história em quadrinhos do Joann Sfar. Não li, mas fico chocada ao ver que ele se lembra de nosso primeiro ano, daquela conversa unilateral. E então ele some de novo.

Quarta-feira.

Quinta.

Sexta.

Onde ele está?



capítulo seis

Um senhor com um piano caindo aos pedaços está tocando "La vie en rose" na rua, bem de frente para minha janela. Ele transporta o piano pela cidade, de um lado para outro, mas nunca vi como ele faz isso. É sexta-feira, está começando a anoitecer, e a música espaçada e lenta é um contraste bizarro com a história dura e impactante que estou lendo sobre uma pessoa que se perdeu em alto-mar.

Ouço duas batidas à porta.

— É só chutar. Eu ainda não mandei consertar — grito, da cama.

Viro a página do livro, e a porta se abre lentamente, sem nenhum pontapé. Olho de relance. Sem conseguir acreditar no que meus olhos acabaram de ver, olho de novo e, toda desajeitada, me apresso para ficar de pé.

— Desculpa, achei que fosse o… — digo.

— Kurt — completa Josh.

Ficamos olhando um para o outro.

AimeuDeus, como ele é lindo. Josh está com cara de quem acabou de tomar banho, e suas roupas estão combinando mais do que de costume. Por trás do estilo esporte fino, sempre consigo enxergar o olhar artístico dele. A camiseta e a calça jeans estão sempre combinando. Josh usa as cores certas, os sapatos certos, o cinto certo. É um jeito sutil de se vestir, mas não é como se ele simplesmente pegasse qualquer peça do guarda-roupa e pronto.

— Como você sabia que aqui era o meu quarto? — pergunto, quebrando o silêncio.

— Eu vi você vindo para cá um dia, enquanto esperava o elevador. E chamou a minha atenção porque… este era o meu quarto.

Josh olha ao redor, observando tudo. Deve ser estranho para ele.

É estranho para *mim*.

Além da colcha de Manhattan, minha cama está cheia de travesseiros macios e cobertores fofos. Consegui achar um lugar para enfiar uma estante bem estreita, com um ar meio antigo, que está abarrotada de livros de aventura, de todos os tipos: romances, não ficção, quadrinhos. Tenho um abajur curvilíneo de vidro, uma cortina rendada na janela e, nas paredes, em vez de pôsteres, pendurei cachecóis e joias. Meu armário está abarrotado de roupas, e ainda coloquei mais uma cômoda em cima da que já havia no quarto. Nos cantos da pia e do box, que são minúsculos, estão enfileirados os produtos de banho e higiene pessoal. Na escrivaninha, meus deveres de casa, canetas, lápis e marcadores de texto estão organizados feito buquês em potinhos idênticos.

— Eu sabia. Que este quarto tinha sido seu — confesso.

Josh ergue as sobrancelhas escuras.

— E por que não me contou?

Dou de ombros, sem saber o que dizer, mas ele assente, como se tivesse entendido. E acho que entendeu mesmo. Josh enfia as mãos nos bolsos, tenso e inseguro.

— Você continua aí parado no corredor. — Aponto com a cabeça na direção do quarto. — Entra.

É o que ele faz, e a porta se fecha.

— Cuidado!

Pego um livro de uma matéria qualquer e enfio debaixo da porta para mantê-la aberta.

— Nate vai ficar no nosso pé para ter certeza de que estamos cumprindo as novas regras, você sabe…

No mesmo instante, me sinto uma idiota.

Josh parece confuso, e só então me dou conta de que ele não entendeu nada do que eu estava falando porque perdeu o discurso de Nate no primeiro dia de aula. Então conto as novidades para ele e acrescento:

— Não quero me meter em encrenca, porque aí ele pode proibir o Kurt de vir aqui, e já nos pegou uma vez.

Aconteceu durante uma ronda no segundo dia de aula. Recebemos uma advertência, mas desde então passamos a maioria de nossas tardes na Casa da Árvore, um esconderijo secreto que fica do outro lado do rio.

Josh esfrega a nuca.

— Entendo. Ok.

Ele quer ir embora.

Minhas bochechas imediatamente coram, e entro em pânico. Não sei por que ele está aqui, mas tenho plena certeza de que, se ele for embora, vou desmoronar. Aponto para a cadeira da escrivaninha. Ele se senta. Mal consigo conter o suspiro de alívio. Eu me sento de frente para ele, na quina da cama. Aliso minha saia de pregas e fico olhando para minhas unhas dos pés, pintadas de vermelho-escuro.

— Ficou mais bonito com você — diz ele, por fim. — O quarto. O meu está sempre bagunçado.

Passo uma mecha de cabelo para trás da orelha, mas ela escapa para a frente de novo quando abaixo a cabeça.

— Obrigada.

Eu me esforço para olhar nos olhos dele. *Avelã*. Sinto um frio na barriga.

— Minha mãe é vitrinista. Ela sempre me diz que até espaços pequenos podem ficar bonitos.

— Difícil encontrar um lugar menor que esses quartos.

— Sabe aquelas vitrines loucas das lojas de departamento que as pessoas geralmente fazem fila em frente para ver? Então, ela monta esse tipo de vitrine para a Bergdorf Goodman.

— Ah, aquelas são bem maneiras.

Ele se inclina para a frente, interessado.

— Sua mãe é francesa, não é?

Meu coração começa a palpitar, como acontece toda vez que ele se lembra de algo sobre mim.

— É, sim. Ela trabalhava aqui em Paris, mas recebeu uma proposta para trabalhar nos Estados Unidos e foi morar lá. Conheceu meu pai e… ficou.

Josh sorri.

— Gostei.

— Como seus pais se conheceram?

— Na faculdade de Direito. Yale. História sem graça.

— Tenho certeza de que para eles tem graça.

Ele ri, mas meu sorriso desvanece.

— Por onde você andou esta semana? Estava doente? — pergunto.

— Não. Estou bem.

Ele relaxa o corpo na cadeira e seu rosto assume uma expressão impenetrável.

— Foi por causa do Sucot.

Suco?

— Do quê?

— A comemoração judaica.

A vergonha é tanta que minhas bochechas começam a queimar automaticamente. *AimeuDeus!*

— Só volto a frequentar as aulas na quinta-feira — explica ele.

Tento encontrar alguma coisa inteligente para dizer, algo que eu tenha aprendido por ter morado em Nova York, mas me dá um branco. *Sucot*. Não é um feriado, é? Não pode ser. Levanto as sobrancelhas, confusa, e os olhos de Josh se iluminam. É um olhar quase… esperançoso. Ele balança a cabeça como se eu tivesse feito a pergunta em voz alta.

— Não. A maioria dos judeus americanos não considera o Sucot um feriado. E mesmo os que consideram, tiram só os dois primeiros dias.

— Mas você vai tirar a semana inteira, certo?

— Tirei a sexta-feira passada também, apesar de o Yom Kippur só começar quando o sol se põe. Com o Sucot é a mesma coisa.

— Mas… *por quê*?

Ele aproxima o corpo.

— Porque você foi a primeira pessoa que perguntou.

Não sei bem se estou mais surpresa pela mentira de Josh ou por ter sido a escolhida para dividir esse segredo com ele. Sorrio, mas, mesmo para meus ouvidos, isso parece arriscado.

— E em quantos feriados exatamente você está planejando faltar à escola?

Josh sorri.

— Todos.

— E você acha que vão deixar?

— No ano passado deixaram. Como sou o único aluno que segue a religião hebraica, o colégio *não* se sente confortável em questionar minhas convicções religiosas.

Sorrio, mas dessa vez é pra valer.

— Você vai pro inferno.

— Que bom que eu não acredito nisso.

— Sei… o lance do judaísmo.

— Estou mais para o lance do ateísmo.

Josh percebe minha surpresa e faz um pedido, revirando os olhos ao falar:

— A imprensa não pode saber. Meu pai não pode de jeito nenhum perder o apoio da comunidade judaica nas eleições.

— O seu pai também não segue muito a religião?

— Não, ele é praticante. Tanto meu pai quanto minha mãe são desses que vão à sinagoga

duas vezes ao ano. Mas, em se tratando de política e mídia, todo cuidado é pouco.

Pela forma como ele fala, dá para ver que está reproduzindo algo que já lhe disseram pelo menos mil vezes.

Hesito por um momento. Então, decido me aprofundar mais um pouco no assunto.

— Seu pai vai se candidatar à reeleição este ano, né? Deve ser estranho.

— Nem tanto. Lá em casa sempre tem algum motivo para fazer campanha. É um saco.

Eu já esperava essa reação. Sempre achei que esse lado negro que ele carrega — essa faceta que desafia as regras e é contra o sistema, que está tatuada na pele dele, bem no braço — tinha a ver com seus pais. Mas sei que é hora de parar com o interrogatório. A amizade com Kurt me ensinou que não é bom forçar muito a barra para alguém se abrir. Adquiri tanto prática quanto paciência e, por conta disso, também desenvolvi a habilidade de mudar de assunto.

— Você ainda não me contou por que veio aqui. Estava… passando por perto? Veio se vangloriar porque vai ficar uma semana sem ir às aulas?

— Ah. Hum… isso mesmo.

Josh dá uma risadinha e olha para a janela.

— Só queria saber se você está a fim de dar uma volta.

Meu.

Deus.

— Estou indo para a Album — continua ele, referindo-se a uma loja de quadrinhos perto da escola. — Já que estávamos falando da nova HQ do Sfar, achei que, se não estivesse ocupada, você poderia ir comigo…

… nossa!

Parece que uma banda de heavy metal está fazendo um show bem no meu coração, de tão forte que ele bate. Ai, Josh, não faz isso comigo. Continuo segurando o livro que estava lendo, mas o deixo de lado para poder enxugar as mãos, molhadas de suor.

— Claro. Vou encontrar Kurt daqui a umas duas horas para jantar, mas vou sim, claro.

À simples menção de Kurt, Josh faz uma careta, ainda que bem sutil. O que me faz repetir o gesto. Mas então, como se estivesse esperando pela oportunidade, ele se aproxima e pega meu livro. Dá uma olhada na quarta capa e o analisa, erguendo uma das sobrancelhas.

— Gosto de histórias de aventura. Ainda mais quando tem algum tipo de desastre no meio.

A sobrancelha continua arqueada.

Sorrio.

— Também leio as que têm final feliz.

Josh faz um gesto em direção a minhas prateleiras.

— Você lê bastante.

— É mais seguro do que me aventurar de verdade.

Agora é ele quem ri.

— Talvez.

Tenho que admitir. Sou uma covarde diante de minha paixão de longa data. Constrangida, me levanto em um pulo.

— E por falar em aventura…

Josh me observa enquanto retiro um par de sandálias plataforma de debaixo da cama.

Viro a cabeça em sua direção e sorrio, e o surpreendo desviando o olhar de meu decote para o teto. Josh fecha os olhos como se estivesse xingando a si mesmo. Sinto meu sangue pulsar, mas finjo que não percebi. Calço as sandálias.

— Podemos ir?

Ele assente sem me olhar nos olhos. Pego minha bolsa, e seguimos em direção à porta. Ele tira o livro que serviu de calço com o pé, empurra-o para dentro do quarto e fecha a porta.

Ela se abre de novo.

Josh fecha mais uma vez. Ela volta a se abrir.

Fecho a porta com força e puxo a maçaneta para baixo. Ficamos olhando um tempo para conferir, e, por fim, a porta se fecha.

— Desculpa. Essa porta é um saco — falo.

— Hum, é mesmo.

Josh está com as mãos nos bolsos de novo. Seus ombros estão praticamente grudados nas orelhas enquanto caminhamos até a saída.

— Eu que tenho que pedir desculpas, na verdade. A porta do seu quarto não fecha por culpa minha.

— Sério?

Não sei bem por quê, mas isso me deixa feliz.

— E o que foi que você fez?

Josh olha para mim.

— Posso ou não ter chutado.

— De propósito?

— Sim.

— Estava com raiva?

— Não. — Ele faz uma careta. — Foi por um motivo idiota.

— Ah, vai. Agora você vai ter que me contar.

Josh solta um suspiro.

— Hum, tá. Chutei a porta no inverno passado para quebrá-la, de propósito. Assim a minha ex-namorada, que era namorada na época, poderia entrar quando quisesse. E, antes que me pergunte, sim, eu tentei conseguir uma cópia da chave primeiro.

Não me contenho e rio.

— Foi um plano… engenhoso. Kurt e eu trocamos nossas chaves. Às vezes eu me esqueço de pegar minha chave de volta com ele e fico presa no meu próprio quarto. Bom, quer dizer, *ficava*. Por incrível que pareça, não aconteceu nenhuma vez neste ano.

Ele solta um grunhido enquanto segura a porta principal para eu passar.

— Usou as mãos desta vez. Excelente ideia — brinco.

Hesitante, ele dá um passo para trás e observa a própria mão direita, deixando transparecer algo que parece dor. Meu sorriso desaparece.

— Você está bem?

— Não é nada.

Devo ter feito uma cara muito estúpida, porque ele riu.

— É sério, está tudo bem. Andei desenhando mais do que de costume…

— Por causa do feriado?

— Exatamente. Um pouquinho de tendinite — responde ele, sorrindo.

— *Tendinite*? Não é só na velhice que isso aparece?

Josh olha para trás, apreensivo.

— Consegue guardar um segredo? — Ele baixa a voz: — Você tem que prometer que não vai contar para ninguém, combinado?

— Combinado.

— Tenho setenta e cinco anos. Minhas mãos estão terríveis, mas minha pele continua *incrível*.

Solto uma gargalhada.

— Você é um caso a ser estudado.

— E por que acha que estou na França? É daqui que saem os melhores dermatologistas do mundo.

A expressão séria no rosto dele só me faz rir ainda mais. Josh olha para mim, satisfeito, e ri também. Atravessamos uma rua estreita. Sabe-se lá como, nossos passos estão em sincronia, apesar de nossa diferença de estatura. Ele tem o corpo lindo e esguio. Sinto vontade de entrelaçar meus dedos nos dele, longos e vistosos. Quero enterrar o nariz no pescoço maravilhoso que ele tem.

Josh está muito concentrado nos paralelepípedos.

Tem alguma coisa acontecendo entre nós. Será amizade? Não é o que parece, mas talvez eu esteja idealizando demais. Fico até envergonhada por pensar nisso depois do que aconteceu na semana passada. Porque eu não estou pensando. Estou *desejando*. Dizem que as pessoas não mudam, mas… nunca acreditei muito nisso. Talvez Josh aprenda a gostar de Kurt. Talvez eu tenha interpretado mal as atitudes dele. Talvez haja outros motivos para ele querer se esquivar de Kurt. Talvez.

— E aí, me conta o que está desenhando agora — peço.

— Ah, bem…

Ele esfrega o pescoço, o que parece ser seu gesto preferido quando está inquieto.

— Sempre fico meio sem graça de contar.

— O que é? Juro que não vou rir.

— Você diz isso agora.

Ele faz uma careta e observa o amontoado de motos e bicicletas estacionadas na calçada.

— Estou preparando uma graphic novel sobre a minha vida aqui na escola. Uns quadrinhos autobiográficos, por aí… Acho que não tem nenhum termo que faça isso parecer menos narcisista. Infelizmente.

Então é verdade.

— E qual é o tamanho dessa autobiografia?

— Hum… Umas trezentas páginas. Até agora.

Fico de queixo caído. Literalmente.

— Eu *realmente* me amo.

— Não precisa zombar de si mesmo — digo. — Isso é incrível. Nunca fiz algo parecido, nunca mesmo!

— Bom, ainda não terminei. Tenho mais um ano no colégio.

A colossal cúpula branca do Panthéon aparece a nossa frente, iluminada feito um farol. Moramos na Rive Gauche, no final do Quartier Latin, próximo a um bairro residencial. É tranquilo, mas, como há muitas escolas pela região, não é muito silencioso durante o dia. O

bairro, porém, é magnífico ao entardecer. Às vezes esqueço como tenho sorte por morar aqui.

— Você sempre gostou de desenhar? Sei lá, muitas crianças gostam, mas depois meio que são forçadas a parar.

Olho para ele.

— Você nunca parou, não é?

— Nunca.

Josh finalmente olha para mim, dessa vez com uma expressão capciosa. Ele aponta para meu colar.

— Me conta a verdade. A história real.

Paro de caminhar.

— Se você virar vai entender.

— Hã?

Sorrio e pego o pingente. Josh segura a bússola e lê a gravura que há na parte de trás; primeiro, em silêncio, depois, em voz alta. A voz dele é grave, clara, mas calma:

— "Isla. Que você possa sempre encontrar o melhor caminho. Com carinho, Kurt."

— Foi o presente mais afetivo que ele me deu. Acho que a mãe dele deve ter ajudado, mas não importa. Kurt é louco por mapas, direções, por encontrar o melhor caminho. Gostei da mensagem porque ela tem mais de um significado.

Josh coloca o pingente de volta em minha mão.

— É bonito.

Ele parece pensativo enquanto caminhamos pela Rue Saint-Jacques. Talvez ele esteja vendo Kurt com outros olhos. Tem que haver uma maneira de abordar o assunto. Vou encontrá-la. Uma sirene passa com seu típico gemido francês, *ooo-WEE ooo-WEE*, o que só intensifica o silêncio entre nós. Fico aliviada quando chegamos a uma região movimentada, com muito comércio.

A Album é uma rede com várias lojas espalhadas por Paris, mas a filial a que vamos ocupa dois espaços diferentes, um de frente para o outro, separados por um cruzamento bem movimentado. Um deles vende artigos importados e miniaturas de super-heróis americanos. A outra vende quadrinhos franco-belgas chamados *les BD, les bandes dessinées*. Os quadrinhos franceses geralmente são mais bem-acabados do que seus correspondentes americanos. Têm capa dura, são maiores e impressos em um papel melhor, mais brilhante. Têm também uma gama de histórias maior, e por isso são mais lidos. As lojas de HQs estão por todos os lugares aqui, e não raramente se veem homens e mulheres andando por seus corredores com trajes de alta-costura.

Sem nem sequer discutirmos, Josh e eu entramos direto na loja que vende *les BD*. Somos recebidos pelo aroma magnífico das páginas recém-saídas da gráfica, e um rapaz com a barba bem-aparada nos cumprimenta com um acolhedor *salut* por trás do balcão. Retribuo a saudação com um aceno de cabeça.

— Isla…

Eu me assusto ao escutar Josh pronunciar meu nome. Quando me viro ele mostra um livro da primeira prateleira. É a HQ nova do Sfar, com certeza. Eu pego o exemplar, que se abre com o ranger maravilhoso de um livro de capa dura que é aberto pela primeira vez. Fico empolgada ao perceber que é uma de suas obras *fantastique* — as páginas estão recheadas de árvores, monstros, espadas, realeza e amor. Aventura.

— Este? — pergunta Josh.

Dou um sorriso de orelha a orelha.

— Siiiim!

Josh fica feliz, mas, logo depois, triste. Ele se vira, e não consigo ver seu rosto. Isso me preocupa. Quero saber o que há de errado, mas sua linguagem corporal me diz que não devo perguntar. Então ele se vira de volta para mim — como se tivesse tomado uma decisão sobre uma conversa que eu nem sequer sabia que tínhamos começado — e deixa escapar:

— Seu namorado gosta de quadrinhos?

Por um instante, acho que ele está brincando.

Só pode ter sido uma *piada*. Mas Josh permanece com a expressão séria, e, ao que parece, ele espera uma resposta séria. Fico muito, muito desconcertada.

Engulo em seco.

— O quê?

— Desculpa. — Ele fecha a cara diante da prateleira de lançamentos. — Não queria que tivesse soado tão grosseiro.

Meu coração martela contra meu peito, mas digo as palavras lentamente:

— Kurt. Não. É. Meu. Namorado.

Josh congela. Vários segundos se passam. Ele encara por longos segundos uma reedição de *Tintin*.

— Não é?

— Não. — Faço uma pausa. — *Não*.

— Mas… vocês estão sempre juntos. São tão íntimos…

— *Somos* íntimos. Melhores amigos são íntimos. Somos praticamente irmãos. Não… *não*... namorados.

— Mas… a bússola… Vocês têm a chave do quarto um do outro…

— Porque somos amigos. Que *moram juntos*.

Minhas orelhas estão tão vermelhas que parecem pimentas.

— Então… você nunca ficou com ele?

— Não! Conheço o Kurt desde criancinha.

Minha mente começa a divagar.

— Não acredito que você pensou que o Kurt fosse meu namorado. Desde quando você pensa isso?

— Acho… acho que o tempo todo.

Uma onda terrível de pânico começa a me corroer por dentro.

— Como assim o tempo todo? Desde o começo do ano ou desde que ele entrou na escola? No primeiro ano dele?

Josh parece estar com um nó na garganta.

— Hum… desde que ele entrou na escola?

— *Todo mundo* acha que Kurt e eu somos namorados?

Nossos colegas de sala brincam dizendo que somos namorados, mas nunca pensei que fosse sério.

— Não sei. — Josh balança a cabeça enfaticamente, mas acrescenta: — Provavelmente?

— Ai, meu Deus!

Chego a sentir dificuldade para respirar.

Josh deixa escapar uma risada estranha. É quase histérica, mas cessa tão rapidamente quanto começou.

— Mas e aí? Você *está* namorando? Alguém?

— Não. Não estou com ninguém desde o ano passado.

— Legal.

Ele tamborila os dedos rapidamente na pilha dos quadrinhos de *Tintin*.

Eu me esforço para manter a voz firme.

— E você? Está saindo com alguém?

— Não. Ninguém desde o ano passado também.

Quero chorar de tanta alegria. Ele gostava de mim, mas achava que não *poderia* gostar. É difícil acreditar nisso. Eu até suspeitava que ele tivesse algum interesse, mas encarar isso como uma verdade, uma situação real, é inacreditável. Como é possível que o cara por quem estou a fim há tanto tempo (três anos) esteja a fim de *mim* também? Isso não acontece na vida real.

Josh também fica sem graça. Ele procura algum assunto, até que seus olhos se concentram no livro de Sfar que estou segurando.

— Tem mais lá embaixo, não tem? Quer ir até lá?

— Não. — Abraço o livro. — Era este mesmo que eu queria.



capítulo sete

Continuo agarrada ao livro — que agora está envolto em uma sacola azul da Album — enquanto caminhamos em direção ao rio Sena. Ainda temos uma hora antes de eu encontrar Kurt para comer sushi no Marais. Agora anoiteceu para valer, e está o maior burburinho nas ruas. Sinto como se estivesse flutuando. Olho para ele de canto de olho, sorrio, fico vermelha… E não só eu, mas ele também. Minha voz sumiu. Com a mão esquerda, Josh segura o cotovelo direito, um jeito de se proteger e de se manter composto.

Como agir em uma situação como essa? Se ao menos a constatação de uma admiração mútua fizesse com que algo rolasse automaticamente… Se ao menos eu conseguisse dizer: "Então, eu gosto de você e você de mim, que tal irmos para um parque para a gente ficar de uma vez?"

Nós nos aproximamos de um grupo de turistas remexendo em miniaturas da Notre-Dame. Josh engole em seco.

— Olha, só para deixar claro, eu não estava, tipo, tentando roubá-la do Kurt quando convidei você para vir até aqui comigo. Eu só estava tentando, você sabe… ser seu amigo. Não quero que pense que sou um babaca qualquer.

Sorrio para ele.

— Eu não acho você babaca.

Josh olha para uma sacada com uma grade de ferro toda cheia de detalhes, uma arcada de pedra esculpida, um cartaz enorme dos Jogos Olímpicos de Inverno em Chambéry. Ele olha para tudo, menos para mim.

— Foi só no último fim de semana que percebi que… mesmo que você estivesse, hum… namorando, ainda assim eu queria sair com você.

Então, desde o começo ele não me queria *apenas* como amiga. Sinto um aperto no peito, mas de felicidade.

— No último fim de semana? — pergunto.

— Yom Kippur?

Josh olha para mim como se eu tivesse entendido o que ele acabou de falar. Mas não entendi, e fico grata quando ele começa a explicar sem que eu precise pedir. Parece aliviado por termos um novo assunto.

— Então, é o período entre o Rosh Hashaná, que foi na véspera da volta às aulas e…

— O ano-novo judaico?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Isso. O período entre o Rosh Hashaná e o Yom Kippur é um momento de reflexão. É o momento de pensar em seus erros, de pedir perdão e de tomar decisões… esse tipo de coisa. E o Yom Kippur é quando esse momento termina, é o prazo final.

Nós nos afastamos para dar passagem a um senhor que está passeando com um cão bassê, e, quando voltamos a ficar lado a lado, a distância entre nós diminui.

— Não, espera aí. Você refletiu sobre a sua vida e… decidiu se tornar meu amigo? Mesmo não sendo mais um judeu praticante?

Josh dá um sorriso malicioso.

— Isso é um pré-requisito para sermos amigos?

Eu o encaro por um momento.

Ele ri, mas depois dá de ombros, pensativo.

— Sei lá. Essa época do ano tem uma pegada meio… poética. E não é que eu tenha descoberto tudo isso por espiritualidade ou alguma coisa assim, mas realmente acredito que não há problema nenhum em tomar decisões nesse período. Do meu jeito.

— Claro que não tem o menor problema. Minha família é católica, tanto por parte de pai quanto de mãe, mas eles nunca vão à missa. Eu nem sei se meus pais acreditam em Deus. Mas continuamos montando nossa árvore de Natal, e ela sempre nos transmite uma sensação de paz. Tradição pode ser uma coisa legal.

— Você acredita em Deus? — pergunta ele.

Por algum motivo, aquela pergunta direta não me surpreende. A Catedral de Notre-Dame está bem a nossa frente, gigantesca e imponente, com seu reflexo nas águas escuras do rio.

Eu a observo por um momento antes de responder:

— Não sei no que acredito. Acho que isso faz de mim uma árvore de Natal agnóstica.

Ele sorri.

— Gosto disso — diz ele.

— E você é um Yom Kippur ateu.

— Sou.

Nunca conversei com ninguém desse jeito, discutindo um assunto tão delicado com tanta naturalidade. Cruzamos a ponte em direção à catedral. É a Île de la Cité, a maior entre as duas ilhas que compõem o centro de Paris.

— Queria perguntar uma coisa, mas não sei bem como… — anuncia Josh.

Queria ter coragem de dar uma cotovelada de brincadeira nele.

— Pode perguntar, sem medo.

Há uma pausa dolorosa enquanto Josh procura a melhor maneira de falar.

— Kurt é… autista?

Estremeço, mas explico tudo para ele com a mesma paciência que ele teve comigo.

— Sim. É o que *costumavam* diagnosticar como síndrome de Asperger, e agora chamam de autismo de alto funcionamento. É a mesma coisa. Mas não é um problema, algo que precise de cura. A questão é que a mente dele funciona de um jeito um pouco diferente da nossa, só isso.

Josh aponta para um banco nos jardins da catedral e nos dirigimos até lá. Nós nos sentamos com mais ou menos cinco palmos de distância um do outro.

— E *como* a mente dele funciona?

— Bom… — Respiro fundo. — Ele é ultrarracional e literal. Então, sarcasmo, metáforas, essas coisas… não funcionam com ele.

Josh assente.

— E o que mais?

— Ele tem dificuldade em ler a expressão das pessoas, mas tem se esforçado, e hoje já se sai bem melhor. Só que ele ainda tem que lembrar a si mesmo que precisa olhar no rosto da

pessoa e sorrir. Quer dizer, é claro que ele sorri, mas só quando é intencional. Diferente das outras pessoas.

Estou divagando porque continuo impressionada com o fato de estar sentada ali, em um banco — que nem é da escola —, ao lado de Joshua Wasserstein.

— Então ele é sempre sincero — conclui Josh.

— Mesmo quando você não quer que ele seja.

Rio, mas rapidamente a risada dá lugar à preocupação. Não quero que Josh me interprete mal.

— Mas ele não tem intenção de ser rude. Sempre que descobre que magoou alguém, mesmo sem querer, Kurt fica arrasado.

— Então ele é meio como os franceses, né? Porque eles não têm muito essa coisa de magoar as outras pessoas. Só abrem um sorriso quando querem. Os americanos riem para qualquer um, por qualquer motivo.

— Você não faz isso.

As palavras escapam da minha boca antes que eu consiga contê-las.

Josh se surpreende. Ele leva um momento para assimilar o que eu disse.

— É… já me disseram que eu não consigo… esconder quando algo não me agrada.

— Eu sei. — Hesito. — Gosto disso em você.

Ele ergue as sobrancelhas imediatamente.

— Gosta?

Fico olhando para as ripas de madeira do banco. Sabe-se lá como, os cinco palmos de distância que havia entre nós diminuíram para apenas um.

— Aham… Quando você sorri, sei que não é falso, entende? Sei que não está sorrindo só para me fazer… — Balanço a cabeça para ajeitar o cabelo. Continuo: — … para fazer *quem quer que seja* se sentir melhor. Você não sorri simplesmente para calar a boca de alguém que não para de falar besteira.

Aos poucos, ele abre um sorriso.

— Como agora…

Sorrio.

— E o que mais?

Inclino a cabeça para o lado.

— O que mais o quê?

— O que mais preciso saber sobre o Kurt?

A pergunta mostra que vamos passar mais tempo juntos. Volto a sentir aquele aperto de felicidade no peito.

— Nada muito além disso. Ele não é nenhum exímio jogador de cartas ou gênio matemático, nem nada do tipo. Quer dizer, não leve a mal. Kurt é uma pessoa brilhante, mas esses estereótipos são os piores. Embora ele goste *muito* de rotina.

Josh sorri de novo.

— Deixe-me adivinhar. Sushi?

— Sempre no mesmo dia, mesmo horário, mesmo restaurante.

Kurt e eu nos encontramos uma vez por semana depois da sessão de terapia dele, mas Josh não precisa saber disso.

— O mesmo prato todas as vezes?

Niguiri de camarão e sopa de missô. Mas eu sempre escolho o prato recomendado pela casa. Peço ao garçom para me surpreender.

Os sinos da Catedral de Notre-Dame badalam nas torres. Josh e eu nos assustamos, cobrimos as orelhas e rimos. Os sinos soam alto — uma cacofonia de sons que se sobrepõem uns aos outros. Estamos tão perto que é difícil até decifrar os acordes. Os sinos tocam, tocam e tocam, e não fazemos nada a não ser rir. Damos gargalhadas até o som cessar de vez.

A distância entre nós desapareceu.

A calça jeans dele roça suavemente nas minhas pernas nuas. Estou sensível demais a meus movimentos, a meus nervos, a tudo. Todos os meus cinco sentidos estão no limite. Inclino a cabeça em direção à catedral.

— Esse foi o sinal de que chegou a hora de eu ir.

— Se importa se eu for com você? — pergunta Josh, aparentemente ansioso, como se estivesse tentando recuperar o fôlego. — Preciso comprar um pincel. Na Graphigro.

É uma loja que vende artigos de arte e que fica a alguns quarteirões do restaurante. Não sei se ele precisa mesmo de um pincel novo ou se é só uma desculpa para passar mais alguns minutos comigo. Seja como for, aceito a companhia.

Tudo que está acontecendo nesta noite tem sido surreal. Atravessamos outra ponte, a Pont d'Arcole, em direção à Rive Droite. O rio Sena exala um cheiro de metal e urina, mas até isso passa meio desapercebido. É como se a gente estivesse em uma bolha. O barulho que eu deveria estar escutando — dos carros, da correria dos pedestres, das obras — é abafado. Em vez de ouvir tudo isso, ouço meu coração batendo no peito. E o som dos passos firmes de Josh. E o som que sua calça jeans faz quando as pernas encostam uma na outra.

Me chama para sair. Entoo a frase em pensamento feito um mantra. *Me chama para sair, me chama para sair, me chama para sair.*

— O que você vai fazer neste fim de semana? — A frase irrompe da minha boca, com muito menos naturalidade do que eu desejava. — Digo, você não recebeu detenção, recebeu?

E pioro ainda mais as coisas.

Mas Josh olha para mim com um sorriso.

— A diretora me chamou na sala dela porque quer ter certeza de que começaremos este ano "do jeito certo". Mas eu não recebi detenção, não. Ainda não.

Não faço a menor ideia do que dizer em seguida.

— Na verdade, estou indo para Munique — diz ele.

Congelo, dou um passo em falso. Se é contra as regras da escola sair da cidade sem permissão, que dirá sair do *país*. Alguém esbarra nas minhas costas. Tropeço, e Josh estica o braço para me segurar, mas já consegui me recompor sozinha. A mão dele paira no espaço entre nós dois e, em seguida, volta para o bolso.

Eu meio que desejo que tivesse caído.

— Então, hum… Munique. Neste fim de semana?

Josh está me observando, se certificando de que estou bem.

— Sim. Oktoberfest.

Franzo o cenho.

— Em setembro?

— Pois é… a maior parte do festival acontece neste mês. Pegadinha, eu sei.

Ele sorri, deixando ligeiramente à mostra suas tentadoras covinhas. Estremeço.

— E quero visitar o maior número possível de países antes da formatura. Nunca fui à Alemanha.

— E você vai viajar sozinho?

Estou impressionada. Talvez até admirada.

— Sim. O trem sai amanhã de manhã.

Kurt aparece do outro lado da rua. Está olhando para o celular, provavelmente prestes a me mandar uma mensagem, porque estou um minuto atrasada. Eu o chamo. Ele tira o capuz e afasta o cabelo dos olhos, surpreso ao me ver com Josh.

Arrasto os pés na calçada.

— Bom, eu fico por aqui.

Josh dá um pequeno chute no meio-fio.

— Será que um dia desses… eu posso… jantar com vocês?

AimeuDeus!

— Que mal-educada eu sou!

Josh cai na gargalhada.

— Desculpa! Desculpa! Quer jantar com a gente? — pergunto.

Josh continua rindo.

— Eu estava brincando — diz ele.

— Por favor.

Seguro minha bússola com uma das mãos.

— Janta com a gente.

— Não, é sério, tudo bem. Eu preciso mesmo comprar um pincel para amanhã. Além disso… — Ele olha para Kurt. — Não quero impor nada.

— Mas você não está impondo nada.

Mas Josh já está dando meia-volta, se afastando. E continua me olhando.

— Vejo você daqui a alguns dias! — grita. — Curte o seu peixe cru!

— Curte o seu *schnitzel*!

Estou rindo da ironia inesperada nessas nossas palavras finais quando Kurt aparece atrás de mim. Ele franze a testa.

— Por que ele estava aqui? Como foi que *isso* aconteceu?

Josh se vira. Admiro suas costas largas enquanto as lâmpadas dos postes o iluminam, uma após a outra. Vou perdendo-o de vista aos poucos. Ele chega a uma curva da rua e olha para trás, depois ergue a mão e acena para mim. Retribuo o gesto, e ele desaparece.

— Não sei. — Estou perplexa. — Eu estava sozinha no meu quarto. E, de repente, ele apareceu lá.

É domingo — pouco antes de meia-noite — e estou jogada em minha cama lendo Joann Sfar quando ouço duas batidas na porta. Foram tão suaves que fico em dúvida se ouvi mesmo. Penso em Josh, mas logo desconsidero a possibilidade. Impossível. Kurt? Não, ele teria mandado uma mensagem. Talvez tenha sido brincadeira de algum engraçadinho; não seria a primeira.

Espero que digam algo.

Nada.

Decido voltar para meu livro, meio hesitante, quando ouço baterem de novo. *Toc-toc*.

Ainda estou com o livro de capa dura nas mãos, o que pode ser útil como arma, enquanto pulo da cama e caminho em direção à porta, na ponta dos pés.

— Quem é? — pergunto, sussurrando.

— Sou eu — diz a pessoa do outro lado. — Josh.

Ele acrescenta o nome porque ainda não percebeu que eu reconheceria a voz dele em qualquer lugar, em quaisquer circunstâncias. Já tive essa fantasia antes: meia-noite; ele; aqui.

Meu coração começa a bater mais rápido. Dou uma ajeitada no cabelo, que está todo desgrenhado e amassado, e inspiro o ar com calma. Não funciona. Giro a maçaneta devagar, mas minha mão está tremendo.

— Oi — diz ele.

Seu rosto está bem parecido com o meu, como se a bochecha dele, ou talvez a orelha, estivesse pressionada contra a madeira.

— Oi — respondo.

Josh se apoia no batente. Assim ele fica alguns centímetros mais baixo, o que deixa nosso olhar quase no mesmo nível. Ficamos nos olhando, em silêncio. De perto ele parece diferente. *Real*. Completo, de algum modo. Olho para o corredor. Está escuro e vazio. Essa fantasia é *definitivamente* familiar… até que ele me mostra uma caneca de chope.

Franzo a testa, mas no segundo seguinte me dou conta.

— Você foi! Foi mesmo.

Josh ergue a caneca simulando um brinde.

— Fui.

Esboço um sorriso.

— E como foi lá?

— Estava lotado. Muito barulho.

Ele parece esgotado.

— Um parque de diversões com playboys por todos os lados e pais bêbados tentando fugir dos filhos malcriados. Mike e Dave estariam no paraíso.

— Caraca. Tão ruim assim?

— Com certeza posso dizer que vou escolher um novo destino no próximo fim de semana.

— A Alemanha perdeu um fã.

Ele dá aquele sorriso com o cantinho da boca. Depois, estica a caneca em minha direção, e eu enfio o livro debaixo do braço para pegá-la. A caneca é feita de barro tradicional, pesado, chamativo, e entalhado com uma tampa pontiaguda de estanho.

Rio.

— Isso é muito, muito, muito ridículo.

— Todas são. E as que tinham nas barracas de chope eram ainda piores, de vidro e com uma logo muito malfeita da Oktoberfest. Pelo menos essa aqui tem uma espada. Está vendo esses pequenos cavaleiros em frente ao castelo bávaro? Foi a caneca mais *aventureira* que consegui encontrar.

E é então que percebo… é um presente. Josh comprou essa caneca para *mim*. De repente, a caneca se torna linda. Eu a aperto contra o peito.

— Obrigada.

Ele meneia a cabeça em direção a meu livro.

— E aí, é bom?

— É, sim. Pode pegar emprestado. Se quiser.

Josh abaixa a cabeça, olha para o tênis, ergue a cabeça e a abaixa de novo.

— Você sabe que eu gosto de você, não sabe? — pergunta ele.

Meu coração está batendo tão forte que provavelmente ele consegue escutar. Mas — pelo menos dessa vez — as palavras saem da minha boca com naturalidade:

— Então fica aqui no próximo fim de semana. Vamos sair.



capítulo oito

No dia seguinte, Josh não está na escola. Ele ainda tem mais três dias de "folga" por causa de um feriado que nem comemora. Queria poder fugir com ele, mas a ideia de perder uma aula importante ou de atrasar algum dever de casa me deixa apavorada. Mas entendo que as prioridades de Josh sejam outras — sua arte. Então, fico chocada quando, ao entrar na sala para a primeira aula de terça-feira, o vejo esparramado na carteira… cinco minutos antes de o sinal tocar.

Uma descarga de adrenalina acaba com qualquer resquício de sonolência da manhã que possa existir em meu corpo.

— O que está fazendo aqui? — pergunto.

Aperto o caderno contra o peito, radiante de tanta felicidade.

— O-oi. — Ele endireita o corpo na cadeira. — É uma longa história.

Arqueio as sobrancelhas.

— Talvez a diretora tenha suspeitado da quantidade de dias que faltei. Talvez ela tenha ligado para os meus pais. Talvez meus pais tenham confirmado que não comemoramos o Sucot.

Fico desolada.

— E talvez você tenha recebido uma maldita detenção.

Josh dá de ombros, confirmando minha suspeita.

— Que merda. Sinto muito.

Ele pousa as mãos na carteira.

— Para falar a verdade — diz, com a voz mais baixa, inclinando o corpo para a frente —, não foi tão ruim assim.

Franzo o cenho.

— Não?

Ele me encara. Por um bom tempo.

— Ah.

Desvio o olhar, sentindo prazer e vergonha ao mesmo tempo.

— Hum. Quanto tempo de detenção você pegou?

Josh volta a se esparramar na cadeira.

— Três semanas só, mas…

Ao escutar *isso*, volto a erguer a cabeça.

— Incluindo os sábados.

Ele dá de ombros de novo.

— Mas não tem problema, vou aproveitar para desenhar. Essa é a última advertência. Não demorou muito — acrescenta.

Meu coração para de bater. Praticamente.

— Última advertência? Isso quer dizer que na próxima você é *expulso*?

— Não tem nada de mais. De verdade.

Eu devo ter deixado transparecer meu pânico, porque logo ele se ajeita na carteira.

— Vamos chamar de "última" advertência mesmo. Não é a minha primeira.

Fico calada. Não sei como ele consegue ficar tão calmo.

— No ano passado, levei a "última advertência" no inverno uma vez, e depois na primavera. Então, já peguei duas. Essa é a terceira — explica.

— Bom…toma cuidado — peço, o que soa muito patético. — As folhas das árvores nem começaram a cair, e você não ia querer perder isso. Mesmo que seja *muito* mais bonito em Nova York…

— Pode deixar, vou tomar cuidado — declara ele, com a voz firme, depois sorri.

Brinco com uma mecha do cabelo.

A duas carteiras de distância, Emily Middlestone inclina o corpo para a frente. Ela está usando óculos escuros de marca que com certeza são falsos.

— Ei, seria muita burrice ser expulso no último ano do colégio — provoca ela.

Josh olha para ela com indiferença.

— Sim, Emily. *Seria* muita burrice.

Professeur Cole entra apressada na sala e para de repente.

— Estou atrasada? — pergunta ela a Josh.

Ele balança a cabeça uma única vez.

— Não.

— Que bom. Finalmente você aprendeu a chegar no horário — comenta ela, com um sorriso brincalhão.

Ela vai até sua mesa e eu vou para minha carteira. Que fica bem de frente para Josh.

Trocamos olhares mais descaradamente durante a semana, mas ainda há muita timidez entre nós, certo desconforto em olhar ou conversar por muito tempo. Nossa relação ainda precisa se firmar. A expectativa — em relação a *alguma coisa* — paira no ar. À noite, levo horas para pegar no sono. Coloco a caneca de chope em cima do frigobar, ao lado da cama, para poder observá-la do meu travesseiro. É a prova de que ele também está pensando em mim.

Josh não aparece em meu quarto. A detenção vai até o horário do jantar, e ele ainda não come no refeitório. Depois do jantar, visitas a alunos do sexo oposto são proibidas. Ele não quebra mais as regras e, ao que parece, não vai mais se arriscar vindo até aqui. Então continuo com minha rotina, faço as lições, estudo e tento não surtar e ficar analisando tudo o tempo todo. Kurt tem me olhado com uma cara não muito boa ultimamente.

Na quinta-feira, antes da nossa aula de ciências políticas, Josh vem falar comigo.

— Então. Sábado. Às seis da tarde termina a minha detenção. Se quiser me encontrar depois, em qualquer horário… — diz ele, depois de tirar a caneta de entre os dentes.

Paris é uma cidade que funciona vinte e quatro horas por dia. Sinto um frio na barriga como se houvesse mil agulhas perfurando meu abdômen.

— É?

Ele aponta a caneta para mim.

— Sabe que, como foi você que me convidou, é você que escolhe o lugar, né?

Seca. Garganta.

Garganta seca.

Parece que engoli um punhado de farinha.

Josh volta a levar a caneta à boca, mas logo em seguida a retira.

— Pode escolher qualquer lugar — diz, com um sorriso. — Vai receber um "sim" como resposta de qualquer jeito… Se isso ajudar.

Minhas bochechas ficam vermelhas. De novo.

Passo o resto da semana surtando, o que acaba me fazendo criar uma espécie de respeito pelos garotos. Foi Sébastien quem planejou e organizou a maior parte dos nossos encontros. É um trabalho difícil e que envolve muita pressão. Kurt me lembra que vai ser na Nuit Blanche. Noite Branca. Uma noite que nunca escurece. Todo mês de outubro, no primeiro sábado, os museus e as galerias ficam abertos para visitação até o amanhecer. A tradição começou em São Petersburgo, na Rússia, veio para cá e continua se espalhando por todo o mundo. Mas — e falo como alguém que conhece bem a decadência desse lugar — não há cidade melhor do que Paris para passar a noite fora.

Não sou a única a ficar com os olhos grudados no relógio. Precisamente às *vingt et une heures* — no exato momento em que o relógio do meu celular muda de 20h59 para 21h —, ouço um barulho que reconheço no mesmo instante: duas batidas suaves. Minhas terminações nervosas entram em choque. Ontem, combinei com Josh o *horário*, mas não disse para *onde* iríamos. Até porque nem eu sei ainda.

Três anos de ansiedade invadem meu corpo. E se eu estiver enganada? E se não for isso o que eu sempre quis?

Mas e se for?

Abro a porta.

Josh está incrivelmente sexy. É a primeira noite fria do outono, e ele está com um casaco de lã maravilhoso. A gola está virada para cima naquela pegada de autoconfiança e casualidade que só os artistas têm. Eu já o vi com esse casaco estilo "estou indo para um encontro", mas é a primeira vez que ele o usa para sair *comigo*.

— Vocêestáincrível.

Mas as palavras saem da boca dele, não da minha.

Estou com um vestido rodado, o cabelo solto e com mechas encaracoladas nas pontas. Na boca, batom vermelho. Maman me disse uma vez para sempre colocar a cor mais forte onde quero que as pessoas olhem. Mordo o lábio inferior.

— Obrigada. Você também.

Josh enfia as mãos nos bolsos. Ele ergue os ombros, claramente nervoso.

Minha respiração está entrecortada, como se eu não conseguisse inspirar oxigênio suficiente.

— Então, que tal irmos ao Pompidou? Tem uma exposição lá de um fotógrafo estranho da Finlândia. O cara parece ser meio pirado, acho que pode ser interessante, mas, sei lá, talvez seja uma ideia ridícula, podemos fazer outra coisa, se você quiser…

— Não.

Sinto minhas bochechas queimarem.

— Não?

— Eu quis dizer sim, vamos. Parece legal.

— Ah.

Engulo o ovo que estava preso na garganta.

— Ah, ótimo.

Há um longo silêncio. Josh dá um passo largo para o lado.

— Infelizmente, você vai ter que *sair* do seu quarto — brinca ele.

Solto uma risada, e parece que suguei gás hélio.

— Certo. Já faz um tempo que não passo por isso. Um encontro. Esqueci como funciona.

Fecho a porta, me remoendo por dentro de vergonha. Demos apenas dois passos no corredor quando minha porta — que parece a tampa daquelas caixinhas que quando você levanta a tampa salta um palhaço para fora — se abre de novo.

Josh sabe exatamente o que fazer e consegue por fim fechá-la.

— Nossa, cara. Quem será que foi o idiota que quebrou a fechadura da sua porta?

Dou uma risada. Agora autêntica e natural. E então, Josh diz a melhor coisa que poderia dizer:

— Tudo bem. Faz um tempo que não faço essas coisas também.

Meu sorriso triplica de tamanho.

Josh sorri também.

— Me dá a sua mão.

— O… o quê?

— Sua mão — repete. — Me dá a sua mão.

Estico a mão direita, que está tremendo, e, como se todos os meus sonhos tivessem se tornado realidade, Joshua Wasserstein entrelaça os dedos nos meus. Uma descarga de energia é disparada em minhas veias. E vai direto para o coração.

— Nossa. Esperei muito tempo para fazer isso — diz ele.

Não tanto quanto eu.



capítulo nove

O Centre Pompidou é um museu de arte moderna, uma construção enorme em formato de caixa que parece ter sido virada do avesso. A estrutura interna é exposta e há uma hierarquia de cores: verde para o encanamento; azul para o ar-condicionado; amarelo para energia elétrica; e vermelho para a segurança. As cores primárias e vibrantes colidem com a elegância nobre e cinzenta do resto da cidade. Por algum motivo, isso me faz gostar ainda mais do lugar.

Eu não me importaria de ir andando — o restaurante japonês a que vou com Kurt é bem na esquina, sem contar a Casa da Árvore —, mas Josh viu meu salto alto e me levou direto ao ponto de táxi mais próximo. Estou usando o sapato *mais alto* que tenho. Josh continua uns quinze centímetros mais alto do que eu, mas sei que consigo alcançar sua boca, caso ele me beije. Espero que ele tente.

O átrio do museu é prata e neon. Passamos pelo balcão de informações e damos as mãos de novo. Estão suadas. É o paraíso. Subimos as intermináveis escadas rolantes, cobertas por uma parede de vidro e aço. É possível ver as ruas iluminadas de Paris na linha do horizonte. Falamos sobre as coisas pequeninas e brilhantes que avistamos — pessoas, carros e catedrais, e até a Torre Eiffel —, mas não porque não temos nada mais interessante para conversar. A sensação é de que temos *muito* sobre o que conversar.

E por onde se começa quando se tem tanta coisa a dizer?

Acabamos de subir a escada nível quatro e passamos para a cinco, e fico um degrau acima de Josh. Nossos olhos estão na mesma altura. Rimos, nem sei bem por quê, e, então, ele segura minhas mãos e — de repente — começa a se aproximar.

É agora.

Josh hesita e se afasta. Inclino o corpo para a frente para mostrar que é o momento certo, que estou pronta, para dizer "sim, é agora, vamos fazer isso logo", e ele sorri de novo. Começamos a fechar os olhos, sinto o nariz dele roçando o meu e… *bzzz!*

Nos afastamos. O bolso dele toca de novo.

— Desculpa — diz ele, aturdido. — Desculpa.

Soltamos as mãos, e ele pega o celular para colocá-lo no modo silencioso. Josh solta uma gargalhada.

Meu coração está latejando.

— O que foi?

— Ele conseguiu um emprego. — Josh balança a cabeça. — Ele conseguiu.

Ele me mostra a tela do celular e a foto de um cara com o cabelo todo desgrenhado e um colete de poliéster sorrindo e fazendo um sinal de "V" com os dedos. É o melhor amigo de Josh, Étienne St. Clair.

Sorrio, apesar de não termos nos beijado.

— E onde é que o St. Clair vai estudar agora?

Por algum motivo que desconheço, o amigo de Josh é conhecido pelo sobrenome.

— Califórnia. Berkeley. Ele disse que era para trabalhar em um cinema, mas não acredito.

Josh balança a cabeça de novo enquanto pegamos a última escada.

— Ele nunca trabalhou um dia sequer na vida.

— E você, já? — pergunto, porque muitos dos alunos da nossa escola já têm alguma experiência profissional.

Josh franze o cenho. Ele fica envergonhado, e a resposta que sai de sua boca é uma confissão de uma única palavra:

— Não.

— Nem eu.

Nós dois carregamos a culpa por esse privilégio.

Josh olha para o celular novamente. Eu me aproximo e observo a foto de novo.

— Nossa, que uniforme horrível! Será que tem alguém no mundo que fica bem com poliéster marrom?

Ele abre um sorriso.

A escada chega ao fim. Josh digita uma resposta rápida, põe o telefone no modo silencioso e o guarda no bolso. Fico me perguntando se ele contou para St. Clair sobre o nosso encontro. Se sou uma novidade digna de ser contada para seu melhor amigo.

Seguimos em direção às galerias, mas a multidão no restaurante da cobertura nos impede de chegar até lá. As mesas foram retiradas, e um exército de modelos esqueléticas, com perucas crespas e brancas, batom branco e o rosto pintado com blush branco bem no estilo marionete fazem malabarismos com bandejas de champanhe por entre o enxame de corpos. Josh se vira para mim.

— Podemos?

— Por que não? — digo, tão cintilante quanto o champanhe. — Acredito que sim.

Nós nos enfiamos na multidão, e Josh pega duas taças da primeira bandeja que passa por nós. Somos os mais jovens aqui, por enquanto. Deve ser uma festa particular. A vibração das vozes entusiasmadas e a música bizarra e caleidoscópica torna o ambiente estranhamente barulhento para Paris.

— Isso aqui está parecendo ano-novo — grito.

Josh se abaixa para responder:

— Mas não o ano-novo verdadeiro. Está mais para aquelas festas cheias de frescura que a gente vê nos filmes. Sempre passo a virada do ano vendo TV sozinho no meu quarto.

— Isso! Eu também!

Josh me entrega uma das taças e meneia a cabeça em direção a uma das prateleiras gigantes e decoradas do restaurante. O barulho diminui um pouco. Eu ergo minha taça.

— Ao ano-novo? Ao nosso novo ano na escola?

Ele leva a mão ao peito, em um gesto de lamentação.

— Desculpa, mas eu simplesmente *não posso* fazer um brinde àquele lugar.

Sorrio.

— Ok, ok. Que tal, então… aos quadrinhos? A Joann Sfar?

— Proponho um brinde… — declara Josh, com uma seriedade brincalhona — …a novos *começos*.

— A novos começos!

— *E* a Joann Sfar.

Rio de novo.

— E a Joann Sfar.

Fazemos tim-tim com nossas taças e ele mantém os olhos vidrados em mim. Meu sorriso fica ainda mais largo, e malicioso.

— Há! Eu sabia! — digo.

— Sabia o quê?

— Você me olhou nos olhos enquanto brindávamos. Você finge que não se importa, mas se importa, sim. Eu sabia. É um excelente observador.

Tomo um gole triunfante do meu champanhe. As bolhinhas efervescentes fazem cócegas na ponta da língua, e eu sorrio com tanta intensidade que Josh cai na gargalhada.

Obrigada, França, por permitir que os adolescentes bebam álcool.

Bem, quer dizer, por permitir que maiores de dezoito anos tomem bebida alcoólica. Josh e eu estamos quase lá.

Ele acha graça.

— Como você sabe que eu não olhava para você simplesmente porque eu *queria* olhar para você?

— Aposto que você fala francês muito melhor do que aparenta, também. Você nunca fala na escola, mas tenho certeza de que é fluente. As pessoas podem se fazer de bobas quando bem querem, mas sempre acabam se entregando pelas atitudes. Em pequenos momentos, como esse.

Parece que as bolhas do champanhe dele vão parar no buraco errado. Josh tosse.

— Se fazer de bobo?

— É, isso mesmo. Estou certa, não estou? Você é fluente em francês.

Josh faz que não com a cabeça.

— Nem todo mundo cresce em uma família metade francesa.

— Mesmo assim, aposto que você sabe falar direitinho.

— Talvez sim, talvez não.

Ele acha graça de novo, ainda bem.

— Mas então, por que finge não saber das coisas?

Com os dedos, brinco com a haste da taça.

— Ou que não liga para nada?

— Mas eu *não* ligo. Para a maioria das coisas — acrescenta.

— Mas por que se faz de bobo?

Ele toma mais um gole de champanhe.

— Você faz perguntas bem difíceis para um primeiro encontro.

Sinto uma quentura percorrendo meu rosto e meu pescoço.

— Desculpa.

— Tudo bem. Gosto de garotas que me desafiam.

— Eu não quis desafi…

— Não desafiou.

Arqueio uma sobrancelha, e ele ri.

— É sério — afirma. — Gosto de garotas inteligentes.

Fico mais vermelha ainda e me pergunto se ele sabe que sou a melhor aluna da sala.

Nunca falei sobre isso, porque não quero que as pessoas me julguem. Mas a verdade é que a ex-namorada dele também era muito inteligente. Rashimi foi a oradora de sua turma no ano passado.

Josh diz mais alguma coisa, mas não consigo ouvir, porque o barulho no restaurante atingiu o volume máximo. Balanço a cabeça, fazendo que não entendi. Ele repete o que disse, mas ainda assim não o escuto, então ele pega minha mão e, entornando as últimas gotas de champanhe, nos espremememos por entre a multidão eufórica. Ele despeja nossas taças ruidosamente em uma bandeja vazia passando e, ofegantes e rindo muito, chegamos finalmente ao corredor.

— Bom. Conseguimos — diz ele.

Aponto para as galerias. Caminhamos de mãos dadas. Está tão frio que parece que estamos em um necrotério. Os ambientes com poucos móveis vão ficando cada vez mais estranhos: nos deparamos com objetos em miniatura que, para serem vistos, é preciso ficar de joelhos. Uma pequena embalagem de algum fast-food cheia de água. Uma coleção de bonecos com gizes de cera enfiados na bunda.

— Isso parece…

— Desconfortável? — acrescenta Josh.

— Eu ia dizer que parecem supositórios coloridos.

Josh ri alto, e uma senhora com os ombros envoltos em uma raposa morta olha para a gente. O animal foi tingido com um tom berrante de roxo.

— Foi assim que a raposa ficou dessa cor. Por causa do giz de cera. Colocaram um desses no traseiro dela — sussurra Josh em meu ouvido.

Cubro a boca para abafar o riso, mas é inútil. A mulher olha de novo, e saímos correndo para a próxima sala.

— Ai, meu Deus… Essas coisas aqui… não era o que eu esperava.

— Não me diga… — brinca Josh, sem conseguir parar de rir.

Balanço a cabeça.

— Eu queria ver coisas estranhas, mas talvez isso seja… estranho *demais*?

— Não tem problema. Estou com você. Fico feliz por estar com você, seja onde for.

Meu coração dispara.

— Eu também.

Josh aperta minha mão.

— Vem.

Ele me puxa para perto enquanto caminhamos, e nos chocamos um contra o outro. É incrível como ele é *firme*. Real. Músculo, pele e ossos.

— Ainda não vimos a exposição do finlandês que você queria ver. Será que está por aqui?

Encontramos a exposição escondida em um canto, no fundo do museu. Nas paredes estão coladas centenas, talvez milhares de fotografias granuladas e não emolduradas. Observamos mais de perto a foto de um saco amassado de batata chips. O artista rabiscou algo e colocou ao lado do objeto, como se fosse uma espécie de rótulo, antes de tirar a foto. A mensagem está em finlandês e há também uma data.

— Hum… — dizemos juntos.

Josh aponta para outra fotografia. É de um banco vazio, e há também um rótulo.

— Acho que ele registrou o dia a dia dele… Será?

Olho ao redor, procurando alguma identificação da obra em francês. Encontro-a ao lado da porta; vou até lá para ler.

— Esses objetos não são dele. São de uma mulher.

Josh solta um assovio.

— Não é à toa que parece o quarto de um *stalker*.

Ele se inclina para olhar melhor.

— Ah, merda! Olha essa aqui. Nossa, é merda mesmo! *De verdade*.

Eu me aproximo dele rapidamente.

— Como é que ele conseguiu fotografar o cocô dela?!

— Talvez ela tenha ido a algum banheiro público e ele foi atrás… Provavelmente ele ia tirar uma foto da privada e teve sorte… Talvez a descarga estivesse quebrada.

Solto uma risada estridente.

— Sabe, há muito tempo venho tentando fazer o mesmo com *você*, mas você só usa banheiros privados — brinco.

Faço um muxoxo e dou um empurrão nele, que sorri e me empurra de volta. Dou um gritinho quando a senhora da raposa roxa entra na sala. Ela nos *fuzila* com o olhar. Nós nos recompomos, tentando levar a exposição a sério, mas mal conseguimos conter as risadinhas enquanto nos esforçamos para nos concentrar na foto de uma lata vazia de Coca-Cola.

— A mulher por quem esse cara é obcecado é meio relaxada, não? — sussurra.

Cubro a boca com as mãos de novo.

— Uma bela de uma poooooorca.

— Para! — sussurro, chorando de tanto rir. — Ai, meu Deus, olha essa aqui! Como é que ele conseguiu fotografar as unhas do pé dela?

— Se você fosse minha namorada — diz ele, baixinho —, eu tiraria fotos medonhas do seu lixo sem que você soubesse.

— Se você fosse *minha* namorada, eu colocaria umas fotos bizarras suas em um museu de outro país, assim você não saberia que as tirei.

Josh deixa escapar um riso estridente, e a mulher se vira e fica batendo o pé, exatamente como um personagem de desenho animado. Era o que faltava. Josh e eu perdemos a linha e começamos a rir histericamente enquanto corremos até a saída, em direção às escadas rolantes.

— Se você fosse minha namorada — digo, ofegante —, eu arrancaria sua pele, pintaria de roxo e usaria como cachecol nessas festas de gente metida.

Josh para e se curva, gargalhando muito.

— Ferrou.

Ele enxuga as lágrimas dos olhos. Dois seguranças do museu, que estavam parados em um canto, começam a se aproximar de nós.

— Corre, corre, corre!

Saímos depressa pelo corredor, e os seguranças vêm atrás. Chegamos às escadas e, por algum motivo, eles desistem da gente. Depois de, sei lá, dez metros. Fazem uma cara feia enquanto desaparecemos da vista deles.

— Nem deram bola pra gente — comenta Josh, impressionado e empolgado. — E se roubarmos um quadro?

Eu rio, e ele, um degrau abaixo de mim, me observa. Radiante. A química entre nós é tão intensa que fica quase palpável. Ele pega uma de minhas mãos e vira a palma para cima, examinando-a. É muito menor que a dele.

— Se você fosse minha namorada, eu a roubaria dessa festa de gente fresca e a levaria para um lugar com menos frescura.

Repouso o polegar sobre uma mancha de tinta no dedo indicador dele.

— E se você fosse minha namorada, eu diria que conheço um lugar ótimo bem perto daqui.

Ele ergue a cabeça e as sobrancelhas.

Dou um sorriso.

— Se você fosse minha namorada… — declara, mas um barulho de explosão surge do lado de fora, e eu acabo me desconcentrando.

Fogos de artifício são detonados, formando chuveirinhos rosa, verdes, azuis, brancos e laranja. Os visitantes do museu que estão subindo as escadas vibram e aplaudem freneticamente, enquanto Josh e eu continuamos descendo.

— Se você fosse minha namorada… — continua Josh, pressionando o nariz contra o meu ouvido. Viro a cabeça, e as luzes, o barulho e as pessoas desaparecem. A distância entre nós desaparece.

Nosso beijo é tudo, menos tímido.

Seus lábios pressionam intensamente os meus, que retribuem da mesma forma. Nossas bocas se abrem. As línguas se encontram. Estamos sedentos, ávidos. Mesmo de olhos fechados, o contorno de seu corpo surge diante de mim, iluminado pelo espetáculo que acontece lá fora. Ilumina, escurece, ilumina, escurece. Ele tem gosto de champanhe. De desejo. Josh tem o gosto dos meus desejos mais profundos finalmente realizados.



capítulo dez

Na escada rolante, ainda estamos com as bocas grudadas uma na outra quando uma sucessão de coisas acontece: o queixo dele bate no meu nariz à medida que ele pisa no chão e volta a ficar mais alto do que eu; perco o equilíbrio, meu corpo pende para a frente, e, com isso, nos estatelamos no chão do museu.

— Merda! — Josh olha para mim com os olhos arregalados. — Merda!

Meu nariz está sangrando.

— Quebrou? Eu quebrei seu nariz?

Toco o nariz e faço uma careta de dor, mas balanço a cabeça e digo que não foi nada. Desço a barra do meu vestido para cobrir minhas coxas, que estão completamente expostas.

— Estou bem — digo, sem conseguir pronunciar os sons nasais. *Esfou fem*.

Josh me ajuda a levantar. Ele tateia o casaco, procurando desesperadamente por alguma coisa que possa parar o sangramento, mas não encontra nada. Um senhor que estava perto do balcão de informações e viu tudo retira da lapela um lencinho florido muito bonito e me entrega.

— *Merci* — digo ao homem.

Meu anjo da guarda. Mantenho o lenço pressionado contra o nariz por alguns segundos, e quando o retiro, parece que foi encontrado na cena de um crime.

— Não acredito, não acredito. — Josh não para de repetir isso para si mesmo. — Desculpa. Desculpa mesmo, *mesmo*.

— Está tudo bem! — digo, torcendo para ele compreender minha voz. — É só um nariz sangrando.

Estico o lenço na direção do homem, sem saber ao certo se ele vai querê-lo de volta ou não, e ele agita a mão no ar intensamente. *Tudobempodeficarcomele*. Agradeço novamente, e Josh me conduz até o banheiro mais próximo.

— É sério, estou bem — insisto.

Mas ele põe a mão na testa, aterrorizado, enquanto entro no banheiro e desapareço.

Hora de verificar o tamanho do estrago. Meu nariz continua sangrando, meu queixo está parecendo um tomate de tão vermelho e amanhã vou estar com um hematoma horrível. Será que pelo menos meu vestido continua limpo? Uma mulher linda com pele cor de ébano e bochechas bem-desenhadas sai de um dos banheiros e, com um suspiro assustado, pergunta em francês:

— O que aconteceu?

Imediatamente ela começa a retirar um saquinho de lenços da bolsa e o coloca em minhas mãos.

— Sempre ando com um pacotinho na bolsa, mas hoje… — retruco. — Que vergonha.

Só a primeira metade é mentira.

Pego um lenço do pacotinho e o pressiono cuidadosamente contra a ponta do meu nariz,

esperando o sangramento cessar. E espero. Espero. Digo à mulher que ela pode ir, que está tudo bem, porque é estranho ficar com uma desconhecida, ainda que bem-intencionada, olhando para mim por tanto tempo. Por fim, ela vai embora. No mesmo instante, escuto Josh perguntando a ela em francês e em tom de desespero — mas com uma pronúncia perfeita — se estou bem.

Arrá! Eu *sabia*.

Quando o sangue para de escorrer, reapareço, com um sorriso de orelha a orelha. Josh aperta as mãos.

— Isla, me desculpa. Tem certeza de que não quebrou?

Meu sorriso fica ainda mais escancarado.

— Não. É sério.

Josh parece mais aliviado agora, mas por pouco tempo. Ele franze a testa, confuso.

— *Un nouveau record. Combien de temps ça t'a pris? Une heure?* — digo. Um novo recorde. Quanto tempo levou? Uma hora?

Josh estreita os olhos. Ele percebe que eu o peguei falando francês, embora lá em cima tenha deixado meio que subentendido que não falava.

— *Au moins quatre-vingt-dix minutes* — admite, contra a própria vontade. Pelo menos noventa minutos. Levei todo esse tempo para descobrir a verdade.

Eu o encaro. Por um bom tempo.

Josh balança a cabeça, achando graça.

Esboço um sorriso — meigo, dessa vez —, para que ele saiba que seu segredo está muito bem guardado. Ele esfrega a nuca.

— Acho que você não quer mais me mostrar aquele outro lugar, não é? Aquele, com menos frescura, para continuarmos de onde paramos?

— Não sei — brinco. — É um lugar secreto. Posso confiar em você?

— Sou ótimo em guardar segredos.

Dou um cutucão nele, de leve.

— Sei que é.

Está frio e ventando do lado de fora, o que me deixa ainda mais impetuosa. Não sei se vou conseguir contar para Kurt o que estou prestes a fazer e se isso seria algum tipo de quebra de código em nossa amizade. Provavelmente é. Mas não ligo.

Caminhamos, apressados e radiantes, pelos próximos quatro quarteirões, o frio na barriga aumentando a cada minuto. Viramos à esquerda na Rue Chapon e vamos até uma casa pintada de um branco já meio desgastado e com venezianas vermelhas. Paro na entrada, diante do porteiro eletrônico. Josh parece surpreso, até mesmo chocado.

— Não me diga que você tem um *apartamento*.

Digito o código e a porta se abre. Lanço para ele um sorriso de cumplicidade.

— Entre.

— Achei que estávamos indo para um bar, uma boate, alguma coisa assim. O que será que vou encontrar aí? Um lobisomem? O bicho-papão? O homem do saco?

Franzo o cenho.

— É… A piada não teve graça, não é? — diz Josh.

Subo as escadas, rindo comigo mesma, e ele vem atrás de mim, em silêncio. Depois de

subirmos vários andares, Josh me lança um olhar curioso.

— Um pouco mais — digo.

Continuamos subindo as escadas em espiral até que chegamos. Josh encara a porta roxa com um capacho com estampa de onça. Está visivelmente nervoso.

— Não é essa.

Eu o levo até um canto escondido, onde há uma segunda porta.

— É *esta*.

Ele mexe na maçaneta e vê que a porta está trancada. Retiro a chave mestra do fundo da bolsa. É de aço, pesada.

— Sabe, se você não fosse pequenininha, linda e tivesse essa carinha angelical, eu sairia correndo agora mesmo. Isso está parecendo algo que aconteceria em um filme pornô sadomasoquista — confessa.

— Jamais confie em uma garota com uma carinha angelical.

Balanço a chave na frente dele, mas meu coração começa a acelerar. *Ele disse que sou linda*. Viro a chave, a fechadura faz um ruído e a porta se abre.

Josh aperta os olhos para poder enxergar em meio à escuridão.

— Ah. Mais escadas, claro.

— É o último lance, prometo.

Entro, e ele me segue. Faço um gesto pedindo para ele fechar a porta. Estamos envolvidos por uma total escuridão.

— Espere aqui — sussurro.

— Vai pegar um machado?

— Algemas.

— Meio sádico. Mas tudo bem, prometo que vou tentar.

Subo o último lance de escadas rindo. Os degraus são bambos, esburacados e íngremes, então tomo cuidado. Ergo um dos braços até meus dedos tocarem o alçapão. Giro a chave mais uma vez na fechadura, dou um solavanco com a mão e ele se abre. A escada fica iluminada. Josh olha para mim, banhado pela luz das estrelas, deslumbrado.

Ele sobe até o terraço, admirado e em silêncio. Fecho a porta do alçapão. Nos vemos cercados por uma paisagem urbana e cintilante.

— Dá para ver tudo daqui — diz ele.

É a primeira vez que o vejo assim, maravilhado. O rio sinuoso, as catedrais caindo aos pedaços, os palácios gigantescos. Sim, dá para ver absolutamente *tudo* daqui. A vista é melhor do que a do Pompidou. A Cidade Luz pulsa, cheia de vida, e as festas da Nuit Blanche estão a pleno vapor.

— Bem-vindo à Casa da Árvore — digo, com um orgulho exultante. — Nunca tive uma casa na árvore de verdade, mas esta aqui é uma bela substituta. A única parte que pede imaginação é a árvore.

— Não consigo acreditar. É sua?

— É da minha tia. *Tante* Juliette mora no apartamento da porta roxa. Eu brincava aqui quando criança. Há uns dois anos, quando eu estava no segundo ano do ensino médio, ela me deu a chave. Kurt e eu precisamos de um lugar para… fugir.

Josh observa o espaço cuidadosamente, analisando cada pedaço. A sacada é quadrada,

confortável e abarrotada com diferentes objetos usados: uma escada de madeira, duas cadeiras de vime que não combinam uma com a outra, um vaso de barro coberto de lodo com uma pequena roseira, pilhas de pedras arredondadas, um espelho rachado com uma moldura dourada, uma porção de garrafas verdes de refrigerante, um baú com a fechadura quebrada e a cabeça de um cavalo branco de carrossel. Tudo apoiado em uma parede baixa de concreto.

— Pegamos tudo isso na rua. Kurt e eu estabelecemos que nada em nossa *décor* — pronuncio essa última palavra meio debochando, meio falando sério — pode ser comprado.

Josh se agacha e, delicadamente, toca a crina do cavalo.

— E as pessoas largam essas coisas nas ruas?

— Na frente das casas. Deixam lá para o lixeiro levar.

— E este aqui? — pergunta, apontando para uma tigela de porcelana lascada que está cheia de água fresca até o topo.

— É para o Jacque. Um gato de rua que às vezes fica aqui com a gente.

Josh balança a cabeça, surpreso.

— Isso… é incrível. Você deve trazer todos os seus *amantes* para cá.

É uma provocação, eu sei, mas quando ele volta a ficar de pé, sinto que há um quê de verdade em seu comentário.

— Só tive um até agora. E, não, ele nunca veio aqui. — Eu me abaixo para retirar um cobertor liso e espesso do baú. — Tá legal. Eu menti.

— Então você trouxe algum namorado para cá?

Abro o cobertor no ar e dou uma risada.

— Não. Eu trouxe isto aqui. Este é o único objeto que não encontrei na rua.

Josh solta um suspiro quase imperceptível, mas visivelmente aliviado, o que me faz sorrir. Coloco o cobertor no chão e nós nos sentamos e cruzamos as pernas, olhando um para o outro.

— E aí, me fala sobre ele. Me diz de quem é que devo sentir ciúmes — pede Josh.

— Bom… Ele se chama Jacque. É desse tamanhinho e tem as patinhas mais *deliciosas* que já vi — respondo.

— Ah, para.

— Ah, não foi nada sério, na verdade. Não é como se tivéssemos ficado juntos por dois anos — digo, fazendo uma referência ao namoro dele com Rashimi.

— Ai. Não gosto nem de lembrar.

Depois de alguns segundos, Josh cutuca meu joelho.

— Continua.

Suspiro.

— Ele se chama Sébastien. É francês e estuda em uma escola que fica a dez minutos da nossa. Foi minha *tia* quem nos apresentou.

— Hum, entendi. — Josh faz uma careta. — A mesma tia que mora no andar de baixo?

— Essa mesma. Tante Juliette é amiga da maman dele, e elas nos convidaram para um brunch no ano passado. Não sabíamos um do outro. Foi bem constrangedor. Mas, por mais estranho que pareça… deu certo. Namoramos em segredo por alguns meses.

— Em segredo?

— Não queríamos contar para nossas famílias que o plano deles tinha dado

certo. — Dou um sorrisinho. — Então não contamos.

— E alguém mais sabia?

— Claro. O Kurt. E os amigos do Sébastien.

— E então… o que aconteceu?

Olho para baixo.

— Acabei descobrindo que ele não era um cara legal. Não gostava do Kurt.

— Sinto muito.

Josh faz uma careta de novo.

— E vocês estavam namorando sério? Tipo, sério mesmo?

— Você quer saber se fizemos sexo, não é?

Josh fica atordoado com a naturalidade com que faço a pergunta e depois abaixa a cabeça, envergonhado.

— Sim — respondo.

Ele tenta esconder a surpresa. De novo. Acho que todos na escola pensam que sou virgem — isso se não estiverem pensando que eu e meu melhor amigo damos uns amassos.

— Mas nunca namoramos sério mesmo — explico. — Quando se recebe uma educação em parte francesa, o sexo não é um grande tabu. E, sim, é claro que é preciso tomar cuidado e se proteger, blá-blá-blá, mas não tem aquele lance puritano dos americanos de oito ou oitenta. Mas, sabe, Sébastien foi o único. Não quero que me leve a mal…

— Não. — Ele faz que não com a cabeça na mesma hora. — Eu sei.

Há uma longa pausa.

— E você? — pergunto.

— A mesma coisa. Só uma pessoa.

Está ventando bastante, e eu esfrego meus braços descobertos para me aquecer.

— Mas você a amava.

— Eu pensei que amasse. — Josh observa a paisagem. — E aí eu descobri que não amava, e ela sabia que também não me amava, mas ficamos juntos porque… não sei bem por quê. Talvez porque a gente pensasse que *deveríamos* estar apaixonados. Pelo menos era o que eu achava. Eu queria me apaixonar.

Ele olha para mim.

— Alguma vez você já se apaixonou por alguém? — pergunta ele.

— Não.

Sim, por você.

Avistamos uma moto passando na rua. Ficamos escutando o ruído até que o som rouco do motor desaparece aos poucos. Josh olha para mim.

— Você está tremendo — diz ele.

— Ah, estou bem. Gosto do frio.

Mas ele já está ajoelhado, tirando o casaco. Ele o coloca sobre meus ombros, e o peso do casaco me impressiona, de inúmeras formas.

Meu corpo estremece de desejo. O casaco tem um cheiro cítrico misturado com tinta. O cheiro *dele*.

— Eu vi você na noite seguinte — diz ele.

— Hã? — Arregalo os olhos. — Que noite?

— No verão passado. Voltei à cafeteria à meia-noite no dia seguinte, e vi você lá. Sei

que foi um tiro no escuro, mas… tive a sensação de que você poderia estar lá. E estava mesmo.

Sei como é isso. *Senti* isso.

— E por que eu não vi você?

— Eu não cheguei a entrar. Vi você pela janela com o…

— Com o Kurt — completo.

— Então, continuei andando. Me senti um idiota. Se pelo menos eu soubesse… *Quem me dera saber*. Você foi tão engraçada e deu em cima de mim e…

— *Dei em cima de você??*

— Sim — responde ele, com um risinho maroto. — Deu para perceber que você estava a fim de mim.

— AimeuDeus!

Fico horrorizada.

— Não, para! Foi bonitinho. Pode acreditar, foi muito bonitinho. Mesmo.

— Aham, claro. Quero me matar agora, obrigada.

— Não, é sério. Eu sempre gostei de você, mas achei que você não gostasse de mim. Você nunca conversou comigo. Então nunca pensei que houvesse qualquer possibilidade de rolar alguma coisa, e depois comecei a namorar a Rashimi, e foi isso. Mas, naquele dia, percebi que você era tímida, só isso.

Espera. Volta, volta, volta.

— Você sempre gostou de mim?

— Uma garota sexy, inteligente e que lê quadrinhos? Está brincando? É óbvio que você estava na minha mira.

Sexy. Fui promovida a sexy. Ninguém nunca me chamou de sexy. Meiga? Sim. Simpática? Sim, muitas vezes, o que me fazia querer socar a cara da pessoa. Eu nem sabia que uma garota baixinha podia ser *sexy*. Achei que eu estava fadada ao status de duende-anã-criança para sempre.

— Ah, nada mais sexy do que um nariz sangrando… — digo, e aperto o casaco dele ainda mais contra o corpo.

Josh cobre o rosto com as mãos e solta um gemido.

— Não consigo acreditar que fiz isso.

— Eu acredito que as verdadeiras culpadas são as leis da física.

— E do meu queixo.

Rio.

— Mas, tirando essa parte, todo o resto foi ótimo, não foi? Sério, tivemos *fogos de artifício* de verdade. Sabe aqueles beijos de cinema, algo meio "e foram felizes para sempre"?

— Se eu não tivesse estragado tudo…

— Sabe como é… sempre há uma segunda chance.

Ele ergue a cabeça.

— Para soltar fogos de artifício?

— Não. Para um segundo primeiro beijo.

— Acho que chamam isso de segundo beijo, não?

Bato meus joelhos nos dele.

— Sério que vai me fazer pedir de novo? — pergunto.

— Hum… Não.

No mesmo instante, Josh aproxima o corpo do meu.

— A menos que…

Eu o afasto.

— Tem certeza? Porque… e se você não quiser?

Ele sorri.

— Você vai mesmo estragar o nosso segundo primeiro beijo?

— Eu só… queria ter certeza.

— Eu tenho certeza — diz, mas logo depois para, hesitante. — Espera. E *você*? Tem certeza?

— É claro que tenho.

— Ótimo. Então nós dois temos certeza.

Josh sorri de novo e repousa as mãos em meu rosto, uma de cada lado. Seus dedos estão frios, mas mesmo assim me aquecem quando tocam minha pele. Ficamos nos olhando por um longo tempo. O sorriso de Josh desvanece e então devagar, ele se aproxima… e me beija.

É um beijo doce, os lábios ligeiramente entreabertos. Suave.

Josh recua um pouco. Ele observa minha testa, depois as bochechas, as orelhas, o nariz e os lábios.

— O que está fazendo? — pergunto.

— Queria saber como você é bem de perto.

— *Ah* — digo, e sai quase como um suspiro.

— Você tem sardas nas pálpebras — comenta.

Fecho os olhos, e ele beija minhas pálpebras — um beijo delicado em cada uma. Depois, seu nariz desce até encostar no meu, e sua boca fica bem próxima da minha. Coloco os braços ao redor de sua nuca. Nossos lábios se tocam com mais desejo. Mais ousadia. Nos beijamos até não poder mais, e dessa vez é pra valer. Ele escorrega as mãos por debaixo do casaco e envolve minha cintura.

Nos jogamos no cobertor.

Nossos dedos afundam no cabelo um do outro, sinto a respiração dele em meu pescoço. Eu queria que o mundo nos engolisse aqui, agora, por inteiro, nesse exato momento. E é aí que a ficha cai, que me dou conta de que isso — *isso* — é se apaixonar.



capítulo onze

Nós nos beijamos nas escadas, nas ruas da Rive Droite, na ponte do rio Sena, nas ruas da Rive Gauche; nos beijamos até ficarmos com a boca dolorida, dormente. É tudo tão intenso que nem percebo que meus pés estão cheios de bolhas. Só me dou conta a alguns quarteirões da escola; tiro os sapatos ao me sentar na escadaria da Saint-Étienne-du-Mont, uma igreja que fica em frente ao Panthéon, e solto um suspiro de alívio.

— Bolhas e um nariz sangrando — diz Josh enquanto se senta ao meu lado. — Isso que eu chamo de um encontro perfeito.

Sorrio e o beijo de novo.

— Esses sapatos são assassinos — comenta ele.

Mexo os pés, vermelhos.

— Talvez sejam um *pouquinho* exagerados — digo.

— Seus saltos geralmente são altos demais. Todo mundo sabe que você é baixinha, Isla. Não é, tipo, segredo para ninguém.

— Shhhhh!

— Gosto que você seja pequenininha, sabe por quê? Porque eu poderia carregar você no bolso para qualquer lugar.

Eu o empurro de leve com o ombro.

— Eu falei shhhhh!

— E, se algum dia a gente viajar junto, nas férias, você pode se sentar no meu colo para não pagar a passagem.

Empurro Josh com mais força ainda, e ele ri, tentando me puxar para trás; sou mais rápida, e ele perde o equilíbrio e ri ainda mais. Estou rindo muito também.

— Bem-feito! — brinco.

— E agora vou pagar pelos meus pecados.

Josh se levanta e fica de costas para mim.

— Sobe.

— Hã?

— Não dá para você andar com esses sapatos, e o chão da rua está cheio de cacos de vidro.

— Espera aí. Você vai me *carregar nos ombros*?

Ele bufa e finge que está irritado.

— Dá para você subir aí logo?

— Só porque sou baixinha não significa que não seja pesada.

— E só porque sou magro não significa que não posso carregar uma baixinha nas costas. Você pesa quanto? Cinquenta e um?

— Sim — respondo, surpresa ao ver que ele acertou o número em cheio. — E você?

— Sessenta e um. Por aí.

— Fraquinho.

Ele olha para mim de relance e sorri.

— Sobe.

Fico parada, com os sapatos na mão.

— Tá legal. Foi você quem pediu.

Josh agacha, e eu subo nas costas dele. É como tentar subir em um cavalo puro-sangue. Ele ajeita o corpo, me ergue um pouco acima da cintura e eu abraço os ombros dele. Suas mãos ficam embaixo de meu vestido, segurando minhas coxas.

— Ah… entendi tudo… Foi um truque.

Josh começa a caminhar em direção ao colégio.

— Um truque?

— Para enfiar a mão debaixo do meu vestido logo no primeiro encontro.

No mesmo instante, sinto a nuca dele esquentar.

— Juro que não foi por causa disso.

— Aham.

O pescoço dele fica ainda mais quente. Inspiro seu perfume o máximo que posso, delirante de felicidade. A distância, Paris continua uma festa, mas a região em torno do colégio está silenciosa — a única coisa que se ouve são os passos de Josh.

— Sabe o meu amigo, St. Clair? — pergunta Josh depois de alguns minutos. — Ele é um pouquinho mais alto do que você, e a namorada dele, a Anna, é mais alta do que ele.

— Kurt só gosta de garotas altas. Talvez venha daí a minha paranoia de que todos os caras preferem garotas que conseguem alcançar a boca deles sem dificuldade.

É estranho confessar isso assim, em voz alta.

— Eu gostaria de ressaltar que nós não tivemos o menor problema em alcançar a boca um do outro — comenta ele, e sei que está sorrindo ao falar isso.

Sorrio também.

Josh caminha pelos próximos quarteirões em silêncio. Infelizmente, não é nada *confortável* ficar nessa posição e, a julgar pela dificuldade com que ele está respirando, também não é nada confortável me carregar. Mesmo assim, ele me leva nos ombros até o dormitório do colégio; passamos pelo saguão vazio e vamos até meu quarto. É estranho quando desço: tanto eu quanto ele estamos com o corpo meio dolorido, mas não ligamos. Nossos lábios se encontram novamente. Josh, mesmo ofegante, pressiona meu corpo contra a porta, que se abre. Desmoronamos no meu quarto.

Kurt, na minha cama, observa a cena, surpreso.

— Você realmente precisa mandar consertar essa porta.

Domingo é o único dia em que Josh é liberado da detenção, e ele me manda uma mensagem assim que acordo. Que bom que trocamos telefones. Aperto o celular contra o peito e rolo pela cama.

— Lá vem — murmura Kurt.

— Ele disse *bom dia*.

— Já é de tarde. Avisa que ele errou.

Respondo a mensagem com um bom-dia e sugiro que ele peça à diretora para liberá-lo no sábado que vem. Afinal de contas, é o sabá *dele*. Termino com um emoticon dando uma

piscadinha. Josh responde de volta com vários pontos de exclamação seguidos de um "COMO EU NÃO PENSEI NISSO ANTES?".

Abraço Kurt.

— Ele gosta de mim. Ele gosta de miiiiiiiim!

— Dã! — diz ele, mas me abraça também. — Me perdi nessa parte da história.

— Eu também!

Ontem à noite, violamos as regras da escola. Nate saiu para a Nuit Blanche, então Kurt decidiu ficar no meu quarto, o que foi maravilhoso, porque, com isso, pude contar cada segundo da noite nos mínimos detalhes. Kurt teve que me mandar calar a boca.

Kurt arregala os olhos.

— Seu nariz está roxo.

Pulo da cama e corro até o espelho. Merda! Toco meu nariz bem de leve, mas mesmo assim solto um resmungo de dor.

— Bom, pelo menos é uma prova de que a noite de ontem foi real.

Mas a cabeça de Kurt já está no dia de hoje.

— Tenho que entregar aquele trabalho de história amanhã e você precisa estudar para a prova de matemática. Quer estudar aqui ou no meu quarto? — pergunta ele, com um sorrisinho dissimulado.

O quarto dele é nojento, e eu me recuso a ficar lá. Higiene (no quarto, na mochila e na aparência) nunca foi muito o forte de Kurt.

Inclino mais o corpo e me aproximo do espelho.

— Sei lá. Josh e eu não combinamos nada ainda, mas meio que ficou subentendido que nos encontraríamos.

Kurt pula da cama e coloca o capuz.

— Que saco.

— Você é um saco.

— Já estava indo pegar seu café. Estou bem longe de ser um saco.

Ele sai e bate a porta. Espero até ela se abrir de novo, mas (pelo menos dessa vez) ela não abre. Kurt chuta a porta, volta a abri-la e rimos juntos.

— Volto daqui a dez minutos — avisa.

Todo domingo, comemos a baguete fresca de uma padaria que fica a duas ruas do colégio. Pego na gaveta um pote de Nutella, uma faca, duas canecas verdes velhas e ligamos a chaleira elétrica. Uma colher de sopa de café solúvel — de uma marca americana e que tem um gosto muito ruim, mas é a favorita de Kurt — é despejada em cada caneca. Volto a me olhar no espelho. Meu nariz está parecendo uma beringela. Mesmo com uma camada generosa de corretivo, a prova de nosso encontro vai durar pelo menos uma semana.

Kurt retorna no momento em que a chaleira *apita*. Nossa rotina é meticulosamente orquestrada. Ele está colocando água nas canecas quando ouvimos duas batidas de leve na porta. Tenho um sobressalto no mesmo instante. Fico mais desperta do que com cafeína. Kurt olha para mim confuso, como se dissesse: *Já estou aqui. Quem é?*

— Eu até poderia entrar direto — brinca Josh —, mas não vou, porque não quero parecer folgado. E você pode estar se vestindo, então isso seria…

— Ela está vestida — diz Kurt. — Entra.

Escancaro a porta antes que Josh pense alguma besteira.

— Oi! — cumprimenta ele, e um silêncio estranho toma conta do ambiente. — Humm… você não está deixando mais a porta aberta?

Dou um tapa na testa.

— A gente esqueceu! Não acredito que a gente esqueceu.

Kurt empurra meu livro de física com o pé e eu o enfio debaixo da porta.

— Nate saiu ontem à noite, então fiquei por aqui — explica Kurt.

Josh cruza os braços e entra no quarto, desconfiado.

— Você dormiu aqui? — pergunta ele a Kurt.

— Sim — responde meu amigo.

Fico tensa, e tento sorrir para deixar o clima menos pesado.

— Sei que parece meio clichê, mas *realmente* não é o que parece.

Josh descruza os braços.

— É, eu sei.

Ele balança a cabeça e começa a cruzar os braços de novo, mas desiste e enfia as mãos nos bolsos.

— Eu deveria ter ligado. Achei que talvez você quisesse tomar café em algum lugar… almoçar… Sei lá. Volto depois…

— Não! Toma café com a gente. Temos pão e um café horrível. Que tal? Hein, hein?

— Falando assim, eu não resisto… — diz ele, irônico.

Meu sorriso desvanece.

— Ah, vai… Fica.

Josh sorri, finalmente.

— Tudo bem. Mas só porque estou com muita pena de você. Tá na cara que algum bandido deu um soco na sua cara ontem à noite.

— É incrível o que um queixo é capaz de fazer.

Da cama, Kurt nos observa como se tivesse se deparado com duas criaturas selvagens em seu habitat natural.

Josh fica preocupado.

— Desculpa mais uma vez. Está doendo muito?

— Para de pedir desculpa — digo, com um sorriso de orelha a orelha, enquanto coloco uma colher de pó de café na caneca da Oktoberfest. — Só tenho duas canecas. Desculpa.

Josh se senta na cadeira da escrivaninha.

— Agora é a sua vez de parar de pedir desculpas.

Coloco água quente na caneca e a entrego a ele, que sorri. Eu me sento ao lado de Kurt, divido minha baguete e dou uma metade para Josh. Ele recusa, mas insisto e ele cede. Estamos prestes a entrar novamente em um momento de silêncio constrangedor.

Fico aliviada quando Josh se vira para Kurt e diz:

— Sabe, tem uma coisa que sempre me deixou curioso. Uma vez, vi seu nome em uma lista na sala da diretora. Seu nome *completo*.

Kurt dá um suspiro. Profundo.

— Nasci uma semana antes do Kurt Cobain morrer. Meus pais eram amigos dele, então me deram este nome para homenageá-lo.

Josh fica paralisado, a faca lambuzada de Nutella suspensa no ar.

— Eles eram *amigos* dele?

— Meu pai é o Scott Bacon. Era guitarrista da Dreck.

— Aquela banda grunge do início dos anos 1990 — acrescento. — É deles aquela música famosa, "No One Saw Me".

— Sei. — Josh confirma com a cabeça. — Sei quem são eles.

— Graças a essa música, ele ficou rico e famoso, o que chamou a atenção da minha mãe. Ela era modelo aqui em Paris — conta Kurt, com a maior naturalidade.

Josh congela de novo.

Sempre me surpreendo com a reação das pessoas quando descobrem quem são os pais de Kurt. É como se ele tivesse que pertencer a uma família de neurocirurgiões ou de engenheiros espaciais, mas a verdade é que, por baixo desse cabelo desgrenhado e das roupas amassadas, Kurt é um garoto bonito. Muitas pessoas acham que ele é um atleta ou algo do tipo, porque é alto, forte e musculoso. Mas ele só está tão em forma porque odeia o transporte público e vai a todos os lugares a pé. Fico me perguntando se o físico dele foi um dos motivos que levou Josh a achar que fôssemos namorados.

— Mas a mãe do Kurt não ficou com o pai dele por interesse, o relacionamento deles não é assim — explico. — Ela tem o dinheiro dela. Os dois se casaram por amor e estão juntos até hoje.

Josh dá uma bela de uma mordida no pão e fala, com a boca cheia:

— Não acredito que eles conheceram o Kurt Cobain. Que maneiro!

Eu costumava observar Josh comendo no refeitório, e ele sempre foi muito espalhafatoso. Fico estranhamente satisfeita em ver esse hábito peculiar de perto. Talvez porque me lembre o Josh que os amigos conhecem: o Josh despreocupado, irreverente, que se sente à vontade. Ou talvez porque isso me lembra Kurt, e com Kurt me sinto segura.

— Não. É um saco. Tenho o nome de um cara que cometeu suicídio. Além disso, as pessoas acham que sou fanático pelo Nirvana, o que não tem a menor lógica, porque não fui eu quem escolhi meu nome.

— E você gosta? Do Nirvana? — indaga Josh.

— Não. Podemos trocar nossos nomes, se você quiser.

— Kurt Cobain Wasserstein — diz Josh devagar e sorrindo. — Não. Não soa muito legal.

— Kurt *Donald* Cobain Wasserstein. Não se esqueça do nome do meio dele. Eu nunca esqueço.

— O que o transformaria em… Joshua Elvis Aron Presley Bacon.

Kurt está impressionado.

— É sério? Seu nome do meio é esse?

Josh está com uma expressão séria no rosto, o que me faz soltar uma risadinha.

— Isla, é sério? — pergunta Kurt, mas logo depois olha para mim e entende tudo. — Ah. Tudo bem. Vocês só estavam….

E é então que um momento perfeito acontece: Kurt endireita o corpo e dá um sorrisinho. Josh aponta o dedo indicador para ele.

— Não, você *não* vai dizer isso…

— Você só estavam… *joshando* com a minha cara — brinca Kurt, fazendo uma referência ao significado em inglês do verbo "josh", que quer dizer brincar, fazer piada.

Josh leva a mão ao peito, perplexo, enquanto Kurt gargalha. Meu coração se enche de

alegria. Josh balança a cabeça, achando graça.

— Só vou deixar essa passar porque estou tentando impressionar sua amiga aqui, tá? Mas o meu nome do meio é David.

Kurt pondera por alguns segundos e diz:

— Ok. Justo.

Josh toma um gole do café.

— Nossa! Você não estava brincando. Isso aqui é péssimo.

— E aí, como vamos chamar a Isla? — pergunta Kurt.

Josh me observa com atenção. Ele olha fundo nos meus olhos enquanto eu penso: "David". O nome do meio dele é *David*. Graças às noites em claro que passei na Wikipédia, sei que esse também é o nome do meio do pai dele.

— Isla é um bom nome. O nome certo — diz ele, por fim.

Kurt não se dá por vencido:

— Bom, não sei se você sabe… mas o nome dela também não foi escolhido por acaso.

— Não se atreva — digo, repreendendo Kurt.

Josh inclina o corpo para a frente, os olhos brilhando.

— Conta.

— Príncipe Eduardo. Ilha — diz Kurt.

Há uma pausa longa. Então suspiro e digo:

— Sim, meus pais fizeram essa besteira comigo e com as minhas irmãs. Foi lá que eu nasci, na Ilha do Príncipe Eduardo.

Mais uma pausa.

— Não acredito — diz Josh.

— Infelizmente, é verdade. O nome da Geneviève foi inspirado na padroeira de Paris. "Hattie" é abreviação de Manhattan e, sim… A Ilha do Príncipe Eduardo. Meus pais estavam passando férias lá. Olha, até acho que tenho que agradecer por meu nome não ser Príncipe nem Eduardo, mas escolher Isla porque "ilha" em inglês é "island" e porque estavam lá quando eu nasci? Sério. Eles a*cabaram* comigo.

O riso de Josh e Kurt é interrompido pelo barulho da porta que dá acesso ao saguão se abrindo. Um bando de garotas passa em frente ao meu quarto e olha para a gente; elas ficam surpresas com o que veem. Escuto murmurarem meu nome, acompanhado de risadinhas que de inocentes não têm nada.

— Então… — diz Josh, olhando para mim. — Eu quase já tinha esquecido como esse quarto é chato. Essas escadas aí em frente me irritavam muito.

— Não gosto da janela — comenta Kurt.

— É sério. Essas grades fazem o quarto parecer uma cela. O barulho do trânsito… Você se lembra daquele cantor de ópera que cantava lá fora?

— E aí, o que você vai fazer hoje? — pergunto, ignorando as garotas.

Minha pergunta pega Josh de surpresa.

— Hum… trabalhar. Desenhar. Ficar sozinho… no meu quarto. No andar de cima?

— Ah, legal! — digo, tentando disfarçar a decepção.

Como fui ingênua por achar que sairíamos hoje. É claro que ele está ocupado.

— Vamos ficar por aqui mesmo. Fazendo o dever de casa. Como sempre.

Mas Josh parece… confuso. Frustrado.

Só depois percebo o que ele quis dizer. Ele vai ficar sozinho em seu quarto, e agora eu sei *onde* fica. E eu disse que vou ficar aqui, com Kurt. O cara que dormiu na minha cama ontem à noite.

— A menos que você queira… fazer alguma coisa? — As palavras escapam de minha boca. — Posso passar lá. No seu quarto. Se você quiser.

Josh fica visivelmente animado.

— Sério?

Ele olha para Kurt.

— Você também está convidado, claro.

— Até parece.

Kurt bebe o último gole do café.

— Mas, de qualquer forma, agradeço. Prefiro não ficar assistindo a vocês dois se pegando.



capítulo doze

O sexto andar não é como os outros. É verdade que tem o mesmo contraste inusitado de luminárias cristalinas e lâmpadas fluorescentes, papel de parede antigo e carpete, mas ele é o que os franceses chamam de *les chambres de bonne*. As empregadas domésticas da aristocracia costumavam morar aqui. O teto é mais baixo e há menos quartos. É silencioso. Não se ouvem vozes nem música. Assustador.

Passo por uma porta com dezenas de fotos da mesma banda, depois por outra com um pequeno quadro branco com um número de telefone rabiscado e por mais uma com um quadro branco grande no qual se lê DAVE TEM BOLAS PEQUENAS!

Não há nada na porta do quarto 604.

Nos anos anteriores, Josh teria grudado desenhos bobos de si mesmo com diferentes fantasias — caubói, pirata, palhaço, robô, urso. Sinto um aperto no peito ao me deparar com mais esse lembrete do quanto ele é infeliz aqui.

Aliso o vestido com as mãos. Faz uma hora que tomamos café. Depois que Josh foi embora, tomei um banho e fiquei um bom tempo enchendo a cara de maquiagem para disfarçar o hematoma. Respiro fundo e bato à porta exatamente como ele faz quando vai ao meu quarto.

Josh me recebe com o sorriso que já conheço bem. Tímida, sorrio também.

Ele dá um passo para o lado e eu entro. Imagino que ele vá fechar a porta, porque, bom, *ele é o Josh*, mas ele a escancara, deixando-a totalmente aberta, usando como peso um livro sobre arquitetura parisiense. Aprecio o gesto… embora um pouco de privacidade agora não me incomodasse nem um pouco.

— Desculpa, está muito bagunçado.

Ele enfia as mãos nos bolsos.

— Mas arrumei a cama, e os lençóis estão limpos.

Minhas sobrancelhas praticamente atingem o couro cabeludo.

— *Para a gente ficar sentado…* — enfatiza ele, brincando, e suas bochechas logo ficam vermelhas. — A propósito, belos sapatos.

Estou usando sapatilhas.

— A propósito, que bela maneira de mudar de assunto.

— A propósito, que bom ver você.

— A propósito, ótima resposta.

Josh sorri quando jogo minha mochila lotada de dever de casa no chão. Na teoria, eu vou estudar e ele, desenhar. Mas… quer saber? Espero que a gente dê uns amassos.

O quarto dele é espetacular. O lugar, que já é pequeno, parece ainda menor por causa dos milhares de obras de arte espalhadas por todo canto. O legal é que o quarto não parece apertado. É como estar em um casulo. Os desenhos dele estão em cima da escrivaninha — não é uma dessas escrivaninhas normais, é algum tipo de mesa para desenho —, na cômoda, no chão e em cima da geladeira. Eles cobrem praticamente cada centímetro do teto e das paredes.

— Sinto como se estivesse dentro da sua cabeça — confesso, mas depois me arrependo. Porque isso me assusta.

Mas Josh parece não ligar.

— Meus amigos costumam dizer isso também.

Observo os desenhos dele mais de perto. As ilustrações são feitas com tinta preta, e eu reconheço diferentes lugares da cidade: os vitrais cor-de-rosa e o pináculo da Sainte-Chapelle, a sebe em formato de labirinto do Jardin des Plantes, a parede de crânios e fêmures humanos dentro das Catacombes, uma gaiola de passarinho na Marché aux Fleurs, o visual luxuoso do Palais Garnier — a casa de ópera do famoso fantasma.

E rostos. Muitos rostos.

St. Clair e a namorada, Anna; a ex-namorada de St. Clair, Ellie; St. Clair e a amiga que ele e Josh têm em comum, Meredith; e, claro… Rashimi. Meus olhos recaem sobre um desenho que está ao lado da janela do quarto. Rashimi está descansando em um sofá — a cabeça apoiada em um dos braços do móvel e os pés no outro —, lendo um livro. O cabelo longo está esparramado, deixando à mostra as ondas negras e volumosas.

— Uau — digo baixinho. — Rashimi está muito bonita.

Josh engole em seco.

— Faz muito tempo que desenhei esse. Você viu este aqui?

Ele aponta para uma ilustração engraçada de St. Clair cutucando as costas de Anna com o braço de alguém, mas a essa altura já estou distraída e desorientada. Sinto-me *cercada*. Rashimi sozinha. Rashimi com os amigos.

Rashimi com Josh.

— Ela é minha amiga, Isla. Ou era. Há meses não converso com ela.

— Tudo bem. Eu sei — digo, assentindo com a cabeça, porque sei *mesmo*.

Não sei por que isso me surpreendeu. Eu me sento na cama dele para deixar claro que está tudo bem. Rashimi é amiga de Josh, e é óbvio que ele sente falta dos amigos, então faz sentido que estes desenhos estejam aqui. Todo o sentido. Se eu convencê-lo de que não vejo problema algum nisso, talvez consiga me convencer também.

Josh fica me olhando por um bom tempo. Permaneço concentrada na colcha da cama — é xadrez, azul e branca — e penso em como a Isla-do-passado estaria boquiaberta se visse a Isla-do-presente.

— Eu queria mostrar uma coisa a você… mas tem que me prometer que vai tomar como um elogio. Sem julgamentos.

Franzo o cenho, confusa.

— É sério. Você tem que prometer.

— Por quê? É alguma coisa ruim?

— Não… Eu só… Eu não estava planejando mostrar isso para você. Pelo menos não ainda.

— Agora estou ficando preocupada — digo, brincando e falando sério ao mesmo tempo. — Você vai confessar que anda tirando foto das tampinhas de iogurte que eu jogo fora?

— Eu menti — diz ele.

Meu coração está acelerado. Ele abre uma gaveta, pega um caderno de desenho e me entrega. Eu o viro. *BEM-VINDO*, diz o adesivo azul.

— Este é o caderno que eu estava usando na cafeteria, no último verão. Eu não o deixei

em Nova York. Óbvio.

— Então é isso? — Não poderia estar mais aliviada. — É… eu sei. Eu já tinha visto na sua mochila.

Ele fica pálido.

— Já?

— Tudo bem, eu entendo. Os desenhos não devem ser lá muito amáveis, não é? Fui muito indiscreta. Entendo por que você não queria me mostrar.

— Ah, não. — Josh fica sem graça. — Não é nada disso. Não chega nem perto. Nada a ver.

Considere minha curiosidade *mais* do que aguçada.

Ele se senta ao meu lado e suspira. Abro o caderno exatamente na página com o meu desenho. Josh fica olhando. Por um bom tempo.

Também não consigo tirar os olhos da página. Das *páginas*. Há *dois* retratos meus. No primeiro, meu cotovelo está em cima da mesa da Kismet. Estou com a cabeça apoiada na mão e meu cabelo está cobrindo um pouco meu rosto. Meus olhos estão fechados, como se eu estivesse sonhando. No segundo, minha cabeça está enterrada nos braços, que uso como travesseiro. Meu cabelo está espalhado sobre a mesa, cheio de ondas e cachos. Meus lábios estão ligeiramente entreabertos.

Os desenhos são… *sexy*. Os traços são curvilíneos. Josh estica o braço e vira a página.

Há um terceiro desenho.

É uma cena que ele guardou na memória. Estou parada na chuva. Meu cabelo está molhado. Meu vestido, ensopado. Mais curvas — as minhas — estão expostas. Uma roseira gigante paira atrás de minha cabeça feito uma auréola, e eu olho diretamente para o observador. O artista.

Sinto o coração pulsar. Eu me viro para Josh, com os olhos arregalados.

— O Kurt pediu para ver o desenho… mas pensei que vocês fossem namorados. Achei que ele fosse ficar transtornado e partir pra cima de mim.

— Meu vestido está *tão* justo.

— E agora você acha que sou um pervertido — retruca Josh.

Sorrio.

— Só se o caderno estiver cheio de desenhos assim.

Bato de leve no ombro dele e continuo folheando as páginas. A princípio, não me dou conta do que estou fazendo, mas depois percebo que *estou* procurando por outros retratos meus. Encontro várias ilustrações de mulheres de diferentes idades — algumas bem bonitas, por sinal —, só que, enquanto vou passando os desenhos, fica claro que os que ele fez de mim são diferentes. São os únicos que têm *aquela* forma.

Josh bate no meu ombro de volta.

— Se sente melhor agora? Ou ainda acha que sou igual àquele fotógrafo finlandês?

— Não, você não se parece nada com ele. — Continuo sorrindo enquanto fecho o caderno. — É claro que não.

— Que bom — diz, com a voz mais grave e mais baixa.

Eu o encaro. Ele me encara. Josh passa os dedos por meu cabelo e segura meu rosto. Fecho os olhos. Coloco as mãos em seu pescoço e depois subo, as unhas roçando seu couro cabeludo. Nossas bocas pairam no ar, deixando escapar um gemido. Nossa respiração está

acelerada e quente. Ele encosta os lábios nos meus.

E, depois, nos atracamos como dois animais famintos.

Subo em seu colo e pressiono meus quadris contra os dele. *Preciso* ficar mais perto. A saia do meu vestido sobe. Já não aguento mais de tanta ansiedade. Um gemido escapa de meus lábios. Nossos beijos ficam mais intensos, nossas bocas se encaixam tão bem, e as mãos dele são tão fortes e…

— *Hã-hã.*

Ouvimos alguém pigarreando do lado de fora e paramos na mesma hora. Nate está na porta, parado. Saio de cima de Josh, envergonhada; ele pega o caderno de desenho e se joga na cadeira, posicionando o livro estrategicamente em seu colo. Cada centímetro de minha pele arde de desejo.

— Tenham um bom dia — diz Nate, com a voz exausta, e sai arrastando os pés.

Suspiro.

— Não sei se as novas regras são mais chatas para ele ou para a gente — digo.

Josh bate a testa na mesa.

— Com certeza para a gente.

Antes que eu diga qualquer coisa, o celular dele toca. Josh ergue a cabeça para ver quem é e, depois, pragueja baixinho.

— Tenho que atender, senão ela não vai parar de ligar. — Ele atende. — Oi, mãe.

Não pense no caderno de desenho. Não pense de jeito nenhum no que o caderno está cobrindo.

— Sim. Está tudo bem. — Pausa. — Estou fazendo o dever de casa. — Pausa. — Não. — Pausa. — Não, não estou. — Pausa. — Sim. Eu sei.

Josh revira os olhos enquanto arremessa o caderno na cama, um sinal de que nosso clima já era e de que sou *bem-vinda* a continuar olhando seus desenhos.

— Não. Eu sei.

A conversa entre os dois continua assim por mais ou menos uns cinco minutos, até que Josh dá um corte na mãe.

— Então, mãe, vai ter uma simulação de incêndio agora. Preciso desligar, tchau.

Ele joga o telefone na mesa e enterra o rosto nas mãos.

Dou um tempo para ele se recuperar e pergunto:

— Simulação de incêndio?

Josh ergue a cabeça.

— Geralmente arranjo desculpas melhores.

Ele estica a perna e bate o pé no meu.

— É difícil pensar com você sentada aí.

Bato meu pé no dele de volta.

— Posso estar errada… mas você não se dá muito bem com seus pais, não é?

— Não. Não mesmo.

Com que frequência será que eles conversam? Falo com meus pais mais ou menos uma vez por semana, mas nossas ligações sempre duram pelo menos uma hora.

— É por isso que você veio para cá? Para a França? Confesso que sempre achei meio estranho um senador mandar o filho estudar fora do país.

— Paris não foi exatamente a primeira escolha deles — conta Josh, com uma expressão

de estranheza no rosto, como se estivesse surpreso ao ouvir as próprias palavras.

— Como assim?

— Eu… nunca contei isso para ninguém.

Franzo a testa.

Josh fica olhando para baixo, massageando a palma da mão direita com o polegar esquerdo.

— Meus amigos sabem que não me dou muito bem com meus pais, então… eles meio que *deduziram* que fui mandado para cá porque sou um cara *difícil*. Essas coisas. E eu nunca disse que a história não era bem assim. Acho que eu queria que eles acreditassem nisso porque… é menos vergonhoso do que a verdade.

Josh me encara.

— Eu escolhi isso. Ficar trancafiado aqui é culpa minha — confessa ele.

Arregalo os olhos.

— Quando meus pais começaram a procurar colégios particulares em Nova York e em Washington, conversei com eles e os convenci de que me mandar para o exterior seria a melhor coisa para a minha educação. Eu era imaturo, idiota, e Paris parecia romântica, com arte por todos os cantos e toda essa besteira, mas, quando cheguei aqui, percebi que… é só uma cidade, entende? E, sim, é uma cidade bonita, cheia de opções culturais e tudo mais que dizem por aí. Mas, sei lá. Eu sempre sinto como se estivesse matando tempo aqui até minha vida começar de verdade.

Matando tempo. Não acho que estou incluída nisso, mas, ainda assim, palavras machucam. Tento não levar para o lado pessoal.

— E onde você gostaria de estar agora? Nova York? Washington?

— Não, não. *De jeito nenhum*. Ano que vem vou para Vermont.

Arqueio uma sobrancelha, curiosa.

— Vermont? E o que tem lá?

— O Centro de Estudos de Desenhos Animados.

Josh se ajeita na cadeira para me explicar.

— É o único nesta área… o foco lá é exclusivamente a arte sequencial. E tem uma equipe incrível, todos os melhores cartunistas dão aula lá.

— Cartunistas? Tipo o cara que desenha *Calvin e Haroldo*?

— Não, não. Qualquer pessoa que faça arte sequencial é um cartunista. Quadrinhos de super-heróis, graphic novels e graphics de não ficção também. Esse termo não se aplica somente às pessoas que desenham tirinhas.

— Ah… — Ok, agora me sinto uma tapada. — E a escola é grande?

— Não. É metade da SOAP. — Ele pega um lápis e o balança entre dois dedos. — E você? O que vai fazer da vida?

Fico em choque. Simples assim.

— Eu… eu não sei.

Ele para de balançar o lápis. Eu deveria imaginar que essa pergunta viria, mas fui pega de surpresa. É humilhante me deparar comigo mesma assim, lutando contra as lágrimas.

— Vou tentar tanto a Sorbonne quanto a Columbia, mas não sei para qual das duas quero entrar. Não sei qual tem mais a ver comigo.

Josh se senta ao meu lado na cama.

— Ei. Tudo bem. Você ainda tem bastante tempo para decidir.

— Não, não tenho. E quer saber qual é a pior parte? Eu meio que *torço* para que uma delas me rejeite, porque assim não vou ter que escolher.

Josh ergue as sobrancelhas e fica em silêncio por um bom tempo, refletindo sobre alguma coisa.

— Eu vi os gráficos na sala da diretora. — Josh escolhe as palavras com cuidado. — Você é a melhor aluna da sala. As duas faculdades vão aceitar você.

Então ele *sabe*. Cutuco o esmalte pêssego da unha. Vou arrancando aos poucos, pedacinho por pedacinho.

— O que você quer estudar?

O frio na barriga aumenta ainda mais.

— Nada.

— Nada?

— Quer dizer… não sei. Não sei o que quero fazer, nem quem quero ser, nem onde quero morar. Parece que todo mundo já está com o futuro planejado, menos eu.

— Você sabe que isso não é verdade — diz Josh, apreensivo.

— Talvez em outras escolas não seja mesmo, mas na nossa…? *Você* já tem planos.

— Bom. De qual cidade você gosta mais?

Puxo minha bússola.

— Nas duas eu me sentiria em casa. Quando eu era criança, minha família passava o verão aqui e o resto do ano lá. Agora é o contrário. Tenho dupla cidadania, sou fluente nas duas línguas e me sinto confortável tanto em Paris quanto em Nova York.

— Confortável — repete ele, e seu tom denuncia que há algo a mais em seu tom de voz.

— O que foi? — pergunto.

— É que… você não sente vontade de tentar algo novo? E aquelas histórias de aventura que lotam as prateleiras do seu quarto?

Não sei. *Não sei*. Gosto de ler histórias de aventura, claro, mas gosto de fazer isso no conforto e na segurança de meu quarto. Mas, afinal, o que é *uma casa* além de uma cama quentinha e aconchegante? Onde é minha casa?

Josh percebe que estou ficando irritada e confusa, então tenta aliviar a tensão.

— Sabe para onde eu acho que você deveria ir? Dartmouth.

— Aham. Nem sei onde fica isso.

— É em New Hampshire, pertinho de Vermont. E sabe o Centro de Estudos de Desenhos Animados? É por ali também, olha só. Ouvi falar que Dartmouth tem um programa incrível em Nada. É o melhor programa do mundo em Nada. É isso o que dizem por aí.

Sorrio, finalmente. Sei que ele está brincando, mas fico feliz em saber que ele não se importaria se eu morasse por lá. Ou que, pelo menos, ele gosta de mim o suficiente para fazer uma brincadeira dessas.

— Então… me mostre o que você faz aqui o dia inteiro — digo, indicando a escrivaninha com a cabeça.

Josh se surpreende e, animado, faz um tour comigo pelo seu local de trabalho: dezenas e dezenas de pincéis, canetas, lápis, tinta nanquim, tintas a óleo, aquarelas, canetas para desenho, borrachas, fotografias de referência, um secador de cabelo para agilizar a secagem das pinturas, bloquinhos de anotações sem pauta e de diferentes tamanhos (ele fala que o papel

deles é "semiprecioso") e uma caixa enorme onde ele guarda os papéis de melhor qualidade. Assim como eu, Josh tem uma prateleira estreita, mas abarrotada de cadernos de desenho, livros de arte, obras de referência e, ao que parece, todas as graphic novels autobiográficas (ou graphic memoir) que existem — Jeffrey Brown, Craig Thompson, Alison Bechdel, James Kochalka, Lucy Knisley e outros tantos que nunca vi antes.

Não vi nenhum livro relacionado à escola. Debaixo da cama, dá para ver a alça da mochila dele para fora, então deduzo que o resto deve estar enfiado ali também. E, sobre a cômoda — onde, no meu quarto, coloquei mais um móvel de roupas —, Josh pôs um enorme arquivo de metal. A "graphic memoir" está dividida em três gavetas, todas etiquetadas: ADI PRIMEIRO ANO, ADI SEGUNDO ANO e ADI TERCEIRO ANO.

— Você não tem uma para o último ano? — pergunto.

— Ainda não.

Josh bate o dedo na têmpora.

— Ainda estou terminando os desenhos do último verão.

Ele me mostra em que está trabalhando: esboços feitos com lápis azul, retratos dele mesmo entediado em Washington, tentando bloquear a voz do pai, que no dia estava gravando uma propaganda eleitoral atacando Terry Robb, seu adversário nas próximas eleições.

— É mais fácil começar assim, porque evita que eu cometa erros maiores depois.

— E o que os seus pais acham disso? De você escrever sobre assuntos de família tão pessoais?

Josh dá de ombros.

— Eles *não* sabem que escrevo sobre a nossa vida.

Eu me pergunto se isso é verdade.

— E o que significa ADI?

— *Aluno do Internato*. É o título.

Olho para a primeira gaveta, a do terceiro ano, e depois para ele. Josh assente. Eu abro e vejo uma pilha espessa de papéis com ilustrações coloridas. Na primeira folha, há um desenho dos amigos dele, todos abraçados, com chapéus de formatura e um sorriso no rosto. Josh está de pé, separado deles, em tamanho menor e distante. Levanto a folha devagar e com cuidado para espiar a próxima. É uma página dividida em vários quadrinhos na qual Josh está passeando por uma cidade que com certeza é Veneza, na Itália.

Reconheço o Josh que aparece nos quadrinhos. É o mesmo que eu costumava ver nos desenhos na porta dele, usando fantasias idiotas. É um retrato preciso — embora exagerado — de quem ele realmente é. O nariz é mais saliente e o corpo, mais magro. Mas ele continua bonito. Parece triste, irritado, e ao mesmo tempo terno e amável. Ajeito a pilha de papéis dentro da gaveta e a fecho. Os desenhos dele são algo muito pessoal. Sinto como se não tivesse o direito de olhá-los. Pelo menos não ainda.

— Espero poder ler um dia.

Sei que ele me deixaria ler tudo, se quisesse, mas parece aliviado por eu ter escolhido não fazer isso agora.

— Você vai — diz ele.

Passamos o resto do dia em um confortável silêncio — Josh na companhia de seus esboços, e eu estudando. Quando o sol começa a se pôr, ele acende a luminária da mesa e procura algo

para comer. A geladeira dele está abarrotada de produtos industrializados.

— Ahá! — Josh puxa alguma coisa detrás do suco de laranja.

Coloco a tampa no meu marca-texto.

— Você sabe que tem um refeitório na escola, não sabe?

— E *você* sabe que eu vi sua chaleira elétrica, não sabe? Aquela que é contra as regras da escola, lembra?

— Como se você não tivesse uma.

— Tenho duas — afirma, com um sorriso. — E um fogão elétrico portátil.

— No refeitório servem comida. Comida fresca. Feita por chefs de verdade, olha só! Se não ficasse fechada para o jantar aos domingos, eu provaria isso para você agora mesmo.

Josh me oferece um pote de plástico.

— Crème brûlée?

Dou uma risada.

— Por favor, não estrague a minha sobremesa favorita.

— Sério?

Ele para, depois de retirar metade da tampa de alumínio.

— É a minha favorita também.

Meu coração bate um pouco mais forte, feliz por essa pequena descoberta, como se ela fosse mais uma evidência a *nosso* favor. Mas não falo nada. Apenas suspiro.

— Crème brûlée de lavanda. Crème brûlée de gengibre. Crème brûlée de café.

— Uma vez já comi um com essência de alecrim. Maravilhoso.

Aperto o edredom dele com as mãos.

— Ai, que sonho…

Josh engole a sobremesa em duas mordidas, depois joga a embalagem vazia na lata de lixo e se põe de pé em um pulo.

— Vou levar você lá agora. Vamos, vamos!

Sorrio.

— Desculpa. Domingo à noite é dia de pizza.

Ele murcha.

— Droga.

— Vem com a gente.

Josh se joga na cama, ao meu lado.

— Isso é bem estranho, na verdade. Meus amigos e eu costumávamos comer pizza no domingo à noite também.

— Eu sei. Eu sempre via vocês no restaurante.

— Sério? No Pizza Pellino?

Faço que sim com a cabeça. Não era coincidência.

— Ei. — Josh parece incomodado. — Sobre o Kurt. E a *sua* cama.

Ele se ajeita na cama duas vezes para mostrar de onde tirou o assunto.

— É, ele dorme nela.

Percebi aonde Josh queria chegar, *mas* dei a resposta errada. Ele tenta agir como se não visse o menor problema nisso, mas faz uma cara parecida com a que eu devo ter feito ao perceber que estava cercada por desenhos da ex-namorada dele.

— Dormimos na mesma cama a vida inteira. Não tem nada a ver com sexo, juro.

— Não é bem assim que eu *reagiria* se dormisse do seu lado.

Mas, antes de me entusiasmar com essa reação perfeita, uma pergunta ainda mais cabeluda brota na cabeça dele.

— Alguma vez você já acordou e viu… você sabe. De manhã?

— Se quer que eu responda, tem que fazer a pergunta completa.

— Ah, não vou falar.

Faço uma pausa.

— Tá bom. Sim.

Josh fica sem reação

— Mas não é *por minha causa* ou algo assim, eca! E não é como se dormíssemos pelados. Bom, somos amigos desde sempre, então, sim, já vimos algumas coisas, mas…

— Ele já viu você *pelada*? — dispara ele, mas percebe a cara que faço e se arrepende. — Desculpa. Isso não é da minha conta.

Estou abrindo a boca para dizer que sim, Kurt já me viu pelada, quando me dou conta de algo surpreendente e novo. A situação mudou. Ou talvez esteja *prestes a mudar*.

— Não — respondo. — E é da sua conta, sim. Se você quiser que seja.

— Eu quero.

Engulo em seco.

— Eu também.

Josh arqueia as sobrancelhas.

— Isso significa que… que você quer ser meu namorado?

Minha pergunta soa imatura e veemente demais. Mas Josh não hesita.

— Sim — afirma. — Quero.



capítulo treze

Josh é meu namorado.

Josh é meu namorado.

É um milagre. Demorou só um final de semana para nos tornarmos um casal de verdade, nada de casal-apenas-nos-meus sonhos. Toda manhã ele vem até meu quarto antes de Kurt chegar, para ficarmos alguns minutos sozinhos antes do café da manhã. Depois, vai com a gente para o refeitório. Acho que talvez ele quisesse ter certeza de que não ficaria sozinho em uma mesa qualquer. É estranho perceber que Josh — isolado e independente — se preocupa com essas coisas também.

Isso pode até explicar seu desapego em relação a tudo.

Ficamos juntos o tempo todo, e só nos separamos no quinto tempo. Mas nos encontramos logo depois, e vou com ele até a detenção. Se Kurt é especialista em caminhos mais rápidos, Josh é expert em encontrar salas vazias. Ao longo do dia, ele me arrasta para cantinhos escondidos e abandonados, e nos beijamos até o sinal tocar.

Enquanto ele está na detenção, faço o dever de casa, e depois todos jantamos juntos no refeitório. E é aí que nos separamos de novo de Kurt. Deixamos o campus para ter a privacidade que nosso quarto não permite, o que significa que normalmente vou à Casa da Árvore duas vezes — uma com Kurt, à tarde, e outra com Josh, à noite. Passamos o tempo todo com as bocas grudadas, trocando beijos doces e sinceros, e em um momento ou outro fazemos coisas menos inocentes.

Quando Josh namorou Rashimi, os dois viviam se pegando em todos os lugares e não estavam nem aí para a opinião das pessoas. Era uma tortura. Eu sentia um misto de inveja e repulsa. Comigo ele é mais contido. Segura minha mão, rouba um beijo ou outro, mas guarda as coisas mais íntimas para nossos momentos a sós. Acho que ele entende que não gosto de chamar atenção. Também acho que, talvez, Josh esteja valorizando mais a própria privacidade.

Mesmo assim, nossa relação não passou despercebida pelos outros alunos do colégio, e gostei disso. Sou muito tímida, mas minha vontade é sair desfilando com ele pela escola inteira. Quero gritar para todo mundo ouvir: *Olhem! Olhem esse cara maravilhoso de mãos dadas comigo!*

Na sexta-feira, estávamos no corredor e Hattie chegou por trás da gente e falou:

— Então é você o cara que arrebentou o nariz da minha irmã? Ou você é bom de pontaria ou então é péssimo. Qual dos dois?

— Prazer em conhecê-la — diz Josh.

— Ah, deixa pra lá. Isla, preciso de quarenta e seis euros.

— Para quê? — pergunto, tocando o nariz, desconfortável com aquela situação.

— Porque quero comprar o crânio de uma doninha para colocar no travesseiro de uma menina.

Tento não bufar, mas é inevitável.

— Ela é minha amiga — acrescenta Hattie.

— Não.

— Grrrr! Tá bom. *Maman*.

Nós a observamos dar meia-volta no corredor.

— Ela estava falando sério? — pergunta Josh.

— Eu nunca sei.

Ele balança a cabeça, perplexo.

— Sua irmã mais velha é bem diferente dela, né? Fizemos artes juntos no primeiro ano. Ela sempre *pareceu* legal...

— E é.

— Ela sempre me pareceu uma pessoa muito... decidida. Como se tivesse motivação e confiança para fazer qualquer coisa.

— Gen é exatamente assim — digo, sorrindo. — Sabe o que ela fez no verão passado? Raspou a cabeça e se assumiu bissexual. Meus pais adoram a namorada dela, mas minha mãe está *furiosa* porque ela raspou a cabeça

Josh sorri.

Quando o deixo na sala da detenção à tarde, mais um momento constrangedor: a diretora da escola vem falar comigo.

— Eu ficaria preocupada em qualquer outra situação, mas o monsieur Wasserstein tem sido muito pontual. Nunca mais se atrasou. O motivo deve ser você — diz ela.

Não sei muito bem como reagir. A diretora olha para mim por cima dos óculos, estacionados na ponta do nariz.

— Você é uma garota brilhante. Tome cuidado — conclui ela, e vai embora.

Não gostei do tom da diretora, da insinuação de que meus hormônios podem comprometer minha inteligência. Será que ela está com medo de que a postura de Josh me influencie? De que eu pare de me preocupar com os estudos? Bom, que ela pegue suas preocupações e enfie bem naquele lugar.

Algumas horas depois, quando abro a porta do meu quarto, encontro um Josh transtornado.

— O tiro saiu pela culatra. Lembra aquela ideia de escapar da detenção no dia do sabá? Fui pedir para a diretora, e ela resolveu falar direto com os meus pais.

Congelo. Ele continua:

— E pior que dessa vez nem foi uma desculpa esfarrapada, pelo menos na teoria, mas meus pais concordaram que estou sendo muito *relaxado* e agora ganhei mais duas semanas de detenção.

Fico em choque.

— Duas *semanas*? Mas isso significa que...

— A detenção só acaba no final de outubro.

— Isso é um absurdo! Qual é o problema dessa diretora?

Josh tira os sapatos e se joga na minha cama.

— Bem-vinda a minha última tentativa de tentar levar essa escola a sério.

— Desculpa. Essa coisa toda do sabá foi ideia minha. Sou muito idiota, muito...

— Ei! — Ele fica de lado e apoia a cabeça em uma das mãos. — Só porque não pensei

nisso antes...

Há um burburinho no corredor.

— Olha quem está na cama da Isssla! — exclama Mike, pronunciando meu nome errado de propósito. — Ei, mostra um pouco do seu show aí, menina! Dá uma amostra do seu talento pra gente.

— O Kurt deve estar morrendo de ciúmes, né? — provoca Emily.

Dave afasta o cabelo desgrenhado do rosto.

— Que nada. Eles estão é se preparando para fazer um *ménage à trois*.

Minha vontade é pular no pescoço deles e estrangulá-los. Josh encara Mike.

— A pronúncia certa é "Aila". Deve ser difícil lembrar quando se tem um cérebro menor que o pinto, o que, segundo ouvi por aí, já não é muito grande.

— Vai se ferrar, Wasserstein.

— Ótima resposta!

A porta que liga as escadas ao saguão se abre com um barulho, e Sanjita surge atrás deles. Ela mantém os olhos fixos em alguma coisa no saguão. É um gesto incomum, que mostra que ela sabe que esse é o meu quarto.

— Vamos, Mike — diz ela, cutucando o braço dele. — Estou com fome.

Ele continua inflado como um galo de briga, e aponta para Josh.

— Vou quebrar a sua cara.

Eles saem caminhando com arrogância, e Josh, ao batente da porta, fecha a cara, extremamente irritado.

— Já viu alguma ameaça mais fajuta do que essa?

— Gente, qual é o problema dessas pessoas?

— Sei lá. Mas odeio todos eles. Odeio todo mundo, menos você.

— E o Kurt.

— E o Kurt. Onde ele está, por sinal?

— Hoje é a noite do sushi, lembra?

Ele desmorona nos travesseiros.

— Ah, é.

Mais cedo, conversei com Josh e decidimos que as noites de sexta seriam de Kurt e as noites de sábado, nossas. Mas também estou chateada com essas coisas. Os horários, as regras, as pessoas.

Logo que termina a detenção do sabá, Josh volta ao meu quarto.

— Quero desenhar você de novo. Antes do jantar. Enquanto ainda estiver claro.

Meu coração está eufórico enquanto ele me leva depressa até as Arènes de Lutèce, um anfiteatro abandonado da época do Império Romano. O lugar já foi imenso e frequentado por multidões, utilizado para combates de gladiadores. Agora é bem pequeno e vazio, parece um jardim. É bem perto da escola, mas mal dá para vê-lo, porque fica totalmente escondido atrás dos prédios nos arredores. Não importa quantas vezes eu venha até aqui, sempre fico surpresa ao me deparar com uma *arena ancestral inteira* no meio da cidade.

Geralmente a arena é bem tranquila e silenciosa, mas hoje um pai está ensinando o filho a fazer dribles com uma bola de futebol no grande e empoeirado centro. Josh e eu subimos as escadas até chegar aos nichos originais de pedra que há acima do campo. Foram instalados bancos em cada um deles, e escolhemos o que tem a melhor vista. Com os joelhos flexionados,

Josh pega um caderno (espesso e com páginas destacáveis) e rapidamente começa a usar sua caneta favorita (uma de ponta fina). Ele desenha como sempre, o polegar posicionado embaixo do indicador. Adoro observar os movimentos da mão dele.

— O que eu faço? — pergunto. — Como devo me sentar?

— Como você quiser. Mas tente não se mexer *muito* — pede ele, com um sorriso.

Não há nada como ser observada assim, de maneira tão direta e escancarada, por um garoto superatraente. Parece que todos os membros do meu corpo estão no lugar errado. Tento me distrair de alguma forma.

— E então... qual é a história por trás do seu adesivo?

Josh vira o caderno de um lado para o outro para entender do que eu estou falando.

— Não é nesse caderno. É no outro. O que tem escrito "BEM-VINDO" na capa.

— Ah, sim. — Ele dá um suspiro. — Não tem história nenhuma. Meu pai tinha uma pilha desses adesivos no escritório dele, então peguei um. Naquela semana, vários políticos babacas estavam falando merda sobre a imigração mexicana, então escrevi a palavra que eu queria que eles usassem em vez das besteiras que estavam dizendo. Mas não foi uma ideia original. Vi um adesivo australiano parecido com esse, uma vez.

— Sabe do que eu gosto em você? — digo, depois de alguns minutos.

— Que eu sou o terror das pistas de dança.

— Você tem esse jeitão meio indiferente, mas sempre se entrega em momentos como esse. Em momentos que realmente importam.

— Eu *não* me importo com nada. Mas me importo com você — diz.

— Não. Você tem um coração mole, Joshua Wasserstein. Dá para ver.

Ele sorri e continua desenhando. Dá para sentir o cheiro da poeira, e as primeiras folhas do período das chuvas começam a cair sobre nós. Está ficando frio. Observo o garotinho no centro da arena, entre as pernas do pai, e ouço os passos de um casal de idosos caminhando atrás da gente. O sol começa a se pôr no horizonte. Há um novo momento de silêncio, e percebo que Josh parou de desenhar.

Ele está olhando para mim, fascinado.

— O que foi? — Fico com medo de me mexer. — Qual é o problema?

— Nunca tinha visto a luz do sol iluminando o seu cabelo.

— *Ah*.

Olho para o reflexo no meu cabelo.

— Nunca fica da mesma cor, né? Em ambientes fechados, é ruivo. Ao sol é um vermelho mais intenso.

— Não.

Josh estica o braço. Com delicadeza, ele toca uma das mechas onduladas.

— Vermelho não é a palavra. Não é ruivo, nem laranja, nem acobreado. É cor de *fogo*. É como ser hipnotizado pelas chamas de um edifício incendiado. Não consigo tirar os olhos.

Tenho corado bem menos na presença de Josh, mas — neste exato momento — minhas bochechas chegam a arder. Eu abaixo a cabeça e fico encarando meu colo. Ele continua:

— E as suas bochechas rosadas... o seu perfume que tem cheiro de flor... Deus do céu, fico louco.

Arregalo os olhos, surpresa.

— Você percebeu? Quase não uso perfume.

— Percebi, sim. E, acredite, você passa perfume na medida certa.

— E você tem cheiro de tangerina — disparo, antes que haja tempo de voltar atrás.

— Mikan. — Ele faz uma pausa. — Seu olfato é bem aguçado.

— O seu é melhor. Pelo menos o formato do seu nariz é melhor do que o meu.

— Meu nariz é enorme — diz ele, rindo, e chega a engasgar. — O seu parece o de um coelhinho. De onde você tirou que o seu é estranho?

— O seu não é enorme. É *interessante* — digo, também rindo.

— Interessante.

Ele me olha com o canto do olho. Sorrio de novo.

— Isso.

Josh dá um sorriso também. Seus dedos manchados de tinta percorrem meu cabelo, e ele inclina o corpo para me beijar. Mas antes faz uma pausa para cheirar meu pescoço. Um arrepio percorre meu corpo. Ele beija meu pescoço de um jeito delicado e lento. Eu fecho os olhos.

Queria que ele me beijasse para sempre, mas ele recua, lânguido, e agora seus dedos estão percorrendo a parte de trás de minha cabeça, com a mesma delicadeza. Josh sorri novamente.

— Rosas — diz.

Minha mente e meu coração estão completamente entregues.

— Obrigada. E obrigada por ter dito coisas tão legais sobre o meu cabelo. Nem todo mundo pensa dessa forma.

— Ué, quem não gostaria do seu cabelo?

— Ha, ha! — debocho. Mas Josh parece verdadeiramente confuso. — Sério que você não sabe?

Respiro fundo.

— Então: quando eu era criança, todas as velhinhas me paravam na rua para dizer o quanto eu parecia com uma de suas netas. "Ela tem o cabelo *igualzinho* ao seu", diziam. "Só que o dela é mais alaranjado." Ou então: "O dela é mais ruivo." Era muito chato, ainda mais para uma pessoa tímida como eu. Hattie era a única que rebatia. Ela sempre falava: "Então não é *igualzinho* ao meu, né?"

Josh ri.

— E quando uma ruiva atinge a puberdade? Você vira uma espécie de ímã para homens idiotas. Não passei um mês sequer sem ouvir pelo menos uma vez que eu devia ser boa de cama, porque todas as ruivas são deusas do sexo, ou que eu devia ser uma louca bipolar, porque todas as ruivas têm temperamento forte. Alguns homens diziam que só namoravam ruivas, ou que nunca namoravam porque todas são feias.

Josh fica perplexo.

— Disseram essas coisas para você? Pessoas desconhecidas?

— Pelo menos uns dez homens já me perguntaram, com piadinhas nem um pouco criativas, se eu era ruiva lá embaixo também. E tem ainda a pior ofensa de todas: algumas culturas (valeu, Inglaterra!) acreditam que dá azar transar com uma ruiva, e, nossa, você sabe o que os franceses falam das ruivas, não é? Eles acham que as ruivas têm *certo cheiro*.

— De rosas?

— Fora as coisas chatas que são uma consequência natural de ser ruiva. Queimaduras de

sol, sardas...

— Amo suas sardas.

Josh fica batendo o dedo indicador no bloquinho de desenhos.

— Bom, você sabe que pretendo pendurar isso aqui nas paredes do meu quarto, né?

Será que ele vai fazer isso mesmo?

Ele *faz*. No dia seguinte, meu rosto está espalhado por todos os lugares visíveis do quarto dele: acima da mesa, ao lado da cama, na geladeira. Desenhos com folhas espalhadas pelo meu cabelo e meus olhos bem fechados, em êxtase. Desenhos em que minha clavícula está delicadamente exposta, e as pernas, perfeitamente cruzadas. Desenhos em que estou olhando para ele de uma forma ao mesmo tempo direta e vulnerável.

Sinto como se eu fosse a musa dele. E talvez eu seja mesmo.

— Ainda é tão surreal ser o objeto do olhar dele — digo para Kurt, em uma tarde na Casa da Árvore.

— Objeto — repete.

— Eu não quis dizer objeto *objeto*.

— Não é certo transformar pessoas em objetos.

— Tem razão. Eu usei a palavra errada.

É mais fácil concordar do que explicar a verdade enigmática e desconcertante. Penso em Josh olhando para mim e... não ligo.

Kurt está fazendo carinho no pescoço de Jacque, o lugar preferido do nosso gato cinza malhado, que ronrona em aprovação.

— Onde você encontrou isso? — pergunta Kurt, indicando com a cabeça uma pedra em formato de coração.

— Ah. Hum... perto das Arènes de Lutèce, acho?

— Então foi seu namorado quem encontrou.

— Nós encontramos juntos.

— E vocês trouxeram para cá?

Fico em silêncio. Depois, confirmo com a cabeça.

Jacque pula no colo de Kurt, mas ele o coloca de volta no chão.

— Tenho que estudar.

Ele pega na mochila o livro de química; um mapa do metrô de Paris, desenhado com caneta esferográfica, vem junto e acaba caindo no meu braço.

Eu o devolvo a ele.

— Desculpa, eu não contei isso para você. Às vezes, à noite, a gente vem aqui.

— Humm... — murmura Kurt.

Ficamos estudando até a hora do jantar, mas no dia seguinte, quando pergunto se ele quer estudar na Casa da Árvore, Kurt responde que não.

No domingo seguinte, na Casa da Árvore, Josh me surpreende ao trazer três pincéis e um pote de plástico grande de tinta verde-escura.

— Os pincéis são meus, mas a tinta eu achei. E de graça.

— Onde?

Ele faz uma cara de mau.

— Na sala de artes do colégio.

— Ladrãozinho — digo, sorrindo. — E o que você vai pintar?

— Gosto disso. Não "o que você *quer* pintar?", mas "o que você *vai* pintar?"

— Confio em você, se foi isso que você quis dizer.

Pego do baú o cobertor xadrez.

— Bom, não que eu devesse... Seu ladrão de arte — brinco.

— Ladrão de tinta, você quis dizer. A arte é minha.

Ele me ajuda a ajeitar o cobertor, fazendo uma dobra a mais para ter mais espaço no terraço.

— Vou precisar de espaço para trabalhar.

Dou de ombros, feliz. O dia está ensolarado, provavelmente é um dos últimos dias de calor do ano, então estou toda lambuzada de protetor solar. Tiro as sandálias plataforma e estico os dedos.

Josh observa a parede de concreto.

— Onde vamos ficar no inverno?

— Dá para ficar aqui até metade de novembro, mais ou menos. E, sabe, alguns dias do inverno não são tão ruins assim. Mas Kurt e eu normalmente nos escondemos no dormitório mesmo, às vezes na biblioteca.

Josh me encara. De um jeito tão sexy que faz meu coração acelerar.

— Mas para onde *nós* vamos?

— Para qualquer lugar. Podemos ir a qualquer lugar juntos — respondo.

— Quero mostrar a você minhas pinturas favoritas. O autorretrato de Van Gogh no Orsay. E também o Van Dyck que amo no Louvre. *Le Roi à la chasse*. Eu nem sei dizer por que gosto tanto dele. Talvez você possa me dizer.

Fecho os olhos para sentir a luz do sol banhando minhas pálpebras.

— Eu queria levar você a um restaurante que fica dentro da mesquita — digo. — Podemos tomar chá de hortelã e comer todas aquelas sobremesas cheias de mel.

— Podemos andar na roda-gigante da Place de la Concorde.

— E depois, podemos caminhar pelo Tuileries e tomar *vin chaud* para nos esquentarmos.

— E ir ao mercado de pulgas em Montmartre. Podemos comprar bicicletas enferrujadas e espelhos quebrados — sugere ele.

— Vamos andar de *métro* até os lugares mais distantes, só para ver onde é o final de cada linha.

— Esses dias vão ser *perfeitos* — diz Josh, de frente para a parede.

Abro os olhos. Ele mergulha um pincel pequeno na tinta e fica lá, congelado.

E então... volta a se mexer, como se tivesse ganhado vida.

Com destreza e rapidez, ele põe seu plano em ação: vai pintar um mural na parede. Ele começa com um esboço, um contorno, depois faz um círculo completo. Só de olhar, já sei no que esse mural vai se transformar.

Sorrio e o deixo trabalhar em silêncio.

Josh troca o pincel pequeno por um maior e agora está engrossando o traço. Folhas verdes enormes e ramos espessos igualmente verdes surgem na parede branca. Enquanto isso, me distraio com um livro sobre a procura de uma cidade antiga e perdida na Amazônia, e de

vez em quando espio a árvore crescendo e ganhando forma. Um novo círculo aparece, e formas inesperadas surgem entre as folhas. Josh está criando uma espécie de linha do horizonte ao redor da paisagem. A linha é precisa, mas, com seu toque peculiar de sempre, algumas construções são mais arredondadas, e outras, mais angulosas.

Jacque aparece e ronrona enquanto se roça na perna dele. Como Josh não dá bola — isso nunca tinha acontecido, porque Josh o adora —, o gatinho desiste e vem em minha direção. Dou para ele uns pedaços de moela de pato que sobraram do almoço, e ele deixa que eu o acaricie por alguns minutos antes de sair correndo e voltar para o telhado.

O sol fica mais forte. Josh tira a camiseta. Está tão compenetrado no desenho que esqueceu que estou aqui. Ele, por si só, já é uma obra de arte. Suas costas e seus braços são torneados, mais do que seu corpo esbelto poderia sugerir. Ele tem uma pinta pequena no ombro direito e uma cicatriz sutil na lombar. A caveira tatuada no braço, em contraste com as pinceladas delicadas, deixa Josh ainda mais *Josh*.

E... os quadris. Eu me pego olhando para eles, hipnotizada, em vários momentos. Não consigo me conter. Essa partezinha bem acima da cintura da calça...

Ai, ai, ai.

Josh retira um segundo frasco de tinta da bolsa. Enquanto faz um quarto círculo, mais um traço inesperado surge atrás de Paris. Arranha-céus. Pontes suspensas. Estátuas de leões. Ele desenha uma construção flamenca com muros cobertos de roseiras e uma sequência de casas geminadas com flores nas janelas e uma bandeira dos Estados Unidos — o que deve ser a casa *dele*.

Eu estava errada. Josh não só transformou o terraço em uma casa na árvore de verdade, como acrescentou uma vista para o mundo. Para o *nosso* mundo. Paris e Nova York.

Ele faz um último círculo e o decora com alguns pássaros entre os galhos das árvores, alguns tão reais que parecem que vão sair voando, e outros tão fantásticos que devem existir só na imaginação dele. Ele termina o desenho em menos de seis horas.

Quando sai do transe, Josh está deslumbrado e fascinado com o resultado. Ele pisca para mim. Por algum motivo que não sei explicar, começo a chorar. Ele continua a me olhar sem entender o que está acontecendo, e eu continuo soluçando, me debulhando em lágrimas. Que vergonha. Ele pisca outra vez. Logo depois, se joga no cobertor, consternado e apreensivo.

— É... é *lindo* — digo.

O corpo dele relaxa por completo, e Josh começa a rir, muito. As mãos, sujas de tinta, agarram o cobertor, e seu corpo chega a se sacudir de tanto que ele ri.

— Não tem graça.

Enxugo o rosto com o cobertor. Ele curva o corpo ainda mais, rindo mais e mais.

— Vou ter que lavar esse cobertor de qualquer jeito — acrescento, apontando para as manchas de tinta.

Aos poucos, Josh volta ao normal. Ele sorri para mim — um sorriso puro e inocente — e estica os braços longos. Eu me aninho neles, com tinta verde e tudo. Josh me abraça bem forte. Minha orelha está pressionada contra o peito descoberto dele, e o coração dele está acelerado, batendo umas mil vezes por minuto. Passo a mão em seu corpo. Josh fecha os olhos. Beijo a pele, a tinta, o suor. Ele ergue meu rosto e beija minhas lágrimas.

— Obrigado. Essa foi a melhor reação que um desenho meu já causou em alguém. Em toda a minha vida.



capítulo catorze

Meu coração se despedaça, caquinhos de um cristal frágil espalhados pelo chão. É assim que reajo à notícia que ele me dá.

— Você vai voltar para casa? Por que não me disse que isso poderia acontecer?

Faz exatamente uma semana que Josh transformou a Casa da Árvore em uma *verdadeira* casa na árvore. Mas hoje está muito frio para ficarmos lá no terraço, então ficamos por aqui mesmo, aninhados na minha cama. Pelo menos ele também parece estar bem triste com a notícia.

— Sei lá — desabafa, jogando o celular de lado. — Eu tinha esperanças de que talvez, de alguma forma, eles... me esquecessem.

— Seus pais nunca *esqueceriam* você.

— Você não vai acreditar em quantas vezes conversei com eles desde que as aulas começaram. Vinte, talvez? E a maior parte delas... agora?

Suspiro.

— Feliz Aniversário, Josh.

Os pais dele escolheram hoje — justo hoje — para avisar que ele vai ter que voltar para casa e passar a semana inteira das eleições por lá. Josh vai ser uma isca perfeita para a imprensa: o garoto de dezoito anos que vai votar no pai pela primeira vez. Os pais dele querem alavancar as pesquisas de voto, promover uma entrevista impactante depois; enfim, a farsa completa.

— É tão sórdido... Estão me arrastando para o mundo sujo deles, e querem que eu banque o filhinho perfeito.

— Votar no seu pai não é sujo.

— Mas todo o resto é.

— É verdade.

A pior parte de tudo isso é o pouco tempo que nos resta. Ele vai embora exatamente quando o período de detenção termina, bem no momento em que teríamos todo o tempo do mundo para ficarmos juntos.

— Bom... pelo menos temos bolo — acrescento.

Ele ergue uma sobrancelha, surpreso.

— Bolo?

Sorrio e pulo da cama.

— Você já fez muito — resmunga Josh, muito embora seja óbvio que ele gostou da ideia. — O *crème brûlée*. Os presentes...

— Só um daqueles presentes conta — comento.

— Mas eu gostei de todos.

Depois do almoço, dei a ele um presente bem simples, que eu mesma fiz: uma raposa de papel machê com vários lápis de cera roxos enfiados na bunda. Em seguida, dei um presente

de verdade, uma obra de arte original de um dos cartunistas favoritos dele. É importado, comprei na semana em que começamos a namorar, logo depois que Josh mencionou que o aniversário dele era dia vinte e quatro de outubro. Fiquei preocupada, achando que talvez fosse cedo demais para dar um presente desses, mas ele me pareceu verdadeiramente feliz.

Meu aniversário é no final de junho. Não poderei votar nas próximas eleições.

Eu me levanto para pegar o bolo no frigobar quando... algo me interrompe. Silêncio. Espio o corredor. Pela primeira vez, está vazio. A porta de Nate está fechada. À primeira vista, não há uma alma viva sequer. De repente, sou tomada por uma vontade que não consigo conter. Ou talvez seja desespero, a separação iminente que lancina e percorre meu corpo. Minha mão paira sobre a maçaneta da porta. Então, me decido.

Fecho a porta.

Josh engole em seco. Temos tomado todo o cuidado para cumprir as regras...

— Tem certeza? — pergunta ele.

— Sim.

— Meu aniversário acaba de ficar *muito* melhor.

Dou um peteleco no interruptor.

— E mais escuro também — acrescenta.

Cambaleando, vou até a escrivaninha, acendo a luminária e retiro algo pequeno e redondo do frigobar: um bolo de avelã com uma vistosa mousse de chocolate. Acendo as velas e canto baixinho "Parabéns pra você" em francês. *Joyeux anniversaire.* Josh sorri ao me ouvir cantando pela primeira vez.

— Que sexy — diz.

Acho que passei no teste. Foi um pouco constrangedor, mas valeu a pena. Josh fecha os olhos, e todas as dezoito velas se apagam com um único sopro.

— Você tinha que fazer um pedido!

Josh meneia a cabeça em direção à porta.

— Mas eu fiz.

Finjo que vou atacá-lo com os talheres. Josh segura os dois garfos e me puxa para si. Eu me sento na cama e, rindo, atacamos o bolo. Pouco depois já estou zonza de tanto açúcar. Caio de costas na cama. Após deixar o prato de lado, Josh desmorona a meu lado. Ele solta um gemido de alegria. Entrelaço meus dedos nos dele, e Josh se contrai.

Paro no mesmo momento.

— Tendinite? — pergunto.

— Está tudo bem — responde ele.

Eu o encaro.

— Tá legal. Tá doendo um pouco agora — admite.

Ficamos olhando para a mão dele, que se contrai de dor.

— Ah, tadinho — lamento. — *Mon petit chou*.

Surpreso, Josh ergue a cabeça imediatamente. É a primeira vez que o chamo assim, de um jeito tão carinhoso. *Meu repolhinho*. É como chamar alguém de "meu docinho de coco". A expressão dele amolece, mas Josh olha para baixo e depois desvia o olhar.

— Ainda fico nervoso do seu lado, sabia?

— Sério?

— Eu me sinto como um gigante todo desajeitado. Você parece uma boneca de

porcelana. Doce, delicada, linda.

Sorrio.

— Fica tranquilo, eu não vou quebrar.

Josh também sorri.

— Não?

— Não. Nem você.

Volto a pegar na mão dele e massageio seus dedos bem devagar. Os tendões estão tão tensos que parecem cordas cobertas de pele. Josh faz cara de dor; eu paro, mas ele parece não gostar, e, pela sua expressão de súplica, percebo que ele quer que eu continue. Massageio com mais força, e ele fecha os olhos. Pressiono ainda mais, e ele grunhe. Esfrego cada um dos dedos cuidadosamente, para cima e para baixo, um de cada vez. Os músculos ficam menos rígidos, mas não relaxam. Estão sobrecarregados.

— Eu deveria fazer isso com mais frequência. Coitada da sua mãozinha... precisa de ajuda.

Josh entreabre um dos olhos.

— Estou bem.

— Está brincando? Nesse ritmo, quando estiver com vinte anos vai estar aleijado. — Continuo massageando a mão dele. — Já foi ao médico?

Ele puxa a mão de volta.

— Já está melhor agora.

— Desculpa.

Ele não gostou da bronca, mas sorri e diz:

— Não quis ser grosso.

Josh se curva, pega a mochila e retira de lá... a caneta de ponta fina.

— Ah. — Meus ombros despencam. — Você quer desenhar.

— Sim. Você.

Fico animada. Estendo a mão para entregar a ele o bloquinho de desenho, mas Josh recusa.

— Não. Quero desenhar *em* você — diz.

O ar está carregado. Engulo em seco. Josh percebe e beija meu pescoço. Fecho os olhos. Ele continua percorrendo a pele com beijos suaves, depois beija a linha acima da mandíbula. Meus lábios. Retribuo com beijos mais intensos, mais longos, faminta pelo gosto dele. Uma das mãos escorrega pelas pernas descobertas, tocando minha coxa na mesma altura da barra da saia. A outra mão puxa a ponta do meu suéter. Dúvida.

Abrimos os olhos. As pupilas dele estão escuras e dilatadas.

Continuo olhando-o nos olhos enquanto tiro meu suéter. Por baixo, estou usando uma camisola de seda. Começo a retirá-la, mas ele toca meu braço e me interrompe.

— Quero começar aqui — diz.

Josh me põe de pé. Ele inclina a cabeça para o lado enquanto observa sua tela: minha pele branca feito leite. Não fico vermelha. Ele continua. A ponta da caneta toca meu ombro primeiro. Seus traços são longos, cuidadosos, mas rápidos. Fecho os olhos. A tinta faz cócegas em meu peito, pescoço, braços, mãos. Nos pés, nas panturrilhas e na parte de trás dos joelhos. Nas coxas.

Fico sem ar.

— *Pronto* — sussurra.

Abro os olhos e vou me olhar no espelho. Estou coberta de rosas, bússolas, folhas de árvores, ilhas desertas, árvores de Josh e traços geométricos complexos. É lindo. Estou linda. Viro-me para ele, sem saber muito o que fazer, e ele me entrega a caneta.

— É a sua vez.

Sinto um frio na barriga.

— Você sabe que eu não sei desenhar.

— Isso não é verdade. Todo mundo sabe desenhar.

Faço que não e olho para meu corpo.

— Não desse jeito.

Josh tira a camiseta. Meu. Deus. Ele é tão lindo que eu poderia chorar de emoção agorinha mesmo.

— Não sei por onde começar.

Ele aperta minha mão, que está segurando a caneta, e beija o cantinho da minha boca. Depois o outro.

— Vou começar com você.

Juntos, desenhamos um coração simples no peito dele, na altura do coração. Solto uma risada, o que o faz rir também.

— Está vendo? É fácil.

E então... eu desenho.

Meus traços não são tão precisos e minhas ilustrações, tão reconhecíveis. Decido me ater a círculos e espirais. Josh me observa. Cubro o peito dele, o pescoço, as costas, os braços, os dedos. O abdômen.

— Pronto — digo, apontando para o espelho. — Tentei fazer o meu melhor.

Josh se olha no espelho por um bom tempo. Eu me sento na beira da cama. Por fim, ele se vira para mim:

— Obrigado.

Por algum motivo, é agora que fico vermelha.

— Gostou?

— Amei.

Suas palavras pairam no ar. Faz-se um silêncio de expectativa. Será que ele quis dizer...?

Josh senta ao meu lado. Com a testa, ele toca a minha. Em seguida, ele fecha os olhos e diz:

— Isla Martin. Eu amo você.

Meu universo explode.

— Eu também amo você, Josh. *Muito*.

Apertamos nossos corpos um contra o outro, e a tinta no peito dele cria uma imagem espelhada na minha camisola. O coração dele bate contra o meu. Eu me jogo na cama e o puxo comigo. Ele afasta o corpo, tentando esconder sua reação física, o que só me faz puxá-lo junto a mim mais e mais. Nós nos beijamos sem parar. Ele me ajuda a tirar a camisola. A tinta se transfere do peito dele para o meu e vice-versa, formando impressões digitais pelo nosso corpo, manchando meus cobertores. Abro o cinto e o zíper dele, e nós rolamos em cima do bolo, e agora há glacê, mousse de chocolate e tinta preta...

A luz fluorescente começa a piscar.

— Você realmente precisa mandar consertar is...

— Ah, meu Deus, Kurt! — exclamo.

Josh cobre meu corpo com o dele.

— Fecha essa merda!

Mas Kurt está paralisado.

— Fecha a porta! — gritamos.

E ele fecha. A porta da escadaria que fica ao lado do meu quarto se abre e ele sai correndo para o andar de cima. Parece que meu coração vai sair pela boca. Jogo a camiseta de Josh para ele.

— Nate deve ter escutado.

— Merda, merda, merda! — esbraveja Josh.

— Sinto muito. Ele não fez por mal. Kurt.

Meu namorado me beija, tão rápido quanto uma flecha, e vai embora. A porta da escadaria se abre de novo, e a de Nate se escancara enquanto a da escadaria se fecha de novo. Nate não viu Josh. Talvez não tenha percebido que o grito veio do meu quarto. Talvez.

Alguém bate à porta.

— Humm...? — respondo, fingindo a voz mais sonolenta possível.

— Foi a segunda vez. Se acontecer de novo, vou ter que falar com a diretora, e ela *vai* suspender vocês dois — adverte Nate.

Ele aguarda uma resposta.

— Responda, Isla.

— Tudo bem.

As palavras passam com dificuldade por minha garganta. Quero morrer.

Ouço a aluna do terceiro ano se revirar na cama no quarto ao lado. Torço para que ela ainda esteja dormindo.

— Não escutei! — grita Nate.

— TUDO BEM!

— Obrigado. Boa noite.

Nate vai embora; ouço o barulho da porta do quarto dele se abrindo, e então o mundo silencia. Solto a respiração. Estou tremendo. Em seguida, choro, mas não pelo medo ou pela humilhação. Mas porque o momento mais incrível de toda a minha vida acaba de acontecer.

Josh me ama.

Passo o dedo pela tinta em meu corpo. Os desenhos maravilhosos de Josh estão manchados de chocolate. Contra minha própria vontade, ligo o chuveiro. O banheiro já está cheio de vapor quando entro. A água quente cai e os tons de roxo e preto das tintas escorrem pelo meu corpo.

E tocam cada lugarzinho.

Josh está por toda parte.



capítulo quinze

Josh aparece atrás de meu ombro.

— Pensei que tivéssemos decidido que você iria para Dartmouth.

A detenção dele deve ter terminado agora. Estou fazendo uma espécie de redação para a Universidade de Columbia, um procedimento de praxe nas universidades americanas. Concluo a frase que estou escrevendo, olho para ele e sorrio.

— Pode me lembrar onde fica isso?

— A sete quilômetros, oitocentos e quarenta metros do Centro de Estudos de Desenhos Animados. Talvez. Não tenho certeza. Preciso verificar.

— Ela até já se inscreveu — anuncia Kurt, estragando minha surpresa.

Josh congela, e logo depois se ajoelha.

— É sério? É verdade isso?

Mostro o papel de inscrição em Dartmouth, que tinha escondido.

— É sério.

Ele rasga e joga no chão a papelada de Columbia.

— Então você não precisa mais disso, realmente não precisa!

— Preciso, sim — digo, rindo e recolhendo o papel picado.

— Não precisa, não.

— É difícil entrar para essas universidades — comento, e meu sorriso desvanece enquanto aponto para as três pastas em minha mesa, cada uma com uma etiqueta diferente: SORBONNE, COLUMBIA e DARTMOUTH. — Você sabe que tenho que tentar todas.

— E vai ser aceita em todas. Mas vai *escolher* Dartmouth. E nós vamos morar em um loft pertinho do rio, mas que vai ser bem maior do que nossos quartos, e teremos um gato parecido com o Jacque, mas que vamos chamar de Jack. E teremos um carro caindo aos pedaços, sem ar-condicionado, mas que vai ter um rádio legal, e vamos viajar para um lugar diferente todo fim de semana.

— Quero tudo isso — digo.

— Eu também.

Sentado na minha cama, Kurt balança a cabeça, em reprovação ao que acaba de ouvir.

— Continuo sem entender por que você mudaria seus planos depois de todos esses anos.

Eu me viro e olho para ele.

— Mas eu nunca tive plano nenhum.

Mas é tarde demais, a expressão de Josh já murchou.

— Desculpa. Eu nunca pediria para você fazer alguma coisa que não queira — diz ele.

— Ah, pediria sim — digo, rindo.

A expressão dele se torna séria.

— Não, não pediria.

— Josh, é *claro* que eu quero ir para lá. Você sabe mais do que ninguém que eu não sei o

que quero fazer na vida. Então, seja lá o que eu for fazer, posso muito bem fazer em… Dartmouth.

Kurt solta um resmungo, como se estivesse sentindo uma dor física.

— Seus pais vão ficar furiosos.

— *Se* me aceitarem em Dartmouth — digo, olhando bem fundo nos olhos de Josh —, eles vão respeitar minha decisão.

— Não, não vão, não — diz Kurt, indignado, o corpo todo tensionado. — Eles vão é ficar preocupados e com medo de você jogar tudo para o alto por um garoto.

— Ei! Isso não é verdade — retruco, me voltando para Kurt.

— Faz menos de um mês que você está namorando o Josh!

— Nós nem vamos estudar na mesma faculdade. E nem ele, nem eu conseguimos entrar ainda, então é melhor você parar com o show, pode ser?

Kurt me encara.

— Eu só estou tentando terminar o dever de casa. Foi você que trouxe *seu namorado* para cá.

— Na verdade, vim por vontade própria. E continuo aqui — intervém Josh, apontando para si mesmo. — Olá.

— Este é o *meu* quarto — digo para Kurt.

— Então eu não tenho mais palavra aqui? — pergunta ele.

— Não! — respondo.

— Vou embora — anuncia Josh.

— Por favor, não — intervenho.

— Beleza — diz Kurt.

Eu vou atrás de Josh, mas ele me impede.

— É melhor você ficar — sugere ele, baixinho.

Começo a protestar, mas ele me corta:

— Eu não quero estragar as coisas entre vocês dois. Vocês têm que resolver isso sozinhos. — Ele me dá um beijo na bochecha e vai embora.

Olho feio para Kurt.

— Bom… E aí? Quer conversar?

— Conversar sobre o quê? — pergunta ele, me provocando.

Falo mais baixo, porque a porta está aberta:

— Sobre ontem à noite.

— Quando você gritou comigo?

— Não. Quando você chegou aqui e encontrou algo que não esperava.

Kurt fecha o livro com tanta força que dou um pulo.

— Você é a única pessoa que nunca deveria falar comigo desse jeito — retruca. — Como se eu não entendesse como as coisas funcionam. Você é louca para transar com ele há uns três anos. Por que não faria isso agora que estão namorando? Não sou tão idiota quanto você pensa.

— Eu não acho que você é idiota — digo, ressentida. — Você *sabe* que não.

— Acha, sim.

O pior é que Kurt tem razão. Eu me sinto envergonhada.

— Olha, não quero me intrometer no seu namoro e não quero que pare de sair com quem

quiser, mas seria muito bom saber se você ainda se importa minimamente comigo.

Desmorono ao lado dele na cama.

— Desculpa.

— Não precisa me pedir desculpas. É só me dizer que continua sendo minha amiga.

— Continuo sendo sua *melhor* amiga.

Eu apoio a cabeça em seu ombro e suspiro.

— O que preciso fazer para a gente fazer as pazes?

— Para começar, vê se tenta consertar logo a fechadura da sua porta. Nunca mais quero ver os seus peitos de novo.

— AhmeuDeus, Kurt!

Ele solta uma risadinha maliciosa.

— Estão maiores desde a última vez que os vi.

Dou um empurrão nele.

— Você quer que eu vá embora do meu próprio quarto? Sério, estou quase vomitando.

— Não. — Ele voltar a ficar sério. — Não quero que você vá embora nunca.

— Vamos viajar neste fim de semana. Para fora do país — convida Josh.

É sexta-feira, e a gente está se pegando dentro da sala da limpeza, entre a segunda e a terceira aulas. Tem sido uma semana difícil, repleta de tensão. Hoje é o último dia de detenção de Josh e nosso último fim de semana antes de ele viajar para Nova York.

Pensei que ele estivesse brincando, mas a expressão em seu rosto me diz o contrário.

— Josh. A gente não pode simplesmente *ir*.

— Por que não? Fui à Alemanha no mês passado.

— Sim, mas…

Uma vassoura cai nas minhas costas, e eu a coloco de volta no lugar.

— É diferente.

— A única diferença é que dessa vez será bem melhor, porque você vai estar comigo.

Quero muito viajar com ele. Desejo isso com todas as minhas forças.

A vassoura cai de novo, e Josh a encosta em uma das paredes.

— Quieta aí! — ordena ele à vassoura.

— Odeio essa sala.

— Vamos para algum lugar onde a gente não precise deixar a porta aberta nem se esconder no meio de vassouras.

— Eu também quero isso, muito. Mas é muito arriscado. — Faço uma pausa. — Não é?

— Olha, já tenho um plano: pegamos o trem amanhã bem cedo, passamos a tarde e a noite em algum lugar por lá, dormimos em um hotel e depois pegamos o trem de volta no domingo de manhã. Passaríamos só uma noite fora.

— E… quantas vezes você já fez isso?

Ele dá de ombros.

— No ano passado, várias — diz ele, dando de ombros. — E uma neste ano.

— E nunca pegaram você?

— Nunca. — Josh aperta minhas mãos. — O Nate praticamente *espera* que a gente passe a noite fora nos fins de semana. Ele não quer nem saber se estamos no nosso quarto ou não. Há apenas duas regras. Primeira: passamos apenas uma noite fora, nada além disso. Milhões de

coisas podem acontecer em uma noite, e não é difícil arrumar uma desculpa se algo der errado. Segunda: temos que falar do nosso plano para as pessoas mais próximas, para elas não saírem por aí perguntando sobre a gente.

— Então… Kurt.

Isso me deixa incomodada. Kurt guardaria nosso segredo, mas também ficaria decepcionado com meu comportamento impulsivo.

— Ele é a única pessoa que perceberia nossa ausência.

Mordo o lábio inferior.

— Para onde iríamos? — pergunta ele. — Fala aí um lugar aonde você nunca foi.

— Barcelona — disparo, surpresa com a rapidez da resposta.

Josh não parece tão surpreso assim.

— Por quê? — pergunta ele.

— Gaudí.

— O arquiteto?

É claro que meu namorado conhece Antoni Gaudí, que foi um arquiteto modernista reverenciado por diferentes artistas.

— Vi o trabalho dele em uma *National Geographic* velha. É quase mágico. Nunca vi nada igual. Mas talvez seja bobeira, coisa de turista…

— Não. É perfeito. Seria a minha primeira vez também.

Silêncio. As palavras dele deixam vir à tona a verdadeira essência dessa conversa. Ele engole em seco.

— Seria a nossa primeira vez.

E agora estamos falando sobre outra coisa. Sobre algo que tanto ele quanto eu aguardamos ansiosamente.

A ideia de Josh voltando para os Estados Unidos é insuportável. É só uma semana — sei disso —, mas sempre que me pego pensando no avião dele pousando no JFK, fico… não só muito mal, mas também com a sensação de que é *errado*. Como se nossa separação iminente fosse algo muito pior do que realmente é. Quero ficar sozinha com ele. Sem detenção, sem eleição. Sem Kurt, sem Nate. Só nós dois, juntos, de todas as formas que duas pessoas apaixonadas podem ficar juntas.

O sinal toca. Nosso tempo no armário acabou.

— Então vamos — concordo, afinal.

Nosso trem já está cruzando o interior da França quando começa a amanhecer. O vagão está praticamente vazio, e escolhemos dois assentos com uma mesa. Josh se sentou ao lado da janela, porque precisa de luz para desenhar. Ele faz pequenos esboços em um caderno novo enquanto eu leio um livro sobre canibalismo depois da queda de um avião nos Andes. Com delicadeza, ele encosta um dos pés no meu, e eu repito o gesto. Sempre acreditei que os melhores relacionamentos são aqueles em que as pessoas se sentem bem mesmo estando em silêncio, mas, antes de Josh, eu só havia sentido isso com Kurt.

O sol brilha com mais intensidade agora, e sinto meus olhos pesando. Encosto a cabeça no ombro de Josh, e ele para de desenhar.

— Ah, desculpa.

Endireito o corpo para que ele possa retomar o que estava fazendo, mas Josh tira o

moletom azul-escuro, o coloca sobre o colo e pede para eu me deitar no travesseiro improvisado. Respiro profundamente, sentindo aquele cheiro maravilhoso dele. Sou muito sortuda. Muito, muito sortuda. O braço dele volta a se movimentar enquanto transito entre o sono e a consciência. Um devaneio. Uma imagem de uma cama e dois corpos, o dele enroscado no meu, me protegendo. Em algum momento, caio no sono de verdade, e sinto sua mão acariciando meu cabelo, afastando-o do meu rosto.

— Temos que trocar de trem — sussurra ele.

Estamos em Figueres, Espanha. Catalunha. Foi aqui que Salvador Dalí nasceu, na fronteira com a França. Endireito o corpo no assento enquanto o trem se aproxima da estação. Josh pega seu caderno e solta um gemido ao se levantar; suas pernas estão doloridas.

— Você deveria ter me acordado. Ficou na mesma posição por horas.

Josh veste o moletom.

— Mas *você* precisava descansar.

Guardamos nossos livros na mochila (cada um trouxe uma, e nada mais) antes de descermos. O trem para; saímos, e o vento forte e inesperado com o qual nos deparamos me faz tremer de frio. A aurora resplandecente se transformou em uma manhã soturna. O céu escurece cada vez mais enquanto o trem sacoleja rumo a Barcelona. A paisagem interiorana da França era verde e cinza, e a da Espanha é verde e dourada, embora as nuvens carregadas atenuem o calor.

— Por acaso você trouxe um guarda-chuva? Não, né? — pergunto.

— Eu nem tenho guarda-chuva.

— Ah, é verdade. Tinha esquecido que a sua pele é à prova d'água.

Josh se diverte com o comentário.

— Gosto de você.

Olho para baixo e dou um risinho. Um mês de namoro e ele ainda consegue me deixar assim. Quem se importa com a chuva?

Duas horas depois, desembarcamos na estação Barcelona Sants. O bairro é urbano e meio… sujo. Passamos por um grupo de skatistas, e o barulho do skate batendo no chão é mais alto do que o estrondo dos relâmpagos no céu. A tempestade começa. Os skatistas atravessam a rua correndo e nós fazemos o mesmo, entrando em uma cafeteria logo depois.

— AhmeuDeusobrigado! — Josh estremece, feliz por finalmente podermos comer algo. — Deu tudo certo.

O piso ladrilhado, vermelho e laranja, range sob nossos pés. Por trás do vidro do balcão há baguetes fininhas recheadas com carne de porco picante, queijo amanteigado e pedaços grandes de tomate. Peço três tipos de *bocadillos* (*chorizo, un jamón serrano y queso manchego, y una tortilla de patatas*) e, sentados no balcão, de frente para a rua congestionada, comemos.

Josh pega um pedaço enorme do sanduíche de *chorizo*.

— Sabe o que é legal? Nunca conversamos sobre isso, mas temos o mesmo gosto para comida.

— Variedade?

— Sim. E muita.

Ele aponta o dedo para mim, como se estivesse me acusando de algo.

— Ei. Você fala espanhol.

— Espanhol, *sí*. Catalão, *no*.

O catalão é a língua principal de Barcelona, embora também se fale espanhol por aqui.

— Levando em conta que você fala francês superbem e *não me contou*, não é trapaça *nenhuma*.

— Fala mais alguma outra língua?

— Só mandarim. Ah, e um pouquinho de russo.

Josh congela no meio de uma mordida, e eu começo a rir.

— Brincadeira.

— Tá aí, talvez você possa fazer isso um dia. Ser intérprete ou algo do tipo.

Franzo a testa.

— Que tal montadora de sanduíche? Skatista profissional? Maquinista?

— Continue tentando — digo, rindo.

Nosso almoço espontâneo é delicioso, e a carne de porco daqui é fantástica. É como comer peixe no Japão ou bife na Argentina. Ou *qualquer coisa* na França. Admito, sou parcial.

Estudo o mapa personalizado que Kurt fez para a gente ontem à noite. Ele parou de ficar me criticando assim que percebeu que eu arranjei a desculpa perfeita para ele bancar o cartógrafo.

— Pegamos um táxi para La Pedrera? — pergunto. Foi o primeiro ponto de referência que Kurt marcou. — Ou é melhor fazermos check-in no hotel primeiro?

Josh afasta uma mecha do meu cabelo molhado.

— Isso me lembra aquela noite em Nova York.

Levanto a cabeça e o encontro absorto nas próprias lembranças. Ele enrola a mecha do meu cabelo no dedo indicador manchado de tinta e delicadamente me puxa para mais perto. E me beija longa e intensamente.

O hotel.

Definitivamente devemos ir para o hotel.



capítulo dezesseis

O hotel que Josh reservou pela internet é maravilhoso. As colunas são revestidas de mosaicos, há uma fonte borbulhante no jardim de entrada e dezenas de cactos em vasos nas paredes.

Infelizmente, é cedo demais para fazer o check-in.

Nossa tensão no táxi é evidente. Pungente. Não sei onde vamos esperar, mas não nos resta outra escolha a não ser explorar a cidade.

Em meio à água deixada pela chuva, andamos pelo centro de Barcelona. Bandeiras com listras vermelhas e amarelas — algumas com o triângulo azul e a estrela da independência, outras sem — estão por toda parte, principalmente nas varandas ainda encharcadas dos prédios. A cidade tem muito da arquitetura europeia ocidental, mas também é repleta de cores e rodeada por colinas íngremes. Palmeiras e diversos tipos de árvores. Videiras roxas e flores vermelhas.

— É uma espécie de São Francisco parisiense — comenta Josh.

Ou ele está tentando mudar de assunto — o assunto no qual não conseguimos parar de pensar —, ou está pensando nos seus amigos da Califórnia. É, é melhor mudarmos de assunto.

— Ah, por falar nisso, tudo bem com o St. Clair e a Anna? — pergunto.

— Tudo ótimo. — Josh endireita o corpo. — Eles estão morando juntos.

— Uau. Já? Você acha que vai durar?

Josh franze o cenho.

— Com certeza — responde ele, e depois percebe que estou meio perdida. — Desculpa. Às vezes eu esqueço que você não conhece o pessoal.

Eu nunca esqueço.

Os dois me observam e me encaram toda vez que me veem no quarto de Josh. As paredes completamente abarrotadas de desenhos dos amigos dele os transformam em uma presença constante e silenciosa. Queria conhecê-los melhor. Queria que eles soubessem que *existo* e que agora também faço parte da vida de Josh.

— St. Clair e Anna são um desses casais que parecem ter nascido um para o outro — explica Josh. — Ficaram amigos muito rápido, química instantânea. Ele ficou obcecado por ela desde o momento em que se conheceram. Só falava dela, o dia inteiro. E, para falar a verdade, ainda é assim.

— Gosto da Anna. E do St. Clair também. Ele sempre foi muito legal comigo, mas não o conheço tanto quanto conheço ela. Mas nós duas também nunca conversamos muito…

Não sei por que estou balbuciando as palavras. Talvez para não me sentir tão por fora dessa parte da vida dele.

— O quarto dela era no mesmo andar que o meu — continuo. — E, na primeira semana de aula, ela enfrentou a Amanda Spitterton-Watts para me defender.

Josh sorri.

— E deu um soco nela.

— Pois é. Aquilo foi muito bizarro. E incrível também — digo, rindo.

Amanda foi a Emily Middlestone do ano passado: a garota mais popular e perversa do colégio. Vi quando Anna deu um soco nela, e foi meu testemunho que impediu que ela fosse suspensa. Eu senti que devia isso a Anna, não só por ter me defendido uma vez, mas… porque ela sabia que eu estava a fim do Josh. Uma vez, ela me pegou distraída, rabiscando a tatuagem dele em um papel. Na hora, tive certeza de que ela contaria para ele, mas Anna guardou meu segredo. Ele nunca me olhou daquele jeito estranho meio "eu sei que você gosta de mim".

Enfim. Sou grata a ela.

Nossa primeira parada é na Passeig de Gràcia, uma avenida enorme repleta de lojas de grife: Dolce & Gabbana; Salvatore Ferragamo; Yves Saint Laurent. Mas, em meio a todo o luxo, uma verdadeira joia rara é digna de nossa atenção: Casa Milà, também conhecida como La Pedrera.

Saímos do táxi correndo e nos abrigamos embaixo de um toldo para nos protegermos da chuva. Do outro lado da rua, avistamos a curiosa construção e sua fachada de pedra. Há mais ou menos um século, um homem rico chamado Milà contratou Gaudí para projetar esse edifício. A estrutura grandiosa é formada inteiramente por ondas e curvas. Não há uma linha reta sequer na construção. O lugar já foi a casa da família Milà, bem como de vários inquilinos, mas a maioria dos moradores considerava o prédio feio e o menosprezava — exatamente o que os parisienses achavam da Torre Eiffel assim que foi inaugurada.

Eu me pergunto como eu me sentiria em relação a esses monumentos se vivesse naquele tempo. Gosto de pensar que seria uma das pessoas que compreendia o quanto eles eram especiais, e que é justamente essa singularidade que faz com que algo, ou alguém, se torne único e insubstituível.

— Terraço maneiro — comenta Josh. — Mas a Casa da Árvore é melhor.

Dou uma cotovelada de leve na pessoa que, para mim, é o que há de mais único e insubstituível no mundo, e ele me cutuca de volta. O terraço do último piso do La Pedrera é famoso. É coberto por chaminés enormes e bem peculiares. Algumas delas parecem casquinhas de sorvete gigantes; outras, soldados medievais de capacetes. De longe, vemos os turistas subindo e descendo as escadarias, que poderiam ter sido desenhadas por Escher, todos em volta das chaminés e batendo um guarda-chuva no outro. São como barcos à deriva no mar aberto.

— Parece um oceano — comenta Josh, ainda encantado com a fachada do prédio. — O calcário ondulado, as grades de ferro…

As varandas parecem tentáculos e algas marinhas distorcidos, embora seja muito *provável* que o tempo esteja afetando nossa percepção. Observamos a fila enorme com pessoas aguardando na chuva para entrar no prédio.

— Está, meio… hum… cheio. E chovendo — digo, dando de ombros. — Vamos para a próxima parada? — sugiro.

Aliviado, Josh sorri.

— Não quero perder um minuto sequer deste dia.

"Nem eu", penso, com os olhos grudados nas covinhas dele.

O mapa feito por Kurt nos leva à rua onde há uma segunda casa projetada por Gaudí.

Josh e eu caminhamos bem próximo aos edifícios para nos protegermos da chuva, mas ficamos encharcados mesmo assim.

— Agora é a sua vez. Me fala sobre os seus amigos. Sanjita. O que aconteceu? — pergunta ele.

— Então… você se lembra…

— Lembro que vocês eram amigas no primeiro ano. Vocês pararam de se falar porque ela queria ser popular? Perguntei para a Rashimi o que tinha acontecido, mas ela disse que a irmã se recusava a falar sobre você.

Sinto como se tivesse levado uma facada precisa e inesperada no peito.

— Você perguntou para a sua *ex-namorada* sobre a minha amizade com a irmã dela?

— Não! Não foi agora. A gente ainda estava namorando.

— Ah — digo, embora ainda esteja confusa.

Paramos embaixo da marquise de uma farmácia, que tem uma cruz verde de neon na entrada.

— Isla, eu *jamais* faria isso com você. Só falei com ela uma vez depois que as aulas começaram. Há umas três semanas, ela me mandou uma mensagem de texto perguntando como eu estava. Falei que estava ótimo, porque estava saindo com você. Ela disse que torcia para dar certo e me contou que está namorando um cara da Brown.

Queria que essa informação não me deixasse tão aliviada. Tento não pensar em Rashimi. Tento não pensar nela e em Josh no meu quarto, no ano passado. Tento não pensar que provavelmente eles fizeram sexo na minha cama. E talvez no meu banheiro. E talvez no chão também.

Tento.

Josh interpreta meu silêncio como um pedido por mais explicações.

— Passei um tempo com a família dela no verão passado. Sanjita estava agindo de um jeito meio estranho, achei que ela pudesse estar com depressão. Foi por isso que perguntei a Rashimi sobre vocês duas. O que foi que aconteceu, afinal?

Nunca contei essa história para ninguém. Levo um minuto para tomar coragem.

— Ela é a única amiga que já tive, tirando as minhas irmãs. Quando entrei na SOAP… eu nem sequer sabia *como* fazer amigos.

Josh tira minhas mãos de dentro dos bolsos do meu casaco e me puxa para perto dele.

— Bom — continuo —, Kurt e eu éramos amigos antes mesmo de sabermos o que essa palavra significa. Então, para mim foi meio que um milagre a Sanjita começar a falar comigo. Nós nos divertíamos muito juntas. Conversávamos sobre garotos, sobre moda…e ela era muito sensível e aberta sobre seus sentimentos e tudo o mais. Ou seja, o oposto do Kurt. Eu deveria ter deduzido o que aconteceria quando ele foi para a nossa escola no ano seguinte, mas nem me liguei. Achava que automaticamente os dois virariam melhores amigos também, porque… sei lá. Por causa da luz divina e egoísta que eu irradio.

— Sinto muito — diz Josh, com pesar.

— Ele veio para Paris, e ela ficou incomodada com a presença dele. Acho que ela queria que eu parasse de andar com ele, e ele não parava de me perguntar por que ela não gostava dele e… eu fiquei no fogo cruzado entre os dois.

— Igual ao que aconteceu com o Sébastien.

— Pior ainda, porque essa história da Sanjita foi antes. Eu não sabia o que

fazer. — Minha voz fica embargada. — Ela… ela me fez escolher. *Ela disse isso, com todas as letras*. Disse que ele estava nos atrapalhando.

Josh aperta minhas mãos.

— Kurt jamais pediria para você escolher entre os dois.

— Eu sei.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

— E foi por isso que o escolhi.

Josh procura alguma coisa para enxugar minhas lágrimas, mas já estamos tão encharcados que não faz a menor diferença. Rimos enquanto ele tenta secar meu rosto com a parte interna da manga da blusa.

— Sinto muito pelo que aconteceu. E sinto muito por ela ter magoado tanto você.

Dou de ombros.

— Não sei se isso vai fazer você se sentir melhor, mas, sabe, a Sanjita ficou muito mal depois que vocês duas pararam de se falar. Mesmo depois de ter conseguido o que queria, ficando amiga da Emily e se tornando popular na escola. Acho que ela ainda se arrepende do que fez com você.

— Também acho. Quando olho para ela, tenho essa mesma impressão.

— Você se arrepende de alguma coisa?

— Só de ter parado de tentar fazer amizades. Mas em relação a ela e ao Sébastien? Nem um pouco.

Balanço de leve nossas mãos entrelaçadas.

— Mas *alguém* tem me ensinado que nem todo mundo é tão intolerante.

Josh nega com a cabeça.

— Não sei. Às vezes eu sou muito intolerante.

— Sim, mas… é como se você estivesse sempre do lado certo.

Ele sorri.

Dou um tapinha no peito dele.

— Quer ver uma coisa legal?

— Estou olhando para ela.

— Shhhh! Vira.

Agora estamos de frente para a Casa Batlló, do outro lado da rua, mais uma obra de arte de Gaudí. A superfície externa é revestida por uma mescla de mosaicos e cerâmica nas cores azul-piscina, cobalto, ferrugem e dourado, com um acabamento rústico, um efeito que lembra a pele humana. E o topo é espetacular: um arco animalesco de ladrilhos metálicos que parece as costas de um dragão. Gostei mais desse edifício.

Josh arregala os olhos, impressionado.

— Está vendo aquela torre com a cruz? — Aponto para o topo da construção. — Algumas pessoas acreditam ser a lança que São Jorge usou para matar o dragão.

— Arquitetura. Talvez seja *esse* o seu futuro.

— Acho que estou mais para arte do que para arquitetura.

— Dá no mesmo — afirma Josh.

Reflito um pouco, mas, se eu estivesse mesmo interessada em arte ou arquitetura, sentiria vontade de vasculhar tudo lá dentro, de analisar cada ângulo bem de perto.

— É, não sei… Só gosto da história. E das formas. Só isso — digo.

Josh me envolve com um dos braços.

— Toda arte necessita dos seus entendedores.

Eu me aninho em seu corpo molhado.

— E aí? Qual será a próxima parada? — pergunta ele, checando as horas no celular.

Na expectativa, olho para ele. Josh faz que não, e nós dois tentamos não ficar decepcionados. Ainda é muito cedo para fazer o check-in no hotel.

A Sagrada Família é a próxima parada. O mapa nos conduz com facilidade até a estação mais próxima. Aqui, como na França, se diz *métro,* mas sem o acento agudo. Quando saímos da estação, a chuva já está mais fraca. Então, nós a avistamos. A Casa Batlló pode ser um dragão, mas a Sagrada Família?

É um monstro.

Ela me amedronta, me dá vontade de chorar. Sinto como se ela quisesse salvar minha alma do inferno. Gaudí começou a trabalhar no projeto dessa igreja no final do século XIX, mas levou pelo menos dez anos para terminá-la. Ela é duas vezes maior do que as catedrais mais altas da França. A Sagrada Família parece um castelo de areia sendo construído: a areia molhada ganhando forma por dedos precisos e delicados. Há luzes por todos os lugares, e hoje há operários trabalhando ao redor de suas torres gigantes, em guindastes enormes e perigosos.

Andamos ao redor da estrutura inteira, protegendo os olhos da chuva ao erguer a cabeça para contemplar figuras esculpidas em cada centímetro da fachada. Há tanta coisa acontecendo em volta que não dá para enquadrar o monumento em um estilo específico. Algumas das torres são repletas de cachos de uva coloridos; de um lado vemos formas austeras e aflitas, pessoas olhando para uma figura de Jesus pendurado em uma cruz de ferro. Figuras de mulheres esculpidas em pedra lamentam a crucificação ao lado de uma pilha de crânios, aos pés de Cristo. Do outro, nos deparamos com uma abundância de vida: humanos, anjos, animais e trigo suspensos em uma árvore e cobertos por pombas brancas.

— É lindo — comenta Josh. — Nossa, é realmente incrível.

Tenho uma ideia e saio correndo.

— Ei! Aonde você vai? — grita Josh.

— Volto já! Não sai daí!

Saio em disparada, percorro dois quarteirões e finalmente encontro uma loja de conveniência com um punhado de guarda-chuvas pendurados na entrada. Pego o primeiro que vejo — um transparente, de criança —, pago e volto correndo.

Josh está confuso e preocupado.

— Não acha que é meio tarde para isso?

Abro o guarda-chuva e o seguro bem acima da cabeça dele. Pego em sua mochila a camiseta que ele usaria amanhã.

— Seque as mãos.

Josh obedece, então substituo a camiseta por seu caderno e uma caneta.

— Você tem que desenhá-la, agora. Quando é que vai ter outra chance dessas?

— Isla, eu…

Fecho o zíper da mochila, dou um passo para o lado e seguro o guarda-chuva minúsculo, protegendo a cabeça dele. Josh observa a água da chuva escorrendo por meu rosto.

— Obrigado — agradece ele, baixinho.

Retribuo com um sorriso de orelha a orelha. Ele me dá um beijo no rosto, se inclina ainda mais sobre o caderno para protegê-lo da chuva e tira a tampa da caneta com a boca. Josh desenha rápido, e eu tento tranquilizá-lo. Não estou nem aí para a chuva. Ele se concentra na árvore coberta de pombas.

— Temos mais duas horas antes de escurecer — diz ele, depois de permanecer quase vinte minutos em silêncio. — E como está aí? Com frio?

— Um pouquinho, mas não tem problema, eu estou bem. Temos apenas mais uma parada, de acordo com o nosso mapa.

— Vamos ganhar algum prêmio se ticarmos todos os quadradinhos?

— O grande prêmio.

Josh ergue uma sobrancelha enquanto coloca a tampa de volta na caneta.

— Então é melhor irmos logo.

Admiramos juntos sua obra-prima. Gosto mais do desenho do que do monumento em si. No desenho de Josh, vejo apenas a beleza da construção, não o medo que ela desperta. Tudo em que Josh toca é bonito para mim.

Ele guarda o caderno na mochila enquanto procuro o mapa.

— Ah, droga! — Olho na direção da loja de conveniência. — Deve ter caído no caminho, enquanto eu estava correndo.

— E você lembra qual era o nome? — Ele pega o guarda-chuva e o segura acima da minha cabeça. — Não da loja. Do último lugar que a gente ia visitar.

— Ah, sim, claro.

Josh sorri. Ele desabotoa meu casaco e delicadamente puxa o colar que estava escondido por trás do vestido.

É um gesto *incrivelmente* sensual.

Ele ergue meu pingente de bússola.

— Então nós vamos encontrar o Melhor Caminho.



capítulo dezessete

Pegamos o metrô na direção norte e descemos em um bairro mais vazio e mais sujo. Ninguém sai da estação conosco e não há nenhuma placa indicando para onde fica nosso último destino.

— Estamos no lugar certo? — pergunto.

Josh coça a cabeça.

— Acho que sim. Vamos tentar ali.

Ele aponta para uma área que parece menos deserta. Subimos a rua, dividindo o guarda-chuva da melhor forma possível. A chuva se transformou em uma névoa fina. Na calçada, brotam plantinhas por entre as brechas do cimento. Tudo parece abandonado. Por fim, nos deparamos com uma colina enorme, com várias escadarias e escadas rolantes. Escadas rolantes. Nunca as vi assim, do lado externo, espremidas entre apartamentos e lojas de lembrancinhas. Mas, apesar desses sinais promissores… a rua continua deserta.

À medida que subimos as escadas rolantes, a névoa fica cada vez mais fraca. Quando chegamos ao topo da colina, ela desaparece completamente e dá lugar a um céu azul e límpido. À luz do sol.

Inclinamos a cabeça para trás e nos maravilhamos com a beleza do céu.

Há mais uma colina, menor, do outro lado da rua.

— Parece que o lugar que estamos procurando fica para lá — digo.

Em um gesto repentino, Josh me levanta, me coloca nos ombros e corre em direção à colina. Chego a berrar de tanto rir. Ele também ri, extasiado. Bato nas costas dele com as mãos, mas ele só me põe no chão quando chegamos aos portões no topo da colina.

Ele ergue os braços no ar, vitorioso.

— Ganhei! — E depois curva o corpo feito uma dobradiça. — Estou morto.

Sorrio.

— Bem-feito!

Josh ergue a cabeça.

— Ah, é?

Então ele percebe que mudo de expressão ao me dar conta do que há atrás dele. Josh se vira e, em seguida, endireita o corpo, atônito.

Não chegamos apenas ao topo da colina. Estamos no topo de Barcelona.

A cidade se estende de um canto a outro do horizonte, retângulos perfeitos de marrom, cinza, amarelo e vermelho. Sobrepondo-se a tudo estão os pináculos e os guindastes de construção da Sagrada Família, mas bem abaixo de nós há um caminho aparentemente interminável e sinuoso que perfila uma vegetação mediterrânea.

Parc Güell.

Ao longe vemos as torres e as esculturas que Gaudí desenhou para o parque — e a multidão que o frequenta —, mas, daqui, tudo é sereno e verde. O ar é tão fresco e puro que

meus pulmões ficam surpresos. Pela primeira vez em meses o mundo para. Desde antes de Paris, antes de Nova York… para falar a verdade, nem consigo lembrar quando foi a última vez que fui invadida por essa sensação tão completa de paz.

— Acho que viemos pela parte de trás — comento.

— Devíamos perder o mapa mais vezes.

Seguimos pelo caminho principal em silêncio, as mãos entrelaçadas. Estou extasiada. Vários minutos se passam sem que cruzemos com uma pessoa sequer. O primeiro que vemos é um jovem com um cobertor estendido sobre o chão, tentando vender brincos de pena para duas japonesas. Josh indica com o queixo um caminho estreito em meio às árvores.

Tiro a água do cabelo enquanto andamos, e Josh esfrega o dele rapidamente para fazer o mesmo. Gotas espirram por toda parte.

— Ei! Olha para onde você espirra essa coisa!

Josh mira a cabeça para mim e esfrega o couro cabeludo com mais força ainda.

— Bobo!

— Mas você me ama.

Sorrio.

— Amo.

O ar cheira a montanhas e pinheiros. Há *muitas* árvores por aqui. Ciprestes, oliveiras, palmeiras e árvores misteriosas com bagas vermelhas salientes.

Josh estica a mão espalmada e me interrompe.

Ouço alguma coisa também. Por trás de uma sequência de arbustos, um casal está fazendo sexo. Fico boquiaberta. Continuamos caminhando para não interrompê-los. É muito provável que tenham nossa idade. A maioria dos adolescentes europeus não tem carro e mora com os pais até terminar a faculdade. Assim, os parques são, de certo modo, um lugar visado para encontros amorosos.

Josh aponta para uma área isolada, fora da trilha, o que, de repente, me deixa nervosa, embora eu estivesse prestes a mostrar a ele a mesma direção.

Não demora muito para termos a mesma ideia do casal que acabamos de ver. Nós nos embrenhamos nas folhagens. Fico na pontinha dos pés, nossos lábios se encontram e nossos corpos desmoronam no chão. Nosso coração está acelerado, batendo com força um contra o outro. Josh desabotoa meu casaco e toca minhas costas, debaixo do vestido. Queria não estar de meia-calça. Mas, assim que as coisas começam a ficar mais intensas, Josh se afasta, ofegante.

— Deixa pra lá. Não posso fazer isso. Se continuarmos, vai ser horrível parar. Já está sendo.

— Desculpa.

Estico a mão para tocá-lo, mas Josh se afasta.

— Não. Está tudo bem. Só preciso de… alguns minutos.

O outro casal aparece por entre as folhas, saindo de uma trilha próxima. Eles notam nossa presença e dão risadinha, e foi exatamente para evitar essa situação que Josh e eu estávamos esperando o horário do nosso check-in. Estendo meu casaco em um galho espesso para deixá-lo secar. Tiro as botas e a meia-calça molhada.

Josh cobre o rosto.

— Assim você me mata…

Sorrio para ele enquanto torço a barra do vestido. Josh solta um gemido.

— Que injusto. Como as garotas são perversas.

Rio.

— Me dá seu moletom. Vou estender aqui.

Josh obedece. A camiseta que ele usa por baixo começa a subir junto, e meus olhos ficam vidrados na parte inferior de seu abdômen, até que ele se ajeita. Meu namorado também não percebe que está me enlouquecendo. Estendo o moletom dele em outro galho e me deito ao lado dele. Ficamos observando o céu. Ele apoia a cabeça na mochila e eu apoio a minha no peito dele. As árvores farfalham, espalhando o aroma de pinho por nosso acampamento temporário.

— Seus olhos me lembram dois pinheiros — diz Josh.

— Eu sempre quis que fossem verde-claros. São tão sem graça…

— Para com isso.

Ele beija o topo da minha cabeça.

— Alguma vez já contei a você sobre a cabana?

— Não — respondo.

Ouço as batidas do coração dele.

— Havia uma cabana no norte do estado, que a minha família costumava alugar no outono. Paredes rústicas, lareira de pedra, camas com colchas de retalho e tudo mais. Quando estávamos lá, meu pai não se preocupava com política, minha mãe se esquecia de se preocupar com meu pai. E nós saíamos para caminhar, colhíamos maçãs do pomar abandonado. Eram tantas maçãs que as jogávamos no riacho só para vê-las flutuar na água. E passávamos a noite brincando com vários jogos de tabuleiro…

— Quais?

— O meu favorito era o Pictionary.

Eu me aninho no colo dele.

— Óbvio.

— Minha mãe gostava mais do Detetive, e o meu pai, do War. Os dois preparavam um jantar bem caseiro, tipo carne assada com purê de batatas e maçãs em calda…

— Do pomar?

— Sim. E, enquanto eles cozinhavam, eu ficava esparramado no tapete, de frente para a lareira com uma pilha gigante de papel, desenhando. E, quando olhava para a cozinha, meus pais estavam lá, com aquela janela perfeitamente redonda atrás deles. De onde eu ficava no chão, tudo que dava para ver do lado de fora eram pinheiros. E por isso gosto de pinheiros — conclui ele. — Muito.

Enrosco a minha mão no polegar dele e aperto.

— E você? Onde foi que se sentiu mais feliz?

Paro para refletir um pouco.

— Bom, teve uma viagem para a Disney…

— Você colocou aquelas orelhas da Minnie? Ah, não me diga que colocou aquelas orelhas com o seu nome escrito embaixo?

Dou um cutucão nele.

— Não.

— Ah, agora não tem jeito, vou ficar imaginando você com aquelas orelhas da Minnie.

Continua.

Dou uma cutucada ainda mais forte nele.

— Então, a Gen tinha dez anos, eu, seis, e a Hattie, quatro. Gen era encantadora. Ela tem aqueles cachos perfeitos, sabe? Além do mais, ela sempre estava à frente de tudo. E Hattie era… Hattie. Então, elas atraíam toda a atenção só para elas, como sempre, mas um dia meus pais fizeram uma surpresa e me levaram para tomar o café da manhã de princesa da Disney. Só eu e mais ninguém. A Bela, a Branca de Neve e a Cinderela estavam lá, e a Jasmine disse que meu vestido estava lindo, e que *eu* era linda… Nossa, foi incrível. Meus pais… eles *sabiam*. Eles sabiam que *eu* precisava disso.

— Essa é a minha nova história favorita agora — afirma Josh.

— É claro que a história toda era para ser segredo, mas, assim que vi minhas irmãs, já fui logo abrindo o bico: "A princesa Jasmine me acha mais bonita do que você!", o que nem era verdade, mas me *pareceu* verdade. Minha mãe quis me matar, e Hattie fez birra pelo resto da viagem, mas valeu a pena. Foi o melhor dia de todos.

— Você é mais bonita do que as suas irmãs. Muito mais bonita.

— Essa é… a coisa mais romântica que você já me disse.

Josh sorri.

— É verdade.

Embora não consigamos vê-lo, ouvimos um passarinho cantando, e um outro, que também não vemos, responde.

— Sabe, não consigo lembrar quando foi a última vez que estive em um lugar onde não desse para ouvir o barulho dos carros, do trânsito.

— Ah, você é uma fã da natureza, só nunca deve ter tido a oportunidade de ficar muito em contato com ela.

— E você? É fã da natureza também?

— Claro! Olha, se você for comigo para a Nova Inglaterra, vamos fazer todas essas coisas ao ar livre que você lê nos livros. Explorar, acampar, escalar, praticar rafting, observar as estrelas, acender fogueiras…

— Acender fogueiras? — pergunto, achando graça. — Entendi.

— Isso, fogueiras. No plural.

O sol se põe abaixo da linha das árvores e, de repente, uma luz dourada e deslumbrante ilumina Josh. Ele é perfeito mesmo quando está molhado, suado e sujo. Ergo a cabeça até alcançar os lábios dele. Nós nos beijamos intensamente, e não aguento mais esperar.

— Vamos — falo, com a voz meio entrecortada.

Josh fica sem reação.

Então desperta e, desesperado e desajeitado, corre para pegar o moletom e a mochila, tropeçando nas próprias pernas. Pego minhas coisas, e ele segura minha mão enquanto andamos depressa em direção a uma trilha estreita. Rimos, felizes. Corremos, corremos, e quanto mais avançamos, mais cheio o parque fica. Passamos por uma área que parece uma caverna — perfeita para namorar e ainda com um cara tocando violão ao fundo, um clássico da Espanha —, mas continuar aqui já está fora dos planos. Esculturas, construções e a famosa fonte de lagarto, todas obras de Gaudí, surgem a nossa frente, mas mal olhamos para os monumentos. Só temos olhos um para o outro agora.

Pegamos o primeiro táxi que vemos do lado de fora do parque, nós dois já sem fôlego.

Josh entrega ao taxista o endereço do hotel, e nossas línguas, pernas e mãos se tocam, procuram, desejam umas às outras enquanto as ruas de Barcelona passam rapidamente do lado de fora da janela. Pagamos nosso taxista aflito mais do que o valor da corrida, principalmente por estarmos envergonhados pelo que ele teve que presenciar.

Saímos do táxi e seguimos para o hotel. Josh beija meu pescoço enquanto fazemos o check-in. Tudo ao nosso redor vira um borrão. O atendente, as escadas, o corredor. Entramos e fechamos a porta do quarto depressa, jogamos as mochilas no chão. Temos uma noite inteira pela frente, mas não podemos esperar nem mais um minuto.

Nós nos beijamos de um jeito voraz. Ansioso. Arranco meu casaco enquanto Josh tira o moletom. Tiro a camiseta dele enquanto nos jogamos na cama. Seu coração bate contra o meu. Rolo na cama, fico em cima dele e vejo que Josh está tão ansioso para isso quanto eu. Ele sobe meu vestido até a cintura e depois o tira por completo. Recuo, ofegante.

— Você tem…?

— Na mochila.

Inclino o corpo para trás e estico o braço para alcançar a mochila dele. Eu a puxo e pego uma camisinha no bolso da frente. Josh me ajuda a endireitar o corpo. Ele olha para minha calcinha e meu sutiã rosa-claros sem o menor pudor. Josh já viu várias partes do meu corpo isoladas, mas nunca assim, todas de uma vez. Abro o fecho do meu sutiã, e Josh o retira.

Josh beija meus seios, minha barriga, a linha acima da calcinha. Logo depois, a última peça que cobre meu corpo desliza por minhas pernas. Abro o cinto dele, o zíper da calça e a puxo junto com a cueca boxer. Ele respira rápido, arquejante. Inclino o tronco até meu corpo ficar completamente colado ao dele. Estamos ofegantes. Enroscamos os braços ao redor um do outro e nos movimentamos juntos, olhando nos olhos um do outro. *Está bom assim? E assim? Assim?*

Estabelecemos um ritmo. Que depois fica mais rápido.

Quero-o mais perto. Mais fundo. Quero, necessito, desejo. Ele fecha os olhos, eu também, e terminamos como começamos. Juntos.



capítulo dezoito

Ouço o estômago de Josh roncar. O quarto está escuro. Eu me desenrosco do corpo dele e me viro para olhar o relógio digital no criado-mudo. São quase duas da manhã. Josh desperta com meu movimento.

— *Tapas* — murmura. — Não comemos *tapas*.

— Acho que perdemos a hora do jantar.

— Tudo bem. — Ele me abraça. — Eu estava cansado demais para levantar mesmo.

— Acho que vamos ter que voltar aqui um dia.

— *Tapas* e *cerveza*. E, depois, vamos fazer amor no altar da Sagrada Família.

Eu me levanto; ele me puxa, mas consigo me soltar.

— Já volto. Vou ao banheiro.

Depois de fazer xixi, volto para pegar a escova e a pasta de dentes. Josh vai atrás de mim e escovamos os dentes juntos. Não conseguimos parar de olhar um para o outro e sorrir. Não acredito que os adultos fazem isso todos os dias. E não estou me referindo ao sexo, embora seja maravilhoso, mas a coisas como *essa*. Escovar os dentes na mesma pia. Será que os adultos se dão conta de como têm sorte? Ou esquecem que esses pequenos momentos são na verdade pequenos milagres? Não quero me esquecer disso nunca.

Voltamos para a cama e fazemos amor de novo, felizes, sonolentos e com a boca cheirando a menta. Josh é supercuidadoso e faz questão de se certificar de que atingi o ápice antes de desabar seu corpo sobre o meu.

O luar invade o quarto. Percorro o traço da tatuagem dele com o dedo indicador.

— Você nunca me contou sobre isso — digo.

— Você nunca me perguntou.

— *Amo* essa tatuagem.

Eu não quis que o comentário saísse dessa forma, de um jeito tão sentimental. Josh sorri, aliviado.

— Ainda bem.

— Me conta a história.

Ele se ajeita para ficar em uma posição mais confortável, mas me mantém aninhada em seu corpo.

— Quando eu tinha dezesseis anos, o St. Clair convenceu um tatuador em Pigalle de que eu tinha dezoito. Mas na verdade ele *não* convenceu o cara. St. Clair foi tão insistente e persuasivo que o cara cedeu e aceitou fazer a tatuagem. Mas é claro que era ilegal. O St. Clair consegue persuadir qualquer um a fazer qualquer coisa. Ele é muito carismático. Chega a ser uma injustiça com a gente, meros seres humanos.

— É… Ele é legal.

Josh faz uma pausa; depois, com um sorriso no rosto, comenta:

— Você deve ter se sentido assim quando falei que é mais bonita do que as suas irmãs.

— Acho que sim — digo, rindo.

— Então foi isso. Fomos lá e só eu fiz a tatuagem. Foi um pouco depois do meu aniversário…

— Como agora!

— É verdade! Decidi que queria me dar uma tatuagem de presente, então desenhei essa aqui incrivelmente inspirado pelo fato de que… me pareceu legal na época.

— E *é* legal.

— Acho que tenho muita sorte de continuar gostando dela.

— Ah, fala sério. Você tem bom gosto. Nunca tatuaria uma coisa ridícula no corpo.

Um pensamento me ocorre:

— Quer fazer outras tatuagens?

— Não sei. Talvez um dia eu faça uma rosa bem grande no outro braço.

— Aham, claro.

— Eu faria — diz ele, e parece ressentido por eu não ter acreditado. — Quero muitas outras noites como essa com você, Isla. Quero passar *todas* as noites com você.

Quando a luz do sol atravessa as janelas, sinto que essa é a manhã mais feliz da minha vida. Josh e eu nos reviramos na cama, mas nossas pernas continuam enroscadas.

Observo com fascínio o cabelo despenteado e seu corpo longilíneo. Toco suas costas com a pontinha do dedo. Josh se vira e sorri para mim, com certa sensualidade. Satisfação. Chego mais perto para beijá-lo.

— Hum… Falta muito para o próximo fim de semana? Para a gente fazer isso de novo? Suíça. Vamos para a Suíça — diz ele.

— No próximo fim de semana você vai estar em Nova York.

O sorriso dele desaparece.

— Então a gente vai no fim de semana depois desse.

— Combinado!

Josh afasta meu cabelo do ombro, deixando-o descoberto.

— E aí, me fala. Quem é melhor de cama? Eu ou o Kurt?

— O Kurt, óbvio.

— Eu sabia.

Ele beija meu nariz e se levanta.

— Já volto.

— Pode pegar meu celular? Quero confirmar a hora do check-out.

Josh pega o telefone na minha mochila, joga para mim, vai para o banheiro e fecha a porta. Desativo o modo silencioso. A tela se ilumina. No mesmo momento, meu coração para.

— Ah, não — sussurro.

Vinte e nove mensagens. Kurt. Nate. Hattie. A escola. Meus pais.

— Josh? Josh!

Ele abre a porta na mesma hora, nervoso.

— O que aconteceu? Você está bem?

Então ele vê meu celular e empalidece.

— Ah, não — sussurra.

Começo a chorar. Em um movimento brusco, Josh abre a mochila, pega o celular e, ao

olhar para a tela, solta um palavrão.

— Kurt. Nate. Minha mãe. Umas cem ligações. Meu *pai*.

Estou me debulhando em lágrimas.

Josh anda de um lado para o outro no quarto e bagunça o cabelo com as mãos.

— Tudo bem. Vai ficar tudo bem. Já fui pego outras vezes. Vai ficar tudo bem.

— Como é que vai ficar tudo bem? Isso vai para o meu histórico!

Todo o meu futuro universitário vai por água abaixo. Estou tonta. Meu estômago se revira. Tenho plena consciência da confusão gigantesca em que me meti.

— Não. Eu vou assumir toda a culpa. Você não vai ser punida.

— Como é que eu não vou ser punida? Estou *aqui* tanto quanto você. Na *Espanha*.

Vasculho as mensagens de texto, tentando entender a sequência dos acontecimentos, mas não consigo me concentrar.

Ouço o recado que Kurt deixou na caixa postal, apavorado.

Hattie andou perguntando por você e o Nate ouviu, e aí eles perceberam que o Josh também não estava na escola e vieram falar comigo. Tive que falar onde você estava. Me desculpa, Isla. Eu tive que contar.

Sou uma idiota.

Sou *muito* idiota.

Como fui esquecer a Hattie? Ela é a única pessoa que com certeza sempre vai dizer ou fazer a coisa errada. É claro que ela está por trás disso. E é claro que o Kurt não conseguiria ficar de boca fechada nem por um minuto sequer.

Josh desmorona na cama, ao meu lado. Ele segura meu rosto e encosta a testa na minha.

— Respira — pede. — Respira. Respira.

— Não quero respirar!

— Tudo bem. Vou ligar para a escola. Você liga para os seus pais — diz ele.



Todos estão furiosos com a gente. Maman grita tanto que tenho que afastar o telefone do ouvido. Josh leva uma bronca de Nate e, depois, eu o obrigo a ligar para a mãe dele. Ela não atende, então ele deixa um recado. Josh se recusa a ligar para o pai, mas insisto, novamente, então ele liga para o assessor dele.

Eu envio uma mensagem para Kurt e Hattie. *Eles* não estão bravos, só querem saber se estamos bem, mas não me sinto tão benevolente quanto Josh em relação aos dois. Respondo que estamos bem e que estamos voltando. Ponto final.

O trem que vai para Paris é o oposto do que pegamos para Barcelona. O céu está limpo, o dia ensolarado, mas aqui, dentro do trem, tudo está anuviado. Ficamos de mãos dadas, não nos separamos, mas nosso desejo permanece o mesmo. O desejo de *quero mais*. Como se estivéssemos tentando agarrar alguma coisa que está escapando por entre nossos dedos. Nem Josh, nem eu falamos sobre o medo do que está prestes a acontecer. Caio no choro, e Josh me

abraça. Foi egoísmo da minha parte pensar só em mim, nos meus problemas. O que Josh terá que enfrentar é muito, muito pior.

Estamos no jardim da escola, quase chegando ao dormitório, cada vez mais apavorados, quando Josh me leva até uma área mais afastada. Há dois alunos franceses sentados nas espreguiçadeiras, fumando cigarro de cravo e curtindo os últimos raios de sol do ano. Eles nem sequer piscam quando passamos por eles.

— Quero que saiba que eu amo você — afirma Josh. — E que quero ficar com você. Não importa o que aconteça.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Não diga isso.

— Não sabemos o que pode acontecer.

— Não diga isso!

Ele parece apavorado.

— Eu *amo* você. Você ainda me ama?

— Como você pode me perguntar isso?

A mudança no comportamento de Josh é assustadora. É como se ele fosse se despedaçar a qualquer momento.

— É claro que eu amo você. O que aconteceu não mudou nada entre a gente.

— Mas foi culpa minha. Eu que inventei essa viagem.

Ele está ofegante, e seus olhos estão inquietos, em pânico.

— Ei! Ei!

Eu o abraço e encosto a cabeça no peito dele.

— Eu quis ir com você. Foi uma decisão minha também.

Mas ele não consegue mais dizer nem fazer nada. Tudo que quer é ficar ali abraçado comigo. Seus dedos em meus ombros me apertam com tanta força que chega a machucar.

— Eu amo você — digo, baixinho. — *Sempre* amei.

Sinto o batimento cardíaco dele desacelerar e acelerar de novo.

— Como assim, *sempre*? — pergunta ele.

Eu me afasto um pouco para olhar para ele. E, com firmeza, digo:

— Quero dizer que você não precisa se preocupar, eu nunca vou terminar com você, porque sempre fui apaixonada por você. Desde o primeiro ano do colégio.

Minha confissão o deixa embasbacado.

— Eu bati os olhos em você e me apaixonei. E foi isso — explico.

Josh me encara. Ele olha para *dentro* de mim. Então, me beija de um jeito ainda mais apaixonado, como se nunca tivesse me beijado antes. É isso que nos dá força para encarar o futuro. Para ir até o dormitório. E para bater à porta de Nate.

Infelizmente, não é Nate quem nos recebe. É a sra. Wasserstein.



capítulo dezenove

— Eu tive que pegar um avião até aqui e ainda assim cheguei *antes* de você. Excelente.

A sra. Wasserstein lança as mãos no ar, furiosa. Nate está parado atrás dela, tenso, um prisioneiro no próprio apartamento.

Josh está em choque.

— Você tem ideia do quanto isso é inconveniente? — continua ela. — Ter que cruzar o oceano *uma semana* antes das eleições? Você ao menos se importa com isso?

A sra. Wasserstein é baixinha, bem mais do que imaginei, embora ninguém perca muito tempo pensando nisso. A presença dela é impactante. Ela parece tão enérgica quanto aparenta nas fotos e na televisão, mas, neste momento, não há dúvida de que é muito mais assustadora. Ela me olha de cima a baixo com olhos cor de avelã que são terrivelmente familiares para mim.

— E você deve ser a Isla.

Meu nome é pronunciado como o de alguém que não é bem-vindo ali, e é exatamente como me sinto. Fico de cabeça baixa, encarando o chão.

— Olá.

Josh fica na minha frente, tentando me proteger.

— Sinto muito. Sinto muito, mãe.

— Ah, você vai sentir, sim.

Nate dá um passo à frente.

— Que bom que chegaram bem, Isla…

— Amanhã de manhã temos uma conversa agendada com a diretora da escola — avisa a sra. Wasserstein.

Um nó se forma em minha garganta.

— Nós três?

— Não — responde ela, com a cara fechada. — *Meu filho* e eu.

Meu rosto queima de vergonha por ela ter me colocado no meu lugar.

— Isla, a sua conversa com a diretora será na terça-feira — anuncia Nate. — Por que não…

— Obrigada pela ajuda — diz a sra. Wasserstein a Nate. — Sei que meu filho tem dado muito trabalho. Sinto muito por tê-lo incomodado dessa maneira.

Tenho a impressão de que é ela quem está dificultando o trabalho dele, mas Nate só esfrega a careca e diz:

— É o meu trabalho. Mas tudo bem, ele é um bom menino.

É evidente que ela não acredita no que Nate acaba de dizer. Talvez acreditasse se conhecesse Mike e Dave. Ela dá um aceno de cabeça firme e se vira para Josh.

— Vamos embora.

Josh arregala os olhos.

— Para onde?

— Para o seu quarto. Temos muito o que conversar, mocinho. —

Ela abre a porta e se despede de mim com outro aceno de cabeça. — Isla.

Meu coração está do tamanho de uma pedra minúscula, irradiando dor para todos os lados. Enquanto a mãe o arrasta, Josh aperta minha mão com a mesma força imensurável de antes. Nossas mãos se separam apenas quando não conseguimos mais esticar mais os braços. Trocamos um último olhar de angústia e então ele se vai. Estou petrificada e permaneço em silêncio. Nate suspira.

— A gente se meteu em uma encrenca das grandes, né? — comento por fim.

— Você vai ficar bem.

— E o Josh?

A cara de Nate não está nada boa. Uma coisa terrível passa pela minha cabeça.

— *Meus* pais estão vindo para cá? É por isso que a minha conversa com a diretora é só na terça?

— Não. Você vai falar com ela só na terça porque amanhã é feriado, lembra?

Amanhã é dia primeiro de novembro. Dia de Todos os Santos. É um feriado nacional na França, o que significa que… a diretora da escola virá ao colégio só para poder conversar com Josh.

Fica subentendido que Josh e eu não vamos nos ver antes da conversa dele com a diretora. Mas isso não me impede de ficar olhando o celular de minuto em minuto à espera de alguma mensagem.

Odeio minha irmã. O-dei-o.

Se não fosse por ela, Josh estaria comigo agora — e não a mãe dele —, e nós dois estaríamos planejando nossa viagem para a Suíça. Meu telefone vibra. Dou um pulo para pegá-lo, mas a mensagem é de Kurt: *De acordo com a tabela de horários dos trens, vocês deveriam ter chegado há três horas*.

Respondo: *Já chegamos*.

Você está bem?

NÃO.

Um minuto depois, ele bate à porta.

— Por que não abre a porta como sempre faz? — grito.

Ele abre a porta.

— Você parece brava.

— E estou.

— Está brava comigo?

— Sim.

Ele enfia um livro debaixo da porta.

— Tive que contar, Isla. Eles me perguntaram.

— O que a Hattie tanto queria comigo, afinal?

— Queria pegar o seu secador emprestado.

— Meu *secador*?

— Sim… o difusor? É esse o nome daquele troço que você põe na ponta do secador? Ela queria tentar fazer uns cachos no cabelo.

— E ela não poderia pegar emprestado de alguém naquele dormitório idiota dela?

O olho esquerdo dele se contrai involuntariamente.

— Não sei.

Um difusor de cabelo. Não consigo acreditar que essa situação toda foi causada por causa de um *maldito difusor de cabelo*. Um pirata e um diabinho passam no corredor a caminho do saguão para a festa anual de Halloween do Résidence Lambert. É inadmissível para mim saber que há alguém no clima para festa.

— Por que, pelo menos uma única vez na vida, você não mentiu? Era *só isso* que você precisava fazer.

Kurt veste o capuz do moletom.

— Me fizeram uma pergunta. Eu só respondi.

— Ah, jura?! Obrigada! Meu namorado está prestes a ser expulso da escola.

— A culpa não é minha. Não fui eu quem fez isso. Foi ele.

Sei que ele está dizendo a verdade, mas não me importo nem um pouco com isso. Não estou nem aí para o fato de a culpa ter sido minha e de Josh. Nada disso estaria acontecendo se Kurt tivesse ficado de boca fechada. Ele não é meu melhor amigo? Arranco o livro de debaixo da porta e a escancaro ainda mais.

— Vai. Embora.

Ele bate as mãos uma na outra, nervoso.

— Isla.

Fecho os olhos.

— Não consigo conversar com você agora. Vai.

Kurt não sai. Sinto o movimento das mãos dele. Cerro os olhos com tanta força que chegam a doer, e então percebo-o passando por mim. A porta da escadaria se abre.

— Buuuu! — grita uma voz masculina bem na minha cara.

Arregalo os olhos. Alguém com uma máscara do quadro *O grito* está a cinco centímetros do meu nariz. Ouço risadinhas no corredor enquanto bato a porta na cara do desgraçado. E desmorono na cama. Choro de novo. Talvez a sra. Wasserstein tenha vindo para evitar a expulsão de Josh. Ela é uma mulher poderosa. Aposto que até a diretora da escola tem medo dela.

Sei que *eu* tenho.

Provavelmente ela me culpa por tudo o que aconteceu. Queria ter conhecido os pais de Josh em outra situação, queria ter causado uma boa primeira impressão. Não sei se eles gostariam de mim, se me considerariam ideal para o filho deles, mas agora não tenho a menor chance. Nem mesmo sei se eles sabiam da minha existência antes de ontem.

Josh ainda não me mandou nenhuma mensagem. Temo que a mãe esteja monitorando o celular dele, então envio só mais uma. Escrevo algo breve e não incriminatório: *Amo você*.

Alguns minutos depois, ouço uma batida rápida e repentina na porta. Pulo da cama e vou correndo abrir. É Hattie. Só de olhar para a cara dela fico espumando de raiva. Hattie está com uma camisa de estampa havaiana de um tamanho muito maior que o dela e com os botões nos lugares errados. O cabelo está totalmente desgrenhado e, no rosto, ela pintou olheiras debaixo dos cílios posteriores, hematomas e um bigode fino.

— Qual é a sua fantasia? — pergunto, da maneira mais calma possível. O que significa que não foi nem um pouco calma.

Ela me mostra um pedaço de cartolina branca pintada com linhas pretas e com vários números.

— Fui fichada. Sou uma fotografia de presidiário.

— Está treinando para o seu futuro?

— *Oui* — responde ela, e fica parada na minha frente.

— O que foi? O que você quer, Hattie?

— Quero pedir desculpas, ué.

Ela não fala mais nada.

Eu não falo mais nada.

— É isso? Esse é o seu pedido de desculpas? — pergunto, indignada.

— É.

— Uau! Espero que se sinta melhor agora, porque eu, com certeza, estou me sentindo *muuuito* melhor em saber que o meu namorado pode ser expulso do colégio porque você precisava *desesperadamente* de um difusor de cabelo.

Ela amolece a expressão carrancuda.

— Eu não sabia que ia arranjar problema para vocês. Desculpe. Eu sinto muito, mesmo.

— Eu também — digo, e fecho a porta na cara dela.

A porta volta a se abrir. Hattie olha para mim cheia de esperança, mas logo se dá conta de que foi um mero acidente. Olhamos uma para a outra com raiva enquanto volto a fechar a porta. Empurro-a com força, até que sinto o *clique* da fechadura.

A festa rola noite adentro. Josh não me manda nenhuma mensagem. Não me lembro de ter pegado no sono, mas acordo assustada às oito da manhã. Um silêncio mortal paira no dormitório. Todos finalmente estão dormindo. Sonhei que precisava pegar um trem, mas que não conseguia parar de me maquiar. Eu não conseguia ir mais rápido e aplicava uma camada de maquiagem atrás da outra, ao mesmo tempo que observava os ponteiros do relógio se aproximarem cada vez mais do horário da minha partida.

Duas batidas à porta.

Em um movimento brusco, me sento na cama. Foi *isso* que me acordou. É a segunda batida dele. O ruído é pesado e soa como um mau presságio. Dou um pulo e saio da cama, mas estou apavorada demais para abrir a porta. Encosto o ouvido na madeira.

— *Josh*? — sussurro.

Nada.

Sou tomada por um novo medo. Ele já se foi. Estou ouvindo coisas que nunca aconteceram. Abro a porta, e ele está lá — é claro que está —, arrasado. Josh mal tem forças para ficar em pé. Seu corpo pende para a frente e eu corro para ampará-lo. Ele cai em meus braços, aos prantos. Danem-se as regras. Dane-se a escola. Fecho a porta e o levo até minha cama. Eu embalo seu corpo enquanto ele bate o punho cerrado na própria perna.

— Tudo bem.

Tenho que ser forte. Um de nós tem que ser.

— Vai ficar tudo bem.

Seguro o pulso dele e beijo sua cabeça.

— Não está tudo bem — diz ele.

— Você conversou com a diretora?

— Fui expulso. Finalmente ela conseguiu me botar para fora.

Sinto o quarto girar.

— E… até quando você fica?

— *Hoje* é o meu último dia. Hoje.

O mundo ao meu redor escurece. Ouço um zunido alto nos ouvidos. Minha visão ganha e perde o foco, como a lente de uma câmera com defeito.

— Minha mãe saiu com um dos zeladores para arranjar umas caixas de papelão. E quando ela voltar vamos começar a arrumar as malas e as minhas coisas.

Foco, foco, foco.

Josh se solta, e agora é ele quem está segurando minha mão.

— Mas a gente vai se ver em breve. Dia de Ação de Graças. Você vai para casa no Dia de Ação de Graças, não vai?

Assinto com a cabeça, feito um robô.

— E também tem as férias no fim do ano. Vamos passar todos os dias juntos, e a véspera do ano-novo também. Vamos nos encontrar à meia-noite na Kismet e vamos nos beijar. E depois tem as férias de verão, e vamos nos encontrar de novo. Resolvido.

Engulo em seco.

— O que você vai fazer? Vai terminar o ensino médio?

— Minha mãe disse que não quer falar sobre isso antes do fim das eleições. Meus pais não gostaram nada do que aconteceu. Estão *furiosos*. Tive que conversar com meu pai ontem à noite, e depois minha mãe pegou meu celular e não me devolveu mais. Foi por isso que não liguei nem mandei mensagem para você. Tenho dezoito anos e meus pais ainda confiscam meu celular.

— Tudo bem, tudo bem. — Não consigo parar de repetir isso. — Vai ficar tudo bem.

Ouço outra batida na porta, e Nate começa a falar sem rodeios:

— Josh, deixei a sua mãe no seu quarto para você e a Isla ficarem sozinhos um pouco. Mas você precisa ir embora agora.

Até Nate lamenta o que aconteceu com a gente.

Minha mentira é pior do que eu imaginava. Nada — absolutamente nada — está bem.



capítulo vinte

A diretora da escola está sentada atrás de uma mesa grande e intimidadora. O móvel é de mogno polido e cheira a almíscar e riqueza. Em cada um dos lados há uma pequenina bandeira — uma dos Estados Unidos e outra da França. A cadeira em que ela está sentada é estofada, de couro, e a sua frente há outras duas cadeiras de couro minúsculas. Estou em uma dessas.

— Suas notas pioraram — afirma a diretora.

Eu a encaro.

— Não muito, é verdade, mas vários professores relataram que seu desempenho nos trabalhos sofreu uma queda notória. Eles estão preocupados. Tem alguma ideia de quando isso começou a acontecer?

Não estou aqui. Continuo no quarto de Josh. Ontem.

Empacotamos a vida dele em caixas de papelão. A mãe dele ficou furiosa com a gente e com as inúmeras ligações que não parava de receber. Tudo que eu mais queria nesse mundo era sair daquele quarto horrível, mas não perderia nossos últimos momentos juntos por nada.

Josh retirou os desenhos das paredes e os empilhou em uma caixa. Ele colocou em um envelope separado os que fez de mim nas Arènes de Lutèce. Não são muitos, se comparados à quantidade de desenhos que ele tem dos amigos, mas estamos juntos há apenas um mês.

Como pode? Apenas um mês?

— Um mês — continua a diretora. — Faz um mês que você parou de dedicar aos deveres de casa tempo e atenção necessários para continuar sendo a melhor aluna da sala.

Da maneira como ela fala, parece que ser a aluna número um da classe é minha única ambição na vida, quando, na verdade, aconteceu por acaso. Há vinte e quatro alunos no último ano — *vinte e três*, agora —, e todos saem e se divertem com os amigos e cultivam outros interesses. Nunca tive nada melhor para fazer do que estudar. Mas há um mês… tudo mudou.

Josh guardou o envelope na mochila que levou com ele no avião.

Tudo aconteceu muito rápido. Do dia para a noite, o quarto dele, caótico, abarrotado de arte, comida e vida, se transformou em um deserto. Tivemos apenas cinco minutos para nos despedir. A mãe de Josh nos deixou no quarto vazio, e eu chorei de novo. Josh usou sua caneta favorita para escrever quatro letras nos meus dedos: A-M-O-R.

Ele segurou meu rosto com as duas mãos.

— Eu amo você — disse. — Amo você. Amo você.

Foi difícil enxergá-lo em meio ao turbilhão de lágrimas.

— Amo você. Amo você. Amo você — repeti.

— Isla — chama a diretora. — Você vai conhecer muitos outros garotos ainda. E não pode permitir que nenhum a impeça de se tornar a mulher que está destinada a ser.

Ela está errada. Há apenas um garoto. E que mulher eu serei sem ele ao lado?

Olho meus dedos. As letras estão começando a desaparecer, mas a palavra ainda queima

em minha pele.

Ao lado do carro da mãe de Josh, que esperava por ele lá dentro, as palavras foram precisas e sombrias. Nós nos beijamos desesperadamente. A sra. Wasserstein abriu a porta e o apressou:

— Estamos atrasados. Vamos.

Ele segurou minhas mãos com força.

— Dia de Ação de Graças.

Fiz que sim com a cabeça.

Josh me beijou de novo; dessa vez, mais rápido. Ele soltou minhas mãos, que pairaram no ar, como se Josh não tivesse mais *forças* para segurá-las. Ele entrou rapidamente no carro. As janelas escuras se fecharam. Não o vi mais, mas mesmo assim fiquei olhando para o vidro até o carro desaparecer.

A diretora da escola pigarreia. Estou olhando fixamente para a janela da sala.

— Por esse mês de indisciplina, você vai ficar um mês em detenção durante os dias de semana. Acho que você há de concordar que é uma punição justa. Além do mais, isso lhe dará tempo suficiente para retomar o compromisso com seu próprio desempenho sem… qualquer tipo de distração.

— Josh não era uma distração.

A diretora me lança um olhar condescendente.

— Bom… talvez, para você, esta seja a palavra errada. Mas não sei se Josh pensava da mesma forma — diz.

Foi uma alfinetada cruel. Como ela se atreve a sugerir que dou mais valor a Josh do que ele a mim? O que ela sabe sobre nosso relacionamento?

Assim que a conversa acaba, saio em disparada e vou direto para a detenção. Desde que entrei na SOAP, nunca passei nem perto desta sala. Mas é igual a qualquer outra da escola. Além de mim, só há mais um aluno, do segundo ano. Ele não tira os olhos da carteira. Professeur Fontaine (a professora de informática que tem a cabeça em formato de triângulo) é a responsável por supervisionar os estudantes hoje.

— Sente-se. Pode escolher qualquer lugar — diz.

Parece que ela está apresentando um show de mágica.

Queria saber onde Josh se sentava. Tento imaginá-lo em uma daquelas carteiras. Uma figura com os ombros curvados e com a cara amarrada surge no fundo. Com um lápis, desenha a história da própria vida em quadrinhos minúsculos. Eu me deixo levar por essa imagem, desejando acreditar que ela realmente existe, e me sento naquele mesmo lugar. A janela ao nosso lado tem vista para o jardim da escola, mas não há ninguém lá. Restaram apenas os paralelepípedos e os pombos.

Nunca li esses quadrinhos.

E se eu estragar tudo? E se eu não conseguir entrar para a Dartmouth? O futuro de Josh já está garantido. Ele só precisa do GED, um certificado que equivale ao diploma do ensino médio, para entrar na faculdade que quer. Talvez ele tenha perdido *este* ano, mas, se eu não for aceita, terei perdido nossos próximos quatro anos juntos. Se ao menos pudesse escutar a voz dele de novo… Josh voltou para Nova York hoje de manhã, e a mãe permitiu que ele mandasse uma única mensagem de texto: *Estou com muita saudade de você. A internet também está confiscada. Não sei quando a gente vai poder se falar de novo. AMO VOCÊ.*

Quando a detenção termina, vou direto para a Casa da Árvore. A noite está congelante, e meu casaco não é grosso o suficiente. Eu me lembro de Josh colocando o casaco dele sobre meus ombros — bem aqui, no nosso primeiro encontro — e choro pela centésima vez. Enrolada no cobertor, passo a mão na parede que ele pintou, na casa com vasinhos de planta na janela e com a bandeira dos Estados Unidos. Pressiono a parede com tanta força que minha mão chega a doer.

Aqui, penso. *Ele está aqui*.

Tento permanecer ali também.

— Desliga isso.

Kurt entra no meu quarto sem pedir licença e aponta para o notebook.

— Você deveria estar estudando. Tem que gabaritar a prova de física amanhã.

— Esta pesquisa está dizendo que o pai de Josh e Terry Robb estão tecnicamente empatados. Ainda não dá para prever quem vai vencer.

— Para de ler essas coisas. Ainda faltam uns cinco dias para as eleições — retruca ele, franzindo o cenho. — Terry Robb. As pessoas não deveriam ter dois primeiros nomes.

Finalmente pedi à escola para consertarem minha porta, e não deve demorar muito até que alguém venha aqui para resolver isso. Estou cansada dessa falta de privacidade. Tecnicamente, eu e Kurt estamos bem, mas há certa tensão cada vez que interagimos. Kurt está infeliz porque eu estou infeliz. Ele quer que tudo volte a ser como antes. Antes de Josh. E eu estou infeliz por Kurt. Sei que ele não teve a intenção de criar toda essa situação, mas aconteceu. E ele poderia ter impedido.

Quanto a Hattie, não falo com ela desde o dia em que ela apareceu na minha porta fantasiada de presidiária. "Ela bem que poderia *estar presa* mesmo", penso. Fico o dia todo acompanhando as notícias. Como nem todos os vídeos publicados em sites americanos podem ser vistos aqui na França, baixei um aplicativo que muda a localização do meu IP, então, é como se eu estivesse usando meu notebook nos Estados Unidos. Saber o que está acontecendo nas eleições, minuto a minuto, foi a única forma que encontrei de me sentir mais próxima a Josh. O pai dele precisa ganhar essas eleições de qualquer jeito — não somente pelas razões óbvias, mas porque, analisando a situação de forma bem egoísta, essa vitória pode deixar o clima mais leve na casa dos Wasserstein, e talvez os pais de Josh devolvam pelo menos o celular do filho.

— Ei, você aí — diz Kurt. — Física. Estudar.

— Ai, não enche!

— Chata — retruca ele.

— Bundão.

— Nojenta.

Dou uma risadinha, mas minha cabeça continua em outro lugar. E para completar essa semana perfeita, sinto que minha menstruação se aproxima. Fecho o notebook.

— Tá legal. Você venceu. Mas vou ao banheiro primeiro.

— Cagona — diz ele, e eu me levanto.

Quando volto, o clima não está mais para brincadeira.

— Alguém ligou para você… o código de área é dois-um-dois.

— O quê?

Corro para pegar meu celular. Alguém de Manhattan deixou uma mensagem na caixa postal.

— Por que você não atendeu?

— Porque o celular não é meu.

— E se fosse o Josh?

— Aí apareceria na tela "Josh", em vez de "Número restrito".

Não consigo conter meu grito de frustração.

— Ele está sem celular! Se alguém ligar quando eu não estiver aqui, *atende*! E, se for o Josh, você pede para ele esperar até eu voltar.

Ei, Isla. Meu coração se despedaça ao ouvir a voz entristecida de Josh. Ele tenta falar mais alto para compensar o barulho, os gritos e a agitação a seu redor. *É, hum, quinta-feira. Acho que em Paris já é noite, certo? Estou ligando de uma sala do gabinete da campanha. É a primeira vez que me deixam sozinho perto de um telefone. As coisas estão bem ruins por aqui, mas… sei lá. Não dou a mínima. Sinto sua falta. Vou tentar ligar para você de novo assim que conseguir.* Uma pausa. *Espero que esteja bem. Bom, é isso. Tchau. Amo você.*

Retorno a ligação. Depois de dois toques, uma mulher com uma voz anasalada atende. Desligo.

Ouço a mensagem da caixa postal de novo. E de novo. E mais uma, duas, três vezes, e já perdi a conta de quantas vezes ouvi quando me dou conta de que Kurt foi embora.

Um chaveiro veio consertar minha porta. Não desgrudo do celular.

Coloco o toque do celular no volume máximo antes de ir para o banho, e até quando estou em aula não diminuo por nada. Estou cada vez mais paranoica. Não paro de checar meu telefone — vendo se chegou alguma mensagem, me certificando de que a bateria está carregada e se, por descuido, não o deixei no modo silencioso. Preciso tanto falar com ele que parece que vou explodir.

No sábado, antes de amanhecer, mais uma ligação com o código de área dois-um-dois me acorda.

— Josh?

— Ah, finalmente — sussurra ele, exausto e ao mesmo tempo aliviado. — Desculpa, sei que está muito cedo, mas não consegui dormir. Estou ligando da cozinha. Se meus pais me pegarem, estou ferrado. Mas eu tinha que ouvir a sua voz.

Seguro o telefone com força.

— Sinto tanta falta de você.

— Como é que pode ter passado só uma semana?

— Parece um ano.

— Como você está? Como foi a conversa com a diretora? Você foi suspensa?

— Não. Ela só me mandou para a detenção, porque foi a primeira advertência, mas por um mês.

— Sinto muito — diz ele, com a voz carregada.

— Sabe o que é pior? Justo quando eu fui para a detenção, você não foi.

Detecto uma risada breve e melancólica do outro lado da linha.

— Eu iria para a detenção só por causa disso.

— Eu sei.

Tento prosseguir com a conversa:

— E como estão as coisas? E os seus pais?

— Soltando espuma pela boca. Ocupados. Estão me carregando com eles para tudo quanto é lugar, mas mal olham para a minha cara.

— Logo eles vão esquecer o que aconteceu.

— Talvez.

Uma pergunta me angustia, mais do que qualquer outra. Seguro meu colar, procurando forças.

— Josh…

— Pode falar.

— Hum… não é nada.

— Isla. Fala.

— Eu só… só queria saber se seus pais sabiam sobre mim. Sei que vocês não se falavam muito, mas fiquei me perguntando se você chegou a falar de mim para eles. — Minha voz vacila. — Seria péssimo se aquela fosse a primeira impressão que a sua mãe teve de mim.

O longo momento de silêncio responde a minha pergunta antes que Josh o faça.

— Eu ia contar para eles antes do Dia de Ação de Graças. Não queria que ficassem perguntando de você, me interrogando…

Choro baixinho.

— Você estava com medo de eles acharem que eu não era a garota certa para você?

— Não. *Não*. Eu só queria manter você só para mim. Estava tudo indo tão bem entre a gente, criamos um só mundo, sabe? Eles vão gostar de você, tenho certeza.

— Duvido muito.

— É claro que vão. Eles sabem que a culpa foi minha. E, quando acabarem as eleições, vou falar de você para eles. Como é inteligente, gentil e…

— Ambiciosa? Como tenho planos para o futuro?

— Isla…

— Desculpa.

— Não, sou eu quem tem que pedir desculpas. Eu devia ter contado para eles.

Mais um momento de silêncio.

— E os seus pais? Eles sabem de mim?

— Claro.

Josh suspira.

— Eles estavam loucos para conhecer você.

— E agora não estão mais. — Outro suspiro, agora breve e triste.

— Você se preocupa com os meus pais, mas *eu* que fui expulso.

De repente, a voz dele fica mais baixa.

— Tem alguém vindo para cá. Preciso desligar. Amo você. Tchau.

Não consigo sequer responder um "Também amo você".

Na segunda-feira, depois da detenção, continuo procurando notícias sobre as eleições. Reconheço Josh em algumas fotografias tiradas no fim de semana na YMCA, associação cristã internacional, uma última jogada da campanha do pai. Ele aparece ao fundo; alto, lindo e sorridente. *Quase* lembra meu namorado. O sorriso estampado em seu rosto — que, sem

dúvida, convence os demais — é forçado. As covinhas não aparecem.

— Não acordei você dessa vez, acordei? — pergunta Josh.

Ele me liga no meio da noite. Ouço um burburinho numa mistura de estresse e entusiasmo. Gabinete de campanha de novo. Restam apenas algumas horas para as eleições.

— Não.

Agarro meu travesseiro, desejando que ele estivesse aqui comigo.

— Eu ia dormir daqui a pouco, mas ainda estou lendo.

— Essa é a minha garota. O livro de hoje é sobre o quê?

— Caçadores de orquídeas. Você sabia que já foi uma profissão perigosa?

— Talvez seja *essa* a sua futura profissão — diz ele, com um riso sincero e verdadeiro. — Caçadora de orquídeas. Eu vou acompanhar você nas expedições. Vamos usar aqueles chapéus cáqui com redes para evitarmos os mosquitos.

— E como vão as coisas por aí? — pergunto.

— Eu preferia estar caçando orquídeas.

— Espero que o seu pai vença.

— Eu também. Senão ele vai ficar insuportável pelos próximos seis meses, no mínimo. — Ele suspira. — Por falar nisso, adivinha quem vai mandar uma equipe de filmagem para me acompanhar durante a votação? Adivinha quem vai aparecer em todos os noticiários amanhã?

— Adivinha quem vai ficar grudada na CNN para ver você?

— Adivinha quem vai estar em aula quando isso acontecer?

— Ah… — Sinto um aperto no peito. — É verdade.

— Fica tranquila. Vai ficar disponível no site do meu pai. Eeeeee… minha mãe voltou.

— *Amovocê*! — digo.

— Também amo você.

Josh sorri, surpreso.

— Obrigado pelo entusiasmo.

— Não consegui dizer da última vez.

— Bom, de agora em diante… — diz ele, e sei que ele está sorrindo de orelha a orelha, deixando as covinhas à mostra — vamos começar todas as ligações com essa frase.



capítulo vinte e um

Quando termina a aula, vou para o banheiro e me tranco em uma das cabines. Tenho dez minutos antes de ir para a detenção. Pego o notebook na mochila. Ainda é muito cedo para saber o número de votos, mas vou direto para o site do senador e começo a procurar. *Lá está*. O vídeo.

Josh entra na cabine de votação com os pais. Está todo *arrumadinho*, usando um terno que veste tão bem que deve ter sido feito sob medida. Ele sorri e acena para as câmeras. Os pais saem da cabine de votação. "Em quem você votou?", grita alguém, e o pai de Josh responde: "Era para votar ali dentro? Pensei que fosse para fazer o pedido do café da manhã!" Ha-ha-ha. Que engraçado.

A câmera corta para Josh. Ele entra na cabine de votação enquanto os pais o observam, orgulhosos. Uma repórter dentuça aponta o microfone para Josh quando ele sai da cabine.

— Como se sente votando em seu pai pela primeira vez?

— É surreal. — Josh lança seu charme irresistível para a câmera. — Uma experiência maravilhosa.

Ele não está mentindo. E, embora eu entenda que este é realmente um momento importante da vida dele, é… é como se eu estivesse olhando para um estranho. Assisto ao vídeo mais uma vez e pauso no momento em que ele responde à pergunta da repórter. Toco o rosto dele na tela.

Se não tivéssemos ido para Barcelona, Josh estaria em Paris em vinte e quatro horas.

Afasto esse pensamento e me recuso a pensar nisso, porque se não tivéssemos ido para Barcelona, também não teríamos ido ao Parc Güell. Nem ficado em um quarto de hotel iluminado pela luz do luar.

Mais tarde, saio da detenção e vou correndo para o quarto. Vasculho a internet, mas o resultado parcial da eleição continua o mesmo. A disputa está acirrada.

Kurt aparece do nada e, para minha surpresa, entra e fecha a porta.

— *Bœuf bourguignon suivi d'un clafoutis aux poires*. Para você.

Ele coloca sobre a mesa uma bandeja do refeitório.

— Eu não sabia o que pegar, então trouxe tudo.

Por algum motivo, o constrangimento dele me comove. O jantar ainda quente e a sobremesa de pera estão com um cheiro ótimo e parecem bem apetitosos.

— Obrigada.

Ele abaixa o capuz.

— Nate disse que eu posso ficar aqui com você desde que ninguém, em hipótese alguma, fique sabendo. Se alguém descobrir, seremos dois alunos mortos, embora eu ache que ele não teria coragem de matar a gente.

Fico tão emocionada que mal consigo respirar.

— Sinto muito por não ter conseguido mentir sobre a viagem de vocês. E sinto muito por

Josh ter ido embora — acrescenta ele.

Eu dou um abraço apertado nele. É como se tivéssemos voltado aos velhos tempos, embora tenhamos passado a noite inteira acompanhando as notícias em vez de fazer o dever de casa. Kurt cai no sono depois da meia-noite, mas a contagem de votos está quase chegando ao fim, e dormir seria a última coisa que eu conseguiria fazer agora. Ainda é cedo nos Estados Unidos. Assisto à transmissão ao vivo com o volume bem baixinho. Os candidatos eleitos ao redor do país são anunciados um por um. Às duas da manhã, me são concedidos seis segundos de alegria quando a câmera filma o gabinete de campanha dos Wasserstein.

Josh está de pé ao lado dos pais e de algumas centenas de bexigas vermelhas, brancas e azuis. A câmera se movimenta, e agora os balões estão escondendo o rosto dele. A transmissão corta para a disputa para governador da Flórida. Uma hora depois, estou lutando contra o sono quando ouço a jornalista com um aplique ridículo no cabelo dizer: "E, na disputa mais acirrada da noite, o senador de Nova York, Joseph Wasserstein, continua na briga para se manter no cargo."

Chego mais perto da tela. Enquanto acompanha a contagem dos votos, a sra. Wasserstein continua com aquele ar alegre e otimista — cumprindo com louvor seu papel de esposa encorajadora —, embora eu ache que sua maquiagem tenha sido retocada nesse meio-tempo. O senador parece um pouco abatido, mas não deixa de sustentar a postura impassível e esperançosa.

Josh parece exausto e entediado. Espero que os pais dele não vejam essas filmagens depois. Mas… esse é o *meu* Josh. Não o estranho que vi antes. Um homem com o semblante tenso, talvez o gerente de campanha, sussurra algo no ouvido dele, fazendo-o endireitar o corpo de repente. Josh deve ter sido avisado de que estava aparecendo na TV. A câmera deixa de filmá-lo.

O murmurinho do noticiário continua. Minha onda de adrenalina acaba diminuindo.

Acordo de manhã com o despertador tocando. Kurt foi embora, mas estou devidamente coberta. Há um bilhete ao lado do meu travesseiro com apenas uma palavra escrita: VITÓRIA.

Alimentei altas expectativas em relação aos pais de Josh. No furor da vitória do senador, imaginei que, no mínimo, eles permitiriam que o filho fizesse uma ligação para comemorar. Mas eu estava errada. Queria poder dizer a Josh o quanto estou feliz pela família dele. Queria poder dizer *qualquer coisa* para ele. Nunca me senti tão impotente, ou excluída.

Dois dias depois, o maior noticiário de Nova York transmite uma entrevista exclusiva com o senador Wasserstein. Encontro o link no site dele, claro. A entrevista segue aquele script do blá-blá-blá político, mas o que vejo ao fundo… Bom, é fascinante.

A casa de Josh.

A câmera acompanha o senador enquanto ele vai da sala de jantar à sala de estar. A decoração é impecável, embora tudo pareça muito ordenado e sóbrio. Nas paredes, estão pendurados delicados pratos de porcelana. Há também vasos extravagantes repletos de flores e penas de faisão. É difícil imaginar alguém morando naquele lugar. A sra. Wasserstein se junta ao marido no sofá. Na parede, acima deles, há um quadro que evidentemente está fora de seu lugar habitual e foi posto ali para aparecer nas câmeras. É uma pintura a óleo da estação

de metrô Saint-Michel — uma linda obra art nouveau com várias bicicletas e um muro grafitado ao fundo. Um adolescente, triste, está encostado em um dos bicicletários. É St. Clair. Josh fez esse desenho do amigo no ano passado. Eu o vi dentro do estúdio, pendurado para secar.

A entrevistadora, uma mulher nariguda com lábios finos e pálidos, pergunta intencionalmente sobre a pintura, e os pais de Josh, entusiasmados, contam sobre o futuro promissor do filho. A resposta deles me surpreende. Sempre achei que a causa do abismo entre Josh e os pais fosse o desejo dele de ser um artista, mas os elogios e o apoio dos dois me parecem autênticos.

— Ele herdou o dom da mãe — comenta o senador, olhando para a esposa com um sorriso radiante.

— O gosto pelas artes, sim. Mas o talento ele herdou de você — acrescenta ela.

O programa mostra o vídeo de Josh na cabine de votação — tão lindo, tão charmoso — e, quando volta para os pais, Josh está junto deles. Meu coração começa a bater mais forte. É aquele visual estranho e arrumadinho de novo. Sinto uma pressão inexplicável no peito.

A entrevistadora sorri, bisbilhoteira e um tanto maldosa.

— Soubemos que depois que sua imagem na cabine de votação foi ao ar uma porção de garotas tem entrado em contato com o gabinete de seu pai para perguntar sobre você. O que acha que vai acontecer agora que, além de saberem que você é um colírio para os olhos, descobrirem que você é um gênio da arte?

O quê?

Josh esboça um sorriso educado.

— Não sei bem…

— Agora, conte para a gente — diz a mulher, inclinando o corpo na direção de Josh. — Nova York inteira está morrendo de vontade de saber. Você tem namorada?

Josh faz uma pausa antes de esboçar mais um sorriso amarelo.

— Hum, não. No momento, não.

Minhas orelhas estão pegando fogo. Volto o vídeo um pouco, o coração atordoado.

Hum, não. No momento, não.

Sinto uma pontada na barriga. Pisco, atordoada. Mais uma vez. Pontinhos brancos obstruem minha visão enquanto o programa reprisa as imagens da noite da eleição. Foi nessas que Josh apareceu emburrado, mas agora a entrevistadora diz que ele estava *nervoso* porque se *preocupa muito* com o pai, e afirma como será *sortuda* a garota que conseguir fisgar um *jovem solteiro e tão simpático*.

— Não vai ficar solteiro por muito tempo — brinca a repórter, e os pais dele riem.

Volto o vídeo de novo.

Hum, não. No momento, não.

Não vai ficar solteiro por muito tempo.

Risos. Risos.

Exasperada, pego o meu celular, e dou um grito ao lembrar que não posso nem ligar para ele. Mas ligo mesmo assim. Ele não atende. Mando uma mensagem: *ME LIGA*.

Envio mais uma mensagem. Dessa vez, para Kurt: *911*.

— O que foi? O que aconteceu? — pergunta ele, dois minutos depois, esbaforido.

Aponto para o notebook, gesticulando loucamente.

— Dá uma olhada nisso aí. Me diz… o que… Dá uma olhada!

Quando o vídeo termina, Kurt está confuso.

— Quando vocês terminaram?

— Não terminamos!

— Então, por que ele diria isso?

— Não sei! Me diz você.

Kurt dá de ombros, sem saber o que dizer.

— Está perguntando para a pessoa errada.

— Deve haver uma explicação para isso. Me fala, Kurt! Me fala, antes que eu enlouqueça!

— Para de gritar! — diz Kurt enquanto puxa o capuz do moletom. — É possível que ele tenha terminado com você e você não tenha percebido? As pessoas são estranhas. Dizem uma coisa quando na verdade querem dizer outra.

— Se Josh tivesse terminado comigo, eu saberia com toda a certeza.

— Talvez… não sei. Talvez o pai dele queira usar isso para explorar mais a imagem, ganhar mais popularidade. Mas ele já ganhou a eleição, então duvido que…

— Claro! — grito, dando um abraço desajeitado em Kurt. — É claro! Foi ideia do pai dele.

Kurt não parece convencido. Passo os próximos trinta minutos tentando explicar minha teoria, expor meu ponto de vista, mas, quando ele vai embora, irritado, cansado de me ouvir tagarelar, nem eu acredito mais na minha versão. E se Josh surtou por causa desse assédio súbito — *e por que diabos eu* não fiquei sabendo desse assédio súbito? — e passou a se interessar por outras garotas? E quem *são* essas outras garotas, afinal?

Jogo o nome dele no Google e vejo seu nome sendo citado por diferentes sites, incluindo por aquele programa com a entrevistadora irritante. Fico ainda mais desanimada ao ler os comentários. São todos de fãs enlouquecidas, *stalkers*, dessas que pipocam por toda a internet, mas dessa vez é diferente. Dessa vez estão falando do *meu namorado*.

À uma da manhã, meu telefone finalmente toca. Minhas mãos tremem de ansiedade e raiva.

— Eu amo você — diz ele.

Fico desconcertada.

— Você está aí? Isla? — pergunta Josh.

— Oi — respondo, ainda sem saber como reagir.

— Pensei que a gente fosse começar todas as nossas ligações com "Eu amo você".

— Eu… eu vi a entrevista.

— Ah. — Ele suspira. — Eu imaginei. Minha mãe me disse que você enviou uma mensagem e me deixou ligar para você para explicar. Estou usando o celular dela.

Meu coração se enche de esperança, mas ainda assim minha voz vacila:

— Por que você disse aquilo?

— Desculpa. — Ele parece angustiado. — Eu queria ter avisado, mas não consegui. Falei que estava solteiro porque não queria enfiar você nessa situação toda.

— Sou a namorada do filho de um senador. Ninguém está nem aí para mim.

— Você ficaria surpresa se eu contasse como essas coisas funcionam. Mas não acho que as pessoas deem a mínima para mim também.

— Mas… é verdade? As garotas estão correndo atrás de você?

— Hum… Sim. Mais ou menos. É estranho. Queria que nada disso estivesse acontecendo.

Alguma coisa de vidro, talvez uma garrafa, se quebra na calçada ao lado da minha janela. Um grupo de alunos bêbados cai na gargalhada.

— E por que você não disse que estava namorando? Você não precisaria dizer meu nome, minha identidade, nem nada do tipo.

— Não quis magoar você — diz ele, triste. — Essa é a última coisa que eu quero. Só estava tentando proteger você, mantê-la na parte *boa* da minha vida.

— Mas eu quero estar presente em todas as partes. Nas ruins também.

— Tem certeza disso? Porque eu tenho muitas partes ruins.

— Todo mundo tem.

— E quais são as suas?

— Sinto ciúmes quando penso que há outras garotas gostando do meu namorado.

— Sinto ciúmes quando penso no Sébastien. E em todos os outros caras da escola que veem você todos os dias.

— Ih, nem precisa se preocupar com isso. Não tem ninguém interessado em mim.

— O Nikhil gosta de você.

Eu me assusto.

— O quê?

— Nikhil Devi. Ouvi uma conversa dele com um amigo, uma vez.

Nikhil é o irmão mais novo e mais nerd de Rashimi e Sanjita. Não que eu esteja em condições de julgar alguém. Ele está no segundo ano.

— Que estranho. O que ele disse?

Josh ri.

— Ah, então você está pensando em me trocar por ele?

— Mas é claro.

— Nikhil gosta da sua bunda.

— Retiro o que eu disse. Preferia não saber disso.

Josh ri.

— Sinto falta do seu sorriso… Sinto falta de *você*.

Minha vontade é atravessar o telefone e tocá-lo.

— Faltam treze dias para eu voltar para casa. Como vamos sobreviver?

Ele respira fundo, e há um momento de silêncio, longo e perturbador.

— É esse… o outro motivo para terem me deixado ligar para você.

Ah, não. Por favor, não.

— Minha família foi convidada para passar o Dia de Ação de Graças na Casa Branca.

A Casa… e agora?

— Isla?

— A Casa Branca — digo.

— Sim.

— Lá onde mora o presidente? Aquela Casa Branca?

— Sim.

— Hum. — Fico engasgada. — Hum!

— É um troço maluco. Várias famílias foram convidadas, não só a nossa. Mas ainda assim…

— Meu *namorado* foi convidado para ir à *Casa Branca*.

— Seu namorado, que foi expulso do colégio, foi convidado para um evento na Casa Branca.

Estou rindo alto.

— Meu pai era *assim* com o presidente também, melhores amigos.

Estou gargalhando tanto que chego a chorar.

— Ah, Isla.

Sinto como se o coração dele estivesse aos pedaços do outro lado da linha. Sempre que Josh pronuncia meu nome, parece que arrancaram um pedaço da minha alma.

— Por favor, me diz que você sabe que eu faria qualquer coisa para não ir a esse jantar.

— Acho que é difícil dizer "não" para a Casa Branca.

— Impossível.

— E as férias de inverno?

— Nova York, juro.

Arranco um fio solto da minha colcha com o mapa de Nova York — uma linha verde do Central Park.

— Tem certeza de que não vai ser convidado para o Natal também?

— Somos judeus.

Merda.

— Desculpa. Eu sei.

— Eu sei que você sabe.

— Só estou triste. Me sinto tão distante de você…

— Eu sei.

A voz dele falha:

— Eu também.



capítulo vinte e dois

— Você não parece muito feliz por estar em casa — comenta maman, com seu sotaque quase imperceptível.

Ela acabou de fazer o maior drama por causa do cabelo rebelde e cortado-por-ela-mesma de Hattie e agora eu sou a próxima vítima.

O táxi parte para seu último destino: a casa de Kurt, apenas dois quarteirões à frente. Meu pai segura minha mala em uma das mãos e a de Hattie em outra, e subimos as escadas atrás dele. A casa cheira a pão de abóbora. Maman decorou tudo com folhas de árvores, nozes e abóboras. Uma guirlanda com laços e bagas vermelhas envolve o corrimão da escada e velas de cera de abelha iluminam cada um dos quartos. Maman ama os feriados do fim do ano. E ama ter as três filhas em casa.

— Não estou triste — digo, com a cabeça no aeroporto. Josh partiu apenas duas horinhas antes de nossa chegada. O timing perverso desse momento ainda me angustia.

— Está sim. E você nunca fica triste.

— Quando a Gen chega?

Mesmo depois de um "tsc, tsc" diante de minha evidente mudança estratégica de assunto, minha mãe responde, entusiasmada:

— À noite. A tempo do jantar de Ação de Graças.

Hattie passa feito um raio entre nós, vai para o quarto dela e bate a porta. Maman se queixa:

— *Oh, mon bébés*. Você também não vai estragar seu cabelo não, né?

— Não, maman — respondo.

Maman é a única pessoa da família que não é ruiva — embora, cientificamente falando, ela deva ter o gene em algum lugar. Isso acabou fazendo com que ela se tornasse excessivamente protetora em relação ao nosso cabelo. O dela é uma coisa meio grão de café. Nós duas temos a mesma estatura e o mesmo nariz arrebitado. Gen também é baixinha, enquanto Hattie se parece mais com nosso pai: é alta, esguia e tem traços fortes. Meu pai é o único da família com uma barba irregular e cor de fogo.

— Chegou um pacote para você hoje de manhã — avisa ele.

De maneira geral, meu pai é uma pessoa serena, então a forma como ele me dá a notícia é peculiar. Hesitante. Talvez até um pouco hostil.

— Deixei no seu quarto.

Arqueio as sobrancelhas.

— Como é o pacote?

— Foi entregue por um portador. Acho que foi o Joshua quem mandou.

Joshua. Estou começando a achar que meu pai não gosta do *Joshua*, mas estremeço dos pés à cabeça mesmo assim.

— Sério? Eu não estava esperando nada.

— A caixa é pesada.

Subo as escadas voando.

— Ele ainda é seu namorado, *oui?* — pergunta maman.

Paro de repente.

— Porque nós o vimos na televisão dizendo que não tem namorada. Não gostei nem um pouco disso, Isla.

Eu me viro para ela, séria.

— Ele só fez isso para me proteger. Josh não quer que a imprensa fique me importunando.

Maman dá de ombros lentamente, preocupada.

— Me pareceu que ele estava procurando um rabo de saia.

— Um rabo de saia? *Mon Dieu*.

Não acredito que estou tendo essa conversa com minha mãe. Não faz nem cinco minutos que coloquei o pé dentro de casa.

— Por que ele mesmo não veio entregar esse pacote? — pergunta meu pai. — Ele está na cidade há três semanas e nem se preocupou em se apresentar para os pais da namorada? É o mínimo que ele poderia fazer depois de ter metido a gente nessa encrenca.

— Ele meteu *você* em alguma encrenca?

Levanto as mãos. Desisto.

— Não, deixa pra lá. Não vou discutir isso de novo. E ele mandou um portador entregar o pacote porque tinha um avião para pegar. Para Washington. Para a *Casa Branca*. Para jantar com o *presidente*. Está lembrado?

— Ainda assim, seria um gesto educado vir aqui — insiste meu pai.

— Para quê? Para você o encher de perguntas sobre o que aconteceu na escola?

— Sim, queremos saber quais são os planos dele para o futuro.

— Nossa, você está ouvindo o que está dizendo?

Maman intervém:

— Nós só queremos conhecer esse rapaz que é tão importante para você.

— Vocês vão conhecê-lo no mês que vem.

Subo o restante dos degraus o mais rápido que posso.

— Vamos? — grita o meu pai. — *Vamos*?

Apesar dos pesares, eu estava ansiosa para voltar para casa. Agora não tenho tanta certeza assim. Sinto minhas energias se esgotarem. Tenho me esforçado ao máximo para manter minhas notas altas — *Dartmouth* — e, embora esteja tudo bem entre nós, as coisas ainda não voltaram ao normal com Kurt. Passo tanto tempo na detenção que mal nos vemos. Josh consegue me ligar uma vez ou outra, mas as coisas ficaram mais difíceis agora que as eleições terminaram e a mãe dele tem mais tempo livre.

E meu pai me enchendo o saco em relação ao futuro de Josh é particularmente estressante, porque, da última vez que conversamos, Josh disse que a mãe quer que ele termine o ano em um colégio particular em Washington. Quando sugeri que ele obtivesse o GED logo em vez de fazer isso, ele respondeu: "Pra que perder meu tempo se eles vão me colocar em um colégio estúpido de qualquer jeito?"

Mudei de assunto depois disso.

Meu quarto está com aquele aroma de limpeza que sinto sempre que volto para casa. Há

uma caixa grande no chão. Não conheço o endereço do remetente e não há nome algum que o identifique, mas não tenho a menor dúvida de que é a letra linda de Josh. Meu coração começa a bater mais forte. Com uma tesoura, corto a fita, puxo as abas e solto um grito de agonia e gratidão. Tem o cheiro *dele*.

A primeira coisa que pego é uma camisa azul-escura, uma das favoritas de Josh. Ele a usou no primeiro dia de aula deste ano. Cheiro o tecido. *Perfume cítrico, tinta, ele.* Meus joelhos estremecem. Aperto a camisa contra o peito enquanto verifico as outras coisas da caixa. Agora, sinto o corpo inteiro estremecer.

Aluno do Internato, todas as páginas amarradas com um barbante.

Há um bilhete embaixo do caderno. *EU AMO VOCÊ*. Amo quando ele começa nossa conversa assim, mesmo que seja por carta. *SINTO MUITO POR NÃO PODER ESTAR COM VOCÊ PESSOALMENTE, MAS ESPERO QUE ACEITE ESSE SUBSTITUTO RIDÍCULO. PASSEI A SEMANA INTEIRA ESCANEANDO E IMPRIMINDO AS PÁGINAS. NUNCA MOSTREI O LIVRO INTEIRO PARA NINGUÉM. AINDA NÃO TERMINEI, MAS AQUI ESTÁ O QUE FIZ ATÉ AGORA. ESPERO QUE CONTINUE GOSTANDO DE MIM DEPOIS DE LER AS PARTES RUINS.*

COM AMOR, J.

Meus olhos se enchem de lágrimas, mas de felicidade. Tenho vontade de me jogar na cama e começar a ler tudo agora mesmo, mas preciso ter calma. Quero privacidade. Não quero ser interrompida enquanto estiver lendo. Coloco a camisa de Josh ao lado do travesseiro e guardo a caixa no armário. Meus pais não são de bisbilhotar minhas coisas, mas não quero dar chance alguma ao acaso.

Passo o resto do dia em família. Quando perguntam sobre a caixa, dou uma resposta vaga: "Ah, sabe, foi só uma lembrancinha. Uma carta e uma camisa." Mas, assim que o jantar termina, com a desculpa de que o fuso desregulou meu sono, saio para "descansar". Vou para meu quarto e pego a caixa. Eu a deixo ao lado da cama, ligo o abajur e me aninho nas cobertas. Pensei em vestir a camisa, mas não quero que ela perca o cheiro dele, então a mantenho junto ao corpo e me aconchego nela. Em seguida, desamarro o barbante e retiro a primeira página.

O livro está dividido em seções, começando com PRIMEIRO ANO. Josh desenhou a si mesmo magro e ingênuo, boquiaberto enquanto observa seu novo lar. O jovem Josh considera Paris intimidadora, mas também impressionante, e pouco tempo depois já começa a sentir saudade de casa. Não saudade da vida que ele levava — viagens de avião de uma cidade a outra, campanhas intermináveis, pais negligentes… Não. Josh sente saudade da vida que ele tinha quando era mais novo. Da cabana e dos pinheiros. De uma família que tinha um lugar para chamar de seu. Ele reconhece quase que imediatamente que em vez de trocar as duas vidas que viveu no passado pela nova vida em Paris, agora ele tem três. E é tarde demais para voltar atrás.

Uma página com apenas um quadrinho: ele, em um canto, pequeno e agachado, olhando para o alto, para a casa dele, enquanto o resto da página — onde deveria ser a casa dele — está em branco. Josh sente saudade de um lugar que não existe. E ele sabe que Paris não vai preencher esse vazio.

Ele *tenta* preenchê-lo se jogando de cabeça na própria arte. Faz amizade com St. Clair no estúdio durante uma aula de educação artística. St. Clair é um ano mais velho do que ele,

mas o talento inato de Josh chama sua atenção, e o carisma inato de St. Clair faz os dois se aproximarem. À noite, Josh fica deitado na cama pensando nas coisas que seu novo amigo disse ou fez, querendo aprender com ele. Imitá-lo. As páginas são tristes e ao mesmo tempo doces, repletas de verdades constrangedoras.

St. Clair tem uma amiga de cabelo volumoso, Meredith, e Josh se torna amigo dela também. Os três, curiosamente, lembram Harry, Ron e Hermione. St. Clair é o líder, Josh é o palhaço, e Meredith, a inteligente. Mas, nessa versão, Hermione está visivelmente apaixonada por Harry.

As cenas com os amigos são divertidas. Eles parecem mesmo personagens, não as pessoas de carne e osso que eu costumava ver na escola. Embora eu goste de ler sobre a amizade dos três, secretamente sinto uma pontada de tristeza. Nunca vou conhecer essa parte da vida dele. Nas cenas em que Josh está sozinho, no entanto, ele volta a ser o *Josh*, e tudo se ilumina. Eu leio essas partes com tanta intensidade que chego a me sentir desconfortável, talvez até culpada, mas quanto mais difíceis de ler se tornam as cenas, mais rápido viro as páginas. Josh pensa em garotas o *tempo todo*. Ele vê uma garota francesa bem alta na rua, e eu fico horrorizada ao virar a página e encontrá-lo se masturbando em seu quarto ao pensar nela. No verão, ele dá seu primeiro beijo: uma garota mais velha que trabalha na loja de quadrinhos favorita dele, em Manhattan, mas na próxima vez em que ele vai vê-la, ela finge que não o conhece e não dá bola para ele.

É preciso muita coragem para desenhar essas coisas. E é doloroso saber dessas histórias.

Começa o SEGUNDO ANO. St. Clair começa a namorar uma garota chamada Ellie. Ela é dois anos mais velha do que Josh, que não se sente *cool* o bastante para sair com o amigo e a nova namorada. Josh e Meredith trocam algumas palavras duras sobre Ellie — ambos com ciúmes, cada um a seu modo —, e é quando Josh começa a se entender com Ellie que conhece a melhor amiga *dela*.

Rashimi Devi.

Ela é bonita, inteligente e sarcástica. Um dia, ela dá em cima de Josh na aula de artes — e é claro que ela sabe desenhar, ao contrário de mim, e a partir daí ele não consegue mais parar de pensar nela. Páginas e mais páginas de Rashimi brilhando feito uma deusa hindu, linda e majestosa. São dezenas delas, e parece que não vão acabar nunca. Josh fica correndo atrás da Rashimi feito um cachorrinho, patético e desesperado, e depois de algum tempo ela finalmente aceita sair com ele. E então sou forçada a reviver os momentos dolorosos de *meu* passado quando chego à parte que mostra os dois se pegando em público.

E as coisas só pioram. Josh diz que a ama. Ela diz que o ama também. Ele a toca. Ela o toca. Então, os dois perdem a virgindade no chão do quarto de Rashimi, ao lado da coelha de estimação dela, Isis.

Uma coelha.

Josh perdeu a virgindade na frente de um símbolo do sexo.

A próxima página tem um único quadrinho: Rashimi nua, retratada como a deusa egípcia Ísis, que, olha só, é a deusa da *fertilidade*. Ela segura a coelha de pelúcia e está cercada de outros coelhos, e *já chega dessa babaquice de coelhos, fertilidade e sexo*.

AimeuDeus. *Odeio* coelhos.

Estou enojada, furiosa, e sei que continuar lendo é masoquismo, mas agora não posso mais parar. Há um quadrinho estranho e desconexo mostrando Josh fazendo sua tatuagem. Não

faz sentido. Provavelmente essa parte está aqui porque Josh devia estar tão ansioso para fazer mais desenhos da namorada nua que decidiu que essa história poderia esperar. Ou sei lá. Pego a próxima pilha de papel da caixa e percebo que, em algum momento, deixei a camisa dele cair no chão. Não pego de volta.

Josh e Rashimi estão finalmente brigando. É incômodo. Ela está com raiva porque ele anda faltando às aulas, e Josh, furioso, não aceita que ela fique dando pitacos em sua vida. Eu me deleito com a cena. E me sinto vingada, porque *nunca* o julguei por faltar às aulas para ficar trabalhando em sua autobiografia. Porém, se eu soubesse o que encontraria aqui, talvez tivesse sido menos boazinha. Mas então o ano acaba, e ele viaja para passar as férias com a família da namorada em Déli.

Josh já tinha me contado que ele havia passado "algum tempo" com a família de Rashimi nas férias de verão, mas… um mês inteiro? Na Índia? Não é de se admirar que ele soubesse tanto sobre Sanjita. De algum modo, imaginar Josh um mês inteiro com a família Devi me chateia tanto quanto a história do coelho.

O TERCEIRO ANO começa sem mencionar o tempo que Josh passou em Nova York. Os pais dele aparecem em diversos momentos no começo da história, mas sumiram quase que completamente agora. Essa omissão é estranha.

Começam as aulas, e St. Clair está aflito com a ausência de Ellie, embora ela esteja estudando em uma faculdade próxima. Anna aparece. Eu me lembro de tê-la visto na primeira semana de aula, no refeitório. Fiquei morta de raiva ao ver como foi fácil para ela ficar amiga de Josh e seus amigos e se sentar à mesa deles. Queria ser tão sortuda quanto ela. Queria ser tão confiante quanto ela.

E então, de repente, Josh está sozinho.

St. Clair está a fim de Anna. Ele fica dividido entre ela e a namorada e gasta tanto tempo nessa indecisão que mal tem tempo para o amigo. E, quanto mais tempo Josh passa sozinho, mais ele percebe o quanto é de fato solitário. Todos os seus amigos terão partido no ano que vem. Josh se torna cada vez mais hostil em relação à escola, o que torna Rashimi também cada vez mais hostil em relação a ele, o que, por sua vez, o torna cada vez mais hostil em relação a ela. Rashimi está chateada porque Ellie deixou de ser sua amiga, e Meredith está chateada porque agora St. Clair gosta de duas garotas, e nenhuma é ela, e Anna está chateada porque St. Clair não se decide, e *aí* a mãe de St. Clair está com *câncer*.

É uma novela e tanto.

O drama entre os amigos de Josh só aumenta, e ele prefere se afastar e ficar na dele. Seus desenhos ficam mais sombrios. O aluno do primeiro ano, boquiaberto e ingênuo, se foi. O do segundo ano, tarado por sexo, desapareceu, e agora se transformou em um cara solitário do terceiro ano. Os pais dele aparecem de vez em quando e muito rapidamente, só para atormentá-lo falando sobre as eleições. Josh quer terminar com Rashimi, mas está deprimido demais para encontrar forças para isso. Ele para de desenhar e falta às aulas para ficar dormindo. A diretora da escola — depois de chamá-lo para ir a sua sala pela centésima vez — avisa: "Acho que você está, discretamente, tentando fazer com que eu o expulse da escola. Não vou fazer isso."

Nunca parei para pensar sobre o que Josh e a diretora conversavam naqueles encontros. Fico chocada quando ela mostra as notas dele e diz que sua prova de seleção foi uma das melhores que ela já viu em anos. Ele é o aluno mais brilhante de nossa turma.

Josh é o melhor aluno da sala. Não eu.

Fico envergonhada em admitir que isso me magoa. Mas, sim, definitivamente me magoa. No entanto… eu sempre soube. Sempre soube que ele estava fingindo… que ele compreendia tudo muito claramente, mas não queria fazer parte daquilo. Essa foi uma das razões pelas quais me apaixonei por ele. "Para algumas pessoas, o ensino médio sempre será uma experiência brutal", afirma a diretora. "O melhor conselho que posso dar a você é: descubra o que vem em seguida e trabalhe duro para chegar lá."

A cena seguinte mostra Josh na detenção. Fico vermelha quando o vejo curvado sobre a mesa no fundo da sala, ao lado da janela, olhando para o jardim com pombos.

Eu me *sentei* nessa carteira. Eu sabia. De alguma forma eu sabia.

Josh volta a se concentrar nos desenhos. Ele quer se perder neles… e, talvez, se encontrar. Mas, quando St. Clair termina com Ellie e começa a se entender com Anna, a solidão de Josh se intensifica e se torna mais evidente. E quando Josh e Rashimi terminam, ambos sabem o que vem pela frente e estão preparados. Exaustos. Cansados demais para continuar brigando. Josh começa a viajar para outros países todos os fins de semana — em segredo e sozinho —, se separando dos amigos antes que eles façam isso com ele.

E então chega o verão. O *nosso* verão.

Parece que meu coração vai saltar pela boca quando pego a última pilha de papel da caixa. Na primeira página, ele está sozinho na Kismet. Apareço logo depois, gritando o nome dele e despertando-o de seu estado letárgico. Há um tom onírico nessa parte, que reflete tanto como eu agi quanto como ele reagiu. Eu me contraio de medo diante de tudo o que digo, mas ele me desenha como se eu estivesse iluminada pela luz de um farol.

Ele volta para o primeiro ano, e os traços do desenho se tornam mais suaves. Ele me vê lendo Joann Sfar. Tenta conversar comigo, mas se atrapalha todo. E então sou *eu* quem o olha como se ele fosse maluco.

A história retorna para a Kismet. Josh percebe que estou dando em cima dele e acha divertido e intrigante. E prazeroso. Ele me leva até a porta de casa e depois volta correndo para casa e me desenha de novo — a ilustração que estou com uma coroa de rosas na cabeça — antes de cair no sono. Na noite seguinte, ele volta à cafeteria e me vê com Kurt. Fica decepcionado, volta se arrastando para casa e vai para Washington, onde passa o resto de um verão deprimente, apavorado com o último ano.

As últimas páginas estão meio indefinidas, são esboços do primeiro dia de aula. Difíceis de acompanhar. As interações comigo são fofas, mas os quadrinhos estão tão desordenados que as deixam menos concretas. Como se ele ainda estivesse amadurecendo seus sentimentos em relação ao que aconteceu desde então.

Então… acabam-se as páginas. A caixa está vazia.



capítulo vinte e três

Sou tomada por um sem-número de emoções. Ciúme. Tristeza. Raiva. Embora esteja ressentida, reconheço que ele teve muita coragem para botar tudo isso no papel, mas não consigo deixar de lado a mágoa e a decepção e me concentrar no que temos de bom. Pensei que conhecesse meu namorado, mas acabei descobrindo que tinha uma visão distorcida dele. Agora enxergo com nitidez.

Josh tinha… toda essa *vida* antes de mim.

Como uma coisa tão óbvia pode ser tão chocante?

E Rashimi. Eu sabia que ela apareceria na autobiografia dele, mas como eu poderia saber que ela apareceria de *tantas* formas? Não queria vê-la. Com Josh. Desse jeito. O que acabo de ver não é justo, porque nunca vou poder apagar.

Eu me viro de um lado para outro na cama. Não consigo parar de pensar em coelhos. Em garotas francesas altas. Em Josh esnobando uma educação que escolhi levar tão a sério. Isso nunca me incomodou antes. Por que está incomodando agora? Fico com a cabeça a mil por hora e então sinto alguém me sacudindo, me acordando de um sono inquieto ao qual nem mesmo me dei conta de que havia sucumbido. Uma irmã com um cabelo completamente desgrenhado se joga em cima de mim.

— Acorda! — Gen fica quicando na cama com ainda mais entusiasmo. — Hattie e eu já estamos prontas. Aqueles balões não vão tirar sarro um do outro sozinhos.

Ótimo. Tudo de que eu precisava hoje. Um desfile.

Nossa casa fica do outro lado da Broadway, longe demais para conseguirmos ver ou ouvir o desfile de Ação de Graças da Macy, mas bastam alguns minutos de caminhada para podermos acompanhar o espetáculo pitoresco em primeira mão. Eu e minhas irmãs sempre aparecemos por lá bem cedo para darmos uma espiada.

Minha cabeça está latejando de tanto que chorei durante a noite.

— Não estou me sentindo muito bem — digo.

— Você tem que se levantar, ou maman não vai parar de encher meu saco por causa do cabelo.

O cabelo vermelho-alaranjado de Gen está com uns cinco centímetros de comprimento e ela o usa todo arrepiado.

— Você está parecendo um cachorro corgi — comento. — Está deixando crescer de novo?

Gen não perdeu tempo e já está revirando os papéis em cima da minha cama.

— Foi o Josh quem desenhou?

Tento pegar as folhas das mãos dela.

— Me dá!

— Ai, meu Deus! Fica calma. Eu só queria dar uma olhada.

Ela levanta o braço, segurando o papel o mais alto possível.

— Uau. E o que *são* essas coisas?

— Por favor — peço, à beira das lágrimas.

Assustada, Gen me entrega as páginas com todo o cuidado.

— Desculpa.

— É que… é particular. Não conta para a Hattie, tá?

— Tudo bem.

— É sério. Você sabe como ela é.

— É, eu sei. Estou falando *muito* sério que não vou contar para ela sobre a sua reação *muito* estranha em relação a algo sobre o qual não entendi *nada*.

Abraço o travesseiro com força. Gen fica me olhando por um bom tempo. Por fim, ela se levanta e para ao lado da porta.

— Cinco minutos.

— Eu não vou. Não estou me sentindo bem.

— Você não tem escolha.

Quando Gen quer alguma coisa, nada pode detê-la, sei disso como ninguém. Coloco os papéis de volta na caixa. Tomo cuidado para não amassá-los — não mais do que já estão —, mas não me preocupo em colocá-los em ordem. Guardo a caixa no armário, visto uma roupa qualquer e encontro minhas irmãs na porta.

Hattie franze o cenho, achando algo estranho.

— O que aconteceu?

— Deixa ela em paz — diz Gen.

— Seu gorro não combina com as luvas — diz Hattie para mim. — E esse casaco também não ajuda nem um pouco. Você não *morre* ou algo assim se não estiver toda arrumadinha?

Puxo o gorro de lã para mais perto dos olhos. Gen agarra meu braço e sai marchando antes que dê tempo de eu mudar de ideia. Ou de roupa. Hattie vem se arrastando atrás de nós.

O clima no outono de Nova York é o que se esperaria em qualquer outro lugar na primavera. Renovação. Os moradores ficam animados por poderem sair às ruas novamente. A temperatura dentro do metrô fica mais amena, pois o clima úmido do verão já passou. Por todos os lugares há comemorações e festivais. O ar também fica mais fresco, e o retorno dos cachecóis e das botas é reconfortante. Tento apreciar o entorno. Procuro folhas amarelas, laranja ou douradas, minha parte preferida da estação, mas os galhos já estão desfolhados. É tarde demais. Tudo está morto.

Gen fala sobre a vida em Massachusetts e Hattie faz seus comentários engraçadinhos de sempre. Não presto a menor atenção. Atravessamos o Columbus, e as ruas começam a ficar lotadas de famílias, dançarinos, líderes de torcida e policiais. Muitas bandas estão aquecendo os instrumentos — dá para ouvir os metais, os tambores e a melodia graciosa das flautas. Um balão enorme em forma de elefante e com uma flor cor-de-rosa na tromba desponta atrás de um edifício, uma rua à frente.

— Ânimo! — exclama Gen. — Fiz sua inscrição para participar da caminhada com eles este ano. — Ela aponta para um grupo de dançarinos vestidos com calças de caubói e esquisitos coletes franjados.

Uns dez palhaços assustadores vestidos com macacões esfarrapados e nas cores do arco-íris aparecem na farmácia ao nosso lado.

— Olha lá. Estão atrás de você, Gen. Precisam de mais um integrante no grupo — digo.

— Você viu aquelas árvores de Natal sapateando ali do lado? Elas perguntaram se você não está a fim de dar uma voltinha com elas. Não vai ficar cansada, vai? Quer dizer, eu já paguei pela roupa metálica e tudo.

— Que bom, meninas, que vocês não me inscreveram para nada — comenta Hattie. — Porque é realmente ótimo não ter *nada* para fazer.

Lanço um olhar atravessado para ela. Quando Gen percebe que não estou disposta a bancar meu papel de sempre, o de pacificadora, ela intervém. Eu me volto para meus pensamentos. Para a autobiografia. Não consigo tirar esta imagem da cabeça: Rashimi, coberta de coelhos. Um balão do Caco, dos Muppets, surge atrás de outro edifício, e eu ainda penso em coelhos. Começamos a sentir frio, voltamos para casa, e eu me pego pensando em coelhos. Ajudo maman a fazer croissants. Coelhos. Ajudo a arrumar a mesa. Coelhos. O peru está cortado, as bebidas servidas e as torradas, prontas. Coelhos, coelhos, coelhos. Os pratos estão lavados, os restos de purê de batata e de molho vão para o lixo. Meu namorado perde a virgindade e, ah, quem é aquele ali olhando?

Um coelho.

Minha família se reúne em frente à televisão para assistir a algum filme bobinho. Continuo pensando em coelhos quando, uma hora depois, ouço de longe meu celular tocando, no quarto. Meu coração é catapultado para a garganta. Subo as escadas voando e quase não chego a tempo.

— Eu amo você — diz Josh. — Rapidinho.

Ouço umas risadas e pessoas falando alto, e depois uma porta sendo fechada.

— Estou em um terraço. Ou sacada. Algo assim. Para falar a verdade, não faço a menor ideia de onde estou.

— Mas você não está na Casa Branca?

— Estou.

Coelho.

— Eu sei — diz ele, sem que eu precise dizer nada. — É estranho. Desculpa.

— Não, não é isso.

Coelho, coelho.

— Só estou cansada. Foi um dia longo.

— Minha mãe me deixou ligar para você. Estou usando o celular dela de novo.

— Ah, tá. E aí, como estão as coisas por aí?

— Você recebeu minha caixa? — pergunta ele, sem responder ao que perguntei. Quase dá para ouvir seu suor pingando do outro lado da linha, de tão ansioso que está.

— Recebi. Li ontem à noite. Adorei.

Um silêncio sepulcral.

— Nossa. — A voz dele soa tão sem graça quanto a minha.

— Acho que nem você se convenceu com essa resposta, hein?

— Não. É que…

Então eu caio no choro, odiando a mim mesma por isso.

— O que foi? — Ele entra em pânico. — O que aconteceu? Qual parte?

— Não. Está tudo bem.

Não consigo parar de chorar.

— Por favor — insiste ele. — Não. Escuta. Sei que fui um babaca com a Rashimi, principalmente quando brigamos, mas juro que isso não vai acontecer com a gente. Com você, é tudo diferente. Eu nunca agiria desse jeito com você.

Nunca vi Josh falar tão rápido assim antes.

— Eu era mais novo, e mais idiota e…

— Não foi a briga… Foi… — Com as lágrimas, vieram soluços viscerais. — *Os coelhos*.

— Coelhos? — pergunta ele, mas a dúvida logo se desfaz. — Ah. *Ah*.

— Por que você desenhou aquelas coisas? E por que quis que eu visse?

— Eu… eu pensei que não tivesse nada de mais…

— Pensou que não tivesse nada de mais me mostrar sua ex-namorada *pelada*? Ou os detalhes do momento em que vocês dois perderam a virgindade?

— Eu… eu não sei. — Josh está totalmente em pânico agora. — Eu escrevi aquilo porque foi o que aconteceu. E resolvi dividir com você porque queria ser sincero. Queria mostrar tudo a você. *As partes ruins também*, lembra?

— Bom… Talvez nem tudo mereça estar em um livro.

— Desculpa. AimeuDeus! Desculpa, Isla, de verdade.

Eu me calo. É injusto, mas estou muito magoada. E quero que ele sinta o mesmo.

— Por favor, não desligue. E o final? A parte que estou com você? O que achou?

— Sim, todas aquelas oito páginas estavam boas — respondo, mas assim que as palavras saem da minha boca, me arrependo.

Nunca disse nada tão egoísta em toda a minha vida. Ele quase não teve tempo para nos desenhar. Fazer o tipo de trabalho que ele faz demanda uma eternidade. Josh dividiu algo pessoal comigo, e eu joguei isso na cara dele. Seu silêncio é perturbador.

— Eu não deveria ter dito isso. Desculpa. — Lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Seu livro é muito bom. De verdade.

Josh solta um suspiro, e percebo que agora ele está chorando também. Minha culpa quadruplica. Continuo:

— É sério. É só que… me pegou de surpresa. Eu sei o que você desenhou. E deveria estar preparada para o que haveria lá. A gente nem deveria estar conversando sobre isso, eu deveria estar falando sobre todas as partes que eu amei…

— E agora você está me pedindo desculpas, isso é loucura.

— Não é!

Seguro o celular com mais força.

— Desculpa, desculpa.

Ele não diz nada.

— Alô? Josh? *Alô?*

— Minha mãe está me chamando. Merda. Vão servir a sobremesa ou algo assim.

— Não!

— Você ainda me ama? — A voz dele deixa transparecer insegurança. — Você não disse que me amava quando atendeu.

Tiro um monte de lenços de papel da caixinha.

— Mas é claro que amo!

— Não acredito que vou ter que desligar agora.

— Não desliga. Eu amo você.

— Ligo de novo assim que puder.

E desliga.

Como sou muito otária, passo a noite inteira com o celular ao lado, torcendo para que "assim que puder" signifique "logo". Mas não é o que acontece. Como pude atacá-lo daquele jeito? Josh confiou em mim. Ele se despiu de corpo e alma, e eu usei isso contra ele. Eu me odeio. Odeio a ideia de tê-lo magoado. E me odeio *mais ainda* por continuar chateada com os desenhos dele e por ter que fingir que não estou.

Deixo a caixa no armário, esperando que aquilo saia da minha vista e da minha cabeça, mas é impossível. É a única coisa em que consigo pensar. Já é sábado à noite e ainda não tive notícias dele. O medo de perdê-lo por causa do erro que cometi atinge níveis críticos. Preciso fazer alguma coisa. Anexo uma proposta de paz à caixa e a levo até a casa dos Wasserstein, usando o endereço do remetente que já está no pacote. A caixa é pesada, incômoda. Ainda assim, não demoro muito para chegar até lá.

A casa é revestida de arenito e similar às demais que há na rua — bonita, antiga e bem-conservada. Nas janelas, há vasinhos de sempre-vivas e heras, uma bandeira dos Estados Unidos pendurada no segundo andar, uma guirlanda de outono pendurada na porta, e uma mezuzá de prata afixada no batente da porta. As cortinas estão fechadas.

Bato, esperando ser atendida pelo Serviço Secreto ou por alguma organização responsável pela proteção dos senadores mais famosos do país. Ninguém responde. Bato de novo, e um homem atarracado, de ombros largos, cabelo grisalho para trás e usando uma escuta abre a porta.

— Posso ajudá-la?

A voz dele é tão firme e vigorosa quanto sua aparência.

— Isla Martin — respondo, com a voz trêmula. — Sou a namorada do Josh. Da França. Sei que ele só volta para casa amanhã, mas é justamente quando vou embora, então gostaria de saber se o senhor poderia entregar isso a ele.

— Eu sei quem você é.

— *Sabe*?

Por um momento, a pose de durão desaparece. Ele sorri de um modo surpreendentemente acolhedor.

— Sou pago para isso.

— Ah. — Fico com as bochechas vermelhas. — Bom, o senhor poderia, por gentileza, entregar isso a ele?

O homem pega a caixa da minha mão.

— Claro. Mas vou ter que submetê-la ao teste de explosivos antes. Se a caixa passar, eu entrego.

Dou uma risada.

— Estou falando sério — diz ele. — Todos os pacotes são verificados.

Meu rosto está ardendo.

— Claro. Obrigada, senhor.

E, com isso, vou embora. Na noite seguinte, quando verifico meu celular, em Paris, vejo que recebi uma mensagem de texto de um número desconhecido com o código de área de

Manhattan. Josh não comenta a devolução do livro — nem o fato de eu ter deixado as páginas todas fora de ordem —, mas diz: *Que saudade do seu cheiro. Merci pelo cachecol, minha rosa perfumada.*



capítulo vinte e quatro

A palidez do inverno deixa a cidade ainda mais cinzenta do que já é. Os anéis olímpicos, brilhantes e coloridos, são a única coisa que se destaca em meio à pasmaceira visual. Estão estampados em todas as superfícies, por todos os lugares, inclusive na lateral dos edifícios. As Olimpíadas de Inverno serão em fevereiro agora, na região de Rhône-Alpes, no sudeste da França, embora haja tantos cartazes espalhados pela cidade que as pessoas jamais saberiam que o jogos não vão acontecer em Paris. São os atletas franceses que estampam os pôsteres, claro, mas alguns dos maiores esportistas dos outros países também receberam destaque.

Kurt e eu saímos da estação de metrô Denfert-Rochereau e passamos por um painel gi-gan-tes-co de uma imponente patinadora americana chamada Calliope Bell.

— Vai torcer por quem? Pelos americanos ou pelos franceses? — pergunto.

As Olimpíadas sempre despertam em mim um misto de sentimentos. Sei que eu deveria ser patriota e torcer pelos atletas de meu país, mas de qual nação estamos falando exatamente? Eu me sinto leal às duas.

Kurt observa o pôster.

— Torço pelo melhor atleta de cada modalidade. Ele não precisa ser necessariamente americano ou francês.

— Então… você torce para o vencedor. Isso não é meio que trapaça?

— Não. Eu torço pela pessoa que aparentemente está se empenhando mais.

É uma resposta estranha, mas ainda assim boa, que, felizmente, consegue me fazer pensar em outra coisa. Entramos em um edifício verde-escuro simples. Não há turistas por aqui hoje. Damos o dinheiro da entrada a um guarda, depois passamos por outro e descemos uma escada em espiral até chegarmos a um túnel extenso. Pisamos em pequenas poças, formadas pela água que pinga lá de cima. Faz um pouco de frio aqui nas catacumbas, mas não chega a incomodar, porque não está ventando.

Kurt aponta para um túnel que foi fechado ao público.

— Eu já falei para você que há quase trezentos mil quilômetros de túneis abandonados em Paris?

Sim. Ele *já* me contou isso. Várias vezes. Kurt tem falado incessantemente sobre túneis desde que voltamos para a escola. No último mês, ele passou do estado de fascinação para completa obsessão. Enquanto eu estava na detenção, Kurt lia tudo o que podia sobre túneis: os do metrô, as pedreiras de calcário, túneis para abastecimento de energia, os do sistema de esgoto, as criptas. Juntas, essas construções formam uma das maiores redes subterrâneas do mundo.

É claro que ele quer fazer o mapa da rede.

É muito estranho que duas das pessoas mais importantes da minha vida estejam interessadas em mapas. Kurt, no sentido mais literal possível. Mas Josh também. Ao narrar os

principais acontecimentos da própria vida, Josh está desenhando um mapa. Eu me pergunto por quanto tempo farei parte dele. Onde e quando minha história se distancia da dele?

— Existem mapas de túneis, mas nenhum deles é completo. E muitas vezes eles enganam as pessoas de propósito, para mantê-las longe.

Para a infelicidade de Kurt, um autêntico e obsessivo seguidor de regras, explorar os túneis é ilegal, o que não quer dizer que isso tenha impedido as pessoas de se aventurarem pelo subsolo de Paris. Os túneis atraem todo tipo de gente, que são conhecidas como *cataphiles* — historiadores, grafiteiros, festeiros, exploradores de cavernas, músicos, caçadores de tesouros. Alguns entram nos túneis para recuperar objetos de valor inestimável. Outro grupo criou um cinema subterrâneo. A resistência francesa se escondeu aqui embaixo durante a ocupação nazista, e os nazistas utilizaram exatamente os mesmos túneis para fugir.

Não vai demorar muito para que a obsessão de Kurt fale mais alto do que sua necessidade de seguir as regras. Mas, por enquanto, ele visita a parte legal — les Catacombes — dia após dia. Mais de seis milhões de corpos foram alocados aqui no final do século XVIII, e as intermináveis paredes feitas com os ossos dessas pessoas podem ser visitadas por um valor módico. Alguns dos ossos estão dispostos de maneira simples, formando cruzes ou corações. Outros estão organizados por tamanho ou tipo. Mas a maioria deles foi disposta aleatoriamente, porque devia ser bem mais prático.

Quando eu era criança, achava as catacumbas assustadoras. Quando cresci, passei a achá-las fascinantes. Hoje em dia elas quase não me amedrontam mais. E talvez esses crânios me lembrem a tatuagem de certo alguém. Fico sentada em uma cadeira dobrável reservada para os seguranças do local enquanto Kurt espreita tudo ao redor.

Parece apropriado estar aqui. O lugar é tranquilo, mas inegavelmente sombrio, muito parecido com meu estado de espírito no momento. Desde que voltei para a escola, e sem a detenção para tomar todo o meu tempo, tenho me empenhado ao máximo para fazer os deveres de casa e estudado como uma louca para as provas. Não tenho mais lido por diversão. As tarefas escolares têm sido a melhor coisa para me distrair do silêncio forçado entre mim e Josh.

Como meus pais viviam antes das mensagens de texto? E da internet? Estou acostumada a *saber* das coisas, e *não saber* de absolutamente nada está me enlouquecendo. Josh e eu estamos nos correspondendo por cartas, mas elas levam muito tempo para chegar, tanto que muitas vezes Josh não está mais no endereço para o qual a enviei. A família dele tem viajado sem parar entre Nova York e Washington.

Acho que ele está na capital agora. Pelo menos foi para lá que mandei um presente de Chanucá ateu, uma caixa com as comidas francesas favoritas dele. Se ao menos eu pudesse falar com Josh, tenho certeza de que me sentiria melhor. Carrego suas cartas na bolsa e uso a caneca que ele me deu o dia inteiro, para tomar água. Além disso, pendurei seus desenhos ao lado da minha cama — o da bússola, que ele fez na primeira semana de aula, e o da Sagrada Família, da árvore coberta por pombas, que ele me deu depois de ter sido expulso. Mesmo com tudo isso, ainda o sinto muito longe.

E, quanto mais tempo passamos separados, mais o final de *Aluno do Internato* me atormenta. O tempo que passamos juntos se resumiu a um esboço de oito páginas. A diretora da escola acha que fui uma mera distração para Josh, o que significa que ela pensa que levei a relação mais a sério do que ele. Mas isso não é verdade. Ele também levou a sério.

Será que ainda leva?

Josh não me deu motivo algum para duvidar disso, mas quanto mais tempo passamos separados, mais claro vejo que nossa relação ainda é muito instável. A solidão dele — quanto tempo ele vai levar para perceber que namorar comigo era mais fácil do que ficar sozinho? Fui conveniente. Uma *distração*.

Josh é romântico. Ele gosta de se apaixonar e anseia por um amor que preencha o vazio deixado pela ausência dos pais. Talvez tudo tenha acontecido tão rápido entre a gente não porque somos perfeitos um para o outro, mas sobretudo porque fomos levado pela intensidade do momento — Josh por causa dessa *busca* insaciável e eu por já gostar dele antes. Será que esses três anos de espera comprometeram minha percepção da realidade? Será que o conheço tão bem assim? Desde a última vez que o vi pessoalmente, tenho me deparado com várias versões de Josh que eu nem sabia que existiam.

E ele ainda não decidiu se vai terminar ou não o ensino médio. E se Dartmouth me aceitar, eu me mudar para a Nova Inglaterra e ele não for para lá? O que vou fazer sem ele? Não tenho nada planejado, nada que não o envolva. Na verdade, os planos de Josh são tão frágeis quanto uma parede de ossos.

O período de provas começa, e eu espero de verdade que todas essas dúvidas só estejam me atormentando porque faz tempo que não o vejo. Reencontrá-lo vai fazer com que tudo se ajeite. Na noite anterior ao meu último dia de aula, sou surpreendida por uma ligação do número de telefone da sra. Wasserstein.

Atendo, rezando para que seja Josh. E é. Mas logo depois sou tomada por uma preocupação que me deixa à beira de um ataque de nervos:

— Você vai passar as férias na capital.

Josh ri.

— Não. Estou ligando para dar uma boa notícia. Pelo menos dessa vez. Queria convidar você para uma festa de Natal no Met. É estilo black tie. Gente famosa e influente. Provavelmente vai ser horrível, mas meus pais pediram para eu convidar você, então acho que é um bom sinal.

Sim, é um bom sinal.

Ele continua:

— E você vai ter que usar um desses vestidos chiques de festa, e eu vou poder exibi-la para todo mundo. Como minha *namorada* — enfatiza. — Desde que você queira que o mundo inteiro saiba da sua existência…

— Sim! Sim, por favor.

Ele ri de novo.

— Então está combinado.

A mãe dele pede o celular de volta e nós nos despedimos. Saio do quarto e vou para o corredor esticar um pouco as pernas. Meu coração finalmente está mais leve agora, depois de tantas semanas de angústia. Josh estava rindo, de bom humor. Vamos nos encontrar, ir a um evento público juntos. Os pais dele querem me conhecer.

Fico em choque. *Os pais dele querem me conhecer.*

Não. Pensamento positivo. Isso é um bom sinal. De verdade. Olho minha caixa do correio. Há dois envelopes no fundo, um mais espesso e outro mais fino. Pego os dois,

entusiasmada depois dessa injeção de ânimo, mas percebo que não foi Josh quem enviou nenhum dos dois.

Um é da Sorbonne e o outro, da Columbia.

Um é uma carta de aceitação e o outro, de rejeição.



capítulo vinte e cinco

— Não sei o que está melhor, seu cabelo ou seu vestido — comenta maman, com um suspiro. — Eles ficam *perfeito* juntos.

Meu cabelo está preso para um lado, as mechas onduladas caídas sobre o ombro, e meu vestido, que compramos ontem depois de um dia inteiro de procura, é de um tom escuro de verde-esmeralda. Pelo menos uma vez, minha pele pálida está brilhando, graças a uma camada de pó facial cintilante e à minha vermelhidão natural por estar prestes a encontrar meu namorado. Ele pegou um voo em Washington há três horas e já deve estar chegando a Nova York. Ainda não nos vimos.

Da porta do meu quarto, Gen sorri para a gente.

— Parece que a Isla está indo para o baile de formatura.

— Está mais para filme de terror, isso sim — provoca Hattie.

Para a decepção de garotas como Sanjita e Emily, a SOAP não tem o costume de promover esses bailes formais. Nunca liguei muito para isso, mas agora, que estou assim, toda produzida, estou quase mudando de ideia. Dou uma voltinha.

— Estou me sentindo a Cinderela.

— A Cinderela era loira — retruca Hattie. — Ruivas nunca são princesas.

— Claro que são — rebate Gen, e maman, com um "tsc, tsc", também discorda. — E a Amy Adams em *Encantada*?

— Ariel, oi? Ela era uma princesa também.

— Isla! — grita meu pai lá de baixo. — Seu namorado chegou!

É possível se sentir gelada, úmida *e* febril ao mesmo tempo? Não sei o que me deixa mais nervosa: rever Josh depois de dois meses, apresentá-lo aos meus pais ou sair com os pais *dele*. Se bem que… Não, com certeza a última opção é a pior de todas. Só de pensar que vou falar com a mãe dele de novo… não consegui comer o dia inteiro. Pelo menos meus pais estão felizes — e aliviados — por finalmente conhecerem Josh. Eles acharam o máximo Josh me levar a um evento de tanto prestígio.

Maman reage a minha cara de preocupação com um sorriso encorajador.

— O Príncipe Encantado está esperando você.

— Será que ele continua magro e estranho como eu me lembro? — pergunta Gen.

— Ei! — resmungo.

Espero mais um comentário depreciativo de Hattie, que certamente concordaria com Gen, mas ela fica calada. Desde o Halloween, ela não abriu a boca para tocar no nome de Josh. Maman enxota as duas para o térreo. Meu estômago dói. Não sei qual dos dois me apavora mais, a mãe ou o pai de Josh.

— Não há o que temer — pondera maman, lendo meus pensamentos. — O pai dele vai adorar você. E a mãe vai aprender a fazer o mesmo. Você é inteligente, encantadora e gentil.

— É óbvio que *você* pensa isso de mim.

— Eu jamais diria que sua irmã mais nova é encantadora — declara maman, o que me faz abrir um sorriso.

— Agora anda, vamos. Não quer ver como seu namorado ficou de smoking?

Maman me dá um cutucão e desce na frente. Do topo da escada, ela diz bem alto:

— Joshua, *mon cher*. Prazer em finalmente conhecê-lo.

— Prazer em conhecê-la também — diz ele, e percebo pela sua voz que ele está sorrindo, mas daquele jeito meio formal e político. — Estou surpreso! Sua casa é mais bonita do que as vitrines de qualquer loja de luxo.

Ela sorri.

— Ah, são seus olhos.

Minhas pernas parecem feitas de gelatina. Até o momento, eu sinceramente não sei se acreditava que o veria hoje à noite. O entusiasmo supera meu nervosismo. Agarro a *clutch* de pedraria que peguei emprestada de maman, saio do quarto e vou até a escada. Eu congelo. Josh está *impecável*. O smoking não é alugado. Ele está dizendo alguma coisa para meu pai, com uma expressão confiante, digna do filho de um senador. O olhar do meu pai se desvia para mim, e Josh o acompanha, interrompendo a própria fala: absolutamente tudo nele muda quando me vê.

Josh *estremece*.

Sinto um nó na garganta. É como se ele estivesse tão grato por me ver que chega a sentir uma dor física, real. E a recíproca é verdadeira. A casa desaparece, as vozes somem e o ar fica suspenso. Mantemos os olhos fixos um no outro enquanto desço os degraus. Cada vez mais perto dele. Nossas mãos se elevam, nossos dedos estão próximos, quase se tocando…

— Verde e vermelho — diz meu pai, apontando para meu cabelo e meu vestido. — Você está parecendo a Mamãe Noel!

Fuén, fuén, fuén. Todos se viram e olham para ele. Meu pai enrubesce.

— Eu quis dizer Natal. Ela está com as cores do Natal.

— Não se pode dizer para uma garota que ela está parecida com um *feriado* — retruca Gen.

— Pela primeira vez ele acertou — diz Hattie. Ela fica no canto, o mais distante possível de Josh. — Você está parecendo uma velha.

— Isla. — Josh pronuncia meu nome. — Você está linda.

Eu vejo em seus olhos e sinto em meu coração. Ele foi sincero.

Josh segura minha mão. Sua pele toca a minha e ele volta a ser *real*. Deixamos de lado a inibição. Ele envolve minha cintura com um dos braços e me dá um beijo na bochecha. E depois outro. Eu o abraço, e ele aperta meu corpo contra o dele com força. É maravilhoso, perfeito, sublime.

Meu pai volta a olhar para ele com desconfiança.

— A que horas você volta para casa, Isla? — pergunta.

— Não sei — respondo com sinceridade.

— O baile normalmente termina à meia-noite, então ela não vai chegar em casa muito depois disso — afirma Josh. — Gostaria de conversar com Brian? Ele é o nosso motorista e segurança hoje.

Meu pai se anima ao ouvir a palavra "segurança". Ele espreita pelas cortinas e acena para alguém na rua. Brian, suponho.

— Tudo bem.

Ele coça a barba espessa, menos preocupado, de certo modo.

— Meia-noite, tudo bem?

Sigo em direção à porta da frente.

— Não quero me atrasar.

— Espera! — pede Gen, com o celular nas mãos. — Quero tirar uma foto.

— Duas — intromete se maman, pegando seu celular também.

Envergonhada, solto um resmungo, mas Gen me interrompe:

— Ah, vai, para de reclamar. Não é todo dia que a minha irmãzinha se enfeita desse jeito.

— Como assim? Isla usa um vestido ridículo todo dia — diz Hattie.

— Manhattan. Querida. Cale a boca — ordena maman.

Uma dúzia de fotos depois, Josh e eu já estamos passando pelo corredor. Logo que a portas se fecham — e nos distanciamos dos olhares curiosos —, envolvo o pescoço dele com os braços. Josh se aproxima dos meus lábios, mas recua.

— Seu batom.

— Eu não ligo.

Ele me encosta na parede. Nós nos beijamos da maneira mais intensa possível, sentindo o gosto um do outro, desejando um ao outro. Os lábios dele estão rachados por causa do inverno. Dá para sentir que ele escovou os dentes há pouco tempo, a boca fresca e limpa. Ele desliza as mãos pelas minhas costas até meu quadril. Nossos beijos ficam mais intensos, ardentes pelo desejo contido. Um tremor atravessa meu corpo e percorre o dele, até que Josh se afasta de mim de repente, ofegante.

— Seus pais — lembra. — Eles devem estar olhando pela janela. Esperando a gente aparecer.

Descemos depressa, tropeçando e rindo. Josh limpa o batom da boca, eu limpo a região ao redor dos lábios e então saímos do edifício como se estivéssemos tendo uma conversa entusiasmada. Sei que a culpa está estampada em nosso rosto. Olho para cima, em direção à janela, por entre os galhos desfolhados da roseira, e maman e Gen acenam para nós, felizes. Meu pai assente de um jeito firme. Hattie não está na janela.

Um homem forte, de cabelo grisalho e arrumado, com uma escuta de segurança, abre a porta traseira do carro preto. É o mesmo homem que recebeu a caixa que entreguei na casa de Josh no Dia de Ação de Graças.

— Boa noite, mademoiselle.

— Ah! *Você* é o Brian.

O homem sorri.

— Que bom vê-la de novo. Você está linda. Dá para entender por que o rapazinho aqui não fala de outra coisa.

Olho para Josh, satisfeita com o que ouvi, e ele dá de ombros, como se quisesse dizer: "Esperava algo diferente?"

Entramos no carro, mas enquanto Brian se encaminha para o banco do motorista, o sorriso de Josh desaparece.

— Eu normalmente não uso esse tipo de transporte.

— Hum, *não sei* — brinco. — Parece que vocês dois são bem íntimos.

— Bom, sim, mas normalmente em casa. Ou no escritório do meu pai. Não quero que pense que eu sempre… ando com motorista. Eu uso o metrô.

Amoleço.

— Tudo bem. Eu não estava julgando nem nada.

— Eu sei, eu só…

A porta da frente se abre, e Brian se senta no banco com elegância e entusiasmo surpreendentes. Descobri que ele é um excelente contador de histórias, o que é ótimo, porque só assim paro de desejar que esse carro fosse ainda mais luxuoso — uma limusine, digamos, com aquele vidro fumê que separa o motorista dos passageiros —, já que tudo o que quero fazer agora é pular em cima do meu namorado. Mas, em vez disso, retoco a maquiagem. Não quero chegar à festa parecendo uma louca desgrenhada, muito embora seja isso que a mãe dele pense de mim mesmo.

Brian não estava mentindo. Ele sabe tanto sobre mim que me pergunta se já recebi alguma resposta de Dartmouth. Ele pisca para Josh pelo espelho retrovisor, mas Josh não percebe. Só tem olhos para mim. Digo a verdade a Brian, que continuo esperando a resposta deles. Ainda não contei para Josh que recebi a resposta das outras duas universidades. Ainda não contei, até agora, que a única delas que me aceitou fica na França.

O Metropolitan Museum of Art é a construção de Manhattan mais semelhante às europeias. Enquanto Josh me conduz até a entrada, sinto como se tivéssemos viajado no tempo e voltado para o mês de outubro. Em Paris. A fachada branca, as colunas gigantescas, os degraus extensos. Antes tivéssemos marcado um encontro no Musée d'Orsay e estivéssemos a caminho de lá em vez dessa papagaiada de conhecer os pais dele… Se a mãe do Josh é intimidadora daquele jeito, como deve ser o *pai*?

Josh percebe minha apreensão e aperta meu braço de leve.

— Vai dar tudo certo.

— Seus pais me odeiam.

— Eles não odeiam você. Eles *me* odeiam.

— Vamos voltar para a minha casa e dar uns amassos no corredor.

Josh sorri.

— Este lugar aqui tem um *monte* de corredores.

Já estive ali muitas vezes, mas o Great Hall ainda me impressiona. As abóbadas, os arcos e a entrada magnífica — que lembram muito o Panthéon próximo ao nosso dormitório —, estão decorados com fitas douradas, guirlandas de sempre-vivas, enfeites gigantes e bolas coloridas. No salão, ecoam as vozes de homens e mulheres, todos em trajes de gala. Que bom que maman me ajudou a me vestir para essa ocasião. Pelo menos me sinto confiante em relação a *isso*.

Josh entrega nossos ingressos para uma senhora que usa um colar de pérolas e uma blusa preta com lantejoulas, e depois seguimos a multidão em direção à festa no Medieval Sculpture Hall. Josh me acompanha com o cavalheirismo e a formalidade de um adulto. Os casais ao nosso redor se portam de modo semelhante. Esse tipo de comportamento parece ser natural para eles, mas para nós dois é algo totalmente novo. Minha vontade é caminhar grudada, enroscada nele, nossos braços e mãos entrelaçados. Essa entrada cautelosa só me deixa mais constrangida.

Seguimos em direção a um som distante de um quarteto de cordas — passamos pela escadaria principal, por uma sala estreita de artigos bizantinos, por um outro ambiente onde há um altar magistralmente esculpido em mármore e vamos direto para o Sculpture Hall, que já está bem movimentado. O ambiente é o mais alto e mais amplo do museu, embora não tão grande quanto eu me lembrava. Brasões em diversas cores (vermelho, azul, amarelo e branco) estão pendurados por todos os lados. Debaixo deles, as paredes estão revestidas por tapeçaria com desenhos de cervos e mulheres em trajes medievais. E, no centro do salão, está a estrela da coleção: uma enorme peça de ferro. Por conta das outras visitas que fiz, sei que se trata do coro alto de uma catedral que há na Espanha.

No centro, antes do coro alto, há um abeto igualmente grande cercado por centenas de objetos e figuras de presépio do século XVIII. A árvore está toda enfeitada com anjos, querubins e luzes que se parecem com velas. É emocionante, certamente, mas também é… esquisito.

— Feliz Natal agnóstico! — deseja Josh. — Bem-vinda à festa natalina mais judaica da América.

Eu sorrio.

— Para lá tem mais — diz ele.

Procuramos pelos pais de Josh por entre as esculturas de alabastro. Melhor acabar logo com isso. Nós os encontramos em uma ponta do salão, ao lado da estátua rudimentar de um palhaço. Quando nos aproximamos, percebo que o chapéu pontiagudo e vermelho da estátua é o geralmente usado pelo papa. Não digo nada disso em voz alta, mas não faz a menor diferença, porque continuo me sentindo uma idiota.

Os pais de Josh estão de costas para a gente, segurando uma taça de vinho branco e conversando com um homem baixo de óculos perfeitamente redondos.

— *Juiz Lederman* — sussurra Josh no meu ouvido. — *Da Suprema Corte de Nova York*.

Ah, sim. Claro. Nada demais.

— Joshua.

O juiz sorri e acena para a gente.

Tento agir com naturalidade, como se fosse normal que um juiz da Suprema Corte chame meu namorado pelo primeiro nome. Os pais de Josh se viram. A primeira reação é de felicidade, mas logo ela é disfarçada por um comportamento melhor descrito como *profissionalmente satisfeito*. E uma ligeira curiosidade. E talvez um pouco de desconfiança.

Josh me conduz com a mão suavemente apoiada em minha cintura. Eu devo parecer um rato, fraco e fácil de ser enxotado do ambiente.

— Juiz Lederman. Que bom vê-lo — afirma Josh.

Como é bizarro ouvir a voz "séria" dele ao vivo.

— Esta é minha namorada, Isla Martin.

O juiz me cumprimenta com um aperto de mão.

— Mas que coisinha linda você.

Eca.

Sorrio.

— Prazer em conhecê-lo.

— Mãe, você se lembra da Isla — continua Josh, como se nosso último encontro não tivesse sido vergonhoso e angustiante. — Pai, gostaria de apresentar minha namorada. Isla,

este é meu pai.

— Prazer em conhecê-lo, senador.

Espera. Eu deveria chamá-lo de senador? De sr. Wasserstein? De senador Wasserstein? Eu deveria ter dito "senhor". Por que não falei "senhor"? Ah, não! Chamei o juiz de "senhor". Será que eu deveria tê-lo chamado de "meritíssimo", ou isso só é válido em um tribunal? Mas o pai de Josh sorri e deixa à mostra um par de covinhas que não me são estranhas e que me reconfortam. Ele aperta minha mão.

— Que prazer conhecê-la. Ouvi tanto sobre você que sinto como se já a conhecesse.

Fico perplexa. Ele parece sincero, mas… será mesmo? Deve ser aquele charme político ensaiado. Eu não havia me dado conta da sorte que tive por nosso encontro ser em público. O pai de Josh tem de fingir que tudo é legal, mesmo que não seja.

— Sam, a Isla estuda em outro país — diz ele ao juiz Lederman.

— Ah, é verdade — diz o juiz para Josh. — Eu havia esquecido que você morava fora. Na Inglaterra?

— França. Embora eu vá terminar o ensino médio aqui nos Estados Unidos — responde Josh com tranquilidade.

Ele estava prevenido. Seus pais sorriem, aliviados, e me ocorre que todos aqui que estão fazendo esse jogo são profissionais. Todos, menos eu.

— Isla é a melhor aluna da sala dela — acrescenta o senador.

Eu fico vermelha quando começa essa conversa surreal sobre mim, e os pais de Josh estão se vangloriando dos meus feitos. É desconfortável ouvi-los me elogiar assim quando é muito provável que não acreditem no que estão dizendo. Não há razões para gostarem de mim. Não sou ninguém. Uma ninguém que levou o filho deles para a Espanha para fazer sexo com ele e o fez ser expulso da escola. Essa situação é tão inesperada que não consigo sequer responder às perguntas, tanto que Josh se sente obrigado a pôr um fim no assunto. Antes que eu me dê conta, a coisa toda terminou, e Josh me leva para outro lugar.

— Vamos comer alguma coisa — avisa ele aos pais. — Foi muito bom revê-lo — fala para o juiz, apertando a mão do homem enquanto olha para mim, do outro lado.

— Prazer em conhecê-lo — repito, meio de longe, o que foi a única coisa que disse a todos eles nesse tempo todo. Os pais de Josh devem pensar que ele mentiu sobre minha inteligência também.

— Correu tudo bem.

— Sério?

Ele olha para mim.

— Vamos conversar com eles mais tarde, só nós quatro, depois que eles já tiverem tomado mais umas taças de vinho.

Isso não é uma resposta.

Josh me conduz rapidamente pelo salão e entra comigo no meio de um grupo de engomadinhos. Ele vai direto para os canapés, pega alguns e desfila na frente dos pais de novo. Josh ergue o prato na direção deles, para brindar. A mãe responde erguendo a taça. Então ele se esquiva e nos empurra por uma brecha que encontra em meio à multidão. O prato some inexplicavelmente da mão dele.

— Licença, licença — diz ele.

Está sendo difícil acompanhá-lo.

— Esses saltos. Não foram feitos para isso.

Josh sorri para mim com certa malícia e então percebo que há um plano por trás disso. Continuamos nos embrenhando pelas galerias, passamos por janelas com vitrais coloridos e pela *Pièta*, por vasos de cerâmica e olarias, até que paramos, de repente, de frente para uma porta fechada.

Uma porta fechada *e* um segurança do museu.

Mas o homem de meia-idade desfaz a cara amarrada assim que reconhece Josh, e abre um sorriso inesperado. Josh empina o queixo e assente, fazendo aquele gesto universal com que os caras se cumprimentam. O segurança também assente, abre a porta devagar e o deixa passar.

Entramos, e a porta se fecha.

O barulho da festa diminui instantaneamente. Estamos em uma sala muito grande, muito escura e muito vazia. É um vasto jardim interno de esculturas. Estamos na ala americana, mas é como se estivéssemos em Paris, graças aos dois belíssimos postes de iluminação antigos. Eu me pergunto se o segurança os deixou acesos de propósito.

— O que está acontecendo? — sussurro.

— Uma pausa daquela *soirée* para nós dois.

Meu coração bate mais forte.

— Ah, é?

Ele pega minha mão do jeito que fazia na escola — à vontade, relaxado e autêntico — e dá uma volta comigo.

Meus saltos estalam no chão e fazem eco.

— Quem era aquele segurança? Como você o conhece?

— Chuck Nadelhorn. Estudamos educação artística juntos várias vezes ao longo dos anos.

Josh percebe que faço uma careta e sorri.

— Está achando que sou velho, é?

Rio, porque ele soube exatamente o que eu estava pensando.

— Eu era o único peixe fora d'água ali. Era de longe o mais novo da sala. Chuck era uma das poucas pessoas que me tratavam com algum respeito.

— Então, agora gosto ainda mais dele.

Josh me dá um selinho.

— Sendo assim…

Ele começa a andar e eu o sigo.

— Suponho que você tenha planejado tudo isso… seja lá o que for… com a ajuda de Chuck?

— Há algumas pessoas envolvidas. Tive certo tempo para preparar — responde em tom malicioso. — Mas é melhor nos apressarmos, temos apenas vinte minutos. Dezenove agora.

— Contanto que eu não seja presa por invasão… nem por roubar alguma dessas coisas sem graça, embora valiosas, que tem por aqui…

— Só se pegarem a gente.

Fico sem reação.

Josh me puxa. Nossas mãos estão entrelaçadas.

— Vem, vem!

Caminhamos depressa pela sala e vamos parar em um corredor onde há uma loja de lembrancinhas, e é como se estivéssemos não mais em Paris, mas em Barcelona, feito duas crianças fugindo para descobrir seu próprio mundo. Explorar. Arriscar. Fazemos uma curva acentuada à direita e entramos em um ambiente ainda maior e mais escuro, porém inconfundível. Qualquer pessoa que já tenha visitado o museu o reconheceria.

— O Templo de Dendur — afirma Josh com tanta precisão que percebo que chegamos ao nosso destino. O antigo templo egípcio de arenito.

Estou intrigada. E perplexa.

— Algum motivo em especial?

Josh encolhe os ombros de um jeito meio tímido.

— Gosto do espelho d'água que tem aqui. Eu… só queria me sentar com você ao lado dele… para a gente poder ficar um pouco sozinhos.

Essa é a melhor resposta que ele poderia ter dado.

Josh me conduz, dessa vez calma e delicadamente, até a borda do espelho d'água, que, em seu silêncio majestoso, é lindo. Uma das paredes do ambiente é toda de vidro, e as luzes da cidade refletem na água parada. Josh e eu nos sentamos. Está frio, e o banco de granito, mais gelado ainda. Josh tira o blazer e cobre meus ombros. Depois, me puxa pela lapela. Sua boca está quente. Nós nos beijamos como se o tempo não tivesse passado, como se ainda estivéssemos naquele quarto na Espanha. Não fossem as milhares de câmeras do museu nos vigiando, deitaríamos e faríamos amor aqui mesmo. Mas tocá-lo é o suficiente. Sentir seu cheiro e seu gosto é o suficiente.

Estar aqui com ele é o suficiente.

Mesmo assim… nos deitamos na pedra. Ele deita em cima de mim. Nós nos abraçamos, as mãos e a boca percorrem todos os lugares. Fazemos tudo, exceto uma coisa que *não* podemos fazer aqui, agora. Depois do que parece uma eternidade e apenas um segundo ao mesmo tempo, Josh se desenrosca de meu corpo e ajeitamos nossas roupas.

— Antes de irmos… — Ele pega o blazer do chão e enfia a mão em um dos bolsos, de onde retira um pequeno canudo. Não acredito que não vi o desenho ali antes. — *Joyeux Noël*.

Sinto meu coração na garganta. Só pode ser o desenho. Puxo a tampa e, certa do que vou encontrar, vejo um pergaminho. Retiro o papel e desenrolo devagar, porque sei que, o que quer que seja, é mais valioso do que qualquer peça deste museu.

É uma pequena ilha. Mas, em vez da palmeira clássica, Josh desenhou uma árvore espinhosa no centro. Debaixo dela, há duas figuras entrelaçadas. É impossível dizer onde uma começa e a outra termina. As duas se tornaram um único corpo, nu. Toda a ilustração foi feita a tinta preta… com exceção do cabelo ruivo da garota.

Josh está tenso.

— Você gostou?

— Vamos para esta ilha hoje. Agora. Já.

Não consigo esconder a verdadeira expectativa que sinto. Nem o pavor da nossa próxima e iminente separação.

Josh ajeita uma mecha do meu cabelo.

— Vamos nos mudar para lá no outono, talvez até antes, neste verão. E aí, nunca mais vamos nos separar.



capítulo vinte e seis

De volta à porta de Chuck, Josh guarda o desenho no bolso do blazer. Minha *clutch* é bonita demais para ter alguma utilidade. Josh bate à porta — normal, não aquela batida especial dele —, e ela se abre. Chuck assente, um sinal de que a barra está limpa.

— Ainda restam trinta segundos.

— Se precisar de alguma coisa, é só falar comigo — diz Josh enquanto passamos pela porta e voltamos para a festa. Chuck dá um sorrisinho cúmplice.

— Pode deixar, eu falo, sim.

— Muito obrigada — agradeço.

Chuck aponta para a alça direita do meu vestido, que está folgada e não para de cair. Nosso rosto está em sincronia, porque coramos na hora. Eu ajeito a alça, e Chuck sorri novamente.

— Ei, crianças, tenham uma ótima noite, hein?

Assim que nos afastamos o suficiente para que Chuck não nos ouça, Josh comenta:

— Nada melhor do que um adulto para nos lembrar que ainda não somos adultos.

Eu rio, mas assim que pedimos uma bebida no bar, o refrigerante é o lembrete de que a piadinha está bem próxima da realidade. É sempre muito chato voltar para casa e se deparar com menos liberdade ainda. Da última vez em que Josh e eu fomos a uma festa, bebemos champanhe e ficamos lá até a hora que quisemos. E não havia família nenhuma por perto.

— É melhor procurarmos seus pais?

Por favor, diz que não.

Josh suspira.

— Sim.

— AimeuDeus! É o *prefeito*?

Um fotógrafo idoso e muito bem-vestido está tirando fotos de um homem tão idoso quanto ele e que está com as bochechas vermelhas, embora pareça sóbrio e muito mais jovem do que de fato é.

— É ele, sim — confirma Josh, sem o menor ânimo.

Enquanto passamos por ele, tento parecer *blasé* como Josh, e não me viro para olhá-lo, mas bem que eu queria. Esta noite está cada vez mais inusitada.

Continuamos andando, procurando os pais dele, mas bem devagar. Parece que todos conhecem Josh, e todos querem parabenizá-lo pela reeleição do pai. Sei que ele terá que lidar com essas questões políticas para sempre. Josh se lembra do nome dos filhos das pessoas, dos lugares onde as famílias passam as férias e me apresenta a todos, enquanto eu devoro os canapés insossos que chegam até mim. Sei que Josh detesta esse tipo de conversa, mas ele nunca demonstra sua insatisfação. Acho que, se quisesse, poderia ser um deles também. É um ótimo ator.

Isso é um pouco perturbador.

Mas não tanto quanto aquelas meninas que não param de se jogar para cima de Josh. Garotas da alta sociedade. São a versão feminina dele — filhas de alguém importante, sempre —, mas com uma atitude que me preocupa e intimida. Elas riem. Dão em cima dele. Enquanto isso, como mais canapés. Elas me ofuscam. Mesmo as que não são altas *ainda* assim conseguem me ofuscar, simplesmente pela confiança que demonstram. Uma morena com bronzeado artificial se sai maravilhosamente fingindo que eu não existo. Ela toca a manga do blazer de Josh duas vezes.

Na terceira, Josh inventa uma desculpa e nós nos afastamos, mas nem isso a impede de segui-lo com os olhos enquanto caminhamos pelo salão.

Mais ou menos uma hora depois, após investir meus melhores cumprimentos durante inúmeras conversas em que eu parecia invisível, encontramos os pais de Josh ao lado de um… imenso barril de cobre? Leio a placa. PIA BATISMAL. Por mais estranho que pareça, me sinto aliviada em vê-los. Pelo menos sei que não vão me ignorar.

Como Josh havia previsto, os dois já tomaram algumas boas taças de vinho. Estão animados e relaxados. A sra. Wasserstein até elogia meus sapatos. Mas logo outro estranho nos interrompe, algum jornalista conhecido, e a morena irritante aproveita para abordar Josh *mais uma vez*. Ela chega por trás dele, e Josh precisa se virar para ouvi-la, o que significa que *eu* não consigo escutar o que ela está dizendo.

O jornalista engata uma conversa com os pais de Josh sobre incentivos fiscais. Vez ou outra eles olham para mim, de relance, em uma tentativa de me incluir no assunto, mas não tenho nada para acrescentar, e me sinto idiota e sem importância. A morena sorri. Josh vira a cabeça e me olha, como que pedindo desculpas. Sorrio para mostrar que está tudo bem.

Faz apenas duas horas que estamos aqui, mas já quero ir embora.

O desenho de uma dama medieval em uma das tapeçarias chama minha atenção. A mulher me olha com uma expressão incrédula, como se quisesse dizer: "Ah, não, isso *não* está acontecendo", e fico feliz por *alguém* enxergar. Ainda que esse alguém esteja bordado em um tecido.

Josh finalmente dá um corte na morena, e seu pai o insere na conversa novamente.

— Me desculpem, mas Isla e eu precisamos ir embora — anuncia Josh.

Eu me animo.

O senador parece desapontado.

— Venha jantar conosco esta semana. Gostaria de ter a oportunidade real de conhecê-la.

Fico comovida. E apavorada ao pensar em um jantar só com eles sem poder contar com a proteção de um local público.

— Obrigada. Eu adoraria.

— Foi maravilhoso reencontrá-la — diz a sra. Wasserstein, com um abraço rápido e frouxo. Suas palavras até soam amigáveis, mas a frieza em seu gesto a denuncia.

— Foi muito bom vê-la, também. Obrigada pelo convite.

— Vai direto para casa? — pergunta ela a Josh.

— Não. Primeiro vamos comer alguma coisa de verdade. Mas é provável que eu ainda pegue vocês aqui.

— O Brian vai levar vocês?

— Acabei de mandar uma mensagem para ele.

Josh ergue o celular da mãe e sorri.

Ela pega o aparelho, e sorri ao abraçá-lo e se despedir dele.

— Batedor de carteira.

— General.

É a primeira vez depois de um bom tempo que vejo Josh sendo ele mesmo. Depois do aval de sua mãe, ele envolve minha cintura com o braço e me conduz até a saída.

— É tão estranho… ser guiada por você de um lado para outro o tempo todo — comento assim que ficamos sozinhos.

Ele tira o braço de minhas costas, como se tivesse sido pego fazendo algo errado.

— Desculpa, eu não quis…

— Não, eu sei. Era o ambiente. Só foi… estranho.

— *Tudo* ali era bem estranho, né?

Ele aponta na direção dos risos falsos e do quarteto de cordas.

— Mas você parecia bem confortável — digo. — Se eu não o conhecesse tão bem, jamais imaginaria que estava detestando aquilo tudo.

— Bom, mas eu estava — retruca ele, na defensiva.

— Eu sei. Só estou dizendo que você é um ótimo ator.

Josh enfia as mãos nos bolsos, e a luz que vem do museu realça as listras da calça dele.

— Acho que isso não foi um elogio.

— Não foi isso que eu quis dizer.

Mas… foi sim. E Josh sabe disso. Por algum motivo, agora que comecei, não consigo parar.

— Seu comportamento hoje me lembrou o Josh da TV. Você, todo polido e formal, falando daquele jeito, com aquela postura empertigada…

Com os dentes cerrados, Josh abre a porta do museu para mim. Continuo:

— … falando com todas aquelas pessoas e sobre coisas que eu não conheço…

Cala. A. Boca.

— Sim, porque eles fazem parte da minha vida desde, sei lá, sempre. Não vou ser um babaca com as pessoas que mantêm meu pai no poder.

— Eu sei! E eu sei que você pertence a esse mundo e que por isso *tem* que agir daquele jeito.

— Eu não *tenho* que fazer nada. Só *escolhi* ser uma pessoa decente.

É uma facada no peito. Fui longe demais. Ultrapassei todos os limites.

— Desculpa. Eu não… não sei por que…

— Deixa pra lá — diz ele, sem olhar para mim, com a cabeça virada para o outro lado.

Josh está procurando Brian, mas, na verdade, é só um pretexto para não me encarar. Não posso culpá-lo. Por que não posso guardar minhas inseguranças só para mim?

Está muito frio, e eu queria ter trazido meu casaco. Pela primeira vez, ou Josh não percebe que estou tremendo, ou escolheu não me oferecer o blazer. Não que ele tivesse a *obrigação* de fazer isso. A culpa é toda minha por ter ficado atordoada com a chegada dele e esquecido o casaco em casa.

— Desculpa — peço de novo.

Ele dá de ombros.

— Ainda quer comer alguma coisa?

— Claro.

Josh parece surpreso. Ele retira as mãos dos bolsos e cruza os braços. Depois de um minuto angustiante de silêncio, ele descruza os braços e coça a nuca.

— Tenho que pedir desculpas também. Por ter trazido você. Não que eu não quisesse que você viesse — acrescenta rapidamente —, mas porque eu sabia que ia ser um saco. Essas coisas sempre são um saco. Não que *tudo* tenha sido uma droga. Houve vinte minutos que foram fantásticos — pontua.

— Você não precisa se desculpar — digo, olhando para a calçada. — Você tem essa vida grandiosa da qual não faço parte. E eu queria ver como é.

Josh parece ainda mais triste.

Abro a boca para tentar reformular a frase, mas um carro encosta no meio-fio e pisca os faróis. O vento fica mais intenso enquanto andamos depressa até o automóvel. Josh abre a porta de trás e nós entramos.

— Desculpa, estou atrasado. Achei que vocês fossem ficar pelo menos mais uma hora por aí — afirma Brian.

Josh meneia a cabeça.

— Sem problemas. Você sabe como são esses eventos.

— E como.

Pelo espelho retrovisor, Brian sorri.

— Vocês ainda têm noventa minutos antes do toque de recolher. Devo levá-los para algum outro lugar?

Josh inclina o corpo para a frente.

— Conhece aquela cafeteria na avenida Amsterdã? A Kismet?

Brian dá um risinho, o que mostra que ele já conhece essa história.

— Acho que sei onde fica.

— Obrigado — agradece Josh, e volta a se recostar no banco.

Depois ele se vira para mim, preocupado.

— Tudo bem irmos lá? Desculpa, ainda estou no modo "idiota" da festa. Nem perguntei para você se queria ir. Sei que vamos passar a virada do ano lá, mas pensei que uma visita antes seria legal. Uma sessão nostalgia.

— Não, está perfeito.

Esboço um sorriso.

— Obrigada, Brian.

— É para isso que estou aqui — diz ele.

O clima dentro do carro não está nada *perfeito*. Não estamos de mãos dadas. Estamos tensos e em silêncio. Enquanto dirige, Brian tenta acalmar os ânimos.

— E então, Isla, conheceu o museu?

Não é uma pergunta aleatória. É óbvio que Josh conta várias coisas para ele.

— Conheci.

— E…?

Mais um sorriso forçado.

— Foi um presente lindo.

Ele dá um soco no ar.

— Legal!

— Deu tudo certo. Sem problemas — comenta Josh. — Valeu, Chuck.

— Valeu, Chuck! — repete Brian.

Os dois relembram o plano, e Josh fala sobre um último detalhe combinado de última hora com Chuck e da qual Brian não sabia, e eu me contorço no banco. Quantas pessoas sabiam disso? Será que Josh já fez alguma coisa desse tipo antes? Quanto menos particulares são as coisas, mais desconfortável eu me sinto.

Há uma coisa que eu não deveria dizer, mas que por alguma razão terrível e desconhecida, preciso dizer de qualquer jeito. Eu devia guardá-la para um momento mais apropriado e menos estressante. Eu devia guardar isso para um momento a sós. Eu *nunca* deveria dizer isso.

Não diga.

— A Rashimi gosta do Egito Antigo, não gosta? — pergunto.

Merda.

— O quê?

Josh fica sério, e na mesma hora deixa de prestar atenção em Brian para se concentrar em mim.

— Hum… quer dizer, a sua autobiografia. O coelho dela, Isis. E depois ela foi para a Brown para estudar egiptologia.

— Sim, se está escrito lá que ela foi para a Brown é porque ela realmente *foi* para lá. É tudo verdade.

— E aquele desenho dela como deusa egípcia.

Não acredito que estou dizendo essas coisas em voz alta. *E* ainda por cima na frente de *Brian*. Não sei o que está acontecendo, mas alguma coisa dentro de mim entrou em curto-circuito. Estou surtando. O lance egípcio é uma coincidência, sei disso, mas não consigo me conter.

— Foi assim que você conheceu o templo?

A expressão de Josh é um misto de confusão e raiva.

— Hein?

— O Templo de Dendur. Você a levou lá alguma vez?

Josh se recompõe.

— Em primeiro lugar, eu *gosto* daquele espelho d'água. Eu queria ficar um tempo sozinho com você hoje, então escolhi o ambiente mais legal do museu, ou que pensei ser. Em segundo lugar, *não*, eu não levei você a um lugar aonde já tinha levado a minha ex-namorada. Nem para namorar, nem para fazer qualquer outra coisa que você possa estar imaginando.

— Ah, disso eu sei muito bem. Se você tivesse feito mais alguma coisa com ela, eu teria visto na sua graphic novel. Muito bem-desenhado, por sinal.

O tempo para.

E é aí que me dou conta de que acabei de dizer a pior coisa que falaria em toda a minha vida. E pior. Falei para a pessoa que mais amo nesse mundo.

Josh fica em um silêncio mortal.

— Mais alguma coisa que você queira compartilhar comigo agora? Mais alguma crítica a mim ou ao meu trabalho?

Quero falar. Quero me desculpar. Não tem nada a ver com a ex dele, nem com o livro. Não faço a menor ideia de por que acabei de dizer essas coisas. Estou confusa. Não sei por

que estou me sentindo assim, irritada, por que estou arranjando briga por coisas que não têm a menor importância.

Pelo espelho retrovisor, Brian olha para mim com uma expressão completamente tensa, como se quisesse pular pela janela do carro se conseguisse. Josh continua:

— Não, estou falando sério. Já que você finalmente está se abrindo comigo, por que não continua? Me diz o que mais tem de errado no meu livro.

Estou na outra ponta do banco, o mais distante possível de Josh.

— Não tem nada de errado.

— Mas você mudaria alguma coisa?

— Não! Quer dizer, sim… algumas coisinhas. Sabe? — *Para de falar*.

— Nada de mais. Todos os livros meio que precisam ser editados.

As luzes da rua projetam uma sombra em Josh. Não consigo ver direito o rosto dele, mas sei que ele não está bem. Josh continua em silêncio. Aguardando.

— Tá legal. — Engulo em seco. — Bom.… tem um flashback que está no lugar errado. Sabe quando você faz a tatuagem? Aquela cena… não conversa com o que vem antes e depois.

— Entendi — afirma ele com frieza.

— E em relação aos seus pais. No começo, eles têm um grande destaque, mas, no final, é como se eles nem *existissem* mais. Eles foram deixados completamente de lado.

— Porque eles moram em outro *país*.

— Sim, mas isso não quer dizer que eles não façam mais parte da sua vida. Mesmo que eles sejam ausentes na sua vida, é preciso que isso apareça na sua autobiografia.

Josh cerra a mandíbula.

— Mais alguma coisa?

— Hum… — Falo tão baixo que é quase um sussurro: — Tem muitos desenhos da Rashimi. No meio.

— *Que surpresa*.

— Não… — digo rapidamente. — Quer dizer, tem muitas páginas com um quadrinho só… Completamente desnecessário. Não contribuem em nada para a história.

Não consigo acreditar que estou dizendo isso, *tudo isso,* para ele. Uma boa namorada ficaria de boca fechada quanto a isso.

— E a parte do terceiro ano está com muita coisa. Você precisa variar mais entre os quadrinhos. Incluir mais espaço.

— Mais espaço.

— Aham. Espaços. Intervalos. Para o leitor contemplar as coisas. Descobrir o que é importante. Sozinho.

— Espaços. Descobrir o que é importante — repete ele.

— Desculpa.

Estou me afogando em um rio que eu mesma criei.

— Não falei nada antes porque eu não queria magoar você. Mas o livro está *ótimo*, sério.

— Já disse isso. Mesmo assim, continuo não acreditando em você.

— Desculpa — digo de novo, desesperada.

— Tem certeza de que não está falando isso só por raiva? Talvez porque você não apareça muito?

— Não! — nego, extremamente envergonhada. — Você mal me conhecia naquele ano. Eu sei disso. Sei que não sou uma parte importante da sua história.

Pela primeira vez depois de muitos minutos, Josh fica desconcertado. Ele se vira para mim.

— O que você quer dizer com isso de que não é uma parte importante da minha história?

— Não faz muito tempo que estamos juntos. E você teve uma vida antes de mim, e vai ter uma vida inteira depois de mim…

— *Depois* de você? — pergunta ele, indignado. — Como assim *depois*?

— Vermont. Sua faculdade. Seu futuro.

Josh está perplexo.

— Mas… você vai também.

— Vou?

— Sim, quando receber a carta de aceitação de Dartmouth…

— Eu não teria tanta certeza assim…

Josh dá um soco no banco.

— Para de dizer isso. Por que você sempre se subestima? Você vai conseguir. Não tem a menor possibilidade de você não entrar.

— Diz isso para a Columbia.

Mais uma vez, ele fica em choque.

— O quê?

— Não me aceitaram.

— *O quê?* Quando? Por que você não me contou?

Não consigo olhar para ele. Meu fracasso é humilhante.

— A resposta chegou há alguns dias.

— Sinto muito. Nossa, queria que você tivesse me contado isso… eu não fazia a menor ideia.

— Recebi uma carta da Sorbonne também. Fui aceita.

Josh relaxa o corpo, visivelmente aliviado.

— Isso é ótimo. Você merece.

E então, ele se deixa abater pela tristeza, e se encolhe no banco. Se eu for para a Sorbonne, haverá um oceano entre nós dois.

— E se a Dartmouth aceitar você? Você vai?

— Não sei. — Então percebo que estou chorando. — Não decidi ainda.

— Mas… eu pensei… pensei que tivéssemos um plano.

— Não, você tinha um plano. Você *tem* planos.

Josh balança a cabeça, sem conseguir acreditar.

— Do que você está falando?

— Você sabe exatamente quem você é. — As lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Sabe ser você mesmo, mas também sabe ser outra pessoa quando está na televisão ou em público. E você *sempre* foi apaixonado pela arte, *sempre* soube onde queria cursar a faculdade. E você já sabe até o tipo de apartamento que vai alugar quando se mudar para lá! Isso sem falar no carro que vai ter, no gato que vai adotar e em como vai passar os fins de semana se aventurando na natureza. Eu não sei nada disso. Nunca me preocupei com *nada* como você se preocupa com a sua arte. Eu nem sequer pertenço a um único país. Não sou ninguém. Não sou nada.

— Isla…

Minha palavras o deixam atordoado. Josh não tem a menor ideia do que dizer.

— E você tem razão, talvez eu *esteja* aborrecida com o seu livro por egoísmo. Sei que você não teve tempo, sei que leva meses para desenhar os quadrinhos, mas… oito páginas. Foram só *oito páginas*. — Minha voz vacila, rouca e desesperada. — Pensei que talvez eu finalmente pudesse descobrir algo sobre mim se me visse através dos seus olhos. Mas eu não estava lá.

Josh tenta pegar minha mão, mas apoio as duas no colo.

— Mas vai estar. É claro que você vai estar.

— Foi o que eu achei. — Meu peito está estilhaçado. — Você não enxerga? Não percebeu? Sou um tapa-buraco.

— Como assim?

Ele tenta desesperadamente fazer com que eu olhe para ele, mas não consigo. A angústia não deixa.

— Seus amigos saíram da escola e depois você me conheceu, mas eu não fui o suficiente para *segurar* você lá. Você teve que continuar violando as regras. E depois me abandonou.

— Não foi bem assim. Você sabe que não foi assim!

— Não — digo. — Foi, sim. Você tentou e se esforçou *muito* e por *muito* tempo para ser expulso, porque simplesmente não conseguia admitir para os seus pais que não queria ficar lá. Seu plano deu certo, só que na hora errada. E agora que você saiu de lá, agora que está aqui e eu não, mais cedo ou mais tarde vai perceber que eu fui só uma distração. Alguma coisa para ocupar sua cabeça, para aliviar seu sofrimento. Alguma coisa para preencher o seu tempo até começar a próxima fase do seu plano de vida cuidadosamente traçado. E realmente acho que com o tempo você não vai querer mais que eu faça parte do seu futuro. E… — engulo em seco — não quero estar por perto quando você descobrir isso.

Josh está atordoado.

— O que… o que você está dizendo?

— Estou dizendo que não me vejo no seu futuro.

— Isla… — diz ele, com a voz trêmula. — Você está… você está terminando comigo?

E aí está. A pergunta que, uma vez feita, é impossível de ser desfeita.

— Você não me ama como pensa que ama — sussurro.

Agora Josh está chorando também.

— Por que você está fazendo isso?

Meu mundo está desmoronando por inteiro, mas tenho que terminar o que comecei. Tenho que destruir o que sobrou do meu coração antes que Josh faça isso por mim.

— Porque, se está doendo agora, não consigo imaginar o quanto vai doer quando você descobrir isso por si mesmo.

Estou tão chocada com minhas palavras quanto ele.

Não entendo como uma simples ida a uma cafeteria se transformou nisso. Só sei que, quando Brian, visivelmente consternado, estaciona em frente à Kismet, saio correndo desesperadamente. E Josh fica.



capítulo vinte e sete

— Isla? Está tudo bem?

O pai de Kurt está me vendo pela câmera instalada do lado de fora do edifício. Estou ofegante. Vim correndo da Kismet até aqui, três quarteirões ao todo.

— Me deixa entrar. Por favor, me deixa entrar!

A porta se abre com um ruído, e eu entro. Subo depressa os dois lances de escada até o apartamento deles, e Scott e Sabine já estão no corredor me esperando. Os pais de Kurt não aceitam que eu os chame de sr. e sra. Bacon, porque se recusam a acreditar que estão velhos.

— O que aconteceu? Você está bem? Fizeram alguma coisa com você?

As perguntas são feitas todas de uma vez.

— O Kurt está aí? — pergunto.

— Está sim, claro — responde Sabine, com o sotaque francês. Delicada e gentil, ela me conduz para dentro. — Ele foi pra cama faz uma hora, mas provavelmente está acordado ainda. O que aconteceu? Por que você está toda arrumada desse jeito?

Desabafo.

— Terminei com o meu namorado e não quero ir para casa.

Os pais de Kurt ficam preocupados.

— Ele machucou você?

Scott passa por uma transformação semelhante à do Incrível Hulk, o que é algo muito peculiar, considerando seu corpo acabado de ex-roqueiro.

— Sim!

A transformação do Incrível Hulk se conclui.

— Não! — corrijo rápido, me debulhando em lágrimas. — Ele me machucou e*mocionalmente*.

O corpo de Scott murcha e volta ao estado normal. Sabine troca um olhar com ele.

— Você pode ficar aqui, problema nenhum.

— Pode ligar para os meus pais para avisá-los? Não quero ter que explicar nada. Não hoje.

A mãe de Kurt me leva até o quarto dele.

— Vou ligar para a sua maman agora mesmo.

Ela me abraça, e a fragrância familiar e reconfortante do perfume floral dela me acalenta enquanto choro.

Kurt abre a porta.

— O que está…? Ah. O que aconteceu?

Sabine me deixa sob os cuidados do filho. Eu me jogo na cama desfeita de Kurt e ele fecha a porta.

— Acabou! — conto.

Kurt repousa a mão com firmeza em minhas costas enquanto solto soluços profundos e

angustiantes.

— O Josh terminou com você?

— Não. *Eu* terminei com ele.

Kurt se mantém em silêncio por quase um minuto.

— Não entendi — diz.

Conto a ele a história da melhor maneira possível, considerando o estado em que me encontro, e, quando termino, ele coça a cabeça.

— Então você terminou com o Josh antes que ele pudesse terminar com você.

— Não.

Minha cabeça está flutuando.

— Não foi assim. Ou… foi *mais* do que isso. Sei lá.

— Você nunca acreditou que ele poderia gostar de você tanto quanto você gosta dele. Estava com medo de ele dar um pé na sua bunda. Então provocou todas essas brigas para poder dar um pé na bunda dele primeiro.

— Não — nego de novo. Mas alguma coisa terrível e verdadeira me atormenta.

Ainda que Kurt esteja certo. Não significa que foi errado terminar com Josh. Eu realmente acho que ele terminaria comigo em breve, provavelmente até antes de a faculdade começar. Talvez ele só fizesse isso *depois* que já estivéssemos na Nova Inglaterra, morando juntos. O que teria sido ainda pior. Meu coração não suportaria isso — ir para um lugar novo e desconhecido para depois ficar sem a pessoa que foi a razão de ter ido para lá. Porque, no final das contas, não importam as circunstâncias, ele veria quem eu sou de verdade. Josh é bonito, enigmático, apaixonado por arte, e eu… sou uma tela em branco.

Não há nada em mim por que se apaixonar.

— Você disse para o Josh que era um tapa-buraco na vida dele. Então quem é o tapa-buraco da sua vida: eu ou ele?

Estou confusa.

— Hein?

— Agora que o Josh se foi, você veio direto me procurar. Em vez de procurá-lo.

As palavras "se foi" são um soco no estômago, mas o que Kurt está insinuando é ainda pior.

— Não é a mesma coisa. Não mesmo. Vocês dois não… ocupam o mesmo espaço. Vocês não…

Eu me esforço para explicar de um modo que ele vá entender.

— Vocês têm funções diferentes na minha vida.

— Porque você e eu não estamos envolvidos romanticamente?

— Exatamente.

— Josh e eu não temos a mesma função na sua vida, mas nós dois tomamos o mesmo tempo da sua vida. E você passa com ele o mesmo tempo que passava comigo.

Culpa. Ainda por cima tenho que lidar com isso agora. Não dá. Um barulho vindo da minha bolsa me poupa de ter que responder aos questionamentos de Kurt. Ficamos sentados, tensos. Meu celular toca de novo. Kurt o pega e olha a tela.

— É um número de Manhattan. Quer que eu atenda?

Faço que não com a cabeça.

— Deve ser o Josh.

— Eu sei.

— Provavelmente ele está ligando do celular do Brian.

— Eu sei.

— Você me disse que eu sempre deveria atender quando achasse que pudesse ser o Josh.

— Essa orientação não vale mais.

— Tudo bem.

O telefone para de tocar. Um minuto depois, ouvimos o bipe da caixa postal. Coloco o aparelho no modo silencioso, mas vejo o número de Manhattan ligando de novo. E de novo. Kurt joga o celular embaixo da cama para que eu não fique tentada a atender.

— Estou cansado — diz ele. — Vá escovar os dentes.

Escovo os dentes com o dedo indicador e lavo o rosto para tirar a maquiagem. Não adianta muito. Meu rosto está todo borrado. Tiro o vestido e visto uma das camisetas usadas de Kurt que estão empilhadas no chão do banheiro. Quando volto para o quarto, ele está dormindo. Eu me deito, me encosto nele e — durante a noite toda — fico acordada observando a luz esverdeada da tela do meu celular piscar debaixo da cama.

Quarenta e duas chamadas não atendidas. Três mensagens de voz.

Feliz véspera de Natal.

A caminho de casa, ouço as mensagens na caixa postal. Josh está irritado e triste. Ele implora para que eu retorne a ligação. Implora para que eu reconsidere. Diz que não entende o que aconteceu, que foi tudo um erro, um mal-entendido. Algo que podemos consertar.

Josh repete isso sem parar.

Estou no telefone do Brian. Vou ficar com ele a noite toda. Por favor, me liga. Não faça isso com a gente. Acho que você está assustada. Não sei por que… Não sei o que disse ou o que eu fiz para você desconfiar de mim… mas, por favor, Isla, pelo menos uma vez na vida, se arrisque. Um vez só, droga! Se continuar na sua zona de conforto, nunca vai descobrir quem é. *Eu sei quem você é e amo você desse jeito. Por que não confia em mim?*

A voz dele enche meu coração de dor e suas palavras me deixam aos pedaços.

Acredito em Josh quando ele diz que me ama. Mas também acredito que ele não entendeu a questão. Entre a expulsão do colégio e as pressões da família, Josh não consegue enxergar que está repetindo o mesmo erro que cometeu com Rashimi. Ele ficou com ela durante tanto tempo porque gostava da *ideia* de se apaixonar por alguém. Josh sentia um vazio no peito que precisava ser preenchido por alguém. Qualquer pessoa. Mas isso não é o suficiente para mim, e também não será para ele quando finalmente se der conta da verdade.

Algumas horas mais tarde — o que imagino serem as três horas em que Josh se rendeu ao sono —, as ligações recomeçam. Não sei o que fazer, então, não faço nada. Estou paralisada pelo medo. Deixo meu celular no modo silencioso e o escondo na gaveta de meias. E me odeio por fazer isso.

Josh se recusa a ficar em silêncio. Ele vem a minha casa de noite, e os meus pais o dispensam. Um minuto depois, ouço uma batida na porta de meu quarto. É maman. Ela me entrega um pequeno canudo.

— Ele pediu para entregar isso.

Fito o objeto.

— O que tem aí dentro? — pergunta maman.

— Meu presente de Natal.

— E você gostou?

— Sim.

Ela se senta na cama, ao meu lado.

— Sinto muito.

Começo a chorar. Maman permanece comigo até minhas lágrimas secarem.

É Natal. Passo a maior parte do tempo ao lado da árvore e tento ler um dos presentes que ganhei. É um livro sobre um tigre devorador de homens, mas não consigo me concentrar e ler com o mesmo entusiasmo de antes. Meus pais não me pedem para ajudá-los na cozinha, e Gen assume as tarefas que eram para ser minhas. Até Hattie, em silêncio, lava minha parte da louça.

E é aí que percebo que as coisas estão muito ruins mesmo.

Espio meu celular antes de dormir e há apenas duas ligações perdidas. Nenhuma mensagem. Ou Josh entendeu o recado ou está respeitando meu Natal agnóstico.

Dói até mesmo *pensar* nessa frase, uma piadinha nossa.

— Posso entrar? — pergunta Gen, mas ela já entrou.

Jogo o telefone de volta na gaveta de meias e a fecho com um estalo.

— Usei a gaveta da escrivaninha. Quando a minha namorada terminou comigo — conta.

— Sarah terminou com você?

Agora me sinto péssima em relação a isso também.

— Sim, logo depois do Dia de Ação de Graças.

— Ela ficou ligando sem parar depois?

— Não — responde Gen, com um sorriso triste. — Escondi meu celular justamente para não ligar para ela.

— Ah. Sinto muito.

Ela encolhe os ombros.

— Não tem problema. Mas é um saco de qualquer jeito, não é?

Eu me sento na cama; ela faz o mesmo, apoiando a cabeça em meu ombro. Gen e eu temos a mesma estatura. Quem não nos conhece acha que somos gêmeas.

— Você sente saudade dela? — pergunto.

— Um pouco. Mas vai melhorando com o passar dos dias.

— E por que vocês terminaram?

Ela meio que ri.

— Ao que parece, porque sou dominadora.

— E eu, substituível.

Gen ergue a cabeça, enfurecida.

— Ele *disse* isso?

— Não. Mas é a verdade. Josh se apaixonou por mim porque eu estava lá. Poderia ter sido por qualquer outra.

— Para com isso. Por que você está dizendo essas coisas?

— Porque foi o que aconteceu.

Gen fica me encarando, sem acreditar no que digo.

— Você sempre pegou muito pesado consigo mesma.

Abaixo a cabeça e fico encarando as mãos.

Sempre peguei muito pesado comigo mesma. Mas não é melhor ser realista em relação a essas coisas antes que outra pessoa use isso contra você? Antes que alguém machuque você? Não é melhor que você mesmo faça isso? Sempre pensei que ser realista faz as pessoas serem mais fortes.

— Ei. — Gen me dá um cutucão. — Me mostra o que tem aí nesse canudo.

Ergo a cabeça repentinamente, e ela dá de ombros.

— Eu vi quando ele trouxe ontem.

Não consigo me conter.

— Como ele está?

— Como se você tivesse arrancado o coração dele e pisoteado com seu salto mais fino.

Sou uma pessoa horrível. Eu o machuquei. Nunca quis machucá-lo, mas ainda assim fiz isso.

— Acha mesmo que terminar com ele foi a melhor coisa a fazer? — questiona Gen.

— Não sei…

Balanço a cabeça.

— Não. Fiz o certo. Fiz o que *precisava* ser feito.

— Mas você ainda o ama.

Engulo em seco.

— Sim. Muito. Sim.

Ela faz uma pausa.

— Se você me mostrar o que tem no canudo, vai se sentir melhor ou pior?

— AimeuDeus! Você não desiste!

— Lembre-se: dominadora. A palavra é essa.

— Tá bom. Pode pegar.

Gen abre minha gaveta de meias.

— Tive a impressão de que encontraria você aqui — diz ela para o canudo.

Ela retira a tampa e, com delicadeza, puxa o papel e o desenrola.

— Menina, uau!

Merda. Eu esqueci que estamos nus no desenho dele.

— Então vocês dois estavam namorando sério mesmo.

— Por favor, Gen, não começa.

— Essa árvore se chama Joshua tree, não é?

— Sim.

— Bom… caraca. É um presente *muito* romântico.

— Eu sei.

— Ele é bom. É um artista mesmo — acrescenta. — Quer dizer, ele já era bom no primeiro ano do colégio, mas esse desenho aqui não parece ser de alguém que está no ensino médio. Nem mesmo de alguém muito *talentoso* no ensino médio. É um desenho de um profissional.

— Pode, por favor, parar de elogiar o meu ex-namorado?

Ex-namorado. A palavra deixa um gosto amargo em minha boca. Eu nem sequer tinha pensado nisso até agora. Cada partezinha de mim queria poder voltar atrás e não pronunciá-la.

— Eu só estou dizendo que ele é talentoso.

— Que tal me falar um pouco sobre a Sarah?

Gen enrola o papel e o enfia no canudo.

— Tá legal. Você venceu.

Mas ela está enganada. Eu perdi tudo.

Uma semana horrível sem nenhuma ligação. Nem mensagens. Véspera de ano-novo. Na rua, há gritos, cantorias e bebedeiras. Faz três horas que nossos vizinhos estão ouvindo música eletrônica no volume máximo. Fiquei assistindo à televisão no meu quarto, sozinha. Tudo me lembra nosso primeiro encontro.

Faltam dez minutos para a meia-noite.

Josh e eu tínhamos combinado de nos encontrar na Kismet. Íamos começar o novo ano com um beijo. Nunca fui beijada na virada do ano.

Minha decisão não se tornou mais fácil com o tempo. Aquela palavra horrível ainda me atormenta. *Ex-namorado*. Não consigo aceitar a verdade. Não acho… não acho… não sei mais por que estou fazendo isso. Acho que surtei naquela noite no carro. *Sei* que surtei. E tenho a sensação muito apavorante de que cometi um erro.

Josh me disse que eu nunca vou saber quem eu sou se não me arriscar. Pedir desculpas seria um risco, rastejar seria um risco, implorar pelo perdão dele, de joelhos, seria um risco.

O que foi que eu fiz? Eu o amo. É claro que o risco vale a pena.

De repente, estou tirando o pijama e me enfiando em um vestido. Coloco um casaco e calço as botas. Passo correndo por meus pais na sala e grito avisando que volto logo. Ignoro os berros de preocupação deles. Desço as escadas a toda, saio do prédio, atravesso a rua. O ar está congelante e o vento, cortante.

Josh, estou indo. Sei que você está aí. Por favor, não vai embora.

Viro a esquina depressa e lá está. Meu fio de esperança. Corro em direção à janela iluminada da frente, desvio dos táxis e esbarro em um cara apoiado no ombro do amigo, que o ajuda a caminhar. Ouço um grito de raiva, mas continuo correndo até chegar ao vidro brilhante na entrada da Kismet. A cafeteria ainda está aberta. Mas nem sinal de Josh.

Há dois funcionários sentados a uma mesa. Eles olham para mim, surpresos.

— Com licença, vocês viram um garoto por aqui?

Estou ofegante, mas a música na cafeteria está tão alta que tenho que perguntar de novo, e mais alto.

— Vocês viram um garoto por aqui? Mais ou menos da minha idade?

Uma mulher com o peito coberto de tatuagens faz que não com a cabeça.

— Desculpa, querida. Tem quase duas horas que não aparece ninguém por aqui.

A distância, ouço o barulho dos fogos de artifício e da comemoração. Carros buzinando, pessoas gritando das janelas.

É meia-noite.

Saio da cafeteria desorientada, olhando de um lado para o outro, vasculhando as ruas, mas Josh não está em lugar algum. Duas moças que devem ter uns vinte e poucos anos passam em frente à cafeteria, gritando a plenos pulmões.

Não, ele deve estar vindo. Ele vai sentir que estou aqui, como sentiu da última vez.

— Está tudo bem? — pergunta a mulher tatuada, franzindo o cenho de preocupação. — Você parece um pouco perdida.

— Meu namora… meu Josh. Josh. Ele está vindo. Deve estar chegando.

O outro funcionário da cafeteria, um cara magricela que só agora reconheço ser o Abe Lincoln cheio de piercings, bota a cabeça para fora da loja.

— Você esqueceu meu beijo, Maggie.

— Não esqueci nada — retruca.

— Ele está vindo — repito.

Maggie me olha com o canto do olho.

— Quantos anos você tem? Seus pais sabem que você está aqui?

Eu a fulmino com os olhos.

— Não sou uma criança. Sou baixinha, só isso.

Ela dá de ombros.

— Tudo bem. Mas vou ficar aqui com você, esperando.

— Não precisa fazer isso.

O vento gelado sibila, trazendo consigo o barulho contínuo das comemorações. Aperto ainda mais meu corpo, para me aquecer.

— Deus do céu! — exclama Abe, tremendo. — Pelo menos espere aqui dentro.

Os dois me convencem a voltar para o interior da cafeteria. Eu me sento à mesa ao lado da janela. A mesma em que me sentei há mais de seis meses. Eles aumentam ainda mais o volume da música. Meus ouvidos latejam. Olho para meu celular, observo os minutos passarem. Dez. Quinze. Vinte. Josh não me liga desde o Natal. Antes que eu possa me convencer do contrário, ligo para o número de Brian. A ligação cai direto na caixa postal com uma mensagem assustadora de uma agência de segurança. A empresa para onde Brian trabalha. Deixo um recado explicando onde estou, implorando para que Josh venha me encontrar, e então vou para a porta da Kismet novamente, como se isso fosse o suficiente para ele aparecer.

Ele não está aqui.

Volto a me sentar, espero mais dois minutos e vou para a porta da cafeteria de novo. Repito o movimento por mais uma hora. Ligo de novo. Deixo uma mensagem na caixa postal. Olho para a rua, mas nada mudou. Josh não virá.

Josh não virá.

Desabo no batente da porta, sem nem perceber que Maggie e Abe correm para me amparar. É o fim da linha. Acabou.



capítulo vinte e oito

Um mês se passou. Josh nunca mais me ligou. Essa ferida aberta, sangrenta — uma ferida que causei *a mim mesma* — ainda me dilacera. Tenho que me convencer o tempo todo de que tomei a decisão certa, de que terminar com ele foi o certo a se fazer, porque está claro que Josh finalmente se deu conta da verdade, do que sempre tememos, de que o que existia entre a gente não era amor, e sim conveniência.

Ele seguiu em frente.

Queria poder fazer o mesmo. Estou agarrada ao que resta do meu ser.

À noite, fico deitada na cama, fingindo que o corpo dele está sobre o meu. Fecho os olhos e imagino seus braços me envolvendo, me abraçando forte. Na sala de aula, minha cabeça voa, e me imagino colocando um cadeado na Pont de l'Archevêché, que fica perto da Catedral de Notre-Dame. Os casais escrevem a inicial dos seus nomes em cadeados e os prendem no gradil da ponte como uma declaração de amor. Anseio por esse tipo de relação inquebrável e permanente.

Depois do ano-novo, meu pai e eu fomos de trem a Dartmouth. Eu não queria ir, porque, mesmo *se* fosse aceita, o que eu faria lá? Mas meu pai queria que eu conhecesse o lugar. Ele ficou empolgado por eu ter tentado uma universidade que ninguém esperava.

O lugar todo está coberto por uma camada espessa e imaculada de neve. Meu pai agendou uma entrevista para mim, e uma mulher muito animada na recepção me mostrou os panfletos com fotos do campus tanto na primavera quanto no outono, o que o fez parecer ainda mais bonito. Ela ficou impressionada com meu histórico escolar e me assegurou de que muitos dos alunos não sabem o que querem cursar quando chegam à universidade. Saí da entrevista esperançosa, entusiasmada e me sentindo viva.

Em algum momento no caminho de volta para casa, no trem, voltei a me desanimar. Dartmouth é um futuro que eu poderia ter, mas que perdi. Não é mais meu. Além disso, meu desejo secreto e terrível se concretizou: uma das universidades me rejeitou, e fui eu quem fiz a escolha. Vou ficar em Paris e cursar a Sorbonne. Talvez, algum dia, eu encontre alguém que me faça esquecer Josh. Talvez eu me case com esse alguém. Talvez eu more na França para sempre.

Mas algumas coisas *mudaram.*

O comentário de Kurt sobre "ser um tapa-buraco" voltou para me assombrar. Fui substituída. Durante o tempo que passei na detenção, ele começou a conversar com dois caras do segundo ano, Nikhil Devi — não consigo escapar dessa família — e o melhor amigo de Nikhil, Michael. Kurt tinha ouvido os dois conversarem sobre túneis e descobriu que eram obcecados pelo assunto, assim como ele. No semestre passado, Kurt comentou alguma coisa sobre os dois, mas eu estava tão preocupada com meus problemas que não percebi que ele estava se tornando *amigo* deles. Os três se falaram durante as férias de inverno e agora a amizade entre eles é uma realidade.

Eu, Kurt, Nikhil e Michael estamos sentados juntos no refeitório.

Kurt deve ter se sentido assim quando Josh se juntou a nós. Nikhil e Michael não estão me ignorando nem nada, assim como Josh nunca ignorou Kurt, mas os dois não estão em nossa mesa porque gostam de mim, muito embora Nikhil pareça *gostar* de mim, o que é bem constrangedor.

É estranho saber que Nikhil passou um bom tempo com Josh, por causa de Rashimi. Queria poder perguntar para ele sobre os dois. Como eles eram como casal? Eram diferentes de como sou com Josh?

Mas isso seria maldade. Não que eu ainda seja uma boa pessoa.

Não consigo deixar de pensar que Kurt está se afastando de mim de propósito. E não só porque se cansou de ficar na minha cola, mas também porque Josh fez a mesma coisa quando estava no terceiro ano e os amigos dele estavam se formando. Ele se afastou dos amigos. Kurt sempre vai ser meu melhor amigo, sempre, mas as coisas mudaram. Pela primeira vez em toda a minha vida, Kurt deixou de ser a pessoa mais importante para mim. É difícil admitir isso. E deve ter sido difícil para Kurt também.

Mesmo assim… ele segue em frente, progredindo. O que só deixou ainda mais claro que era por minha causa que não tínhamos outros amigos. O problema não era com Kurt. *Eu* era o peso. Quando me ausentei, Kurt encontrou outras pessoas, mas eu continuo sozinha. Como as pessoas fazem amizade? Como é que isso acontece?

Não consigo parar de pensar no risco. Eu me arrisquei quando fui à Kismet e me arrisquei mais uma vez quando liguei para o celular de Brian. Nenhuma das duas tentativas deu certo. Levo o mês de janeiro inteiro para criar coragem e me arriscar de novo. Embora Josh não seja mais uma opção, ainda preciso bater de frente com alguns problemas — a falta de amigos e de coragem no dia a dia.

Acontece em uma noite no refeitório. Há uma pausa na conversa entre Kurt e os amigos, o que é raro, e eu falo antes que perca a coragem.

— Angoulême é nesse fim de semana agora. Estão a fim de ir comigo?

Angoulême é uma cidade que fica a três horas de Paris de trem, mas também é o nome de um dos maiores eventos de quadrinhos da Europa. Pôsteres com um gato preto e branco, mascote do festival, estão espalhados por todos os lugares que não estão ocupados pelos cartazes dos Jogos Olímpicos de Inverno. O mascote é um símbolo de tudo o que perdi. Se Josh ainda estivesse aqui — e se nós ainda estivéssemos juntos —, tiraríamos o dia para viajar até lá, sem pensar duas vezes. Preciso provar para mim mesma que posso ir sem ele. Já vi Nikhil e Michael lendo HQs, então com certeza eles vão gostar da ideia.

— Achei que você tivesse parado com essa de sair da cidade sem permissão — comenta Kurt.

— É só uma tarde. O colégio nunca vai saber — explico.

Nikhil se ajeita na cadeira; parece animado. Ele é baixinho e enérgico, parece que foi ligado na tomada. Sempre fala meio sussurrando, mas sempre com entusiasmo.

— Parece legal. Vamos, gente! Acho que devemos ir, sim.

Michael abre seu sorriso metálico de orelha a orelha.

— Estou aqui me perguntando *por que* você quer tanto ir.

— É porque ele quer transar com você, Isla — afirma Kurt.

— *Kurt!*

Fico estarrecida.

— É, Kurt — concorda Michael, revirando os olhos. — Eu sei.

— Ah.

Kurt murcha na cadeira. Os três podem até ser amigos, mas ainda não sacaram o ritmo um do outro. Mas logo depois, ele recupera o ânimo, porque ainda tem uma informação preciosa nas mãos:

— Não vai rolar. Ela ainda está ligada no Josh.

— Kurt! Eu estou sentada aqui, se você não percebeu!

Olho para Nikhil sem graça, tentando de alguma forma me desculpar, mas ele está olhando fixamente para a bandeja de comida. Dá para notar o quanto está envergonhado.

É um saco quando estamos a fim de alguém. Não sei se é pior para quem está a fim de uma pessoa ou se para a pessoa em questão. Considerando os anos que passei apaixonada por Josh sem ser correspondida, com certeza é muito pior para quem está a fim.

Pobre Nikhil. Pobre de mim.

— De qualquer forma, não faz diferença — afirma Michael.

Ele fala com um tom de autoridade que contrasta com seu cabelo desgrenhado e com topete.

— Sábado é o único dia em que o Arnaud pode nos levar ao subterrâneo.

— Quem é Arnaud? — pergunto.

Kurt corta uma batata assada com o garfo.

— Nosso primeiro contato. Foi Michael quem o encontrou. Ele trabalha no museu de esgotos.

— Existe um museu de esgotos?

Olhando pelo lado positivo, pelo menos ainda há coisas sobre Paris que preciso aprender, considerando que ainda vou ficar por aqui por mais um tempo. Se Kurt continuar interessado nessas coisas, imagino que um dia vou estar me rastejando pelos túneis também. Não me parece tão ruim assim. Um lugar sujo e apertado. Mas seria uma aventura. Eu acho.

— Sim, claro — responde Kurt, como se todas as cidades tivessem museus de esgotos. — Por que não vem com a gente visitá-lo nesse fim de semana?

Penso no escoamento, na lama e na escuridão. E depois penso no trem, no campo aberto e numa cidade pacata cheia de quadrinhos.

É. Vou deixar para fazer amigos um outro dia.

À noite, encontro uma carta esperando por mim. Encaro a caixinha do correio, com medo de pegar o envelope. Quero que seja dele. Quero muito que essa carta seja dele.

Meu braço treme enquanto o enfio lá no fundo e puxo o envelope. Não foi Josh quem enviou a carta.

O golpe é mais duro do que nunca. Não estou nem perto de esquecer Josh. Nem um centímetro, nem um milímetro sequer. As pessoas dizem que a única coisa que cura dor de amor é o tempo. Mas quanto tempo isso vai levar?

Vejo o endereço do remetente e sinto como se uma corrente elétrica percorresse meu corpo de novo. Rasgo o envelope, ali mesmo no corredor, e puxo a carta. Minha cabeça gira. Leio a primeira frase mais de uma vez, mas as palavras não mudam. Volto a sentir um aperto no peito, mas dessa vez é diferente. *Em nome do corpo docente e de seus funcionários, temos*

o prazer de informar que você foi admitida na Universidade de Dartmouth.

As ruas de Angoulême estão repletas de bexigas vermelhas e lotadas de leitores entusiasmados. Mas a empolgação deles não é capaz de fazer a chuva parar. Por que sempre chove quando viajo? Dessa vez, não espero para comprar um guarda-chuva. Não sei onde foi parar o último que comprei em Barcelona. Deve ter ficado com Josh. Ou talvez a gente o tenha deixado no parque. Guarda-chuvas são tão pequenos, tristes e fáceis de esquecer.

Caminho pela cidade, pelo local onde o festival acontece e pelo museu de quadrinhos. Aqui, esses eventos não são tão badalados como nos Estados Unidos — e quase ninguém se fantasia —, mas as pessoas estão bem mais animadas do que o habitual. Tento me contagiar com o entusiasmo deles e isso vez ou outra funciona. Como quando eu descubro por acaso o trabalho de uma nova cartunista (pelo menos para mim), que escreve sobre sua vida dividida entre a China e os Estados Unidos. Só depois de comprar dois livros dela é que percebo o quanto Josh gostaria de lê-los também. E o fato de não poder dividir isso com ele me deixa mal novamente.

Para piorar, me deparo com um display enorme apenas com títulos do Joann Sfar. Para piorar ainda mais, percebo que Joann Sfar está em carne e osso no evento. Minha vontade é pedir que ele autografe um livro para Josh, mas fico na minha. Eu me sinto egoísta fazendo isso, então volto atrás, e me convenço de que pelo menos terei algo autografado por Joann Sfar. Nada personalizado. Se algum dia eu encontrar Josh de novo, posso dar o livro autografado de presente. No entanto, assim que Sfar pergunta para quem é o livro, deixo escapar "Para Josh, por favor", e, antes que eu corrija meu erro, o nome do meu ex-namorado — pelo menos consigo pronunciar *essa palavra* agora — já foi escrito à tinta na folha de rosto, ao lado da ilustração de uma rosa.

Entre tantas opções… Uma rosa.

Desisto.

De volta a Paris, olhando os cartazes dos Jogos Olímpicos espalhados pela cidade, fico em dúvida quanto a ir ou não a Chambéry no mês que vem. Mas só de pensar em mais um trem lotado, mais uma cidade abarrotada de gente, mais um hotel superlotado… Ugh. Não.

Esta é minha reação a tudo nos últimos dias: Ugh. Não.

A cidade está mais fria do que nunca. Alguns dias depois do Angoulême, passo em uma lanchonete no Quartier Latin para me aquecer no calor das *frites*. Nos Estados Unidos chamamos de *french fries*, mas na verdade deveríamos chamar de *belgian fries*, porque foi lá que esse prato surgiu.

AimeuDeus. Não é à toa que não tenho amigos.

O lugar está vazio. Eu me sento no fundo, com o segundo volume da autobiografia da sino-americana que comprei na feira de quadrinhos. Não consegui parar de ler desde então. Boa parte da história é bem familiar, de uma forma deprimente e satisfatória.

A porta se abre com um tinido, e mais um cliente entra na lanchonete.

Sanjita parece tão surpresa ao me ver quanto eu ao vê-la. Ela acena, sem graça, e eu

aceno de volta. Ela também pediu uma porção de batatas fritas, e fico aliviada por não ter que decidir coisa alguma. É ela quem vai ter que resolver se vai embora ou se vai se sentar comigo. O restaurante é muito pequeno e nós não somos meras conhecidas para ela se sentar sozinha.

Sanjita está hesitante. Receosa. Mesmo assim, vem falar comigo.

— Está congelando lá fora — comenta.

É estranho perceber como fico grata pela companhia dela.

— Está mesmo. Queria que começasse a nevar logo.

— Eu também. Não faz sentido todo esse frio sem a neve.

Um momento de silêncio perturbador, daqueles que sempre vêm depois de meia dúzia de palavras sobre o tempo e que são preenchidos por tudo que *não* se diz. Tento encontrar algum outro assunto neutro para dar continuidade à conversa, quando ela me pergunta:

— Como está o Josh?

O sangue se esvai de meu rosto. Sanjita não percebe nada, continua comendo suas batatas.

— Eu fiquei muito triste por você quando ele teve que sair do colégio.

Esse momento inesperado de compaixão me comove.

— Eu… eu não sei como ele está. Acho que deve estar bem. Nós terminamos há um mês.

— *Terminaram*?

Ela ergue a cabeça, chocada.

— Mas vocês dois eram perfeitos juntos.

Sinto o chão afundar.

— Você acha?

— Claro. E você sempre foi apaixonada por ele. Deve ter sido incrível quando vocês finalmente começaram a namorar.

O alívio que sinto por ser compreendida — verdadeiramente — é imenso. O vazio dentro de mim se transforma em uma torrente de emoções.

— Foi *incrível*. Maravilhoso. Foi… a melhor coisa que já me aconteceu.

Sanjita inclina o corpo para a frente, e seus longos brincos dourados balançam.

— Mas o que aconteceu?

— Eu gostava dele. *Amava*. Mas não acredito que ele me amasse do mesmo jeito.

Os ombros dela despencam.

— Ele terminou com você.

— Não. Eu terminei com ele.

Ela faz uma expressão de tristeza.

— Ah. *Putz*.

— É… eu sei.

Ela parece confusa.

— Não entendo. Vocês dois eram tão grudados. Eu *via* a maneira como ele olhava para você. Josh nunca olhou para a Rashimi daquele jeito.

Meu coração para. Eu jamais perguntaria para Nikhil, mas… para Sanjita…

— E co…. como eles eram? Como casal, digo. Sua irmã e o Josh?

Ela dá de ombros, e os brincos longos balançam de novo.

— Sei lá. Viviam brigando. Acho que os dois eram mais parecidos do que imaginavam,

os dois teimosos e intransigentes. Meio que deram certo juntos por isso, mas o relacionamento deles jamais duraria muito. Não havia um equilíbrio.

Meu relacionamento com Josh tinha equilíbrio. Não tinha?

Sanjita faz uma careta e continua:

— Não que ela tenha *me* contado alguma coisa. Nunca. Mas, por estar de fora, a impressão que eu tinha era a de que alguém com a personalidade deles precisa de uma pessoa mais branda. Como você.

Não sei bem se gostei dessa palavra. *Branda*.

Sanjita percebe minha expressão de dúvida e balança a cabeça, tentando se explicar:

— Não, não é branda de *fraca*. O que eu quis dizer é que… eles precisam de alguém que lhes dê espaço para desabrochar. Alguém que não tente mudar o que eles são. Que os apoie, mesmo quando fazem coisas idiotas, mas que esteja sempre pronto para trazê-los de volta à direção certa quando precisarem.

— E… você acha que essa pessoa sou eu?

— Está falando sério? Você é a pessoa mais paciente e tolerante que conheço.

Algo estranho está acontecendo. Algo dentro de mim, bem lá no fundo, sabe que Sanjita está dizendo a verdade. Eu *sou* paciente e tolerante.

Só não sou assim comigo mesma.

Sanjita desvia o olhar, e olha para baixo, e sei que ela está pensando em Kurt e em como ela me pressionou por meses. E em como eu quis ser amiga dos dois, e ela me forçou a escolher apenas um. Vejo que ela está envergonhada por suas atitudes do passado. Sanjita pigarreia, tentando voltar ao presente.

— E por que acha que o Josh não amava você?

— Eu me sentia meio que uma… distração. Ele não estava feliz aqui, entende?

— O celular é uma distração. A internet é uma distração. Mas o jeito como ele olhava para você? Não era de quem estava só se distraindo. Josh ficava *hipnotizado* quando olhava para você.

Tenho a sensação de que Sanjita só está sendo tão legal comigo porque quer tentar consertar a burrada que fez sem ter que dizer que está arrependida. Isso me parece um ato de covardia. Mas, por outro lado, ela parece acreditar no que está dizendo. É, ao mesmo tempo, meu maior medo *e* minha maior esperança. Será que, depois de todas as dúvidas e questionamentos, finalmente tenho certeza de que Josh realmente me amou tanto quanto eu o amei? Há alguma possibilidade de ele ter visto em mim algo que eu mesma não consigo enxergar?

Será que sou digna de ser amada pela pessoa que amo?

Meu coração está acelerado.

— De qualquer modo… — digo, na defensiva, como se estivesse tentando arranjar uma desculpa para ter feito o que fiz, e acho que estou tentando mesmo. — Ele precisa começar a agir. Na última vez em que conversamos, Josh ainda não sabia o que fazer em relação à escola. Falta só um semestre para ele terminar o ensino médio, e ele simplesmente fica enrolando para decidir. Não vai poder ir para a faculdade na Nova Inglaterra sem um diploma. Então, basicamente é isso. Ele não vai para lugar nenhum.

Sanjita parece confusa.

— Nova Inglaterra?

Conto para ela sobre a faculdade que Josh quer cursar e acabo contando todo o resto também.

— Pensei que estivesse me acostumando à ideia de ir para a Sorbonne, mas sei lá. Quando eu estava com o Josh, a ideia de ir para um lugar diferente me deixou animada. Pesquisei bastante, e a Dartmouth me pareceu bem legal, entende? Diferente. E, quando fui para lá há algumas semanas, foi até melhor do que eu pensava. Mas quando terminamos Dartmouth voltou a ser o lugar *dele* de novo…

— Achei que tivesse me dito que ele não ia para lugar nenhum.

— Bom, eu não tenho muita certeza…

— E daí? Vai você para Dartmouth.

— Sim, mas e se ele pensar que estou indo para lá por causa dele?

— Você está?

— Não, mas…

— Então, vai para Dartmouth.

Arqueio as sobrancelhas, e Sanjita me encara como se eu fosse uma imbecil.

— Não estou entendendo qual é o problema. Você conseguiu ser aceita na faculdade que queria. *Então, vai* — insiste ela.

Caraca. Ela está certa. Será que é tão simples assim?

Sanjita cruza os braços, toda convencida. Ela sabe que me venceu com seu argumento.

— Lembro que você dizia que queria ser advogada. Continua querendo? Porque você é muito boa de retórica — comento.

Ela sorri.

— E quais outros problemas posso ajudá-la a resolver?

— Hum… Não sei. Minha irmã? Pode me ajudar a dar um jeito nela?

— Hattie, imagino?

— Ela é um horror.

Pego *une frite* e como.

— Um dia desses ela apareceu no meu quarto do nada sem ser convidada, é claro, e começou a revirar todas as minhas coisas. Pedi para ela parar, e ela jogou no chão uma pilha de livros que estava em cima da minha escrivaninha.

— Talvez ela só queira saber mais de você. Talvez ela não faça isso por mal.

Balanço a cabeça, discordando.

— Hattie nunca dá ponto sem nó. Ela fez isso para me irritar, e funcionou. Como sempre funciona.

Sanjita levanta uma sobrancelha.

— Não sei. Tenho a impressão de que você trata sua irmã como uma criança, e ela reage da mesma forma, como uma criança.

Estou surpresa com a teoria de Sanjita. Ou indignada.

Ela ergue as mãos para me acalmar.

— Tenho três irmãs mais velhas. E elas poderiam muito bem ser três mães. Tenho me esforçado bastante para não fazer isso com o Nikhil.

Seguro meu pingente com uma das mãos.

— Tipo… o quê?

— Alguma vez você já *convidou* a Hattie para ir ao seu quarto? Aliás, alguma vez já a

convidou para ir a algum lugar?

Há um momento longo e profundo de silêncio. Sanjita desvendou o mistério.

— E a Gen? Alguma vez vocês saíram juntas, só as duas?

— Ela mora do outro lado do Atlântico. — Minha resposta sai mais ríspida do que o pretendido.

— Mas vocês se encontram, não? Nos feriados?

Penso em Gen em meu quarto no Dia de Ação de Graças. E depois, no Natal. É como se Sanjita tivesse tirado a venda de meus olhos. É verdade. Hattie vem tentando me dizer isso há anos. Trato Gen como uma amiga, e Hattie, como uma criança.

Eu a trato como se ela fosse minha filha.

Hattie não é mais uma criança. Fui condescendente e nunca a vi nem a tratei de igual para igual. Ela precisa ver em mim uma confidente. Uma amiga. E então, uma luz inesperada se acende dentro de mim: mais do que nunca preciso dela.

— Você deveria pensar em fazer duas faculdades. Direito *e* psicologia — digo.

Sanjita sorri, feliz por ter sido compreendida. Exatamente como eu.



capítulo vinte e nove

Sanjita e eu continuamos conversando sobre a faculdade e o futuro. Mas não falamos sobre Kurt. Nem sobre Emily. E, depois que janeiro chega ao fim e fevereiro se inicia, percebo que talvez nunca falaremos deles. Nós nos distanciamos muito uma da outra nos últimos anos, e as feridas do passado ainda não cicatrizaram por completo. Nunca seremos amigas como antes. Mas isso não me deixa triste… me deixa aliviada. Há um respeito mútuo entre a gente, um desejo de que tudo dê certo.

Minha conversa com Sanjita também me fez perceber o quanto perdi por não ter uma amiga mulher. Talvez a gente nem continue se falando, mas há outra pessoa que venho ignorando faz muito tempo: Hattie.

É hora de se desfazer desse orgulho estúpido. Sei que ela não teve a intenção de criar aquela confusão toda. E ela *não fez* isso. Não foi *ela* quem expulsou Josh do colégio. Fomos nós que decidimos violar as regras da escola, e Josh é o único culpado por ter sido expulso.

A dor por tê-lo perdido está mais forte do que nunca. A única maneira de superar isso é ter certeza de que a perda não foi em vão. Que aprendi alguma coisa com ela. No final das contas, tomar uma atitude vai fazer com que eu me sinta melhor do que ficar sentada sentindo pena de mim mesma. Levo um tempo para descobrir a maneira certa de, ao mesmo tempo, me desculpar *e* mostrar que quero ser sua amiga, mas levo um pouco mais de tempo para criar coragem e falar com Hattie.

Ela é minha irmã, mas continua sendo a pessoa mais intimidadora do mundo.

Em uma tranquila tarde de domingo, finalmente tomo coragem para falar com Hattie. Kurt está explorando túneis com os amigos… então não sei bem se tomei coragem ou se me forcei a fazer isso, porque quando não estou fazendo alguma coisa, só consigo pensar no buraco em meu coração por causa da ausência de Josh. É muito triste ficar sozinha.

Hattie reage a minha mensagem de texto com desconfiança, mas concorda em me encontrar com mais boa vontade do que eu havia imaginado. Espero do lado de fora do dormitório.

— Por que você pediu para eu me agasalhar bem? — pergunta. — Vai me levar para alguma prisão siberiana?

Sorrio e saio andando na frente.

— Não.

Ela hesita, mas logo apressa o passo e me alcança.

— Para alguma estação de pesquisa na Antártida?

— Não.

— Vamos treinar skeleton em dupla para as próximas Olimpíadas?

— Sim.

— Será que finalmente vai nevar?

Fico surpresa com a última pergunta, que parece ter sido verdadeira. Ela olha para o céu.

— Duvido — respondo. — Não tivemos sorte até o momento. Por que nevaria agora?

— Você costumava ser a irmã mais otimista — resmunga Hattie.

Caminhamos em silêncio até o outro lado do rio Sena, e ela fica ainda mais exasperada quando chegamos ao nosso destino.

— Tante Juliette. Isso é algum tipo de intervenção? Você descobriu que sou viciada em sexo? Pois é, gosto de homens mais velhos que usam fraldas, fazer o quê?

— Não vamos para a casa da tia Juliette.

Ela solta um rosnado.

— Já estive aqui, sei lá, um milhão de vezes, lembra?

— Cala a boca e me segue.

Por algum motivo, Hattie me obedece. Subo as escadas e ela vem atrás de mim. Lá pelo terceiro andar, olho para trás e digo:

— Fraldas, hein?

— E aqueles berços gigantes tamanho adulto. É excitante.

Eu rio.

Ela esboça uma risadinha quase imperceptível, mas logo fecha a cara.

— E monocelha. Gosto de um velhote com uma monocelha enorme e áspera.

— Ai, credo, Hattie! — digo, rindo de novo.

Passamos pela porta roxa com tapete de oncinha.

— Então… esta é definitivamente a porta da tante Juliette — diz.

Eu a conduzo até a porta da Casa da Árvore.

— E aqui?

— O telhado ridículo dela. Uma vez, a Gen jogou meu ursinho de pelúcia aqui por cima e um carro passou por cima dele. Barrinho nunca mais foi o mesmo.

— Ela fez isso? Sério? — pergunto, surpresa. Não me lembro de nada disso.

— Pode acreditar.

Destranco a porta e subo os degraus bambos.

— Bom, o Barrinho está a salvo. Prometo que não estou trazendo você aqui para reviver um momento traumático da sua infância.

— Eu sei que você não faria isso.

Hattie diz isso tão baixinho que quase não a ouço.

Abro o alçapão, e, diante da luz do sol, Hattie semicerra os olhos. Estico o braço, pego sua mão e a ajudo a subir. Ela fica impressionada. Minha irmã inabalável e imperturbável está perplexa com o que está vendo.

— Quem fez isso? — pergunta. — É seu, não é? É a sua cara.

Não sei se isso é bom ou ruim.

— É emprestado. Faz alguns anos que estou usando.

Hattie se vira para mim na mesma hora e me lança um olhar enviesado.

— Então foi a Gen quem deu isso aqui para você? Esse lugar é seu? É de vocês duas?

— Gen? Não. A tante Juliette me deu esse terraço de presente quando eu estava no segundo ano. Kurt e eu sempre vínhamos para cá quando queríamos fugir… de todo mundo. Gen nem sabe que ele existe.

— Não?

Percebo um fio de esperança na voz dela, é de partir o coração. E então, vejo que tudo

que Sanjita disse é verdade.

Sorrio, com delicadeza.

— Não. É um segredo. Ela não sabe.

— É lindo — diz ela por fim.

— Obrigada. Que bom que você gostou. Porque agora ele é seu.

Pela segunda vez no mesmo minuto, Hattie parece estar em choque. Estico o braço, segurando a chave na direção dela. Ela levanta o braço lentamente para pegá-la.

— Não quer dar de presente para o Kurt? Não é dele também?

— Kurt tem outros lugares para explorar agora. E… ele não é você. Ele não é meu irmão.

Hattie quase parece abalada. Quase.

— E, sabe, você não precisa manter essas coisas aqui, são só algumas coisas que fomos pegando por aí ao longo dos anos…

— Não, não! Eu gostei.

Ela olha ao redor, e o mural, que venho ao máximo tentando ignorar, logo chama sua atenção.

— Você trouxe o Josh aqui também.

Enfio as mãos nos bolsos do casaco.

— Sim.

— Então aqui era meio que um playground para fazer sexo selvagem? Vocês fizeram sexo em cima dessa cabeça de cavalo de carrossel?

— Hattie!

Ela ri ao ver que fiquei com o rosto vermelho e, depois de um segundo, não consigo me conter e começo a rir também.

— Não. Mas *talvez* seja melhor você lavar o cobertor que está dentro daquele baú — digo.

Minha irmã solta um gritinho de horror, e nós rimos ainda mais. Quando finalmente paramos, ela desvia o olhar e se concentra no rio.

— Foi muito legal você ter me dado isso de presente. Então… obrigada.

— Desculpa. — Respiro fundo. — Por ter sido uma péssima irmã neste ano. E por ter brigado com você por algo que não foi culpa sua.

Hattie assente. Ela não tira os olhos do rio Sena, mas sei que está tudo bem entre a gente.

Respiro fundo mais uma vez e… *aí está*. Um cheiro diferente e marcante no ar. Hattie vira a cabeça e sorri para mim enquanto os primeiros flocos de neve do ano caem sobre Paris. A cidade está fria, silenciosa e bonita.

— Vai sentir falta daqui no ano que vem? — pergunta e, diante de meu olhar de surpresa, ela acrescenta: — Maman me disse que eles pagaram a primeira mensalidade de Dartmouth.

Hesito, mas depois conto a ela a verdade:

— *Vou* sentir saudade de Paris. E de Nova York. Estou entusiasmada e ao mesmo tempo assustada, mas… acho que mais entusiasmada do que assustada. Acho — repito.

— Você acha?

— Acho.

Deslizo o corpo pela parede e me sento no chão. Hattie se senta ao meu lado. Cruzamos os braços, tremendo de frio.

— Quando Josh e eu estávamos na Espanha, fomos a um parque. Um parque muito, muito, muito bonito. E aí eu comecei a refletir sobre certas coisas… sobre talvez eu não ser a pessoa que achei que fosse. Talvez eu *não* seja uma garota urbana. Talvez eu só estivesse pensando em Paris *versus* Nova York, porque, de algum modo, nada mais parecia real. Como se todos os outros lugares do mundo fossem algo…

— Que você leu nos livros.

— *Exatamente*. Mas estar naquele parque bonito, com aquele garoto bonito falando sobre esse futuro alternativo em que eu sou uma pessoa que quer aprender a acampar, e a escalar montanhas, e a fazer fogueiras, e dormir sob as estrelas… naquele momento tudo pareceu possível.

— Então você vai ser uma espécie de guarda-florestal, é isso?

Eu rio.

— Só quero tentar fazer essas coisas. Parece divertido.

— E o Josh?

Olho para o mural que ele desenhou e me concentro na casa de arenito vermelho com vasinhos de flores nas janelas e uma bandeira dos Estados Unidos.

— O que tem ele?

— Ele não faz mais parte do seu plano?

— Bom… Não. Nós terminamos. E não preciso dele para fazer essas coisas.

— Dã — zomba Hattie. — Mas não foi isso que eu quis dizer. Quero saber se você ainda *quer* fazer essas coisas com ele.

— Quero — sussurro. — Eu ainda quero fazer tudo isso com ele.

— Isla… por que você acha que o Josh não a ama?

Minha voz fica ainda mais baixa.

— Porque pensei que ninguém poderia me amar.

— E por que pensou *isso*?

— Porque não achei que eu fosse digna do amor de alguém.

Hattie captou a mensagem. Do nada, ela me dá um soquinho na barriga. Eu não estava esperando por isso, e solto um gemido de dor. Ela me dá mais um soco.

— Não seja idiota!

— *Ai*!

— Todo mundo é digno de ser amado. Até uma irmã tonta como você.

Resmungo.

— Sim, obrigada. Entendi o recado. Estou me sentindo bem agora.

— Está? Porque você não age como uma pessoa que está bem. Fica *vagando* pelos corredores da escola, quase nunca sai do quarto e está sempre triste e desanimada.

— Olha quem fala. A irmã que está sempre de cara amarrada.

— Você precisa falar com ele.

Suspiro e olho para baixo.

— Eu sei.

— E por que ainda não falou?

— Porque só agora acredito de verdade que ele me amou. Mas tenho medo de que, depois de todo esse tempo, depois de tudo que ele passou por minha causa… ele já não me ame mais.

— Então se arrisca e fala com ele logo. Quanto antes você falar com ele, mais cedo vai poder seguir em frente com a sua vida.

Graças ao Josh, eu *já estou* me arriscando. Aprendi que se eu nunca sair da minha zona de conforto, nunca terei a chance de ser verdadeiramente feliz. Aceitar Dartmouth foi um risco. Convidar minha irmã para sair comigo foi um risco. Mas o maior risco de todos continua sendo o próprio Josh. Eu não sou corajosa o suficiente para dar a ele a oportunidade de dizer "não". Ficar nessa dúvida é insuportável, mas é melhor do que receber a resposta errada.

Ouço o zunido abafado do meu celular no bolso do casaco. Pego o aparelho para colocá-lo no silencioso, mas assim que vejo o nome que aparece na tela, deixo o celular cair no chão.

Josh.

É *ele*. Não vejo o nome dele na tela do meu celular desde Barcelona. Parece que meu coração vai sair pela boca.

— É ele? Como pode ser ele?

— Uau! Ele ouviu a gente conversando.

Pego o celular.

— O que eu faço?

— Mais um toque e vai parar na caixa postal. — Hattie espreita por cima do meu ombro. — Tique-taque.

Eu me atrapalho na hora de atender.

— A… alô?

Um estranho momento de silêncio. Então, ele fala, e a voz dele — é ele, é ele, é ele — deixa transparecer seu imenso alívio:

— Eu não sabia se você ia atender ou não…

— Seus pais devolveram o seu celular.

— Sim. Na semana passada.

Sinto uma pontada de tristeza por ele não ter me ligado logo que recuperou o aparelho. E depois, sinto outra pontada, mas de culpa. Terminei com ele. É claro que ele não me ligaria.

— É domingo à noite. E você não está no Pizza Pellino — comenta.

— Não. Estou na Casa da Árvore com a Hattie — digo, e estou tão atordoada que minha visão chega a escurecer. — Como… como é que você sabe que não estou lá?

E então me dou conta de que já sei a resposta.

— Porque *eu* estou aqui.



capítulo trinta

Estou tremendo. Hattie aproxima a orelha do celular, tentando ouvir a conversa. Flocos de neve brancos e brilhantes salpicam nosso cabelo ruivo.

— Isla? Você ainda está aí? — pergunta Josh.

— Estou.

— Achei que você estaria *aqui*. No Pizza Pellino. Eu e meus amigos estamos na França para os Jogos Olímpicos e decidimos dar uma passada aqui para relembrar os velhos tempos. Queria apresentar você a eles. Quer dizer, eu sei que você já sabe quem eles são, mas queria que você os *conhecesse*.

Minha cabeça está flutuando.

— Você quer que eu conheça os seus amigos?

— É tão estranho assim?

— Não sei.

— Queria ver você. Podemos conversar, talvez?

A proposta é tentadora.

Josh me pegou desprevenida. Não estou pronta para isso. Não me *preparei* para isso.

— Quanto tempo você vai ficar na cidade?

— Só esta noite. Vamos pegar um trem para Chambéry de manhã.

Hattie faz que sim com a cabeça feito uma louca.

— Hum. Claro. Acho que chego aí em… vinte minutos?

— Ótimo! — concorda Josh. — Beleza, tchau.

Fico olhando para a tela do celular.

— Ele desligou.

— Ele ficou com medo de você desistir — comenta Hattie.

Enfio a cabeça entre as pernas.

— Não estou me sentindo nada bem.

— Que coincidência mais bizarra. A *mais bizarra* de todas. Parece que foi o destino… se é que eu acredito em destino… Sei lá… Talvez eu acredite em destino, agora.

O tom com que Hattie diz isso me faz erguer a cabeça. Ela dá um sorriso malicioso.

— Hattie — digo, com um aperto no peito. — O que foi que você fez?

— Nada, ué!

— Me fala o que foi que você aprontou! — grito.

— Ai! — Ela tapa as orelhas. — Talvez eu tenha enviado o seu livro chato para o escritório do chato do pai dele em Washington, sei lá.

Arregalo os olhos.

— Hein? Que livro?

— Aquele que você trouxe de Angoulême… Aliás, obrigada por não ter me convidado. Roubei o livro no seu quarto, e não é que tinha uma dedicatória? Achei tão triste e patético

que mandei para ele pelo correio. E talvez eu tenha enviado junto uma carta dizendo o quanto você ainda é apaixonada por ele e que ele deveria procurar você.

É a única coisa que me deixa mais chocada do que a ligação de Josh. Descobrir que tenho que agradecer justamente a *Hattie* por ela ter feito isso. Estou sem palavras.

— De nada.

— Obrigada, eu acho? Depois conto se deu certo ou não.

— Melhor me contar mesmo.

Ela me ajuda a levantar e me guia até o alçapão e depois pelas escadas. Ela fecha a porta e enfia a chave no bolso.

O aperto no peito está cada vez mais intenso, é como se meu coração fosse parar a qualquer momento.

— Não sei o que fazer.

— Cala a boca. Deixa de ser irritante.

Cambaleando, ando até a estação de metrô com Hattie. Parece que estou me movendo, ao mesmo tempo, muito rápido e muito devagar. Ela me empurra até a catraca e diz:

— Não seja cagona. Vai lá e diz a ele o que sente.

— E se ele não me amar?

— Ele ama você.

— Mas e se não amar?

— Ah, e daí? Você não tem mais nada a perder.

Ela tira um floco de neve da ponta do meu nariz.

— Pelo menos uma vez na vida, ouça sua irmã caçula, aqui. Sou mais alta e mais esperta do que você.

Os flocos de neve estão caindo aqui e ali, flutuando até chegarem ao chão. Olho para o céu cinza e branco. Seria perfeito se uma nevasca começasse de repente e me enterrasse viva. Isso seria melhor do que estou prestes a fazer. A temperatura está abaixo de zero, mas estou suada, sentindo o corpo quente e com falta de ar. Meus pés tocam a soleira da porta da pizzaria, mas meu corpo é incapaz de se mover. *Um passo de cada vez*. Apoio a mão no vidro.

Empurrar uma porta nunca foi tão difícil.

O sino anuncia a minha entrada. O maître se anima ao me ver.

— *Où est monsieur Bacon?*

— Kurt tem outros planos para hoje à noite — respondo em francês enquanto vasculho os arredores.

— Ah. Está triste?

— Não. Tudo bem. Na verdade, vou encontrar…

— Isla!

Ouço me chamarem da mesa no canto. St. Clair acena para mim enquanto Josh se vira na cadeira. Tudo acontece em câmera lenta. O maître, as pessoas conversando ao redor, o cheiro da pizza no forno a lenha, tudo desaparece enquanto espero que os olhos dele encontrem os meus.

Ficamos paralisados.

Tudo o que há no meu coração se reflete na expressão dele. *Alegria, dor, força, dúvida, tristeza, beleza, esperança.*

Ele é tudo.

— Ah — diz o maître. — Claro.

Ele me conduz até a mesa enquanto meu coração vem à boca. Minha alma se enche de encanto. Há quatro assentos vazios, e o maître puxa a cadeira ao lado de Josh. Tremo enquanto coloco o casaco no encosto. Tremo enquanto me sento. Tremo enquanto Josh olha para o maître com um olhar inconfundível de gratidão. Será que esse olhar significa o que quero que signifique?

— Onde está o Kurt? — pergunta Josh.

— Saiu com uns amigos. Para visitar uns túneis. É uma longa história.

Josh ergue as sobrancelhas, surpreso, enquanto os demais à mesa sorriem para mim, de orelha a orelha. St. Clair, Anna e Meredith.

— Nossa! Veio a gangue inteira.

— Todo mundo, menos Rashimi — comenta St. Clair.

Por debaixo da mesa, Anna disfarçadamente dá um chute na perna dele, mas eu percebo.

— Tudo bem — digo, meio sem graça. Pelo menos, tenho a resposta que eu queria. Eles sabem sobre mim e Josh. Olho para os três assentos vazios. — Ela vem?

— Guardamos um lugar para Kurt — explica Josh, e fico comovida.

— Os outros são para os nossos amigos que vieram com a gente para os Jogos Olímpicos — completa Anna. — Eles estão andando pela cidade, visitando alguns pontos turísticos, mas devem chegar daqui a pouco.

— Amigos da Califórnia? — pergunto, aproveitando a oportunidade para mostrar a eles que não estou tão por fora assim do assunto, embora saiba muito pouco.

Ela confirma com a cabeça.

— Isso. Lola e Cricket. Étienne e eu…

— Étienne — diz Josh, e Meredith ri.

— Eles estão tirando sarro da minha cara porque eu sou a única que o chamo assim — explica Anna.

— Você é a única pessoa *que tem permissão* para chamá-lo assim — intervém Josh. — Você e a mãe dele.

St. Clair sorri.

— As duas únicas mulheres da minha vida.

— Credo — diz Meredith, brincando. Ela tem um sorriso bonito, amistoso. Um piercing muito discreto e brilhante cintila em seu nariz. Tudo nela é amável.

É meio surreal estar aqui, cercada pelos amigos dele. Os rostos que vi nos desenhos de Josh.

Anna é uma daquelas garotas naturalmente lindas que não fazem a menor ideia de que são tão bonitas. Ela está sempre de calça jeans e camiseta; seu sorriso deixa à mostra um espaço entre os dentes da frente e seu cabelo longo tem uma mecha descolorida. É uma garota segura de si e com muita personalidade. St. Clair, seu namorado, também é bonito, e ele, sim, sabe disso. Não que seja convencido nem nada, mas é apenas um cara que confia no seu taco. Ele é baixo, mas isso nunca foi um problema para ele. Quase todas as garotas do colégio eram apaixonadas por ele, sem contar os garotos e os professeurs.

Eu, no entanto, nunca senti nada por ele. Não com Josh por perto.

Anna pigarreia e continua:

— Enfim. Étienne e eu…

Josh e Meredith soltam outra risadinha.

— Nós trabalhamos com Lola no cinema. Cricket é o namorado dela, e a irmã gêmea do Cricket é a Calliope Bell. A patinadora, sabe?

Arregalo os olhos.

— Vi o rosto dela em milhões de cartazes espalhados por aí.

— Ela mesma. Ela é a favorita da competição.

— E vocês vieram torcer por ela?

Olho de relance para Josh. Ele parece calmo, mas sei que isso é só fachada. Posso sentir a energia que pulsa dentro dele reverberar em mim. Esfrego meus braços, os pelos estão arrepiados, mas ninguém percebe.

— Mais ou menos — diz St. Clair, encolhendo os ombros. O modo como ele faz isso, lentamente e com o corpo todo, é bem francês, e me lembra muito maman. — Estamos usando isso mais como um pretexto para visitar a cidade.

Eu me viro para Meredith.

— Você veio de Roma? Sua faculdade é lá, não é?

— É, sim.

Ela abraça Josh e apoia a cabeça cheia de cachos no ombro dele, mas é evidente que não passa de um gesto de amizade.

— Quando eu soube que todo mundo viria, não consegui ficar de fora.

— E você? — pergunto sem olhar para Josh, mas ele sabe que a pergunta foi pra ele.

Ele também não olha para mim.

— O mesmo, acho. Não consegui ficar de fora.

St. Clair olha para Josh e arqueia as sobrancelhas, mas solta um sorriso malicioso quando percebe que eu notei o que estava fazendo.

— Ah, cara, fala a verdade. Você não conseguiu resistir ao *meu* charme.

Josh relaxa e sorri.

— Você é um docinho de coco.

— Delicioso, em todos os sentidos — acrescenta St. Clair.

Anna revira os olhos.

— Isso porque vocês não viram a cobertura.

St. Clair cai na gargalhada, e Meredith solta um gritinho. A química entre os quatro é tão forte que parece que eles nunca se separaram. Sinto um aperto no peito, mas não por ciúmes. É por ver a alegria de Josh. Ele se inclina até o outro lado da mesa para dar um cutucão em St. Clair, mas, em vez de acertar o amigo, seu braço acaba esbarrando em mim.

O toque dele faz meu corpo inteiro estremecer.

Desejo. Mais forte e poderoso do que nunca.

— Desculpa — pede Josh imediatamente e com a voz tensa. Ele volta para a cadeira, com um ar sério no rosto.

Desvio o olhar, porque não quero que ele perceba que tudo que eu mais desejo agora é que ele me toque de novo. Então, de repente, percebo duas figuras estranhas do lado de fora. Pisco. Ainda estão lá. No inverno, as ruas de Paris ficam cinzentas e as pessoas costumam circular por elas só com casacos de cores sóbrias.

Sendo assim… isso só pode ser…

— O circo — acrescenta Josh, complementando meu pensamento.

— O circo chegou à cidade.

— Exatamente! — exclama St. Clair. — Só podem ser Lola e Cricket.

Um cara e uma garota entram no restaurante. O cara é extremamente alto e magro — muito mais do que Josh —, e isso fica ainda mais evidente pela calça justa listrada que ele está usando. Qualquer um diria que ele está com pernas de pau. Além das calças listradas, ele está com uma jaqueta militar azul-clara e, no pulso, pulseiras e tiras elásticas coloridas. A garota está usando uma saia supervolumosa, rodada, com um forro rosa, amarelo e turquesa aparecendo por baixo. Ela também está com uma jaqueta militar, só que verde-musgo e enfeitada com glitter rosa. Seu cabelo também é rosa combina com a saia.

— Oi!

Lola se joga na cadeira ao meu lado, e sua saia se esparrama no meu colo.

— Caraca. Desculpa — diz ela, sorrindo, enquanto ajeita a anágua do vestido por debaixo da mesa.

— Como conseguiu enfiar tudo isso na mala?

Estou impressionada. Ela abre um sorriso.

— Sou uma empacotadora profissional.

St. Clair desdenha.

— Ela trouxe três vezes mais malas do que a gente.

— Mas ela é *mesmo* uma boa empacotadora — concorda Cricket. — Você ficaria surpresa se visse o tanto de coisa que ela enfiou naquelas malas.

Ele puxa a cadeira ao lado dela, e Lola o envolve em um abraço enquanto ele se senta. Não que ele precisasse de ajuda para fazer isso, mas está na cara que os dois estão naquela fase de começo de namoro. Ela simplesmente *precisa* tocá-lo. Os dois entrelaçam as mãos por debaixo da mesa e eu sinto uma dor repentina e aguda quando me lembro de já ter feito o mesmo com Josh. Eles se beijam, os lábios se encaixam perfeitamente, e a alegria de Cricket é visível, como se fosse explodir de tanta felicidade.

— Ei! — diz Lola, se virando para Josh. — Acho que vi você na TV uns meses atrás.

— É provável — afirma ele.

— Vocês devem ser Isla e Josh — diz Cricket.

Eu quase o corrijo — *Ah, não, não, nós não somos um casal* —, mas me dou conta de que ele quis dizer: "você deve ser *a* Isla e você deve ser *o* Josh", e não "vocês *são* Isla-e-Josh", e isso me deixa triste.

— E você deve ser a Meredith — prossegue ele, inclinando o corpo para a frente e passando o braço por cima de mim para cumprimentá-la.

— Gostei do seu cabelo — diz ela.

— Obrigado — responde Cricket.

O cabelo dele é todo arrepiado, o que o deixa mais alto ainda.

— Bom, antes que vocês perguntem. Um e noventa e três. Sem o cabelo — diz Lola.

— Étienne tem um metro e sessenta e três — comenta Anna. — *Com* as botas.

— Sem as botas — resmunga St. Clair, mas o sorriso o entrega.

— Você é mais baixo do que pensei — digo, mas me arrependo assim que as palavras saem da minha boca. — Desculpa — peço, sem graça. — Eu só quis dizer que você não parece tão baixo assim.

— *Autoestima*, querida.

Ele inclina o corpo na minha direção e toca minha bochecha com o dedo.

— Você poderia aprender um pouco comigo, hein?

Fico vermelha, mas dou uma risada, feliz por ter sido incluída nas brincadeiras deles. Josh olha para mim, preocupado, e eu me viro para ele. Sorrio. Ele solta um suspiro de alívio e eu me aproximo.

— Está tudo bem. Não está? — sussurro.

— É tudo o que eu quero — responde.

O garçom aparece. Nós levamos um susto e nos afastamos. Meu coração volta a ficar acelerado. Será que isso significa que ele quer voltar a ser meu amigo? Ou que tudo que ele quer sou *eu*? O que ele quis dizer com "quero"?

Pedimos uma tonelada de pizzas. Normalmente fico empolgada com a variedade de sabores, mas tudo o que quero agora é voltar a conversar com Josh. Só que nosso momento de privacidade já passou. Tentamos acompanhar a conversa que circula na mesa, sobre as Olimpíadas. Ao que parece, a irmã gêmea de Cricket ganharia fácil a medalha de ouro, mas ela acredita que foi amaldiçoada e que estará sempre destinada a ficar em segundo. Todos estão certos de que ela vai ganhar, mas Cricket parece nervoso, preocupado. Tenho a sensação de que ele também acredita nessa maldição. A conversa muda de rumo, e todo mundo começa a falar sobre suas respectivas faculdades. Espero Josh dizer alguma coisa, mas ele não dá um pio, e me pergunto se isso quer dizer que ele ainda não se matriculou em lugar nenhum. Mas talvez ele só esteja esperando eu me pronunciar.

O silêncio no nosso canto da mesa só aumenta.

A pizza chega. A cada mordida, eu me forço a perguntar a Josh se ele ainda vai para Vermont. Mas a verdade é que tenho medo da resposta. Faz menos de dois meses, e eu o magoei muito. Como Josh poderia encontrar energia para procurar — ou cogitar — um novo colégio para terminar o ensino médio?

A culpa e o medo que sinto nos afastam ainda mais.

— Você está bem? — pergunta ele. — Mal tocou na pizza.

Olho para o prato dele.

— Você também não.

Josh abre a boca para dizer alguma coisa, quando St. Clair se levanta.

— Estamos indo — anuncia, e com isso ele quis dizer que apenas ele e Anna vão embora. Anna parece tão surpresa quanto todos nós.

— Mas não pedimos a sobremesa ainda — intercede Meredith.

— Vou levar minha amiga aqui a um lugar especial para comer a sobremesa.

— Vai? — pergunta Anna.

— Vou.

Ela parece contente.

— Então… tá bom!

Anna pega suas coisas e olha para a gente um tanto confusa.

— Bem, vejo vocês amanhã?

Ela olha para mim e continua:

— Ah, não! Quero saber das novidades. Bom, espero que a gente se veja de novo. Em breve. Boa sorte.

Eu me agarro às palavras dela. *Em breve. Boa sorte*. Sei que é algo bem comum de se dizer, mas me pareceu que ela estava se referindo a algo mais específico. Parece uma certeza. Anna e St. Clair abraçam e se despedem de todos, inclusive de mim. O abraço de Josh e St. Clair é o mais demorado. É um abraço de verdade, não um simples cumprimento entre dois colegas. Fico ainda mais angustiada. Anna e St. Clair vão embora. Meredith, Lola e eu nos sentamos, mas Josh e Cricket trocam um olhar suspeito.

Josh chama o garçom.

— *L'addition, s'il vous plaît*. — "A conta, por favor."

— Vamos embora?

Não consigo esconder a frustração. Um verdadeiro jantar francês nos manteria aqui por pelo menos uma hora.

Josh já está pegando a carteira. Ele olha fixamente para mim, e vejo esperança em seus olhos, o que me deixa esperançosa também. Ele sorri.

— Algo melhor está prestes a acontecer.

— Anda, anda, anda! — pede Cricket, se equilibrando na ponta dos pés, para frente e para trás.

— Você tem *ideia* do que está acontecendo? — pergunta Lola para mim.

Faço que não, e Meredith olha para Josh e Cricket, desconfiada.

— Vocês dois não *acabaram* de se conhecer? — pergunta. — Como já estão de segredinho?

Josh abre um sorriso de orelha a orelha, e suas covinhas aparecem. Meu coração para. Como senti saudade delas. Ele e Cricket jogam alguns euros na mesa, e Josh pega uma bolsa volumosa que estava embaixo dela.

— Vem.

Ele continua sorrindo para mim enquanto veste o casaco. É o casaco "estou indo para um encontro", claro.

Aquele casaco. Gosto tanto desse casaco que chega a doer.

Nós cinco corremos pelas ruas cobertas de neve em direção ao rio Sena. O sol já se pôs, e a maioria dos moradores do Quartier Latin parece ter ficado em casa hoje. Josh olha para meus pés. Estou usando botas de salto alto, mas acompanho o passo de todo mundo. Ele me lança um olhar de admiração enquanto atravessamos o bairro e saímos de frente para a Catedral de Notre-Dame.

— Onde? — pergunta Cricket.

— Na praça, perto da entrada principal — responde Josh.

Josh aponta para o outro lado da ponte. Nós a atravessamos para chegar ao pátio externo da catedral.

— *Ah* — exclama Meredith, entendendo tudo. — É sério?

Lola olha para mim, e nós duas começamos a rir. Não sabemos o que está acontecendo, estamos ofegantes e fora de forma.

— Parem! — pede Josh.

Paramos de repente, atrás dele, de frente para a gigantesca catedral.

— Suponho que não corremos essa distância toda só para ver um monumento que está aqui há séculos, certo? — Lola diz isso enquanto ajeita o cabelo cor-de-rosa, e só então percebo que é uma peruca. — O que está acontecendo ali?

E, então, eu também vejo.

A alguns metros de distância, perto das famosas portas esculpidas, estão Anna e St. Clair, de pé, bem em cima do Point Zéro. O Point Zéro é o marco zero, uma estrela de bronze no chão, que delimita o centro oficial geográfico da França. Há pelo menos duas superstições a respeito deste símbolo. Uma delas é que quem fica de pé em cima da estrela vai retornar para a França. E a outra é que, uma vez em cima dela, você pode fazer um pedido.

— Espera para ver — diz Josh.

Lola endireita o corpo, animada.

— Não!

— Sim! — confirma Cricket.

Sou a única que continua sem entender nada até que, de repente, algo acontece. St. Clair tira alguma coisa do bolso. E, em seguida, se ajoelha.

Anna está em êxtase, um misto de surpresa, felicidade e amor. Ela responde um sim apaixonado. St. Clair coloca o anel em seu dedo. Ele se levanta, se joga nos braços dela e eles se beijam. Ainda abraçados, ele a gira. E se beijam de novo, intensa, ávida, profundamente. Depois, St. Clair se vira para nós e acena — com o maior sorriso que já vi —, e está na cara que ele sabia que a gente estava aqui o tempo todo.



capítulo trinta e um

Nunca testemunhei um momento como esse. Eu nem sabia que tinha *idade* para presenciar um momento desses. Amigos ficando noivos (será que posso chamá-los assim? Acho que se não me considerassem amiga, eu não estaria aqui hoje). Aos dezenove anos!

Anna mostra a aliança. É discreta, simples e bonita. Os olhos dela brilham, e ela se vira para o noivo.

— Então foi por *isso* que você arrumou um emprego.

Ele sorri.

— Eu não ia comprar uma aliança para você com o dinheiro do meu pai.

Josh dá um abraço de urso em St. Clair.

— Só fico triste porque agora você não está mais disponível.

— Não conta para a Anna, mas comprei uma aliança para você também — brinca St. Clair.

Lola envolve Cricket com os braços.

— Não acredito que você não me contou nada.

— Eu queria ter contado. Mas é que às vezes você… pensa alto demais — diz ele.

— Até parece!

— É verdade — dizem Anna e St. Clair ao mesmo tempo.

Lola resmunga, mas sorri.

— Atenção, atenção — chama St. Clair. — Minha noiva e eu…

Todos rimos ao constatar como essa palavra soa estranha e diferente aos nossos ouvidos. É como descobrir um novo idioma ou se inserir em uma nova cultura. A cultura dos adultos. A gente ainda não sabe como funciona, mas, até o momento, parece bom.

St. Clair pigarreia e prossegue:

— Minha *noiva* e eu vamos comer uma sobremesa agora para comemorar. Eu os convidaria para participarem desse momento com a gente, mas não quero ver a cara de nenhum de vocês lá.

Nós rimos, e Anna e St. Clair começam a se despedir de todos novamente. Dessa vez, Anna e Meredith dão um abraço mais demorado.

Meredith sussurra algo em seu ouvido, e Anna parece emocionada. Ela volta a abraçar a amiga. Assim, Anna e St. Clair se distanciam do grupo, deixando as marcas de seus passos na neve. St. Clair cantarola alto e feliz.

Lola olha para a lua cheia.

— Sabe… não está *tão* tarde.

Cricket estende o braço para ela.

— Quer dar uma volta?

Os dois entrelaçam os braços e andam bem juntinhos lado a lado.

— Não acredito que estamos em *Paris*. *Juntos*.

— Foi um prazer conhecê-la — diz Cricket para mim, e me sinto triste por ver todos irem embora. — Vejo você amanhã de manhã? — pergunta ele a Josh, que confirma com a cabeça.

Lola e Cricket se afastam, um pingo colorido na noite de neve. E agora somos três. Josh está com um ar solene. Ele passa um braço ao redor dos ombros de Meredith, e me dou conta de que ela já foi apaixonada por St. Clair.

— Está tudo bem, Mer? — pergunta ele.

— Sim — responde ela. — Obrigada por perguntar.

Eles se abraçam de verdade agora, e ficam assim por um bom tempo, um abraço repleto de lembranças. Ela o solta primeiro.

— Vocês vão ter que me desculpar, mas meu dia começou cedo… estou supercansada. Vou voltar para o albergue.

Com certeza Meredith não está *supercansada*. Ela quer nos deixar sozinhos, é claro. Está escolhendo ficar sozinha, em uma noite que deve ser especialmente difícil para ela, para nos dar uma chance de… sei lá de quê.

— Mais uma vez, foi um prazer conhecê-la — digo, e estou sendo sincera. Fico grata pela atitude dela.

— Tenho certeza de que vamos voltar a nos ver um dia desses — diz ela, e dá uma piscadinha antes de ir embora.

— Até amanhã, Josh! — grita Meredith, de longe.

Josh está com as mãos nos bolsos, e seus ombros estão quase encostando nas orelhas.

— Ela não é uma das minhas amigas mais discretas. Desculpa.

— Tudo bem. Ela é muito legal.

— É mesmo.

— Todos os seus amigos são muito legais.

Ele me observa.

— Fico feliz por ter achado isso.

Ficamos em silêncio. A neve cai lentamente, pousando em seu cabelo escuro.

— Então… — digo.

— Então… — diz ele, encarando os pés. — Posso acompanhar você até em casa?

— Sim. Por favor. Obrigada. — Desvio o olhar, envergonhada.

Não combinamos nada, mas acabamos fazendo um caminho com menos gente pelas ruas. Caminhamos em silêncio. Os flocos de neve ficam mais espessos. O silêncio deveria me transmitir tranquilidade, mas meu nervosismo só aumenta.

Josh fica lindo sob as luzes da rua. Acho que eu estava errada em relação a ele. *Espero* estar errada em relação a ele. Sei que estava errada em relação a mim mesma. Não dizemos uma palavra sequer até chegarmos ao dormitório. Na primeira vez que caminhamos por aqui, era o *nosso* dormitório. Agora, é só meu. Josh foi corajoso por voltar aqui. E eu posso ser corajosa também.

— Você gostaria de… — começo.

Josh me encara. Espera eu terminar a pergunta. Ele quer que eu termine.

— Quer entrar? E conversar? — acrescento.

É como se o que ele está prestes a dizer pudesse matá-lo.

— Queria muito, mas acho que não serei bem-vindo aí.

Por favor, não me rejeita.

— E desde quando você se importa com as regras?

— Não quero arrumar confusão para você.

— Eu não ligo — retruco.

— Mas eu ligo.

Meu coração se contorce todo.

— Pelo menos você vai estar por aqui amanhã de manhã? A que horas o seu trem sai?

— Não tenho certeza — responde ele.

Como é que ele não se lembra de uma coisa dessas? Que tipo de desculpa é essa?

— Quero que fique com isso — diz ele.

Josh está tentando tirar a autobiografia da mochila, e agora vejo por que parecia tão cheia. Os papéis ocuparam todo o espaço.

Fico perplexa. Era *por isso* que ele queria me encontrar hoje.

Sem pensar muito, seguro o fundo da mochila para ajudá-lo a retirar o livro. Ele aperta as páginas contra o peito antes de entregá-lo a mim. Suas mãos estão tremendo, não sei se por causa do frio ou do nervosismo.

Pego o livro. Tem um título novo. *Espaços*.

— Você estava certa. Sobre… aquele monte de coisas. Me empenhei bastante e adoraria saber a sua opinião. Sobre as mudanças que fiz.

Por favor, não me faz ler isso de novo.

— Hum… tudo bem.

Ele parece esperançoso.

— Sério?

— Sim, claro.

O livro, agora em meus braços, fica mais pesado.

— Er… quando você quer que eu devolva?

— Ah, não. É seu. Fica com ele.

Silêncio.

— Tudo bem — digo.

Ele volta a enfiar as mãos nos bolsos do casaco.

— Pode me ligar assim que terminar de ler?

Estou confusa.

— Quer que eu leia agora?

— Sim. Quer dizer, não. Não precisa. Mas eu vou embora amanhã…

— Não, tudo bem. Posso ler agora, sim.

— Mesmo?.

— Mesmo.

— Combinado, então. Você tem o meu número.

Essa entrou para a lista das conversas mais desconfortáveis que já tive com alguém. É muito pior do que qualquer outra coisa que tenha acontecido antes de namorarmos.

— Legal — digo.

Josh inclina o corpo para a frente, para me abraçar. Ele hesita, mas eu já estou me aproximando. Ele se aproxima também.

O livro, frio e pesado, pende entre nós dois. E quando ele, estranhamente, me dá um

tapinha nas costas, percebo que esta será a última vez que nos tocaremos.



capítulo trinta e dois

Jogo o livro debaixo da cama. Estou exausta.

Tiro os sapatos molhados, o casaco e a legging.

Lavo o rosto.

Escovo os dentes.

Mas o livro não sai da minha cabeça. Vejo o reflexo dele no espelho do banheiro. O objeto parece ao mesmo tempo tragicamente morto e assustadoramente vivo. Não tenho outra escolha a não ser me deitar na cama e ler. Brinco com uma mecha rebelde de cabelo que teima em sair do lugar. Cutuco os poros do nariz. Levo um bom tempo para acender a luminária.

Eu me deito na cama. Tento ouvir o barulho da neve, que agora está caindo com mais intensidade, mas não ouço nada. Apenas vejo os flocos iluminados pela luz dos postes.

Coloco os papéis no colo. E começo a ler.

O início mudou. Nada do aluno do primeiro ano de olhos arregalados e queixo caído. Agora vemos um Josh mais velho, mais experiente e mais amargurado. É o verão que antecede o último ano do ensino médio. Josh está sentado em uma cafeteria, sozinho, desenhando.

E então… eu apareço.

Minha aparição é uma espécie de sonho. Josh é transportado para uma noite surreal e maravilhosa que o faz esquecer os problemas e se sentir entusiasmado pela primeira vez em muito tempo. Há uma página que eu já tinha visto, dele correndo para me desenhar, mas há outra na qual estou com uma coroa de rosas na cabeça. O desenho ocupa a página inteira e há um brilho sobre mim que remete a algo sagrado. Josh está de joelhos na parte de baixo da página, olhando para mim, emocionado, com as mãos entrelaçadas. A palavra *Salvação* irrompe de seus lábios.

Minhas mãos tremem tanto que mal consigo virar a página.

PRIMEIRO ANO. É a história com a qual já estou familiarizada. A maior parte continua a mesma. Engraçada, triste, mas doce. E ingênua. Mas há algumas diferenças. Josh acrescentou traços sutis para chamar a atenção para certos pontos da história que eu sei que serão importantes mais tarde. Coisas que ele pode não ter considerado tão significativas quando as que desenhou anos atrás.

Então eu apareço. Mais uma vez. Ele acrescentou cronologicamente os quadrinhos sobre a primeira vez que conversamos e quando ele me viu lendo o livro do Sfar na cafeteria. Até acrescentou um coraçãozinho em cima da própria cabeça, enquanto fala. E desenhou um outro, partido, quando pensa que não gosto dele.

Toco o coração partido com a ponta do dedo.

Reconheço outra parte da história do livro anterior. Agora os quadrinhos com Rashimi são menos coloridos. Fico triste ao me lembrar do quanto me machucaram na primeira vez que os vi. Ele reduziu as cenas em que ela aparecia, assim como a quantidade de páginas inteiras

só com a ex-namorada. Rashimi continua presente em grande parte da história, como não poderia deixar de ser, mas o foco está nele, no próprio Josh. Como não poderia deixar de ser também.

O último verão. A Kismet. Um quadrinho nos transporta para o começo da história: Josh me vendo com Kurt na noite seguinte.

Novas páginas aparecem. Josh com os pais. Há uma distância cada vez maior entre eles — agora devidamente retratada —, mas, ao mesmo tempo, ele deseja uma reaproximação. Josh quer que os pais lutem por ele. Ele volta para a escola, para o último ano. Da outra vez, quando cheguei a essa parte, havia apenas esboços. Agora, as páginas estão repletas de cores, que dão um novo sentido de permanência a tudo.

Então começo a ler sobre a nossa história. Sobre quando ele percebeu que estava a fim de mim, sobre como sentiu saudades de mim na Oktoberfest e sobre o nosso primeiro encontro. Leio a parte em que ele se apaixonou por mim. Depois, vem a Casa da Árvore, as inscrições para as universidades, o aniversário dele, nossa viagem para a Espanha, nossa noite de amor. O desenho de nós dois ficou maravilhoso. O modo como ele retratou suas emoções nessas páginas é mais pungente do que tudo que ele já desenhou antes.

Em seguida, uma página dupla: um único quadrinho dividido ao meio. Eu estou de um lado, e ele, do outro. Nossas mãos estão estendidas. *Quase* se tocando.

Minhas bochechas estão molhadas. Não sei ao certo há quanto tempo estou chorando.

As próximas páginas são turbulentas e retratam as eleições e os pais dele, que estão sempre presentes, porém igualmente ausentes. Ele chora por nós dois. Culpa a si mesmo. Josh está depressivo e não sabe como me dizer que não nos veremos no Dia de Ação de Graças. Quero dizer ao Josh-do-livro que vai ficar tudo bem, mas não posso. Não vai ficar tudo bem.

Ele briga com os pais, pois querem que ele termine o ensino médio em um colégio particular. Ele quer logo tirar o GED. Nenhuma das duas coisas acontece. Ele fica ainda mais depressivo, não sai mais do quarto e me desenha uma, duas, três, várias vezes. Depois, faz meu presente de Natal. Não sei se tenho forças para ler essa parte, mas percebo que não há como evitar.

Arranjo uma briga. Sou cruel. Eu o aniquilo.

Josh pensou que ficaríamos juntos para sempre. Há imagens da Nova Inglaterra, do casamento, dos filhos e da velhice, todas se desintegrando em um quadrinho com o fundo negro e no qual Josh está deitado no chão em posição fetal. Ele tenta me chamar. Não respondo. A tristeza se transforma em fúria. Vem o ano-novo, e ele fica sozinho, no quarto, vendo TV. Josh pensa em nosso primeiro encontro, exatamente como eu. Brian liga para ele pouco depois da meia-noite e transmite meu recado desesperado. Estou esperando por ele na Kismet. Ainda dá tempo de ir até lá.

Viro a página, com medo do que vou encontrar.

Josh escolhe não ir. Ele quer que eu sofra, assim como eu o fiz sofrer. É horrível saber disso, embora não seja nada menos do que eu merecia. Mas, à medida que os dias passam, Josh percebe que cometeu um erro. E, à medida que o tempo continua passando, fica cada vez mais difícil me procurar. Ele agora teme que eu tenha desistido dele para sempre.

E então… há um desenho dele, nu, rolando pelo espaço.

Duas páginas inteiramente pintadas de preto. Na seguinte, não há nenhum desenho, somente minhas palavras, escritas com a bela caligrafia dele: *"ESPAÇOS… INTERVALOS… PARA*

CONTEMPLAR AS COISAS… PARA DESCOBRIR O QUE É IMPORTANTE…"

Uma sequência de quadrinhos quase idênticos vem a seguir, mostrando uma passagem de tempo excruciante, e a comprovação de algo que ele teimava em ignorar. Uma das coisas mais dolorosas que eu disse a Josh — que ele cavou, aos poucos, a própria expulsão porque não conseguia admitir aos pais que havia cometido um erro em ir morar na França — só o magoou tanto porque era verdade. O livro mostra que a diretora da escola e a ex-namorada vinham lhe dizendo isso havia anos, mas ele nunca deu muita bola, até escutar essas palavras da pessoa mais importante de sua vida: eu.

Mas ele continua magoado comigo por eu ter desprezado seus sentimentos. Josh me ama, e eu não vou abandoná-lo. Ele confessa aos pais que se mudar para Paris foi um erro, mas que agora se sente preparado para ir para a faculdade em Vermont. Dessa vez, ele não vai estragar tudo. Os pais dizem que gostariam de acreditar nele, mas que estão preocupados com sua falta de comprometimento. Então, eles lhe fazem uma proposta: ele poderá ir para Vermont se conseguir terminar o projeto que significa tanto para ele e que, de quebra, servirá como portfólio para a admissão na universidade: sua autobiografia em quadrinhos.

Os pais sabem que Josh tem escrito sobre a própria vida e que *eles* fazem parte da obra. Ainda assim, não deixam de apoiá-lo.

O sr. e a sra. Wasserstein são compreensivos e solidários em relação a… *a muitas* coisas.

Leio mais depressa agora, virando as páginas cada vez mais rápido. Josh volta a se concentrar em seu projeto. Ele se tranca no quarto para se reconectar ao mundo. Dia e noite, Josh faz mudanças no livro, não para. Vai até o fim. Sua determinação é admirável: ele trabalha no livro por horas e horas, lutando contra as dores na mão direita, tudo para colocar nas páginas sua verdade, seu olhar.

Ele se inscreve para prestar o GED e tira de letra em apenas um fim de semana. Josh conversa com St. Clair, fica sabendo da aliança de noivado e da viagem e anota a data no calendário. Ao lado, ele escreve *Isla*.

A mãe vê o que ele fez. E assente, apoiando.

Meu coração bate acelerado. As páginas já não estão mais coloridas, são apenas esboços a lápis. Um mês de muito trabalho em janeiro se transforma em duas semanas de trabalho agonizante em fevereiro. A dúvida volta a atormentá-lo. Josh chega a pensar em cancelar o voo, mas quando chega o pacote enviado por Hattie, ele fica estupefato, radiante, e reúne a coragem necessária para seguir adiante com o plano. Ele cruza o Atlântico. Encontra os amigos e os leva para jantar no Pizza Pellino, onde sabe que vai me encontrar com Kurt, porque é domingo.

Agora, saio do verdadeiro passado de Josh e me deparo com o que ele espera para o futuro. Os esboços ficam mais rústicos. Kurt e eu estamos no restaurante, e Josh e os amigos — St. Clair, Anna e Meredith — se unem a nós dois para jantar. A conversa que rola na nossa mesa é similar à que aconteceu hoje mais cedo, exceto pelo fato de que aqui, no desenho, Josh está mais falante. Ele me conta que queria que eu conhecesse seus amigos porque eles são as pessoas que ele escolheu para fazer parte de sua vida, ao contrário daquelas que estavam na festa no museu, com quem ele tem de lidar por questões familiares. Josh quer que os amigos dele sejam meus amigos também.

Ele me pergunta sobre Dartmouth, e eu conto que fui aceita. "Eu já sabia", sussurra ele.

Assistimos ao pedido de casamento e olhamos um para o outro com esperança e nervosismo. Nós nos despedimos do pessoal e vamos embora. Ele me leva até o dormitório e me entrega uma cópia de sua autobiografia, pedindo que eu ligue para ele assim que terminar de ler.

Prendo a respiração. Mal consigo virar a página…

E *lá estou eu* no desenho, lendo o livro sob a luz da luminária. Termino de ler, ligo para ele e Josh me diz que está de frente para a minha janela. Com as mãos enfiadas nos bolsos, Josh está tremendo na noite gélida de fevereiro.

A Isla-do-desenho sai correndo para a rua. Josh a abraça.

"Eu amo você", diz ele. "Faço qualquer coisa para ficar com você."

"Eu amo você", responde a Isla-do-desenho. "Vou esperar por você."

Digo que vou esperar até que ele termine o livro e consiga entrar na faculdade. Digo que vamos nos reencontrar no verão, e ele fala que nunca mais vamos nos separar de novo.

Já passa das duas da manhã quando termino de ler a pilha de papéis. Meu coração bate tão forte que mal consigo pensar, muito menos enxergar alguma coisa em meio ao turbilhão de lágrimas. Eu me levanto, puxo a cortina e espio pela janela.

Lá está ele.

Solto a cortina, que volta a se fechar. Abro-a de novo, e olho para a rua mais uma vez. Josh continua lá. Ele está na esquina, tremendo, o casaco cobrindo a cabeça. Ele está coberto de neve, como se fosse um mero hidrante, uma bicicleta esquecida ou uma árvore. Ele não me vê. Enfio as botas nos pés, pego a chave e corro até o corredor. Escancaro a porta, e Josh deve ter me ouvido correndo, porque ele vira a esquina no tempo exato de eu alcançá-lo.

— Você se esqueceu de ligar — diz.

Ele me puxa para perto e nós nos beijamos, os lábios gelados, e acho que ele está chorando, assim como eu.

— Eu amo muito você, Joshua Wasserstein — digo. — É claro que vou esperar.



capítulo trinta e três

Sua voz é um sussurro.

— Não quero arranjar problema para você.

Fecho a porta do quarto com todo o cuidado para não fazer barulho.

— Minha situação está tranquila, não estou com a corda no pescoço. E você já foi expulso, então, o que de tão ruim pode acontecer?

— Sei lá… — Josh está realmente preocupado. — Isso pode ir para o seu histórico e impedir a Dartmouth de aceitar você?

Sorrio.

— Meus pais já pagaram a primeira mensalidade.

Os joelhos dele tremem. E depois, o corpo todo. Eu o levo até a beirada da cama.

— Isso quer dizer que… você vai…?

— Eu vou para Dartmouth.

Josh cobre o rosto com as mãos, ainda tremendo muito. Eu me sento ao lado dele e apoio a cabeça em seu ombro. Só porque agora *posso* fazer isso de novo. Ele ergue a cabeça. Seus olhos estão brilhando, cheios de lágrimas.

— Desculpa. É que… eu… eu fiquei muito surpreso.

— Eu também.

— Eu amo você. *Sempre* amei, Isla.

— Eu sei.

Seguro suas mãos congeladas e tento aquecê-las.

— Desculpa por não ter acreditado em você. Eu duvidei de mim, e isso me fez duvidar de você, mas o problema não era você. Você *nunca* foi o problema. Eu deveria ter confiado em você, mas não consegui porque não confiava em mim.

— Mas confia agora? Em você?

— Estou… quase lá. Estou começando a achar que talvez não haja problema em ser uma tela em branco. E que, talvez, tudo bem também se o futuro for desconhecido. E talvez — digo, com um sorriso enfático — não haja o menor problema em se inspirar em pessoas que *sabem* o que querem para o futuro.

— Sabe, isso é uma via de mão dupla.

— Como assim? — pergunto, entrelaçando meus dedos ao dele.

— As telas em branco também servem de inspiração para os artistas.

Sorrio de orelha a orelha.

— Uma tela em branco oferece possibilidades infinitas — acrescenta Josh.

Fecho os olhos e beijo seus lábios.

— Obrigada.

Josh começa a tremer ainda mais. Eu me levanto.

— *Oh, mon petit chou* — digo, e tiro o casaco dele, ensopado. — Não acredito que você

ficou esperando lá fora esse tempo todo.

Ele está batendo os dentes.

— Eu… eu teria esperado a noite inteira.

Levo o casaco dele até o banheiro, o penduro e volto para ver como está a camisa.

— Essa também — digo, e eu mesma a tiro. Josh está com a pele pálida, quase roxa, na verdade. — E os sapatos também.

Retiro os sapatos e as meias, mas a calça me dá o maior trabalho, porque está praticamente grudada nas pernas. Quando finalmente consigo soltá-la, caio de bunda no chão.

Josh ri, batendo os queixos.

— Não foi bem… dessa forma… que imaginei você tirando a minha roupa — brinca ele.

Deixo a camiseta, as botas e a calça no banheiro. Por cima da minha cabeça, voam duas meias e uma cueca boxer, que caem direto no chão do banheiro. Josh se enrola na colcha e fica só com a cabeça para fora.

— Isso não significa que você pode se aproveitar de mim — diz ele, e eu rio.

Josh alisa o colchão, um pedido para eu me sentar ao lado dele, mas a colcha enrosca no manuscrito, que cai no chão com um estardalhaço, páginas para todos os lados. Ficamos em choque, aterrorizados.

Esperamos por algum sinal de Nate. Nada.

Sorrimos diante da bênção que acabamos de receber.

Eu me sento ao lado dele. Josh se aproxima de mim, mas eu me afasto.

— Não quer saber o que achei do seu livro primeiro? — pergunto.

— Não sei — responde ele, sorrindo, mas com certo nervosismo. — Será que eu quero?

— Você sabe que ficou bom. Muito, *muito* bom.

Ele puxa as cobertas, e seu rosto desaparece.

— Você não tem ideia de como me sinto aliviado ouvindo isso.

— Sempre soube que você era brilhante. E você acaba de provar isso ao mundo.

Uma mão escorrega para fora da coberta. Eu a aperto.

— Sabe o que eu acho? Que você se sairia uma ótima editora. Tudo que você falou era verdade. O puxão de orelha estava certo.

Desvio o olhar, envergonhada.

— Desculpa.

— Não precisa pedir desculpa.

— Não, preciso sim. Por várias coisas. Mas principalmente por… usar sua ex-namorada para alimentar minhas inseguranças estúpidas. Quero que você saiba que não foi só porque ela aparece menos que eu gostei do livro. — Aponto para as páginas no chão. — Nem porque eu apareço mais agora. Eu gostei porque ele fala sobre *você*. As partes boas *e* as ruins. Eu amo você. Por *inteiro*.

Ele aperta minha mão com mais força.

— Obrigado.

— Eu deveria ter elogiado seu trabalho há muito tempo. — Esfrego meu polegar no dedo indicador dele. — E ainda tenho muitos outros elogios a fazer.

— Amanhã. Agora, só quero você.

Mas meu coração fica apertado de novo.

— Você quis dizer *hoje*, né? Descobriu a que horas o seu trem sai?

— Isla. — Ele parece surpreso, como se eu devesse ter percebido antes. — Eu nunca comprei passagem nenhuma.

Prendo a respiração.

— O quê?

— Não vou assistir aos Jogos. Vim aqui por sua causa.

— Isso significa que você vai ficar em Paris?

Ele chega mais perto.

— Por duas semanas, até o final dos Jogos, se você aceitar. Mas depois vou ficar preso em Washington até junho.

— É claro que eu aceito!

Josh sorri para mim de um jeito malicioso.

— Ah, é?

Eu o empurro por baixo do cobertor. Ele rola para o lado, sorrindo, e me puxa para perto. E então, me olha fundo nos olhos e diz:

— Senti muita saudade de você.

— Também senti *muita* saudade de você — digo, esfregando os braços por causa do frio.

— Você está gelada.

Ele levanta o cobertor.

— Vem aqui.

Eu me enfio nos cobertores, lençóis e travesseiros. Nele. A coberta escorrega pelas minhas costas, me envolvendo junto ao corpo dele. Pressiono a bochecha contra seu peito nu. Josh me abraça mais forte. Ficamos ali deitados, quietos, muito quietos. O mundo continua em silêncio, exceto pela batida acelerada dos nossos corações.

Olho para ele.

Josh me olha também, o coração a mil.

Deslizo um pouco para cima até pressionar meu nariz contra o dele. Beijo o cantinho de sua boca e ele sorri enquanto faz o mesmo comigo. Com os dedos, Josh percorre minhas costas até abrir o zíper do vestido e tirá-lo, passando por meus braços, minha barriga, minhas coxas. Meu sutiã e minha calcinha logo estão no chão também.

Por último, meu colar.

Nossos beijos são suaves. Provocantes. Contidos. Nossa pele fica úmida, morna, depois quente. Os beijos ficam mais intensos, e nossa respiração, mais rápida. Meio desajeitada, procuro por uma camisinha. Quando ele está dentro de mim é tão bom, tão intenso, que solto um gemido. Josh me olha nos olhos para ter certeza de que está tudo bem, de que está tudo *muito* bem, e eu respondo movimentando meus quadris. Em êxtase, ele fecha os olhos, conduzindo meu corpo, e nós reencontramos nosso ritmo, e estamos juntos de novo, finalmente.

Não cansamos de dizer:

Eu amo você.

E essas palavras se transformam em um cântico enquanto nos movimentamos juntos, devagar. Depois, rápido. Devagar. Rápido de novo. Não caímos no sono até o dia amanhecer. Josh enrosca o corpo no meu. Nossas mãos se entrelaçam na altura do meu coração. Ainda

estamos nessa posição quando, uma hora depois, meu alarme toca. Rolo pela cama e o desligo, irritada pelo incômodo, e depois volto a me aninhar em Josh, apoiando a cabeça em seu peito. Suspiro de tanta alegria.

Ele se afasta dos meus braços de polvo.

— Ei, mocinha, nada disso — murmura ele.

Solto um grunhido.

— Para a aula, vamos.

— Mas você está aqui. Não é justo.

Josh me abraça, apesar da culpa.

— Preciso pegar minha mala. Ainda estou no quarto de Meredith, no albergue. E quero me despedir de todo mundo antes de eles irem embora.

— Não posso ir com você?

Josh roça o nariz na minha bochecha.

— Vou estar aqui quando você voltar.

— Mandei arrumar a porta. Você vai precisar da chave.

— Ela vai estar em boas mãos, pode deixar.

— E se eu não der a chave pra você?

— Nesse caso, vou ter que quebrar a porta de novo.

— Me sinto tão segura neste dormitório…

Ele sorri e me empurra da cama.

— Levaaanta.

Eu o forço a se levantar também. O colégio está movimentado e agitado agora, então podemos nos locomover sem precisar andar na ponta dos pés. Tomamos banho, escovamos os dentes e secamos o cabelo, e tudo parece um milagre, até mais do que em Barcelona. Porque, dessa vez, sabemos que não poderão arrancar isso de nós e que este *será* o nosso futuro.

As roupas de Josh ainda estão molhadas, então seco a calça dele com meu secador e dou a ele a camisa que ele me deu no Dia de Ação de Graças e que deixei dentro de um dos meus travesseiros. Ao vê-la, Josh parece triste, feliz e surpreso ao mesmo tempo.

— Achei que você tivesse jogado fora. Eu ainda durmo com o cachecol que você me deu.

— Quero de volta, viu?

— O cachecol?

Sorrio.

— A camisa.

Josh também sorri.

— Vou devolver com o meu cheiro ainda mais forte.

Eu o abraço, aninhando minha cabeça em seu peito.

— Preciso mesmo ir para a escola hoje?

— Não quero que você se ferre por causa disso

Olho fixamente para a porta fechada do quarto. Depois, para Josh.

— Tá legal — diz ele, com um sorriso. — Talvez valha a pena meter você nessa encrenca.

Quando conto a Kurt que Josh está em meu quarto, ele insiste em trazer meu almoço às

escondidas. Fico orgulhosa por ele quebrar mais uma regra, mas preocupada com o que pode acontecer com ele. Quando os dois se veem, não hesitam um momento sequer. Josh abraça Kurt com o mesmo entusiasmo e sinceridade com que abraça St. Clair.

— Espero que essas lágrimas sejam de felicidade — diz Kurt ao olhar para mim.

— E são — confirmo.

— Que bom que vocês voltaram — diz ele a Josh. — Fico feliz por você estar aqui.

— Eu também.

— Gosto mais da Isla quando vocês estão juntos. Não achei que isso fosse possível, pensei que gostava mais dela *sem você*, mas esse realmente não era o caso.

Josh ri.

— Fico feliz em ouvir isso.

— Ela tem sido uma péssima companhia — conta Kurt.

Josh ri ainda mais alto, contente com a revelação, enquanto eu dou um tapa no braço de Kurt, também achando graça.

— Vai ficar por aqui? — pergunta Kurt a Josh.

No mesmo instante, Josh e eu ficamos tensos. Tenho certeza de que ele está se lembrando da mesma coisa que eu: Kurt não consegue mentir. Barcelona.

— Vou. Não quero arrumar nenhum problema para a Isla, mas sou bom em guardar segredo.

— Não vou dizer nada a ninguém — afirma Kurt imediatamente. — E, se o Nate vier me perguntar, vou dizer que você está em um albergue qualquer. Não aqui.

Posso dizer que Josh está tão surpreso quanto eu.

— Obrigado, mas não vou deixar você mentir por mim. Se pegarem a gente, Isla e eu vamos ter que lidar com as consequências.

Kurt reflete por um momento.

— Você mudou.

Josh sorri.

— Você também.

— Ah! — diz Kurt. — Mas é melhor vocês dois avisarem a Hattie dessa vez.

— Com certeza! — dizemos Josh e eu, ao mesmo tempo.

Ficamos juntos, felizes e em segredo. Josh não me deixa mais faltar a nenhum almoço nem quebrar nenhuma outra regra, apenas a mais óbvia e maior delas: pessoa do sexo oposto no quarto.

É maravilhoso dividir o espaço com ele.

Enquanto faço meu dever de casa, Josh desenha. Cada um tem seu próprio espaço no quarto. Imagino que nosso apartamento no próximo outono deva ser mais ou menos assim. A ideia me deixa mais animada do que pensei. Pego emprestada a televisão de Hattie e a deixamos ligada direto para assistir aos Jogos Olímpicos. O clima do evento — e o fato de ele ser sediado aqui — é incrível. Fora que o barulho da televisão é extremamente útil quando se trata de abafar ruídos indesejáveis.

Como sempre, a patinação acontece em duas etapas: na fase eliminatória, ficamos animados quando a irmã gêmea de Cricket, Calliope, aparece logo no início com uma manobra acrobática maravilhosa. Nas arquibancadas, as câmeras mostram Cricket e Lola pulando e comemorando, mas os locutores se concentram na droga da maldição do segundo lugar, e

acham que Calliope pode não conseguir. Dizem que o medo e a pressão acabarão tirando o ouro das mãos dela.

— Por que eles não a deixam curtir o momento?

— Relaxa. Esses otários sempre acabam mordendo a língua — diz Josh.

Duas noites depois, ela se apresenta na patinação livre. Calliope está com o olhar concentrado, vestindo um traje preto, cintilante, sublime. Ela executa o número ao som do tema do filme *Romeu e Julieta* de 1968, e termina *se transformando* na Julieta — no amor e na morte — diante do mundo inteiro. Calliope conquista a medalha de ouro com uma vitória esmagadora. Cricket e Lola se abraçam e choram. Vejo até Anna e St. Clair pulando atrás deles. E Calliope sorri, triunfante.

— Não falei? — diz Josh, como se pudesse prever o futuro.

E talvez ele possa mesmo. Ele sempre soube o que queria, e está conquistando tudo. Agora, também sei o que quero, embora nem sempre tenha sido assim. O resto, o desconhecido… tudo isso virá.

E estou ansiosa.

A entrega das medalhas termina, desligamos a televisão e, enquanto nos enroscamos um no outro, temos que lidar com a realidade: nosso tempo juntos também está chegando ao fim. Josh me abraça forte, mas isso não é o suficiente para congelar o relógio. Na noite seguinte, a tocha olímpica se apaga. Os Jogos acabam. E Josh vai embora.



capítulo trinta e quatro

É meia-noite. Está abafado.

Começo de junho.

Atravesso a avenida Amsterdã sob um céu claro. Estou nervosa, mas é aquela sensação boa, uma mistura de nervosismo e ansiedade. Nos últimos meses, os resquícios de dúvida e timidez desapareceram da minha vida. Encontrei o Melhor Caminho.

E estou caminhando em direção a ele.

A luz dourada da Kismet pisca para mim. *Ali*. Na janela. Tudo aconteceu exatamente como eu imaginei. Os ombros dele estão prostrados, a cabeça, inclinada para a direita. O nariz quase toca a ponta da caneta. Josh chegou hoje de Washington, no começo da noite.

Paro bem de frente para a janela, do lado de fora. Minha presença faz sombra no papel em que ele desenha. Josh ergue a cabeça. Sorrimos delicadamente um para o outro.

Toco o vidro.

— Oi — digo, sem som.

Josh toca o outro lado.

— Oi.

Ele gesticula em direção à porta. Sou recebida pelo aroma do café fresco e forte. Ele se levanta. Corro para abraçá-lo. Nós nos beijamos, e beijamos, e beijamos. Ele tem gosto de Josh. Cheira a Josh. É como Josh.

— Você é tão *real* — digo.

Ele põe a mão no meu rosto.

— Eu estava pensando a mesma coisa. Amo a Isla real. Senti *falta* da Isla real.

O dedo dele está manchado de tinta e sinto uma gota minúscula pingar na minha pele. Josh tenta limpar, mas eu não deixo.

— Por favor — digo. — Deixa ela aí. Eu também senti falta de você, do Josh real.

Ele envolve minhas mãos nas dele, apertando-as.

— O que você está desenhando aí? — pergunto.

— A última página. — Ele aponta para a mesa onde um esboço a lápis começa a ganhar pinceladas de tinta. É um desenho de nós dois, aqui, na cafeteria, neste exato momento.

Sorrio para ele.

— É lindo. O que vem depois?

— A melhor parte.

Ele me puxa de volta para os seus braços.

— O final feliz.



agradecimentos

Este livro — e eu — foi resgatado da beira do precipício em três ocasiões diferentes: (1) em novembro de 2011, por Carolyn Mackler e Sara Zarr; (2) em julho de 2012, por Holly Black; e (3) nas ligações diárias de Myra McEntire. Serei eternamente grata pela preocupação, pelo carinho e por todos os conselhos que recebi. Muito obrigada a vocês, que são mulheres incríveis.

Myra, você merece um parágrafo só seu, porque… TWYLA.

Agradeço a Kate Schafer Testerman, por ser minha rocha. Tão resistente, animada e encorajadora quanto uma estrela da ginástica olímpica.

Agradeço a Julie Strauss-Gabel, pela paciência imensurável e pelo faro. Por reconhecer minhas três meninas como indivíduos e por me ajudar a criar o mundo delas. Muito obrigada também a todos da Penguin Young Reader's Group, por me concederem apoio e entusiasmo na mesma proporção. Pontos de exclamação para: Lindsey Andrews, Lauren Donovan, Melissa Faulner, Anna Jarzab, Rosanne Lauer e Elyse Marshall.

Muito amor e agradecimentos a minha família: mãe, pai, Kara, Chris, Beckham, J.D., Fay e Roger. E a você também, Mr. Tumnus.

Obrigada, Kiersten White. Palavras nunca serão suficientes para lhe agradecer. Você me ouviu falar deste romance por *muito* tempo. Poucas pessoas seriam capazes de fazer isso com verdadeiras empatia e compreensão.

Agradeço a meus amigos de Asheville: Alexandra Duncan, Alan Gratz, Beth Revis, Megan Shepherd e Meagan Spooner. A todos da Malaprop's Bookstore and Café. E especialmente a Lauren Biehl, por garantir, pessoalmente, meu retorno à saúde e à felicidade.

Agradeço a Gayle Forman e Daisy Whitney pelo feedback sincero e impecável. Muito obrigada, Jim Di Bartolo, pelo aprendizado constante sobre quadrinhos. Agradeço também a Manning Krull e a Marjorie Mesnis por fazerem parecer que eu falo francês; a Hope Larson e Delia Sherman, por responderem às minhas perguntas tão específicas; a Brian Sulkis, pela excelente companhia e pela inspiração; a Jon Skovron, por me guiar no assunto que mais me intimidou. E obrigada a Natalie Whipple, por passar tanto tempo comigo me ensinando sobre algo que não está mais neste romance. Você foi uma parceira incrível.

Obrigada a todos os meus leitores gentis, aos autores, livreiros, bibliotecários, educadores e Nerdfighters que conheci pelas minhas viagens. Abraços de urso para Robin Benway, Amy Spalding, Margaret Stohl, Laini Taylor, Jade Timms e a todos que me ouviram e com quem dei muita risada durante os dias que passei em San Miguel de Allende.

E, por fim, agradeço a Jarrod Perkins. Estou chorando só de digitar o nome dele. Amo você mais do que *tudo*. *Para sempre*. *Elevado à máxima potência*. Étienne, Cricket e Josh — todos eles são você, mas não chegam nem perto do que você significa para mim. Você é meu melhor amigo. Meu verdadeiro amor. Meu final feliz.

sobre a autora

© Destinee Blau



STEPHANIE PERKINS acredita que todos os livros e filmes deveriam ter mais cenas de beijo. Ela, pelo menos, faz sua parte, criando histórias delicadas, engraçadas e, claro, repletas de momentos apaixonantes. Autora best-seller do *The New York Times*, Stephanie passa os dias escrevendo e tomando xícaras e mais xícaras de café e chá. No fim de semana, seu passatempo predileto é ver filmes, torcendo para que os atores se beijem o quanto antes. Mora em Asheville, Carolina do Norte, com Jarrod, seu marido e melhor amigo, e com Mr. Tumnus, seu gatinho.

www.stephanieperkins.com
Twitter: @naturallysteph

conheça outro livro da autora

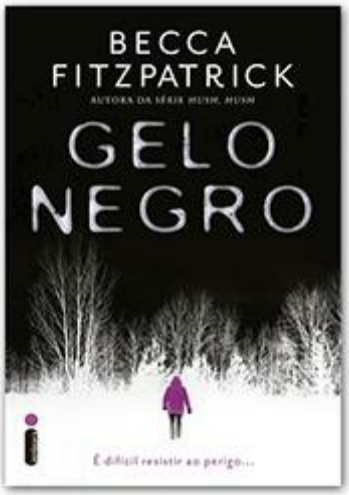


O presente do meu grande amor
Organização de Stephanie Perkins
Vários autores

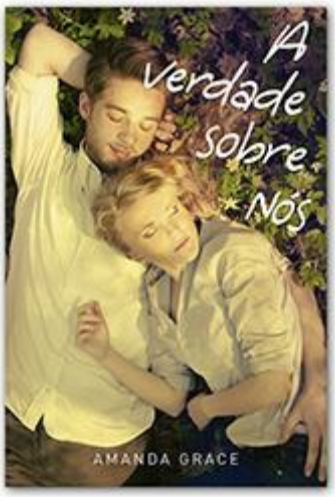
leia também



Para todos os garotos que já amei
Jenny Han



Gelo negro
Becca Fitzpatrick



A verdade sobre nós
Amanda Grace



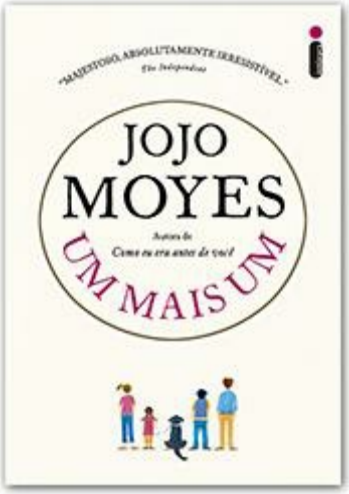
A última carta de amor
Jojo Moyes



A garota que você deixou para trás
Jojo Moyes



Como eu era antes de você
Jojo Moyes



Um mais um
Jojo Moyes